

**ELLEN VALOTTA ELIAS BORGES**

**O POEMA CONCRETO:**

Um efeito de estranhamento na conduta dos leitores

ASSIS

2011

**ELLEN VALOTTA ELIAS BORGES**

**O POEMA CONCRETO:**

Um efeito de estranhamento na conduta dos leitores

Dissertação apresentada à  
Faculdade de Ciências e Letras de  
Assis – UNESP - Universidade  
Estadual Paulista para a obtenção  
do título de Mestre em Letras (Área  
de Conhecimento: Literatura e Vida  
Social)

Orientador: Dr. Benedito Antunes

ASSIS

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária: Ana Cláudia Inocente Garcia – CRB-8/6887

B732d Borges, Ellen Valotta Elias.  
O poema concreto: um efeito de estranhamento na conduta dos leitores / Ellen Valotta Elias Borges.

Assis : [s.n.], 2011.  
300 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Drº Benedito Antunes.

1. Leitura. 2. Literatura – Estética. 4. Poesia concreta.  
4. Análise do discurso. I. Título. II. Autor.

CDD 801

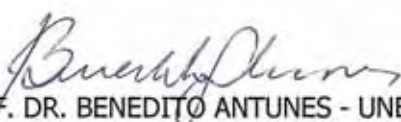
ELLEN VALOTTA ELIAS BORGES

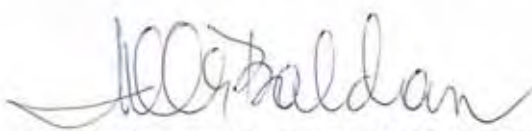
O POEMA CONCRETO: um efeito de estranhamento na conduta  
dos leitores

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras – UNESP para a  
obtenção do título de Mestre em LETRAS  
(Área de Conhecimento: Literatura e Vida  
Social)

Data da Aprovação: 29/06/2011

COMISSÃO EXAMINADORA

  
Presidente: PROF. DR. BENEDITO ANTUNES - UNESP/Assis

  
Membros: PROFA. DRA. MARIA DE LOURDES ORTIZ GANDINI BALDAN -  
UNESP/Araraquara

  
PROFA. DRA. SANDRA APARECIDA FERREIRA - UNESP/Assis



À minha filha, Any, flor de lótus da minha vida. Obrigada por me dar inspiração e forças para realizar o impossível dentro do tempo possível. No meio de tantas turbulências, você sempre foi o sol do meu dia, a luz do meu caminho, a razão da minha determinação e a calma para o meu coração. Todo este trabalho foi por você.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, especialmente, por ter me proporcionado as condições necessárias para a conclusão deste trabalho;

Ao meu orientador, Benedito Antunes, agradeço por não ter desistido de mim, agradeço por toda a paciência e dedicação, agradeço por ter acreditado que, no final, tudo daria certo;

Ao meu pai, grande exemplo da minha vida, pelas leituras atenciosas, comentários, sugestões e pela ajuda na digitação e transcrição das entrevistas. Agradeço por ser meu melhor amigo e estar sempre lutando comigo, por todas as viagens para Assis, enfim, agradeço por estar, incondicionalmente, sempre ao meu lado;

À minha mãe, força da minha vida, pelas orações, pela dedicação e pelos cuidados com minha filha nos momentos necessários;

Ao meu marido, companheiro de todas as lutas, agradeço por estar sempre ao meu lado e por acreditar que, no fundo, todos os sacrifícios valeriam a pena;

Aos meus tios, Marcelo e Milinha, pelo incentivo, amizade e apoio financeiro durante várias etapas de meus estudos;

Aos meus primos, Pierre, Francyne e Ryan, por todo incentivo e prontidão nos momentos em que mais precisei;

Ao meu irmão, pelo amor, carinho, incentivo e amizade;

À tia Solange, agradeço por cuidar de minha filha com todo carinho e amor. Sem sua ajuda eu não teria condições de concluir este trabalho;

À minha sogra, Cleusa, obrigada por estar sempre com a Any nos momentos necessários;

Ao meu médico, José Augusto, agradeço por ter cuidado de minha saúde nos momentos mais difíceis durante o período pós-parto;

Ao meu *coach* e amigo, Agrício, pelo grande incentivo e por me ajudar a descobrir caminhos possíveis dentro de situações impossíveis;

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, especialmente ao Marcos, à Iria e à Lucilene, meus mais sinceros agradecimentos pela atenção e disposição na solução dos imprevistos que surgiram a cada momento;

Ao programa de Pós-Graduação, pelos novos prazos concedidos para a conclusão deste trabalho;

À professora Maria Cecília Pires Barbosa, Ciça, grande mestre e amiga, por todos os ensinamentos, pelo profissionalismo e dedicação, pelo carinho e amizade de sempre;

Ao professor Antonio Vicente Pietroforte, por ter despertado em mim meu espírito crítico no mundo acadêmico, por ter contribuído na construção da pesquisadora que eu me tornei;

Ao Fiori, companheiro de estudos, agradeço por todos os comentários e apoio durante as aulas, pela grande ajuda e prontidão nos momentos difíceis;

À professora Sandra Aparecida Ferreira, por ter acreditado nas minhas ideias, por ter motivado a sequência de meus estudos, pelos grandes ensinamentos e pelas valiosas conversas;

Ao professor João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, pelas sugestões durante o Exame de Qualificação, pelas palavras certas ditas no momento necessário. Suas palavras me fizeram acreditar que valeu a pena;

À CAPES, pelo apoio financeiro durante determinado período da pesquisa.

À professora Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan, agradeço por todos os comentários motivadores realizados durante a Defesa. Suas sugestões e indagações possibilitaram o aprimoramento de meu trabalho;

Enfim, agradeço a todos os leitores que participaram das entrevistas, amigos, familiares, alunos, colegas de profissão, conhecidos e vizinhos, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.



*O homem não é um descobridor de verdades originais ou externas ao seu desejo, mas um criador de significados que se plasmam através das convenções que nos organizam em comunidades.*

*Nietzsche*

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar a aplicabilidade dos princípios da teoria do efeito de Wolfgang Iser em textos literários com diferentes estruturas composicionais apresentados a diferentes leitores. Como *corpus* do trabalho utilizamos o texto bíblico “Coríntios”, a canção “Monte Castelo”, de Renato Russo, o soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Camões, e o poema concreto “Ferida”, de Augusto de Campos. Além das diferentes estruturas, consideramos a temática do amor e as relações de intertextualidade presentes nos textos. Ao entrevistarmos um grupo de trinta homens e trinta mulheres, procuramos observar o efeito estético na recepção dos textos. Verificamos que houve uma grande preferência pelo texto bíblico e um maior estranhamento em relação ao poema concreto, o que nos fez redefinir o *corpus* da pesquisa. Utilizamos, desta forma, o poema concreto para analisar os elementos que causaram seu estranhamento pelos leitores. Considerando o texto literário um conector entre o sujeito e a realidade, nosso intuito foi verificar em que medida a percepção dos elementos estéticos aproximou o leitor da função comunicativa do texto ficcional ou nos mostrou o quanto uma leitura escolarizada pode significar uma prática social que, mais do que formar, deforma, transformando leitores reais em simples ledores de textos literários.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, recepção, efeito estético, texto literário, poema concreto.

## ABSTRACT

The aim of this study is to understand the theory of aesthetic response and check its application to literary texts read by different readers. The *corpus* consists of four texts with different structures: text 1 – THE biblical text “*Coríntios*”, text 2 - The lyrics of “*Monte Castelo*”, by Renato Russo, text 3 - the concrete poem “*Ferida*”, by Augusto de Campos and text 4 - the sonnet “*Amor é fogo que arde sem se ver*”, by Camões. The selection of texts took into account not only the different text structures but also the love theme and the intertextuality among the texts. We interviewed thirty men and thirty women to check the aesthetic response in the readers' receptions of the texts. The biblical text was the favorite one and the concrete poem was not so appreciated by the readers. These data led us to modify the *corpus*. So, we focused on the concrete poem in order to analyse elements that triggered the different response from the readers. Considering the communicative role of literary texts, which approach man and reality, we wanted to understand how relevant the esthetic elements are to the communicative role of literary texts as well as to check the relationship between basal reading and social formation, which can form, deform and transform real readers into innocent readers of literary texts.

**keywords:** reading, reception, aesthetic response, literary text, concrete poem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. O PROCESSO DE LEITURA</b> .....	<b>20</b>
<b>1.1. Texto, contexto e leitor</b> .....	<b>21</b>
1.1.1. <i>O leitor: a chave para a constituição do sentido</i> .....	<b>24</b>
1.1.2. <i>O Texto: uma multiplicidade de significações</i> .....	<b>30</b>
1.1.3. <i>O Contexto: uma referência para os enunciados</i> .....	<b>33</b>
<b>1.2. O leitor e o texto literário</b> .....	<b>37</b>
1.2.1. <i>O papel da literatura na formação do leitor</i> .....	<b>37</b>
1.2.2. <i>O valor do texto literário</i> .....	<b>40</b>
1.2.3. <i>O leitor implícito</i> .....	<b>47</b>
1.2.4. <i>O discurso ficcional e o efeito estético: um potencial atualizado pelo leitor</i> .....	<b>50</b>
<b>2. TEXTOS E LEITORES: A DEFINIÇÃO DO CORPUS</b> .....	<b>55</b>
<b>2.1. Em busca de uma idéia: selecionando textos</b> .....	<b>56</b>
<b>2.2. Breve apresentação dos textos: uma relação de intertextualidade</b> .....	<b>60</b>
2.2.1 <i>O texto bíblico “Coríntios 13”</i> .....	<b>64</b>
2.2.2 <i>A canção “Monte Castelo”</i> .....	<b>66</b>
2.2.3 <i>O poema concreto “Ferida”</i> .....	<b>72</b>
2.2.4 <i>O soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”</i> .....	<b>73</b>
<b>3. A RECEPÇÃO DOS TEXTOS</b> .....	<b>76</b>
<b>3.1. Os receptores dos textos</b> .....	<b>77</b>
<b>3.2. Elaborando critérios: a canção “Monte Castelo”</b> .....	<b>78</b>
<b>3.3. Apresentação dos textos aos leitores</b> .....	<b>83</b>
<b>3.4. A segunda apresentação dos textos</b> .....	<b>86</b>
3.4.1. <i>Roteiro da apresentação</i> .....	<b>90</b>
3.4.2. <i>Análise comparativa dos dados obtidos</i> .....	<b>92</b>
3.4.3. <i>Leitor B.E: um caso particular</i> .....	<b>93</b>
<b>3.5. Analisando o efeito do poema concreto na conduta dos leitores</b> .....	<b>95</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>132</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>137</b>
Anexo I Primeira apresentação dos textos .....	<b>138</b>
Anexo II Divisão dos grupos por idade .....	<b>140</b>
Anexo III Relação dos leitores .....	<b>142</b>
Anexo IV Questionário Sociocultural .....	<b>144</b>
Anexo V Critérios para seleção do nível social .....	<b>148</b>
Anexo VI Segunda apresentação dos textos .....	<b>152</b>
Anexo VII Entrevistas com os homens .....	<b>168</b>
Anexo VIII Entrevista com as mulheres.....	<b>233</b>

## INTRODUÇÃO

*Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.*

*Umberto Eco*

Ao considerar a leitura como interação entre o texto e o leitor, pode-se deduzir que o contexto histórico, cultural e social modifica as perspectivas e as representações que definem o ato de ler. Para Barros, “é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido” (2003, p.83). Sendo assim, ainda que o texto seja o mesmo, as interpretações que lhes damos variam de acordo com cada leitor e com sua formação sociocultural: cada leitor faz uma leitura diferente de um mesmo texto.

Antes de ser um leitor do texto escrito, qualquer indivíduo é um ser social que age e interage no mundo para a construção da realidade social. Todos os indivíduos de uma sociedade civilizada são obrigados a utilizar várias formas de leitura e interpretação, seja por meio de livros, receitas, propagandas, urnas eletrônicas, documentos, revistas e todos os tipos de forma escrita ou visual. Desta forma, a leitura é fundamental na constituição de uma sociedade, e para que ela se realize, cabe ao leitor o principal papel nesse processo, já que os valores atribuídos às palavras estão relacionados, direta ou indiretamente, com sua formação sociocultural e esta se relaciona com questões ideológicas, o que significa que, nas palavras de Frank Smith “a visão e os nossos sentimentos sobre o que vemos depende muito mais do cérebro do que dos olhos” (1999, p.24). Desta forma, podemos considerar que não basta ter a capacidade de ler, no sentido de decodificar letras. O ato da leitura exige uma compreensão que somente se concretiza quando consideramos elementos que estão além da informação visual e muito próximos de nossos conhecimentos e experiências individuais. Chamaremos tais conhecimentos e experiências de formações socioculturais.

Nossas formações atuam diretamente no processo de leitura, ainda que inconscientemente, ou seja, podemos dizer que o inconsciente é um leitor. Nesse sentido, todo aquele que lê interpreta a partir de seu inconsciente. Para Freud, o inconsciente é ativo e intenso apesar de nem sempre ser manifesto. Para ele, o termo inconsciente não só designa pensamentos latentes em geral, mas também em particular, isto é, todos aqueles pensamentos com

características dinâmicas que, apesar de sua intensidade e ação eficiente, continuam afastados da consciência (FREUD, 1913)<sup>1</sup>.

Assim, sem leitor não há leitura e sem leitura o texto perde a sua função social. Este foi o ponto principal que motivou a realização deste trabalho: a atuação do leitor na recepção e na elaboração do sentido de um texto.

Nosso intuito é verificar o sentido atribuído ao mesmo texto literário por diferentes indivíduos da sociedade e qual a relação entre o leitor e o seu contexto sociocultural no processo interpretativo, ou seja, quais elementos foram relevantes na elaboração do sentido do texto, como idade, escolaridade, religião, profissão, hábito de leitura, conhecimentos específicos, dentre outros.

Para tanto, selecionamos como *corpus* deste trabalho quatro textos relacionados entre si pelo tema do amor: o primeiro texto é “Coríntios 13”, um texto bíblico, o segundo texto é a canção “Monte Castelo” de Renato Russo, o terceiro texto é um poema concreto, “Ferida”, de Augusto de Campos, e o quarto e último texto é o soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Luís Vaz de Camões. Embora tenhamos selecionado textos que abordem o mesmo conteúdo temático, podemos diferenciá-los pelo estilo verbal de cada um, pelo uso de determinados recursos linguísticos – lexicais ou gramaticais – e, sobretudo, pela construção composicional de cada texto. “Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (Bakhtin, 1997, p.279).

Ao considerar os textos selecionados para este trabalho (texto bíblico, canção, soneto e poema concreto) como gêneros textuais diferentes, partimos do princípio de que o reconhecimento ou não da construção composicional de cada texto poderia influenciar de forma positiva ou negativa o ato da leitura e o processo interpretativo, já que “os gêneros são modelos comunicativos e servem para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para uma determinada reação” (MARCUSCHI, 2002, p.33).

Concluída a seleção dos textos, selecionamos os tipos de leitores que seriam entrevistados: diferentes sujeitos sociais (trinta homens e trinta

---

<sup>1</sup> *A Note on the Unconscious in Psycho-Analysis*. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XII (1911-1913): The Case of Schreber, Papers on Technique and Other Works, 255-266.

mulheres), diferentes não só pela idade, mas também pela escolaridade, nível social, profissão, hábitos e gostos de leitura, facilidade de uso e acesso à internet, etc. Considerando que a formação sociocultural de cada um pode influenciar a forma de compreender um texto, optamos por sujeitos atuantes em diferentes áreas da sociedade: médico, dentista, advogado, motorista, estudante, segurança, pintor, empresário, metalúrgico, eletricitista, professor, jogador, policial, pastor evangélico, auxiliar de laboratório, mecânico, educador físico, instrutor de informática, sociólogo, analista, pedagogo, etc. Esta diversidade de profissões serviu para ampliar o horizonte de reflexão da pesquisa em relação ao papel da literatura no contexto social em geral e não apenas no contexto escolar.

Além das diferenças, buscou-se um ponto de semelhança: todos deveriam ser alfabetizados de forma que pudessem dialogar com os textos por meio da leitura. Nesse sentido, cabe discutir a relação entre alfabetização e letramento. Magda Soares expõe de forma muito clara a interdependência entre os dois processos:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a *alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p.15)

Após a seleção dos textos, a escolha dos leitores, elaboramos critérios para dividir os leitores em grupos e estabelecer a forma de coletar os dados. Considerando a diversidade de leitores, optamos por realizar a recepção dos textos por meio de entrevistas gravadas, já que a forma escrita poderia dificultar a exposição das ideias de alguns leitores que poderiam sentir-se constrangidos por não dominarem a norma culta e, desta forma, bloquear a elaboração do sentido dos textos. Após a divisão dos grupos e a gravação das entrevistas, relacionamos cada etapa para descrever como ocorreu a recepção



dos textos pelos diferentes grupos divididos de acordo com a faixa etária. A divisão dos grupos foi o primeiro critério para começar a análise, o que foi de extrema importância, pois com os dados obtidos foi possível verificar que a preferência dos leitores não estava focada na canção “Monte Castelo”, mas no texto bíblico.

O fato de o texto 2 ser uma canção que esteve em grande evidência nos meios de comunicação durante os anos de 1989 a 1996 fez-nos pressupor que a maioria dos leitores demonstraria conhecimento, preferência ou não por ele. Tais suposições estavam embasadas no fato de que a maioria dos leitores esteve presente na época de produção e divulgação da canção, e aqueles que não estiveram presentes, poderiam, ainda que indiretamente, conhecer o texto por intermédio de outras pessoas. Entretanto, não se confirmou esta hipótese, o que nos fez abandonar a divisão dos grupos como critério de análise, sendo necessário elaborar um novo critério. Partimos, assim, para a preferência textual.

Os resultados obtidos foram os seguintes: dos sessenta leitores entrevistados, notamos que 60% indicaram o texto 1 (*texto bíblico*) como preferido e apenas 2% o indicaram como preterido. Em relação ao texto 3 (poema concreto), 78% de leitores o indicaram como preterido e apenas 4% demonstraram preferência pelo poema.

A partir desses resultados, indicação do texto 1 como preferido e do texto 3 como preterido, fizemos uma nova divisão dos leitores. Este novo critério tornou possível a redução do número das entrevistas, chegando ao número de apenas oito leitores. A redefinição dos leitores possibilitaria melhores condições de análise, devido ao tempo proposto para o término da pesquisa. Porém, os dados obtidos por este novo critério mostraram-se insatisfatórios para a realização de análises mais profundas. Por este motivo, as entrevistas realizadas nessa etapa da pesquisa não foram anexadas ao trabalho. Sendo assim, todas as entrevistas que compõem a pesquisa (ver anexo VII e VIII) se referem à primeira apresentação dos textos.

O insucesso na tentativa de reduzir as entrevistas impossibilitou a realização de análises mais profundas que pudessem explorar de modo detalhado a relação das formações socioculturais de cada leitor com a constituição do sentido do texto no momento da recepção. Este fato nos fez

repensar em outra forma de análise que fosse mais adequada para o desenvolvimento da pesquisa. Após verificar que aproximadamente 80% dos leitores indicaram o poema concreto como o texto preterido, decidimos tomá-lo como base para verificar a aplicabilidade da teoria do efeito na conduta dos leitores no momento da recepção. Nesse sentido, mudamos o foco da análise que, no início da pesquisa era voltado para o leitor, e passamos a repensar o processo da leitura segundo os efeitos provocados pelo texto preterido (poema concreto) pelos leitores. Este critério possibilitou objetivar o trabalho, pois, já que não foi possível reduzir o número de leitores, a solução foi encontrar elementos que nos levassem para a redução dos textos selecionados. Esta mudança de foco não deixou de considerar o papel do leitor no processo de leitura. Pelo contrário, foi a atitude dos leitores que possibilitou estabelecer o eixo de elaboração da pesquisa. Contudo, é importante diferenciarmos a estética da recepção da teoria do efeito. A primeira está ancorada nos juízos históricos dos leitores, a segunda está ancorada no texto, objeto de estudo de nossa pesquisa.

Estabelecido o eixo de elaboração da pesquisa, organizamos um primeiro capítulo com o objetivo de abordar conceitos teóricos relacionados com os dados obtidos pelos leitores no momento de análise das entrevistas. Considerando o foco do trabalho a constituição do sentido de um texto, o que envolve as relações entre texto e leitor, tratamos, no decorrer do capítulo, de autores que demonstram a mesma preocupação pelo sentido atribuído ao texto e sua relação com o leitor. Após este capítulo teórico, apresentamos, num segundo capítulo, o *corpus* da pesquisa (os textos e os leitores) e os critérios de seleção e de análise. A escolha dos leitores, a coleta e análise de dados foram apresentadas de modo objetivo para observar os fatores que contribuíram na constituição do sentido do texto. Procuramos identificar a relação entre os componentes do contexto sociocultural e a posição dos leitores perante o texto, pois, a constituição de seu sentido está intimamente relacionada com o momento de sua recepção, o que inclui o modo como o leitor se posiciona e se relaciona com o texto.

Após toda a parte teórica abordada nos capítulos iniciais, apresentamos de forma descritiva e analítica, no terceiro capítulo, as relações entre a teoria do efeito e suas relações com os leitores entrevistados. Tentamos demonstrar

quais aspectos estéticos ou sociais (elementos poéticos, intertextualidade, origem dos textos, gênero textual, contexto social) foram considerados pelos leitores e em que medida esta percepção contribuiu para a elaboração ou não do sentido do texto e, conseqüentemente, da sua função. Também tentamos estabelecer uma relação entre o perfil dos leitores, composto não somente pela idade, escolaridade e profissão, mas também por aspectos socioculturais relacionados com hábitos de leitura, relação com os estudos, conhecimento tecnológico, acesso à internet, etc., e os sentidos atribuídos aos textos.

## 1. O PROCESSO DE LEITURA

*Uma habilidade essencial para a leitura que não é ensinada a nenhum leitor é depender o menos possível dos olhos.*

*Frank Smith<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> SMITH, Frank. *Leitura Significativa*. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999, p.19.

### 1.1. Texto, contexto e leitor

Ao considerar a leitura como interação entre o texto e o leitor, pode-se deduzir que, ainda que o texto seja o mesmo, as interpretações que lhes damos variam de acordo com a formação sociocultural de cada leitor. São estas formações que atuarão na elaboração do sentido de um texto que “se realiza só através da constituição de uma consciência receptora” (ISER, 1996, p.51), ou seja, o sentido é constituído no momento em que o leitor recebe o texto e se dispõe a dialogar com ele, o que requer o uso dos conhecimentos e experiências individuais de cada um.

É no momento da leitura que o texto ganha vida. O responsável por dar vida ao texto é o leitor; entretanto a constituição de seu sentido depende de sua função comunicativa, que é determinada pelo contexto. Iser comenta sobre o valor da ficção que é baseado na sua função que se cumpre na mediação entre sujeito e realidade: “como estrutura comunicativa, a ficção conecta à realidade um sujeito que, por meio da ficção, se relaciona a uma realidade” (ISER, 1996, p.102). Nesse sentido, consideraremos não somente a relação entre texto e leitor, mas também entre texto e contexto. Para Barros, “é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido” (2003, p.83).

O homem não pode ser compreendido fora da sua realidade social e, como um ser social por natureza, ele depende de trocas interacionais com o outro para se desenvolver, isto é,

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (BAKHTIN, 2006, p.115)

As pessoas convivem em sociedade e se comunicam por meio das palavras; contudo, o sujeito, antes de ser um leitor de textos escritos, é um sujeito social que age e interage em diferentes contextos, utilizando, para tanto, várias formas de leitura e interpretação, seja por meio de livros, receitas, propagandas, urnas eletrônicas, documentos, revistas e todos os tipos de forma escrita ou visual. Nesse sentido, a leitura é um dos meios pelo qual o

sujeito adquire informações e conhecimentos necessários para estabelecer e manter relações com outros sujeitos, sendo um processo fundamental na constituição de uma sociedade.

Entretanto, este processo de interação entre leitor e texto difere totalmente de outras formas de interação social, pois a relação entre texto e leitor não se realiza face a face. Autor e leitor estão separados no tempo e no espaço. Nesse sentido, é necessário que o leitor reconstrua o contexto necessário para compreender a obra, preenchendo os vazios do texto com sua imaginação. “É fundamentando-se na estrutura do texto, isto é, no jogo de suas relações internas, que o leitor vai reconstruir o contexto necessário à compreensão da obra” (JOUVE, 2002, p.23). Segundo Iser “[...] são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura”; para ele, “o equilíbrio só pode ser alcançado pelo preenchimento do vazio, por isso o vazio constitutivo é constantemente ocupado por projeções” (1979, p.88). Entretanto, se o vazio for ocupado exclusivamente pelas projeções do leitor, a interação entre texto e leitor fracassa. As projeções do leitor não se podem impor independentemente do texto. Embora o texto permita ao leitor uma diversidade de interpretações, não autoriza qualquer leitura. A validade de uma interpretação deve estar relacionada com a intenção do texto, que pode ser percebida pelas próprias coordenadas criadas pelo autor, orientando o leitor a não fazer interpretações absurdas. Contudo, esta intenção pode ser percebida de diferentes formas, de acordo com as experiências de vida e visão de mundo de cada um.

Sendo assim, nada pode ser desprezado dentro de um texto literário. São sua estrutura organizacional, suas escolhas lexicais e relações estabelecidas entre as palavras, além do conhecimento histórico e do contexto de produção, que orientam o leitor a fazer uma interpretação consciente, respeitando a coerência interna do texto. Conhecer a vida e o momento histórico do autor pode ampliar o panorama de compreensão do texto, mas não é suficiente para alcançar a sua intenção.

A relação estabelecida entre texto e leitor é um ponto de discussão em diferentes áreas, seja na psicanálise de Freud, no desconstrucionismo de Derrida, na polifonia de Bakhtin, na crítica literária, na filosofia, sociologia, pedagogia, educação, etc. Independentemente da área de atuação, o texto

como objeto de estudo não pode ser definido por si só: ele se cria por meio de um autor e se recria a cada leitura por diferentes receptores, possuidores de diferentes formações socioculturais e ideológicas.

Abordaremos a ideologia no seu sentido amplo, relacionando seu papel na vida social. É importante definirmos seu sentido, já que o termo “ideologia” possui muitas acepções e nuances diferentes devido ao seu itinerário histórico.

O conceito de ideologia presente neste trabalho não está relacionado ao seu uso negativo, que, na maioria das vezes, considera a ideologia um instrumento de dominação que age por meio de convencimento para camuflar a realidade, alienando a consciência humana. Por outro lado, também não pretendemos utilizar a concepção neutra de ideologia que tenta tirá-la de seu conceito negativo incorporando-a num conjunto de conceitos descritivos empregados pelas ciências sociais: “De acordo com essa acepção, as ideologias podem ser vistas como sistemas de pensamento, sistemas de crenças, ou sistemas simbólicos, que se referem à ação social ou à prática política” (THOMPSON, 2000, p.14). Desta forma, partiremos do princípio de que a ideologia não existe por si só, mas depende do uso que fazemos dos sistemas simbólicos:

[...] as formas simbólicas, ou sistemas simbólicos, não são ideológicas em si mesmos: se eles são ideológicos, e o quanto são ideológicos, depende das maneiras como eles são usados e entendidos em contextos sociais específicos. Ao estudar a ideologia, não estamos simplesmente interessados em categorizar e analisar um sistema de pensamento ou crença, nem em analisar uma forma ou sistema simbólico tomado em si. Ao contrário, estamos interessados em alguns dos que podem ser chamados de *usos sociais das formas simbólicas*. Estamos interessados em se, em que medida e como (se for o caso) as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas. (THOMPSON, 2000, p.17-18)

Ou seja, o texto é um objeto simbólico cuja função social depende da concretização de seu sentido, que ocorre pela interação do texto com o leitor. É nesse sentido que a ideologia se relaciona com o nosso trabalho, pois o leitor, sendo responsável pela concretização do sentido do texto, utilizará seus conhecimentos para realizar tal ato. Contudo, esta concretização acontece dentro de um contexto específico que influenciará a recepção do texto e, conseqüentemente, sua função social. Não basta que emissor e receptor

possuam o mesmo código linguístico para que a comunicação se estabeleça, ela está relacionada com outros fatores que influenciam a constituição do sentido. Além das diferentes formas de comunicação (oral, visual, gestual, escrita), o processo interativo entre o texto e o leitor depende do contexto social. Em outras palavras, uma mesma construção linguística pode causar diferentes efeitos e modificar sua função social dependendo do contexto e do receptor do texto.

### *1.1.1 O leitor: a chave para a constituição do sentido*

*O leitor é estilizado como viajante que, através do romance, empreende uma viagem difícil, a partir de seu ponto de vista flutuante.*

*Henry Fielding*

Por muito tempo, ler se resumia a descobrir verdades implícitas e explícitas nos textos. Nesse sentido, o texto funcionava como um repositório de mensagens e informações, no qual o papel do leitor consistia em apenas extrair informações através do domínio das palavras. Esta prática está baseada na concepção da leitura como uma prática de decodificação. Para Kleiman, “essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno”. Ainda, segundo a autora, “uma consequência dessa atitude é a formação de um leitor passivo, que quando não consegue construir o sentido do texto acomoda-se facilmente a essa situação” (2002, p.19-20). A arte moderna reage a este tipo de interpretação que busca o significado oculto da obra e começa a voltar seu interesse para o leitor:

A interpretação começa hoje a descobrir sua própria história, ou seja, não só os limites de suas respectivas normas, mas também os fatores que não se manifestavam sob as normas tradicionais. Um desses fatores é, sem dúvida, o leitor, ou seja, o verdadeiro receptor dos textos. (Iser, 1996, p.49)

Partindo dessa premissa, a leitura deve ser considerada como um processo de interação entre o texto e o leitor. Nesse sentido, os contextos histórico, cultural e social também devem ser considerados, pois são elementos que fazem parte da vida do leitor e, conseqüentemente, modificam as



perspectivas e as representações que definem o ato de ler. Na busca do equilíbrio de uma interpretação válida e coerente, este sujeito faz relações entre as palavras do texto com o seu conhecimento de mundo, buscando compreender a mensagem do texto dentro de seu universo particular. Umberto Eco fala sobre esta relação em *Obra Aberta*:

Diante de uma simples oração referencial há diferentes formas de compreensão que estão relacionadas com as experiências de vida do receptor. Mesmo que o receptor compreenda plenamente o exato significado de todos os termos empregados, isso ainda não quer dizer que o conjunto de informações recebidas por ele seja igual aquele flexível por qualquer outro que esteja a par dos mesmos termos. Desta forma, podemos dizer que nenhum texto é realmente unívoco: em torno de uma expressão tão univocamente referencial, permanece um halo de “abertura”, que acompanha indubitavelmente todo ato humano de comunicação. As pessoas trazem consigo um conjunto de lembranças que podem despertar diferentes emoções dependendo das condições do contexto de recepção do texto em conjunto com as experiências de vida do leitor. (ECO, 2001)

Durante o processo de leitura, o leitor tenta interpretar os significados das palavras, utilizando, para tanto, seu conhecimento de mundo. A cada descoberta, o leitor pode confirmar ou refutar sua interpretação, que pode ser feita de distintas formas, dependendo da formação e do contexto de recepção daquele que a faz.

Há duas dimensões na leitura: uma pelo texto e outra que depende do leitor. A primeira é formada pelas certezas explícitas do texto e a segunda pelas incertezas apresentadas por passagens indefinidas. Para que o leitor realize uma leitura de maneira ativa, participativa e viva, é importante que ele fique atento às orientações explícitas do texto para ter condições de decifrar aquilo que depende de sua construção imaginária. Cada texto suscitará expectativas diferentes. O leitor construirá sua recepção apoiando-se nos espaços de certeza fornecidos pelo texto (JOUVE, 2002, p.70). A leitura é orientada pelo texto, mas cabe ao leitor a concretização de seu sentido e reconhecimento de sua função. Segundo Umberto Eco, “o leitor possui um papel cooperativo no texto, isto é, extrai do texto o que ele não diz, preenche espaços vazios” (1979, p.7).

Após a leitura, o leitor confirma ou não sua previsão. Ao não confirmá-la, ele precisa reconstruir o antecedente, voltar ao texto e reavaliar uma situação ou um personagem. A validação ou invalidação das hipóteses emitidas pelo

texto obriga o leitor a se questionar sobre suas interpretações. É claro que esta nova perspectiva de estudo não é nada simples, já que envolve em sua análise a presença de um sujeito complexo, possuidor de emoções, pensamentos, sentimentos, opiniões e atitudes. Estamos diante de dois elementos: o texto e o leitor.

Na relação entre texto e leitor, este último tem um importante papel na elaboração de seu sentido. Para Rosemary Arrojo:

[...] o leitor somente poderá estabelecer uma relação com o texto (como todos nós, a todo o momento e em todas as nossas relações), que será sempre mediada por um processo de interpretação, um processo muito mais “criativo” que “conservador”, muito mais “produtor” do que “protetor”. (ARROJO, 1993, p.19)

Nem sempre o leitor teve um papel fundamental na constituição do sentido de um texto. Esta nova perspectiva foi aberta pela arte moderna em reação à interpretação clássica, que buscava na obra sua significação. De acordo com Iser, este tipo de interpretação “queria instruir o leitor a respeito da significação que ele deveria reconhecer no texto. Em consequência, ela ignorava tanto o caráter de evento, quanto a experiência do leitor, estimulada por tal evento” (Iser, 1996, p.54). Embora a influência das normas tradicionais de interpretação ainda tenha sua importância, o novo foco “texto-leitor” estabelecido pela escola de Constância volta-se para a importância do leitor na constituição do sentido de um texto: o conhecimento de cada leitor orientará o tipo de leitura. Quanto mais conhecimento ele tiver sobre determinado assunto, mais fácil será a organização das estruturas para a constituição do sentido e menos tempo ele levará para a compreensão global do texto. A arte moderna cria outro pressuposto para a interpretação: “deixa de ver a obra como uma significação representativa e passa a considerar a interação do texto com as normas sociais, históricas e com as expectativas de seus leitores potenciais” (Iser, p.40), isto é, sendo o leitor o foco principal no processo interpretativo, a apreensão do sentido de um texto depende de vários fatores externos e sociais relacionados com a vida do leitor.

No processo da leitura se realiza a interação central entre a estrutura da obra e seu receptor. Por este motivo, a teoria fenomenológica da arte enfatizou que o estudo de uma obra literária não pode dedicar-se apenas à

configuração do texto, mas na mesma medida aos atos de sua apreensão. (ISER, 1996,P.50)

O processo de interação entre a estrutura da obra e seu receptor envolve diversos tipos de informações que estão relacionados não apenas com a apresentação visual do texto, mas, principalmente, com os conhecimentos do assunto por parte do leitor. Smith chama estas informações de informação não-visual, isto é, a compreensão da linguagem relevante, conhecimento do assunto e uma certa habilidade geral em relação à leitura (SMITH, 1999, p.20). Segundo o autor:

Quanto mais informação não-visual você tiver quando estiver lendo, menos informação visual você precisará. Quanto menos informação não-visual você tiver quando estiver lendo, mais informação visual você precisará. Dizendo-o de maneira mais coloquial, quanto mais você souber, menos você precisará descobrir. É como se existisse uma certa quantidade de informação necessária para ler qualquer coisa (a verdadeira quantidade vai depender da finalidade e do que você estiver tentando ler) e contribuições para essa quantidade total podem vir da frente dos olhos ou de trás dos mesmos. (SMITH, 1999, p.21)

Nem sempre vemos tudo o que está diante dos nossos olhos. Podemos olhar para algo e não vermos nada. Da mesma forma, às vezes, o leitor consegue ler um texto (decodificar as letras), mas não consegue entender. Por exemplo, podemos não compreender uma mensagem em japonês por não dominar a língua japonesa. Ainda que os nossos olhos possam visualizar as letras em japonês, nosso cérebro não é capaz de decodificar a mensagem. Smith diz que “é o cérebro que vê; os olhos simplesmente olham, geralmente sob a orientação do cérebro” (1999, p.23). Nesse sentido, podemos relacionar a *influência das formações socioculturais no processo interpretativo, isto é, o texto depende do leitor e este, por sua vez, está inserido em um contexto social capaz de influenciá-lo na atribuição dos significados de um texto.*

Nas palavras de Frank Smith: “A visão e os nossos sentimentos sobre o que vemos depende muito mais do cérebro do que dos olhos” (1999, p.24). Ou seja, não basta ter a capacidade de ler, no sentido de decodificar letras. O ato da leitura deve acompanhar a compreensão, e esta somente se concretiza quando consideramos elementos que estão além da informação visual e muito próximos de nossos conhecimentos e experiências individuais, isto é, o ato da leitura se concretiza na consciência do leitor. É por este motivo que esta

pesquisa considerará a relação dialética entre texto, leitor e sua interação que ocorre dentro de um determinado contexto, ou seja, a consciência do leitor em relação à função comunicativa do texto literário se atualiza dentro de um contexto específico. Nesse sentido, as relações estabelecidas entre texto, contexto e leitor são inevitáveis para a constituição do sentido de um texto, o que possibilita uma multiplicidade de significados, dependendo das formações socioculturais de cada leitor.

Rosemary Arrojo comenta sobre a influência das formações dos leitores na constituição do sentido de um texto. Para a autora, “não podemos ler um texto sem que projetemos nessa leitura as circunstâncias e os padrões que nos constituem enquanto leitores e membros de uma determinada comunidade” (ARROJO, 1993, p.19).

O processo de recepção do texto se inicia antes do contato do leitor com a obra. Este possui um horizonte de expectativa que o restringe, mas que pode ser ampliado a cada conhecimento novo, adquirido por meio de novas experiências. Esse horizonte é seu mundo: suas vivências, sua cultura, normas filosóficas, religiosas, estéticas, entre outras. Jauss define o horizonte de expectativa por

Normas essencialmente estéticas; o conhecimento que o público tem a respeito do gênero a que pertence a obra, a experiência literária herdada de leituras anteriores (que familiariza o público com certas formas e certos temas) e a distinção vigente entre linguagem poética e linguagem prática”. (apud JOUVE, 2002, p.27-28)

Quando o leitor se depara com um texto, este pode atender a seu horizonte de expectativas ou não. Quanto mais se distancia da leitura prevista, mais muda os limites desse horizonte de expectativa. Porém, se o texto se afasta muito do que é familiar ao leitor, ele se torna irreconhecível, e o leitor tende a refutar a obra.

O sentido de um texto é concretizado no momento em que o leitor se dispõe a dialogar com o texto de maneira ativa, utilizando seu lado crítico e reflexivo. Reconhecer um gênero textual e ser capaz de decodificar as palavras e estruturas que compõem o texto não é suficiente para a concretização do sentido. Não basta ter condições e capacidade de ler, compreender e elaborar significados. Em primeiro lugar, o leitor tem que interagir com o texto para,

posteriormente, utilizar seus conhecimentos e visão de mundo na elaboração dos sentidos do texto. Segundo Bordini, “a obra fornece pistas a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, em que o leitor não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para continuar o contato” (1988, p.82). A relação entre texto/leitor é mediada pelas estruturas organizadas, exigindo que o leitor preencha os vazios (ausência proposital de uma explicação) contidos no texto por meio de interpretações, projeções, combinações e inferências. É neste momento que ocorre a interação entre o texto e o leitor. A partir do momento que há um diálogo entre leitor e texto, podemos verificar que, ao mesmo tempo em que o leitor se abre para recebê-lo, ele oferece uma nova vida ao texto ao construir sentidos de acordo com sua experiência de vida, ou seja, há uma dupla recepção: uma que sai do texto e interfere na vida do leitor e outra que sai do leitor e interfere na vida do texto.

Apesar de o texto ser o objeto concreto que permite o ato da leitura, a constituição de seu sentido depende do leitor que, por sua vez, é um sujeito social. Desta forma, estamos cientes de que o processo de leitura envolve vários fatores além do texto; por isso, deve-se considerar a interação do texto tanto com as normas sociais quanto com as históricas de seu ambiente, bem como com as expectativas de seus leitores potenciais (ISER, 1996, p.41). Nesse sentido, a leitura cria no leitor expectativas que serão cumpridas pela apreensão do sentido. Entretanto, esta apreensão depende da forma como o leitor constrói os sentidos representados pelas estruturas, o que está vinculado não apenas às formações socioculturais do leitor, mas também ao modo como ele atua diante do texto:

Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não somente com aquilo que o leitor sabe mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão frente àquilo que somos (...) como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos.” (LARROSA, 1996, p.16, apud THEODORO DA SILVA, 1999, p.58)

Partindo desta visão, o leitor passa a ser a chave fundamental para a constituição do sentido do texto durante o processo de leitura. Para Iser, “o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura” (1996, p.15), o que exige a participação do leitor. Por isso, “o polo do texto e o polo do

leitor, bem como a interação entre eles, formam o esboço a partir do qual se busca teorizar os efeitos dos textos literários que são desenvolvidos na leitura” (1996, p.15). Considerando esses aspectos, nossa pesquisa se fundamentará na teoria do efeito. Isso significa que, embora a participação do leitor seja fundamental na constituição do sentido de um texto, não havendo leitura sem ele, a teoria do efeito está ancorada no texto e não no leitor. Segundo Iser, “o efeito estético se atualiza na leitura” (1996, p.16) e, desta forma, um dos objetivos da teoria do efeito é ajudar a fundamentar a discussão intersubjetiva de processos individuais de sentido da leitura.

### *1.1.2. O texto: uma multiplicidade de significações*

*O texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura.*

*Wolfgang Iser*

Não podemos manter um texto sob controle; a cada contexto e novas leituras, surge um novo texto com vida própria e incontrolável diante do mundo da linguagem e da interpretação de significados.

Enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor lingüístico. A pura “sinalidade” não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de “sinalidade” e de identificação que lhe é correlata seja real. (BAKTHIN, 2006, p.95)

A interação entre texto e leitor é o elemento básico para a produção de efeitos: o texto cria efeitos na conduta do leitor que, sendo um sujeito social, utilizará os sentidos apreendidos no texto em diferentes contextos comunicativos, o que possibilitará uma abertura para diferentes interpretações. De acordo com as idéias apresentadas, não se pode controlar o sentido da leitura. Sempre haverá um confronto de ideias entre texto e leitor, dependendo do contexto, da situação e da realidade em que o texto for recebido; isto é, sua função social dependerá da realidade de seus leitores. O texto deixa de possuir um significado único e só será construído a partir de um ato de interpretação com base na ideologia e nas circunstâncias históricas de uma comunidade

sociocultural. Podemos relacionar a este pensamento o desconstrucionismo de Derrida que amplia a noção de texto, ao relacioná-lo com a prática social:

O que tentei fazer em *Gramatologia* foi ampliar a noção de texto além de um suporte limitado: um gesto ou um trabalho também são textos. Desta forma, a “prática social” passa, obrigatoriamente, pela mediação entre textos e discursos. Não há oposição nem distinção concreta entre texto e prática social. Toda prática social passa por textos e todo texto é, em sua essência, uma prática social.<sup>3</sup>

Nesse sentido, o texto como prática social é utilizado pelo leitor tanto para elaborar significados novos quanto para confrontar suas ideias por meio da desconstrução de significados estabelecidos pela visão de mundo do leitor. Na relação entre emissor e receptor, o texto é representado pela voz do autor que utiliza diferentes sujeitos do discurso para elaborar sentidos no texto e o leitor é aquele sujeito social que recebe a mensagem elaborada pelo autor.

O desconstrucionismo derridiano, ao contrário da tradição logocêntrica, questiona a possibilidade de significados estáveis (ARROJO, 1993, p.178). Desta forma, o leitor de um texto não pode proteger os significados originais de um autor porque, a rigor, nem o próprio autor poderia estar plenamente consciente de todas as intenções que permitiram a produção de seu texto (ARROJO, 1993, p.19). Tanto a psicanálise de Freud quanto a desconstrução de Derrida partem do princípio da inevitabilidade de uma interpretação que não se tece em torno de um enredo de perdas e ganhos. Nada se perde, mas tudo se constrói. A presença de fatores externos e sociais na interpretação de um texto é o que possibilita uma variedade de significações atribuídas por diferentes sujeitos. Nem sempre um texto diz o que o autor quis dizer:

Não é difícil notar que se está aqui a delinear o estatuto das interpretações sociológicas ou psicanalíticas dos textos, nas quais se trata de descobrir aquilo que o texto, independentemente de intenção do autor, na realidade diz, quer sobre a personalidade ou origens sociais do autor, quer sobre o próprio mundo do leitor. (ECO, 1979, p.67)

A constituição do sentido de um texto depende das relações estabelecidas pelo leitor entre aquilo que ele lê e aquilo que ele compreende.

---

<sup>3</sup> Jacques Derrida. Uma Filosofia deconstrutiva. Zona Erógena. Nº 35. 1997. O texto foi retirado de uma entrevista realizada com Jacques Derrida. O texto completo se encontra em <http://www.educ.ar>.

Esta compreensão envolve fatores externos ao texto e muito próximos das formações socioculturais dos leitores. Para Eco, “o texto é um universo aberto em que o intérprete pode descobrir infinitas interconexões” (2005, p.45). Todas estas interconexões podem ser realizadas por meio das relações entre as palavras. Porém, estas não existem isoladas, trazem consigo valores que lhes são atribuídos por receptores sociais; isto é, uma obra possui em si uma indeterminação que só a relação com o leitor permite detectar. Nesse sentido, “o exame interno do texto não é suficiente, no entanto, para determinar os valores que o discurso veicula. Para tanto, é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido” (BARROS, 2003, p.83).

Para Antonio Candido (2006, p.10), “só através do estudo formal é possível apreender convenientemente os aspectos sociais.” Entretanto, nem sempre esta relação é observada pelos leitores. Desta forma, tentaremos verificar que tipo de interpretação pode acontecer quando não há o uso do estudo formal na compreensão do sentido de um texto e até que ponto esta falta de conhecimento pode prejudicar a sua função social.

É o conhecimento oferecido pela construção composicional dos gêneros do discurso que nos orienta a determinada interpretação, ao relacionar algum tipo de texto a uma estrutura estável e padronizada, mesmo quando fazemos esta relação de modo automático e inconsciente:

Todos os nossos enunciados dispõem de uma *forma padrão* e relativamente estável *de estruturação de um todo*. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na *prática*, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência *teórica*. (BAKHTIN, 1997, p. 301)

Ângela Kleiman chama as operações inconscientes do leitor de estratégias cognitivas. Para a autora, o processo de leitura consiste em um conjunto de estratégias cognitivas e metacognitivas. As estratégias cognitivas seriam as operações inconscientes do leitor, realizadas estrategicamente e não por meio de regras. Por outro lado, as estratégias metacognitivas seriam aquelas operações (não regras), realizadas com algum objetivo, sobre as quais temos controle consciente (KLEIMAN, 2002, p.50).



É importante destacar que o fato de o leitor reconhecer um texto automaticamente pela sua estrutura composicional não significa que ele utilizará suas estratégias metacognitivas para dialogar com o texto. Para que o diálogo ocorra é necessário que o leitor se disponha a mergulhar no texto, ou seja,

Perceber a estrutura do texto é chegar até o esqueleto, que basicamente é o mesmo para cada tipo textual. Processar o texto é perceber o exterior, as diferenças individuais superficiais; perceber a intenção, ou melhor, atribuir uma intenção ao autor, é chegar ao íntimo, à personalidade através da interação. (KLEIMAN, 2002, p.92)

O texto só cumpre sua função comunicativa quando alcança a consciência receptora do leitor e esta apenas se desperta quando o leitor apreende o sentido do texto. Entretanto, a apreensão do sentido depende do contexto de recepção que será o responsável por determinar a função comunicativa do texto.

### *1.1.3.O contexto: uma referência para os enunciados*

*A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo que se realiza pela compreensão de seu contexto, relacionando a linguagem com a realidade.*

*Paulo Freire*

A relação estabelecida entre texto e leitor ocorre dentro de um contexto social composto por diferentes meios de divulgação de informação. A cada leitura há uma atribuição de sentido que pode ser diferente, de acordo com o contexto de recepção. Os efeitos do texto possibilitam chegar à sua função que se cumpre em um contexto social real e não ficcional. Considerando o argumento de Iser de que “o valor da ficção se baseia na sua função” (1996, p.10) e que esta função “se cumpre na mediação entre sujeito e realidade” (1996, p.102), consideraremos que todo texto ficcional tem uma função comunicativa que será cumprida de formas diferentes, dependendo da realidade à qual o sujeito está relacionado. Assim, consideraremos as relações entre texto, leitor e contexto, já que toda realidade está relacionada a um contexto social dentro do qual os sujeitos se comunicam por meio da fala,

dentre outras formas de comunicação, para estabelecer e manter relações sociais. Para Bakhtin, “a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (2006, p.15). Nesse sentido, as frases deixam de ser frases e passam a ser frases situadas que ganham seu sentido pelo uso. Por isso, a análise dos textos partirá de um caráter pragmático e utilizará o modelo dos atos da fala como base para discutir o aspecto pragmático dos textos ficcionais.

De acordo com o ato da fala descrito por Austin e sistematizado por Searle, “toda comunicação linguística envolve atos linguísticos [...] a produção de uma frase realizada sob certas condições é um ato de fala, e atos de fala [...] são unidades mínimas da comunicação linguística”<sup>4</sup> (apud ISER, 1996, p.104). Iser comenta sobre este argumento:

É decisivo para o ato da fala, como unidade comunicativa, que ele não só organize os signos, como também ofereça as condições para que a enunciação seja comunicada ao receptor. Daí segue: os atos da fala não são simplesmente frases, mas sim frases situadas como enunciações verbais, o que vale dizer que são articuladas a situações, ou seja, a contextos determinados. (ISER, 1996, p.104)

Considerando que “a enunciação é de natureza social” (Bakhtin, 2006, p.111), a concretização do sentido de um texto depende do leitor e este, por sua vez, depende do contexto social que atuará diretamente na função do texto. Por exemplo, as siglas M e H sobre a porta de um banheiro público no Brasil são facilmente compreendidas como M de mulher e H de homem. As mesmas siglas em um banheiro público na Espanha poderiam indicar outra leitura: M de *macho* (macho) e H de *Hembra* (fêmea) forma utilizada em alguns lugares.

Ao falar sobre gêneros do discurso em *Estética da criação verbal*, Bakhtin define o enunciado e o diferencia das categorias do sistema, como as palavras e a oração. As palavras e as orações, como unidades do sistema da língua, não possuem um sentido completo. É somente no interior do enunciado que elas adquirem determinada expressão pretendida pelo ouvinte. Quando queremos dizer algo, não selecionamos palavra por palavra para criar o

---

<sup>4</sup> *all linguistic communication involves linguistic acts [...] the production or issuance of a sentence token under certain conditions is a speech act, and speech acts [...] are the basic or minimal units of linguistic communication.* John R. Searle, *Speech Acts*, Cambridge, 1969, p. 16.

sentido, pensamos no todo de nosso intuito discursivo, no que queremos dizer, para, então, escolhermos a palavra que nos dará o sentido almejado. Segundo Bakhtin:

As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente lingüística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua — palavras, combinações de palavras, orações; mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade da fala (o que acontece, sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p.297)

Retomando as considerações de Bakhtin que vê a oração como uma unidade da língua e o enunciado como uma unidade da comunicação verbal (1997, p.295), partimos do princípio de que a linguagem é um objeto social e a comunicação só é possível por meio de enunciados completos, ou seja, por enunciados passíveis de respostas, em um determinado contexto discursivo.

Não existem palavras vazias, elas são habitadas por vozes distintas e, quando são recebidas pelo leitor, elas trazem consigo a voz do outro. O mesmo ocorre com os textos literários e com as obras de arte em geral: “A obra de arte é percebida em relação às outras obras artísticas e com a ajuda de associações que se faz com elas... Não só o pastiche mas toda a obra de arte é criada em paralelo e em oposição com um modelo qualquer” (CHKLOVSKI, 1965, p.50, apud TODOROV, 1986, p.36).

Nesse sentido, podemos inferir que não se aprendem as palavras isoladas; ao contrário, elas são recebidas na relação com o outro, para, posteriormente, serem aplicadas em diferentes contextos:

Qualquer membro de uma colectividade falante encontra não palavras neutras “lingüísticas”, livres das apreciações e das orientações de outrem, mas as palavras habitadas por vozes distintas. Ele recebe-as pela voz de outrem, repletas da voz de outrem. Qualquer palavra do seu próprio contexto provém de um outro contexto, já marcado pela interpretação de outrem. O seu pensamento encontra apenas palavras já ocupadas. (BAKHTIN, 1970 apud TODOROV, 1986, p.37)

As palavras não são aprendidas por meio de dicionários, com sentidos completos e fechados, mas no processo de interação com a linguagem do outro. É no processo de comunicação que as palavras adquirem seu sentido

completo, determinado por seu contexto enunciativo. Determinadas palavras fora de contexto podem suscitar outras interpretações. Segundo Bakhtin:

[...] a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática lingüística. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2006, p.96)

A comunicação humana se dá por meio da fala, porém, esta não é o único meio de comunicação. Um silêncio, um olhar, um gesto, um símbolo, uma cor, uma placa podem significar muito mais do que mil palavras. O mesmo acontece com um texto: às vezes, um ponto, uma vírgula, uma interjeição significam tanto quanto a construção de uma oração, já que, como escreve Bakhtin, “as pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras [...] trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua” [...] (1997, p.297).

Além das diferentes formas de comunicação, as pessoas também são diferentes, possuem experiências diferentes, aspectos culturais distintos, aprendizagens diversas, isto é, possuem diferentes modos de realizar uma leitura. Para Bakhtin:

Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da *língua*. Uma oração totalmente inteligível e acabada, se for uma oração e não um enunciado—constituído de uma única oração—não poderá suscitar uma reação de resposta: é inteligível, está certo, mas ainda não é um *todo*. Este *todo*—indício da *totalidade* de um enunciado—não se presta a uma definição de ordem gramatical ou pertencente a uma entidade do sentido. (BAKHTIN, 1997, p.299)

De acordo com Bakhtin, a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 1997, p. 313).

As noções de receptor e emissor, trabalhadas nas gramáticas, não representam a realidade da linguagem, pois, no processo de comunicação verbal, os enunciados pressupõem o outro e o interlocutor espera uma resposta do outro, tomando a posição de enunciador em determinados momentos. Ou seja, os sujeitos participantes de uma dada comunicação se interrelacionam e tudo isso depende da noção de acabamento do enunciado. É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado.

Segundo Bakhtin, “esta relação entre enunciados completos não se presta a uma gramaticalização porque, como já dissemos, ela não existe entre as unidades da língua — não só no interior do sistema da língua, mas também no interior do enunciado” (BAKHTIN, 1997, p.295). Porém, é importante acrescentar que a relação estabelecida entre enunciados completos só pode alcançar a sua função social a partir do momento que se considera o contexto de recepção do texto, pois ele atuará diretamente na conduta do leitor e orientará a forma de receber e responder a determinadas unidades comunicativas. Determinadas palavras fora de contexto podem suscitar outras interpretações. A ausência do contexto transforma as palavras em unidades da língua. É preciso que se determine o contexto para que estas palavras se transformem em enunciados completos.

## 1.2 O LEITOR E O TEXTO LITERÁRIO

### 1.2.1. O papel da literatura na formação do leitor

*Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.*

*Antonio Candido*

A literatura, sob o viés da estética da recepção, além de proporcionar prazer estético, também possibilita a transformação do leitor, ao considerá-lo determinante na constituição do sentido da obra. Zilberman (1989) afirma que a obra literária é comunicativa desde sua estrutura, de modo que depende do leitor para a constituição do sentido. Isso significa que leituras diferentes feitas

em épocas diferentes fazem com que a obra seja lida e experienciada de formas diferentes. Sendo assim, as diferentes atualizações modificam a obra literária e esse processo determina a história da literatura. Em outros termos, a obra sobrevive enquanto é capaz de relacionar-se com o leitor.

Há tantas definições de literatura que Barthes faz uma brincadeira ao defini-la: “A literatura é aquilo que se ensina, e ponto final” (apud COMPAGNON, 2001, p.30). Para facilitar um pouco esta compreensão, Genette (apud COMPAGNON, 2001, p.31) tentou distinguir dois regimes literários complementares: um regime constitutivo, fechado (um soneto, um romance, que pertencem de direito à literatura) e um regime condicional e, portanto, aberto (dependente de uma apreciação revogável).

A literatura, no seu sentido restrito e limitado, é considerada por muitos um conjunto de obras diferenciado no meio acadêmico pelo seu valor estético e pela importância e influência de seus autores. Os critérios utilizados para determinar se uma obra é literária ou não variam de acordo com as épocas e as culturas. O que era considerado vulgar em uma época pode adquirir grande valor em outra. Independentemente do sentido que se dá a ela, podemos considerá-la como um tipo de comunicação inter-humana que possibilita o contato entre os indivíduos:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p.279)

A literatura como função social pode ser definida na sua relação com o homem enquanto leitor:

A subjetividade moderna desenvolveu-se com a ajuda da experiência literária, o leitor é o modelo de homem livre. Atravessando o outro, ele atinge o universal: na experiência do leitor, “a barreira do eu individual, na qual ele era um homem como os outros, ruiu” (Proust), “eu é um outro” (Rimbaud), ou “sou agora impessoal” (Mallarmé). (COMPAGNON, 2001, p.36)

Na medida em que o sentido depende do ponto de vista do leitor, a literatura pode atuar tanto a favor ou contra a sociedade. Ao mesmo tempo em que confirma um consenso, também produz o novo e a ruptura.

Antonio Candido chama literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura. Para ele, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (Candido 1995, p. 242). Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, sendo humanizadora, pois atua tanto no consciente quanto no subconsciente de cada um de nós, analfabetos ou não, influenciando-nos por meio das palavras, por meio de sugestão ou instrução, reflexão ou imposição. Para o sociólogo moderno a arte é social, pois

[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p.30)

Nesse sentido, a literatura não é apenas um conjunto de obras. Hoje sabemos que a compreensão de uma obra só pode ser alcançada de maneira íntegra pela fusão do texto e do contexto. Por meio da literatura o leitor tem a possibilidade de transformar sua leitura simples do dia a dia em uma leitura crítica e consciente. Cada vez que um significado é apreendido na consciência receptiva do leitor, o processo interativo entre o texto e o leitor atua de maneira crítica e o leitor não só constrói significados por meio da estrutura que lhe é apresentada, como também se constrói como sujeito social, ao utilizar seus conhecimentos no momento em que relaciona o fictício com o mundo real.

A cada encontro com o texto literário, as possibilidades criadas pelo fictício são oportunidades únicas de viver experiências por meio de outros personagens. Assim, mergulhamos no mundo imaginário do texto e tentamos compreender o novo; somos obrigados a criar significados para seguirmos adiante e, desta forma, desenvolvemos nosso intelecto à medida que penetramos no texto para que ele atue dentro de nós e essa atuação, conseqüentemente, refletirá nas nossas relações sociais. Jauss comenta sobre

a relação entre literatura e sociedade. Para ele, “a obra pode transmitir os valores dominantes de uma sociedade ou legitimar novos valores ou ainda romper com valores tradicionais [...]” (apud JOUVE, 2002, p125).

Por todos estes aspectos mencionados, tentamos compreender o papel humanizador da literatura fora de um contexto institucional, levando o texto literário ao encontro de diferentes pessoas que compõem a sociedade, dentro ou fora do meio educacional, jovens, adultos ou idosos, ricos ou pobres, negros ou brancos. Todas essas pessoas possuem, de alguma forma, diferentes relações com o mundo fictício da leitura: seja pela escola, pela voz do professor, pelas histórias contadas no momento de dormir, pelas leituras obrigatórias para o vestibular, pelas cantigas populares, pelas lendas e histórias de superstições contadas pelos antigos, pelas histórias em quadrinhos, etc. Nesse sentido, nosso intuito é verificar como o texto literário funciona como conector entre o sujeito e a realidade e em que medida a formação sociocultural contribui para uma leitura escolarizada ou mais independente. Outro ponto que tentaremos compreender é em que medida a leitura escolarizada pode transformar-se em uma prática social que forma, deforma e transforma leitores reais em simples leitores de textos literários.

### 1.2.2. O valor do texto literário

*[...] os textos literários não se esgotam na denotação de objetivos empiricamente dados, a representação por eles intencionada visa ao não dado.*

*Wolfgang Iser*

Não é nada fácil tratar do valor de um texto quanto ao seu *status* de literário e não literário. Além dos elementos internos responsáveis pela composição textual, a qualidade estética também depende da consciência receptiva do leitor. Dois textos podem fazer uso semelhante da linguagem e um ser considerado literário e outro não. A literariedade de um texto depende da forma como ele é recebido e compreendido, de acordo com os conhecimentos do leitor e do contexto de recepção. A peculiaridade de um texto literário está na sua composição estrutural, seleção lexical e outros fatores que determinam



o efeito estético do texto. Entretanto, se a interpretação estiver fundamentada apenas nas normas clássicas de interpretação, o efeito estético perde o seu valor:

Se uma significação apreendida alcança sua significabilidade ou até sua legitimação através de sua relação com um padrão de referências extratextuais, então essa significação, enquanto resultado do texto, não pode ter mais um caráter estético. Pois a significação é referencial, ou seja, ela tem um caráter discursivo. (ISER, 1996, p.54)

De acordo com o argumento apresentado, o que diferencia o efeito estético do texto é a forma como o leitor se relaciona com a constituição do sentido. A partir do momento em que o leitor se preocupa, sobretudo, em descobrir os significados do texto, este perde sua atuação estética na conduta do leitor e assume um caráter mais referencial: “(...) o sentido só começa a perder seu caráter estético e assumir um caráter referencial quando nos perguntamos por seu significado” (ISER, 1996, p.55).

A objetividade constituída pelos textos ficcionais não pode ser confundida com a definição dos objetos reais. De acordo com a teoria do efeito, “os textos ficcionais constituem seu próprio objeto e não copiam objetos já dados” (ISER, 1996, p.57). Entretanto, ainda que os textos ficcionais contenham elementos de indefinição e possibilitem uma variedade de significados, a apreensão do sentido é orientada pela estrutura do texto. O fato de essa estrutura fornecer elementos que orientam o leitor na constituição do seu sentido não significa que ela tem o poder de controlar o processo de apreensão. A partir do momento em que um texto literário consegue controlar a apreensão do sentido pelo leitor ele perde seu caráter ambíguo e assume um valor referencial. Utilizaremos o poema de Manuel Bandeira “Porquinho-da-índia” para exemplificar:

Situação I: A mãe chega em casa e encontra sobre a escrivaninha de seu filho de dez anos o seguinte texto escrito com sua letra:

*Quando eu tinha seis anos ganhei um porquinho-da-índia. Que dor de coração eu tinha porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão! Levava ele pra sala pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos, ele não se importava: queria era estar debaixo do fogão. Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...  
- o meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.*

Seria muito provável que a mãe achasse que tal texto foi escrito por seu filho. Desta forma, poderia tentar ajudá-lo a corrigir algumas palavras como “pra sala”, “pra os lugares”, explicando-lhe que a forma mais adequada seria “para a sala”, “para os lugares”.

Situação II: Imaginemos agora que esta mesma mulher fosse fazer um exame de vestibular e, ao deparar-se com o tema de redação, encontrasse o seguinte enunciado:

*A partir do poema de Manuel Bandeira “Porquinho-da-índia” escreva sobre o amor.*

Quando eu tinha seis anos  
Ganhei um porquinho-da-índia.  
Que dor de coração eu tinha  
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele pra sala  
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos  
Ele não se importava:  
Queria era estar debaixo do fogão.  
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...  
- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada<sup>5</sup>

Este novo contexto de apresentação do texto orientaria a leitura desta mulher diferentemente da primeira situação. A autoria de Manuel Bandeira descartaria a hipótese de se fazer qualquer alteração no texto. O que anteriormente tinha sido considerado como erro gramatical, seria agora observado como elemento estético.

O fato de estarmos conscientemente diante de um poema de Manuel Bandeira nos leva para determinado tipo de interpretação, ou seja, a literariedade de um texto não depende apenas dos elementos internos. A forma como ele é recebido e compreendido pelo leitor, além do contexto de recepção, atua diretamente na apreensão de seu sentido e, conseqüentemente, na atribuição de seu valor. De nada adiantam todos os aspectos estéticos presentes em um poema se o leitor não tiver consciência de seu gênero

<sup>5</sup> BANDEIRA, Manuel. Porquinho-da-índia. In: \_\_\_\_\_. *Antologia Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1961, p.71-72.

textual. É esta consciência que orienta o leitor a não fazer uma interpretação inadequada e o faz respeitar a coerência interna do texto e as possíveis intenções do autor.

Sabemos que a literariedade de um texto se relaciona com sua elaboração estética. Segundo Eco, “a mensagem (a frase) abre-se a uma série de conotações que superam em muito o que ela denota” (2001, p.77), e isto se deve ao uso da linguagem literária que é ambígua por natureza. Entretanto, o valor literário do texto não depende somente de seus elementos estéticos. Um texto pode ser composto por vários elementos estéticos e, ainda assim, não ser considerado literário. É necessário considerar outros aspectos como a intenção, a realidade, a recepção, a língua, a história e o valor (COMPAGNON, 2001, p.29). O próprio cânone literário está sempre se recompondo à medida que surgem novas obras. Várias mudanças surgiram durante os séculos XIX, XX e XXI:

Após o estreitamento que sofreu no século XIX, a literatura reconquistou, desse modo, no século XX, uma parte dos territórios perdidos: ao lado do romance, do drama e da poesia lírica, o romance em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados, e assim por diante. Sob a etiqueta de *paraliteratura*, os livros para crianças, o romance policial, a história em quadrinhos foram assimilados. (COMPAGNON, 2001, p.34)

Esta ampliação contemporânea da literatura modifica o conceito de valor de um texto: este valor não é apenas literário nem teórico, mas ético, social e ideológico. A literariedade também vem acompanhada de elementos externos ao texto, como a posição que lhe é dada no meio crítico e acadêmico. Nesse sentido, a qualidade literária do texto está relacionada com o tempo e espaço. O que é bom numa determinada época pode não ser visto com o mesmo prestígio em outro tempo e espaço. Conhecimentos sobre a obra, o autor, seu prestígio, dentre outros aspectos, também podem orientar nossa leitura.

Contudo, a avaliação dos textos literários deve ser separada do valor da literatura em si mesma. A escola deveria ensinar não só a ler, mas também a gostar de ler. Porém, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal. Na verdade, quando se trata de gosto não há consenso: um texto considerado não literário pode ser lido como se fosse um texto literário, dependendo dos

elementos considerados no momento da análise. Da mesma forma, um texto literário pode ser lido como uma simples mensagem, dependendo do leitor e da forma como o texto é recebido.

Por um lado, a construção estética é o que torna um texto literário, porque a estrutura constitui aspecto privilegiado e ponto de referência para o trabalho analítico. Por outro, apenas o conhecimento da estrutura de uma obra não é suficiente para compreender sua função, sendo necessário considerar as relações existentes entre a realidade social e a estrutura do texto. Desta forma, devemos verificar de que forma o conhecimento de mundo do leitor ajuda a identificar os elementos estéticos presentes num texto, e em que medida essa percepção atua de modo relevante na elaboração do seu significado.

Independentemente de o leitor ter ou não ter a consciência dos fatores estéticos, eles fazem parte da organização composicional do texto, e esta não pode ser rompida pelo leitor. Mesmo que não se tenha o conhecimento teórico desses estímulos estéticos, esta incompreensão momentânea faz com que o leitor volte sua memória para experiências passadas a fim de buscar entendimento das partes não entendidas do texto. Umberto Eco comenta esta relação:

[...] Os estímulos apresentam-se num todo que o fruidor percebe não poder romper [...] Isso faz com que o significado seja multiforme e não unívoco e que a primeira fase do processo de compreensão nos deixe, ao mesmo tempo, satisfeitos e insatisfeitos por sua própria variedade. Daí, ao voltarmos à mensagem, já enriquecidos desta vez por um esquema de significações complexas que inevitavelmente puseram em jogo nossa memória de experiências passadas; a segunda recepção será, por tanto, enriquecida por uma série de lembranças despertadas, que passam a interagir com os significados colhidos no segundo contato; significados que, por sua vez, já de início serão diferentes dos que foram realizados no primeiro contato [...] (ECO, 2001, p.85)

A diferente referencialidade da expressão não reside, portanto, na expressão em si, mas no receptor, isto é, a diferença entre linguagem referencial e linguagem emotiva

não concerne tanto à estrutura da expressão quanto ao seu uso (e portanto ao contexto em que é pronunciada). Encontramos uma série de frases referenciais que, comunicadas a alguém em dadas circunstâncias, assumiam valor emotivo; e igualmente poderíamos encontrar um certo número de expressões emotivas que, em certas situações, assumem valor referencial. (ECO, 2001, p.82)

Um professor de literatura, provavelmente, ao reconhecer a literariedade de um texto, aceitará o desafio implícito de interpretá-lo. Mesmo que este texto não esteja enquadrado dentro das convenções literárias, sua literariedade dependerá da interpretação do professor. Da mesma forma, um poema também pode assumir valores referenciais, dependendo da forma como ele for recebido e compreendido.

A questão do valor literário de um texto é um ponto abordado em diferentes áreas. Além da literatura e da teoria literária, disciplinas relacionadas ao ensino de línguas e à tradução também utilizam o tema do valor literário para trabalhar questões teóricas. Rosemary Arrojo exemplifica muito bem esta situação ao utilizar um poema de William Carlos Williams em seu *Oficina de Tradução* para discorrer sobre a tradução literária. Enquanto o poema de Manuel Bandeira apresentava a ambiguidade da linguagem na própria língua portuguesa, o poema apresentado por Rosemary Arrojo, além de apresentar uma ambiguidade na língua inglesa, também pode criar outros tipos de problemas e incompreensões ao ser traduzido para uma língua cujo público alvo é composto por uma cultura diferente. Vejamos o poema:

**This is just to say**

I have eaten  
the plums  
that were in  
the ice box

and which  
you were probably  
saving  
for breakfast

Forgive me  
they were delicious  
so sweet  
and cold<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. São Paulo: Ática, 2002, p.32.

Este poema, ao ser escrito em forma de um bilhete por um norte-americano e colocado sobre a mesa da cozinha do seu anfitrião brasileiro, possivelmente será lido com base no valor referencial da mensagem. Neste caso, a função poética do texto deu lugar à função referencial de um bilhete para informar e pedir desculpas pelo ocorrido. Vejamos o texto e a tradução:<sup>7</sup>

*This is just to say I have eaten the plums that were in the ice box and which you were probably saving for breakfast. Forgive me they were delicious so sweet and cold.*

Este bilhete é só para lhe dizer que comi as ameixas que estavam na geladeira e que provavelmente você estava guardando para o café da manhã. Desculpe-me, elas estavam deliciosas, tão doces e geladas.

Pelo exemplo apresentado, notamos que a literariedade de um texto depende de seu reconhecimento como texto poético. Este reconhecimento pode ser visto tanto pela forma estrutural e composicional ou pelo contexto de uso do texto. Ou seja, o fato de o poema ter sido lido como um bilhete foi possível não só pela forma estrutural do texto, mas também pelo contexto de recepção (cozinha) estar relacionado com o conteúdo da mensagem. Desta forma, não havia razão para o anfitrião brasileiro colocar valor emotivo em uma simples mensagem.

Além da forma estrutural do poema e do contexto de recepção, outro ponto de discussão na área da tradução está relacionado ao campo lexical. Por exemplo, a palavra *plums* traduzida por *ameixas* pode anular o efeito sensual do poema pelo fato de esta fruta não ser reconhecida na cultura brasileira como uma fruta sensual. No contexto brasileiro, a palavra ameixa, geralmente, se relaciona com a fruta seca, que não tem nada de doce e suculenta. Em inglês, a palavra ameixa seca significa *prune* e não *plum*. A seleção lexical do poema (*plum*) faz referência à fruta vermelha e suculenta. O fato de a língua portuguesa possuir apenas uma palavra para designar dois tipos de frutas causa uma ambiguidade inexistente na língua inglesa. Uma saída para este problema poderia ser a substituição do léxico para uma outra fruta que pudesse ser reconhecida pelo público brasileiro como algo sensual e romântico, como, por exemplo, os morangos, as maçãs e as uvas. Todas essas frutas possuem

<sup>7</sup> O exemplo apresentado foi desenvolvido por ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. São Paulo: Ática, 2002, p.32.

algumas características em comum: são doces, suculentas e possuem a cor vermelha que pode estar ligada ao amor e à paixão.

### 1.2.3. O leitor implícito

*A concepção do leitor implícito descreve, portanto, um processo de transferência pelo qual as estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor através dos atos de imaginação.*

*Wolfgang Iser*

A escola de Constância é a primeira grande tentativa de renovar o estudo dos textos a partir da leitura. Esta abordagem alemã desloca a relação texto-autor para focalizar a relação texto-leitor. Há dois grandes teóricos desta escola que abordam o mesmo tema sob uma perspectiva diferente: Wolfgang Iser trabalha com a teoria do “leitor implícito”, enquanto Hans Robert Jauss trabalha com “a estética da recepção” (JOUVE, 2002, p.14). Enquanto a teoria do efeito está ancorada no texto, a teoria da recepção está ancorada nos juízos históricos dos leitores. O texto, segundo a teoria do efeito, é considerado como uma reformulação de uma realidade já formulada. Uma teoria da recepção, ao contrário, sempre se atém a leitores historicamente definíveis, cujas reações evidenciam algo sobre literatura (ISER, 1996, p.16).

Esta pesquisa fundamenta-se na teoria do efeito e por isso, é fundamental definir o conceito do texto literário. Partiremos do princípio de que todo texto literário tem uma função comunicativa, pois seu sentido só se concretiza na consciência receptora do leitor dentro de um contexto social. Nesse sentido, tentaremos verificar o efeito provocado pelo texto literário no ato da leitura realizado por diferentes sujeitos sociais fora do contexto escolar, ou seja, o interesse dessa pesquisa não está voltado para o texto em si, mas para os efeitos do texto na conduta do leitor.

A teoria do leitor implícito data de 1976 e se volta para o efeito do texto sobre o leitor particular para observar suas reações no plano cognitivo durante os percursos impostos pelo texto. Para Iser, “a leitura é uma atividade comandada pelo texto, unindo o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. A este processo dá-se o nome de interação” (ISER, 1979, p. 83).

A abordagem semiótica de Umberto Eco está muito próxima da teoria de Iser: “O modelo de Eco data de 1979 e propõe uma análise da leitura “cooperante”. O objetivo é examinar como o texto programa sua recepção e o que deve fazer para corresponder da melhor maneira às solicitações das estruturas textuais” (JOUVE, 2002, p.14).

O leitor implícito não tem existência real, funda-se na estrutura do texto. Ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece: condições de recepção a seus leitores possíveis (ISER, p.73), ou seja, o leitor implícito é um papel oferecido pelo texto que se concretiza nos atos estimulados no leitor real (receptor). “A concepção de leitor implícito designa então uma estrutura do texto que antecipa a presença do receptor” (ISER, 1996, p.73).

Se o leitor implícito existe na estrutura do texto, tomá-lo como base teórica não significa estudar os leitores reais. Estes servirão apenas como elementos complementares para descrever as estruturas de efeito do texto “cujos atos de apreensão relacionam o receptor a ele” (ISER, 1996, p.73). A estrutura do texto foi criada para um leitor imaginado pelo autor, só que este papel só se concretiza na consciência receptiva do leitor real.

Segundo Iser, “o texto é constituído por algumas perspectivas principais: narrador, personagens, enredo e ficção do leitor” (1996, p.74). Para ele, o ponto de vista do leitor resulta da perspectiva interna do texto, sendo assim, ele precisa fazer uma integração das perspectivas textuais para apreender o sentido do texto segundo sua visão de mundo. Só quando todas as perspectivas do texto convergem no quadro comum de referências, o ponto de vista do leitor torna-se adequado. Desta forma, o leitor não pode escolher livremente seu ponto de vista, porque este depende da perspectiva interna do texto. De acordo com Iser:

As perspectivas do texto visam a um ponto comum de referências e assumem assim o caráter de instruções; mas o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado. É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo. Esse papel ativa atos de imaginação que de certa maneira despertam a diversidade referencial das perspectivas da representação e a reúnem no horizonte de sentido (ISER, 1996, p.75).



O ponto de vista não é fixo, mas deve ser ajustado pela sequência das imagens até que, por fim, ele coincide com o sentido constituído. Assim, o leitor se encontra definitivamente no mundo do texto.

A estrutura do texto foi criada pelo autor segundo sua ideia do leitor que receberia o texto. Este papel (imaginativo) responsável pela criação da estrutura textual só será concretizado a partir do momento que alguém leia o texto, ou seja, o papel do leitor começa pela estrutura do texto e finaliza na estrutura do ato (na consciência receptiva do leitor). Isto é, as experiências de vida do leitor são introduzidas constantemente na leitura e é por meio delas que surgem diferentes modos de atualização do texto. Segundo Iser: "(...) se toda atualização é um determinado preenchimento da estrutura do leitor implícito, então essa estrutura cria uma referência que torna a recepção individual do texto acessível à intersubjetividade" (1996, p.78).

A função central do leitor implícito é uma concepção que proporciona o quadro de referências para a diversidade de atualizações históricas e individuais do texto, a fim de que se possa analisar sua peculiaridade.

O papel do leitor, inscrito no texto, é composto por uma estrutura do texto e uma estrutura do ato. A estrutura do texto estabelece o ponto de vista do leitor. Tal ponto de vista situa o leitor no texto, o que demonstra a relação mútua entre o papel do leitor implícito enquanto estrutura do texto e enquanto estrutura do ato (ISER, 1996, p.79).

É pela estrutura do texto que o leitor real formula seu ponto de vista que será responsável pela constituição do sentido na estrutura do ato. Esta constituição concretiza-se na consciência receptiva do leitor segundo seu ponto de vista. Porém, o ponto de vista do leitor se torna adequado somente quando há uma integração entre as perspectivas textuais criadas segundo o ponto de vista do autor. Em outras palavras, o leitor se situa no texto quando o seu ponto de vista se assemelha ao ponto de vista do autor; somente então ele consegue constituir o horizonte de sentido.

Considerando o texto literário uma reformulação da realidade, entende-se que ele não copia algo dado, mas sim que seu sentido deve ser imaginado pelo leitor. Dessa forma, a importância do leitor é fundamental, pois, apenas sua imaginação é capaz de captar o não dado. Nesse sentido, a estrutura do texto, ao estimular uma sequência de imagens, se traduz na consciência

receptiva do leitor e o conteúdo dessas imagens é afetado pelas experiências e conhecimentos individuais dos leitores. Essas experiências constituem o quadro de referências que permite apropriar-se do não-familiar ou, ao menos, fundamentar sua imagem.

#### *1.2.4. O discurso ficcional e o efeito estético: um potencial atualizado pelo leitor*

A existência do texto ficcional depende do leitor, pois, enquanto material dado, o texto é mera virtualidade, que se atualiza apenas no sujeito, isto é, o sentido do texto precisa ser constituído. Segundo Iser, “o texto nunca se dá como tal, mas sim se evidencia de um certo modo que resulta do sistema de referências escolhidos pelos intérpretes para sua apreensão” (1996, p.101). Podemos concluir, então, que o sentido do texto é constituído na consciência do leitor de acordo com suas experiências e visão de mundo.

Considerando que a constituição do sentido se dá pelo processo interativo entre texto e leitor, podemos considerar o texto como o emissor e o leitor o receptor de uma mensagem. Segundo a teoria dos atos da fala descrita por Austin (apud ISER, 1996, p.113), é preciso que o modelo comum de comunicação seja o mesmo tanto para o falante quanto para o receptor, porque só assim a ação verbal terá êxito. Segundo Iser:

O êxito da ação verbal depende da redução de indeterminações, que por sua vez, é regulada, no uso verbal da ação pragmática, por convenções, procedimentos, adequabilidade à situação e garantias de sinceridade. Elas constituem a referência para que a linguagem se adeque ao contexto de ação. (ISER, 1996, p.113)

Da mesma forma, um texto ficcional também precisa da redução de indeterminação para que haja a compreensão. Entretanto, as referências utilizadas pelo texto ficcional não são as mesmas da ação verbal. Na verdade, elas não são dadas de antemão: “(...) deveríamos primeiro descobrir o código que engloba os elementos do texto e concretiza o sentido do texto como referência. Constituí-lo é uma ação verbal à medida que o leitor se comunica com o texto” (ISER, 1996, p.113).

O fato de o discurso ficcional não possuir um contexto fixo não significa que ele não utilize outros critérios para criar efeitos no leitor: “O discurso

ficcional começa provocar efeitos ao despragmatizar as convenções escolhidas, isto é, ao fazer uma seleção de convenções diferentes” (Iser, 1996, p.115).

A própria construção de um discurso ficcional, ao selecionar seu léxico e sua organização estrutural, o faz com determinadas intenções. Enquanto o êxito de uma ação verbal está no modelo comum de comunicação entre emissor e receptor estabilizado por um contexto situacional, o discurso ficcional não possui este modelo comum. Diferentemente da enunciação performativa, o contexto do discurso ficcional não é dado. Para Austin e Searle, o discurso ficcional, obrigatório à enunciação performativa é vazio segundo a intenção pragmática (apud Iser, 1996, p.113). Ser vazio significa para Austin que

[...] o discurso ficcional não pode referir-se a convenções e procedimentos aceitos; outrossim não existe para ele nenhuma situação contextual que permitisse estabilizar a significação do dito [...] O discurso ficcional não é sem convenções, mas sim as organiza de um modo diferente daquele que vale para os atos da fala. (apud Iser, 1996, p.113-114)

O vazio do discurso ficcional desestabiliza o leitor, tirando-o de uma significação construída por convenções conhecidas por ele, obrigando-o a observar as convenções de um modo diferente dentro do texto para apreender a mensagem. Ou seja, a função do texto literário não é representar uma realidade estável, mas sim reformulá-la por meio do texto, criando um mundo próprio e autônomo que só será concretizado na consciência do leitor.

Considerando o texto ficcional uma reformulação da realidade, trataremos suas convenções por uma reformulação das convenções dos atos da fala, ou seja, o leitor utiliza seus conhecimentos e pontos de vista para estabelecer e organizar convenções que darão sentido ao texto segundo sua visão de mundo. Ainda que estas convenções não sejam organizadas da mesma forma no mundo real, elas serão organizadas de algum modo na consciência do leitor para que se realize a constituição do sentido. Iser comenta sobre as convenções presentes no discurso ficcional:

[...] O discurso ficcional faz uma seleção das mais diferentes convenções que existem no mundo histórico. Ele as reúne como se pertencesse ao mesmo conjunto. Por isso, no discurso ficcional reconhecemos tantas convenções que exercem uma função reguladora em nossos ou noutros mundos sociais e culturais [...] (Iser, 1996, p.115)

A constituição do sentido só é possível porque o sujeito utilizou referências para construir o sentido do texto. Tais referências variam de leitor para leitor segundo a forma como elas são organizadas e compreendidas dentro do mundo particular de cada leitor. É esta subjetividade inerente do ser humano que permite ao leitor atuar por meio de suas formações socioculturais, ainda que nem sempre de modo consciente, para interagir com o texto. Desta forma, podemos dizer que o processo de interação entre texto e leitor lida com questões mais subjetivas do que objetivas, o que possibilita a criação de uma multiplicidade de sentidos por parte do leitor ao dialogar com textos ficcionais que, segundo a teoria dos atos da fala, existem dentro de um vazio contextual. Contudo, este vazio sempre é preenchido na consciência do leitor no momento em que ele se dispõe a dialogar com o texto. Nesse momento, ele criará o horizonte de sentido necessário para a apreensão da mensagem escrita. Cabe comentar que multiplicidade de sentidos não significa realizar qualquer leitura: “o discurso ficcional tem um potencial orientador que poderia ser chamado de a estratégia dos textos” (Iser, 1996, p.115).

O contexto do discurso ficcional é concretizado na imaginação do leitor; sua consciência e conhecimento de mundo determinarão as referências para as convenções necessárias para a construção do sentido do texto. De acordo com a distinção realizada por Austin, as enunciações verbais constatativas e performativas se diferenciam pelo valor dado ao contexto pragmático. Para ele, a enunciação constatativa considera os fatos segundo critérios de correto e errado em qualquer circunstância, propósito ou público, isto é, o valor da enunciação independe de contextos pragmáticos. Por outro lado, as enunciações performativas “apenas alcançam seus sentidos através de seu uso em situação” (apud ISER, 1996, p.106), isto é, “as frases do ato da fala sempre dependem de um contexto; por isso, o ato da fala nunca é idêntico à mera sequência de suas frases, mas se estabiliza através da referência a uma situação [...]” (apud ISER, 1996, p.5). É esta a diferença entre o discurso ficcional e uma enunciação performativa. Para o discurso ficcional não existe nenhuma situação contextual que permita estabilizar a significação do dito. Nesse sentido, o discurso ficcional imita os hábitos verbais do ato ilocucionário.

Segundo a teoria do efeito, os processos de elaboração do efeito do texto literário são observados como um acontecimento vivenciado pelo leitor no

ato da leitura. O que nos interessa verificar é até que ponto as elaborações provocadas pelo texto são previamente estruturadas por ele ou se o texto é simplesmente visto como uma significação representativa de uma totalidade. A descrição do processo da leitura busca evidenciar as operações elementares que o texto provoca na conduta do leitor. Pois a assimilação das instruções significa que o sentido do texto precisa ser constituído (ISER, 1996, p.15-16). Na constituição deste sentido o texto age no leitor como uma estrutura comunicativa porque, mediante a interação entre o texto e o leitor, “a ficção conecta à realidade um sujeito que, por meio da ficção, se relaciona a uma realidade” (ISER, 1996, p.102). É nesse processo interativo que surge a importância do efeito na conduta do leitor:

Entendendo a ficção como estrutura comunicativa, os analistas deveriam substituir a velha pergunta por outra: já não se trata mais de evidenciar o que ela significa, mas sim os seus efeitos. Só assim teremos um acesso à sua função, que se cumpre na mediação entre sujeito e realidade”. (ISER, 1996, p.102)

O que Iser demonstra por meio deste argumento é que “uma função não representa uma significação, mas provoca um efeito” (1996, p.44). Nesse sentido, o texto medeia a relação entre o sujeito e uma realidade e, durante o processo de interação, os sentidos vão sendo constituídos e o efeito vai sendo atualizado pelo leitor. Por isso, abordaremos não só a relação do leitor com o texto, mas do texto com a realidade do leitor, ou seja, com o contexto de recepção do texto, pois será ele o responsável por determinar a constituição do sentido.

Considerando o texto literário uma estrutura comunicativa, podemos deduzir que o leitor, sendo um sujeito que se relaciona dentro de um contexto social, utiliza tais textos para se relacionar com a realidade. É durante este relacionamento que o leitor demonstra sua postura perante o texto: ele pode buscar significados ocultos por meio de julgamentos entre o certo e o errado ou utilizar seus conhecimentos para construir significados que façam sentido para ele. O julgamento realizado pelo leitor é formado de acordo com os conhecimentos de mundo e experiências individuais de cada um. As diferentes formações dos leitores são responsáveis pelas diferentes interpretações realizadas em contextos diversos, ou seja, “(...) o processo de estabelecimento

de consistência é idêntico, mas pode ser atualizado sempre de diversos modos e, em face das orientações habituais, por conteúdos diferentes” (ISER, 1996, p.46).

Qualquer tipo de reação tende a fundamentar-se em algum ponto de vista. Se afirmamos que um texto literário provoca uma reação no leitor, conseqüentemente ele utilizará seu ponto de vista para agir a favor ou contra aquilo que o texto diz. Esta ação, embora pareça objetiva e classificatória ao fazer uso de afirmações sobre o que o texto diz, não deixa de possuir aspectos subjetivos, pois o leitor, na constituição do sentido, utiliza seus juízos de valor e estes são de ordem subjetiva. Iser comenta sobre os juízos de valor: “(...) só podemos qualificar algo como subjetivo se dispomos de critérios objetivos de diferenciação. Só que, no caso da estética, esses critérios se originam da mesma camada do sujeito que se objetiva em juízos de valor” (ISER, 1996, p.60), ou seja, “o uso de características objetivamente dadas para uma preferência subjetiva ainda não torna objetivo o juízo de valor, mas só concretiza as preferências subjetivas do intérprete” (ISER, 1996, p.59).

Faremos uso de um exemplo apresentado por Iser para elucidar esse processo: “Não significa que ele e eu vejamos coisas diferentes quando olhamos para o *Paraíso Perdido*. Ele vê e odeia o mesmo que eu vejo e amo”<sup>8</sup>.

Por isso, ainda que os textos sejam formados por critérios objetivos, o momento da constituição de seu sentido, que é realizado pela interação entre texto e leitor, é concretizado por juízos de valor, o que possibilita uma diversidade de significação, pois a capacidade de realizar sentidos ativada pelo texto literário depende da forma como o leitor se dispõe a dialogar com o texto e dos usos que faz de seus conhecimentos para constituir o sentido do texto que é formado de acordo com suas formações socioculturais.

---

<sup>8</sup> *It's not that he and I see different things when we look at Paradise Lost. He sees and hates the very same that I see and love* C.S. Lewis, *A Preface to Paradise Lost* (Oxford Paperbacks 10), Londres, 1960, p.134 apud Iser, *O ato da leitura*, 1996, p.59.

## 2. TEXTOS E LEITORES: A DEFINIÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

*The Revolution: let us creat conditions such that everyone can share in Picasso's work. The cultural Revolution: let us creat conditions such that everyone can become a Picasso and Picasso can became everyone.*

*Peter Schneider*<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Peter Schneider, 1969, apud Iser, 1989, p.199.

## 2.1. Em busca de uma idéia: selecionando os textos

O primeiro fruto deste trabalho surgiu da grande paixão por trabalhar com a multiplicidade dos significados de um texto, o que está intimamente relacionado com o contexto de recepção e com o público alvo. Questões como estas são trabalhadas a todo o momento em aulas de Língua Estrangeira (LE), principalmente quando há necessidade de se traduzir uma expressão idiomática ou quando se trabalha com textos literários. A leitura em uma LE coloca o indivíduo em contato com uma cultura bem diferente da sua. De acordo com Christine Revuz, “o eu da língua estrangeira não é, jamais, completamente o da língua materna” (1998, p.225). Ainda, segundo a autora, “a língua estrangeira vai confrontar o aprendiz com um outro recorte do real mas sobretudo com um recorte em unidades de significação desprovidas de sua carga afetiva” (1998, p.223). Por este motivo, não é raro verificar o insucesso na aprendizagem de uma LE por adultos. Esta dificuldade se relaciona com as mesmas dificuldades que o sujeito possui, primeiramente, em sua Língua Materna (LM). Tais dificuldades podem estar relacionadas não somente com a expressão oral, mas também com a escrita, com a compreensão auditiva e, não diferentemente, com a compreensão de leitura, o que inclui o processo de interpretação de textos. Nesse sentido, é fundamental o desenvolvimento de uma atitude interativa entre texto e leitor em LM para que ele tenha as habilidades necessárias para seu desenvolvimento no processo de aprendizagem de uma LE.

O contexto de ensino e aprendizagem de LE, como qualquer outra área, exige um aprimoramento profissional. Nesse sentido, a busca por bibliografias relacionadas com a área contribuiu para o conhecimento de autores que abordavam o mesmo tema sob diferentes pontos de vista. Independentemente das correntes teóricas, a maioria dos estudos sempre abordava algo sobre as dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem e aquisição de uma LE. Grande parte das dificuldades voltava-se para questões relacionadas à incompreensão de uma construção linguística. Podemos relacionar este fato com o hábito de se traduzir as construções linguísticas termo a termo, desconsiderando as diferenças entre o contexto de produção e o contexto de recepção de um texto.



Apesar de o processo de comunicação utilizar os mesmos recursos linguísticos, a organização e o uso desses recursos são realizados de formas diferentes de acordo com cada cultura. Por este motivo, quando lemos um texto em LE o domínio do código linguístico não é suficiente para a compreensão e constituição do sentido. Para Christine Revuz

Conhecimentos lexicais e gramaticais mínimos são suficientes, desde que seja matemático, para ler matemática em alemão ou em francês; esses conhecimentos, em contrapartida, não conduzem a nenhuma comunicação interpessoal, não permitem um discurso em primeira pessoa. (REVUZ, 1998, p.227-228)

Partindo das ideias apresentadas por Revuz, tomaremos como exemplo o conto “*Casa Tomada*” de Cortázar, para fazer um paralelo com as ideias apresentadas. Este conto foi um dos textos que motivou o desenvolvimento desta pesquisa pelo fato de ter apresentado diferentes traduções e dificuldades pelos alunos do curso de Tradutor durante a realização de um trabalho. Esta experiência profissional fez com que surgissem várias reflexões sobre a diferença entre dominar o código linguístico e constituir sentidos em uma língua estrangeira. Embora muitos alunos dominassem o código linguístico espanhol, este fato não contribuiu na constituição do sentido do conto de Cortázar, pois a compreensão dependia de fatores externos relacionados ao texto.

A leitura deste conto pode considerar tanto questões relacionadas ao fantástico e ao maravilhoso como também questões relacionadas ao momento histórico e político da Argentina. Considerando o momento histórico, grande parte dos textos da literatura Argentina apresenta dois importantes personagens: a casa e a cidade de Buenos Aires. Muitas vezes, esses dois espaços se confundem tornando-se um mesmo personagem, na medida em que a casa é uma metáfora da cidade. O crescimento acelerado da Argentina, especialmente a partir do século XX, provocou uma mudança na mentalidade de certos grupos. A elite local passou a demonstrar certa resistência ao elemento estrangeiro, não aceitando que eles pudessem adquirir os mesmos direitos que os argentinos chegados há muito mais tempo. Contudo, no final do século XX, o estrangeiro passou a ser o principal habitante da cidade. Com o passar do tempo, os imigrantes enriqueciam e passavam a fazer parte de uma nova classe de prestígio, enquanto a elite antiga passava a ter cada vez menos

importância no papel econômico e social do país. Toda essa alteração da realidade social influenciou de modo marcante a produção literária. O conto de Cortázar reproduz o cenário de resistência da elite argentina em relação ao novo e ao estrangeiro, criando toda uma dramatização literária que acontece em uma antiga residência senhorial habitada por dois irmãos. Temos aqui a representação da casa confundindo-se com Buenos Aires. O conto ilustra de forma indireta episódios fundamentais da história social e cultural da Argentina.

Tomando como exemplo o conto de Cortázar, podemos considerar que o sentido é da ordem das formações discursivas, que, por sua vez, materializam formações ideológicas que são da ordem da história. Assim, a gramática pode ser a mesma para diversos enunciadores, mas o sentido decorre de fatores que não são da ordem da língua. Segundo Possenti, “a mesma palavra ou o mesmo enunciado podem ter sentidos diferentes, se pertencerem a formações discursivas diferentes” (Possenti, 2005, p. 361).

Todas essas ideias e conceitos desenvolvidos no contexto de ensino e aprendizagem de LE contribuíram para a construção de uma visão aguçada e uma grande curiosidade em estudar os sentidos das palavras e sua relação com o contexto de recepção. De acordo com Christine Revuz,

Aprender a falar uma língua estrangeira é, efetivamente, utilizar uma língua estranha na qual as palavras são apenas muito parcialmente contaminadas pelos valores da língua materna na medida, precisamente, em que não há correspondência termo a termo. (REVUZ, 1998, p.224)

A partir desses conceitos surgiram as primeiras ideias de se pesquisar as relações entre texto, contexto e leitor na constituição do sentido, pois uma palavra não significa nada ou pode significar diferentes coisas, dependendo de seu contexto e daquele que a lê. A possibilidade de utilizar um número finito de signos para criar, recriar e traduzir infinitos significados só é possível porque as línguas são diferentes, a cultura é diferente e as pessoas, ainda que falem a mesma língua, têm o poder de interpretar uma mensagem segundo seus conhecimentos e experiências individuais vivenciadas em diversos contextos sociais. Todos esses fatores contribuíram para a busca de um *corpus* adequado para que pudéssemos apresentar e comentar pontos relevantes sobre o que afeta a constituição do sentido de um texto.

O conteúdo teórico de um curso de pós-graduação levanta questões que não são trabalhadas de modo tão profundo durante o curso de graduação. Nesse sentido, uma questão que ficou latente durante as aulas teóricas foi em relação ao papel da literatura, seus conceitos, definições e o valor do texto literário. Questões como estas acabam abrindo uma reflexão para um lado intersubjetivo, pois vários teóricos podem estudar o mesmo objeto sob diferentes perspectivas e, tratando-se do processo interpretativo, há divergências de opiniões, dependendo da corrente teórica e da forma como o sentido é apreendido pelo leitor. Toda essa complexidade veio à tona quando surgiu uma discussão sobre o uso de canções em aulas de literatura e seu valor literário ou não.

O valor literário de uma canção relaciona-se tanto com sua estrutura composicional quanto com seu autor. Da mesma forma que nem todo texto é literário, nem toda canção pode ser considerada um texto literário. Outro ponto que possibilitou muita discussão nas aulas teóricas foi a influência de passagens, relatos ou referências bíblicas dentro de textos considerados literários. O ato da interpretação desse tipo de texto ganha uma complexidade que, às vezes, está muito mais relacionada com os próprios conhecimentos dos leitores sobre o assunto do que com a própria estrutura do texto. Todos esses fatores acabaram influenciando, de forma indireta, a escolha do *corpus* desta pesquisa.

O princípio de escolha dos textos considerou, em um primeiro momento, textos que apresentassem diferentes estruturas composicionais para que pudéssemos verificar as diferentes interpretações realizadas por diferentes leitores. Selecionamos textos que, apesar das diferentes estruturas, possuíam a mesma temática. Nosso intuito era verificar se o efeito dos textos era semelhante pela influência da temática ou variava de acordo com a estrutura composicional. Após cursar diferentes disciplinas que, na maioria das vezes, apresentavam pontos de reflexão relacionados à intertextualidade, surgiu a ideia de se trabalhar com textos relacionados entre si. A escolha do *corpus* da pesquisa surgiu de um exemplo utilizado em sala de aula que apresentava relações de intertextualidade. O texto utilizado foi a passagem bíblica “Coríntios 13”. Decidimos, então, partir deste texto para compor o restante do *corpus*. A escolha deste texto possibilitou retomar questões sobre o valor da canção e a

influência do texto religioso pelo fato de haver uma relação de intertextualidade do texto bíblico “Coríntios 13” com a canção “Monte Castelo”, de Renato Russo, além de sua relação de intertextualidade com o soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Camões.

Em 1989, Renato Russo havia composto a canção “Monte Castelo”, que faz referência ao soneto de Camões e ao texto bíblico “Coríntios 13”. Esta característica híbrida presente na canção poderia trazer dados interessantes se o leitor verificasse a polifonia presente nos textos pelas vozes de diferentes sujeitos. Seleccionamos, desta forma, três textos para compor o *corpus* da pesquisa: o soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Camões, a canção “Monte Castelo”, de Renato Russo e a passagem bíblica “Coríntios 13”. Para que não ficasse em evidência somente a questão da intertextualidade, acrescentou-se ao *corpus* o poema concreto “Ferida”, de Augusto de Campos, com o mesmo tema (amor) para que se ampliasse o campo de relações entre os textos e, por conseguinte, as possibilidades interpretativas.

O objetivo desta pesquisa é verificar os diferentes efeitos que um texto pode causar na conduta dos leitores segundo suas formações socioculturais. Nesse sentido, tentaremos compreender em que medida os conhecimentos externos contribuem na constituição do sentido de um texto e de que forma esses conhecimentos ajudam ou não o leitor atuar de forma ativa e reflexiva perante um texto.

## **2.2. Breve apresentação dos textos: uma relação de intertextualidade**

*[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.*

*Kristeva*

A intertextualidade, inerente à linguagem, torna-se explícita em todas as produções literárias que se valem do recurso da apropriação. Nesse sentido, um texto sempre faz referência a outros textos, de um modo explícito ou não. A forma como o texto se constrói, a seleção lexical e o uso que um texto faz de outros textos possibilitam determinados tipos de relações na elaboração de seu sentido por parte do leitor.

Ainda que todos os textos que compõem o *corpus* deste trabalho apresentem o tema do amor, é a relação deles com outros textos, além de sua composição estrutural, que permitirá diferentes formas de compreender o amor. Para facilitar a referência aos textos no decorrer da pesquisa, chamaremos o texto bíblico de texto 1, a canção “Monte Castelo” de texto 2, o poema concreto de texto 3 e o soneto de Camões de texto 4. Esta ordem está relacionada com a disposição dos textos apresentada aos leitores (anexo I).

A disposição dos textos não apresentou nenhuma ordem cronológica. Considerou-se o espaço possível de organização para que os quatro textos fossem apresentados em uma única página. Não se levou em conta a ordem cronológica já que os textos foram apresentados sem títulos e sem referências de seus autores. A ausência destas informações teve como objetivo proporcionar uma leitura mais livre, evitando-se uma possível interpretação pré-estabelecida decorrente do conhecimento do título, do autor e do tipo de texto (Bíblia, poema, canção), elementos que poderiam levar a uma interpretação mais voltada para o contexto e para o autor do que para o texto em si.

Todos os textos literários possuem elementos externos e internos passíveis de interpretação, seja que se trate de um soneto, de uma canção, de um texto bíblico ou de um poema concreto. O que diferencia um texto literário de outro tipo de texto é a sua construção estética, que cria uma maior complexidade pela ambiguidade presente na linguagem literária.

Pode ser que haja muitas intenções no ato da criação de uma obra literária, mas, no final, ela é concretizada por palavras. Dizemos palavras no sentido de concretizações linguísticas. Seria inconcebível ver a construção da obra literária sem relacioná-la com a questão do discurso. “A obra literária, tal como qualquer outro enunciado linguístico, não é feita de palavras: é feita de frases, e essas frases pertencem a *registros* diferentes da fala” (TODOROV, 1986, p.32).

É importante verificar de quais recursos linguísticos o autor dispõe e quais são as categorias predominantes, além do grau de figuralidade do discurso. Qualquer relação de duas (ou mais) palavras copresentes pode tornar-se figura, o que só acontece se o receptor do discurso perceber a figura.

São as escolhas dos recursos linguísticos utilizados pelo escritor que fazem o leitor reagir de determinado modo. A crítica tradicional supõe que haja

significados ocultos no texto literário. A arte moderna reage a este tipo de interpretação, mas seu uso ainda é muito recorrente pela influência das normas clássicas de interpretação.

Na verdade, um texto não pode garantir os significados criados por seu autor. A constituição de seu sentido se concretiza no momento em que o leitor o recebe de forma ativa, iniciando, assim, o processo de interação entre texto e leitor. Eliot diz que: [...] o leitor fará o julgamento correto por si mesmo.<sup>10</sup> Por isso, não temos a intenção de atuar como crítico nem descobrir os sentidos indefinidos dos textos. O objetivo desta pesquisa é observar as diferentes interpretações e suas possíveis relações com as formações socioculturais de cada leitor. Porém, é necessário apresentar uma ideia geral dos textos para que haja um parâmetro no momento das descrições. Nesse sentido, apresentamos, de forma bem objetiva, as possíveis diferenças criadas pelos textos em torno da temática do amor.

O reconhecimento da origem bíblica do texto 1 pode remeter a um amor sagrado e perfeito relacionado com Deus. O texto 2, por ser uma letra de música escrita por um roqueiro no auge da afirmação de sua opção sexual, pode fazer com que associemos o tema do amor a uma crítica social. Entretanto, o uso de passagens bíblicas em um novo contexto social trazido por Renato Russo deve ter sido elaborado segundo determinadas intenções por parte do autor. As relações entre os textos, independentemente da época e do contexto, são, pois, sempre uma retomada de outras produções. Segundo Schneider:

O texto literário é um palimpsesto. O autor antigo escreveu uma 'primeira' vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros inexistem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apóie sobre o já escrito. (SCHNEIDER, 1990, p.71)

A mistura de um texto bíblico - que traz em sua essência o amor como algo sublime e sagrado - com um soneto construído na base de paradoxos

---

<sup>10</sup> [...] *the reader will form the correct judgment for himself*. T.S.Eliot, *The Sacred Wood* (University Paperbacks), London, 1960 [1928] p. 14. A observação de Eliot foi retirada de ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1, p.48.

amplia a visão que se tem de amor, possibilitando diferentes pontos de vista sobre o que é amar. Nesse sentido, a intertextualidade utilizada por Renato Russo para elaborar a letra da música possibilita apresentar em um único texto duas formas diferentes de se ver o amor. Verificamos, novamente, uma questão paradoxal. Ao mesmo tempo em que a canção apresenta um amor complexo, cheio de paradoxos e indefinições, ela demonstra também a grandeza e a importância do amor sagrado representado pelo texto bíblico, ou seja, ainda que não haja uma definição do amor, ele deve ter o mesmo valor, independentemente dos contextos e situações de uso.

A escolha lexical presente nos textos 3 e 4 possibilita uma interpretação do amor para um lado mais negativo. No texto 3, por exemplo, o amor é dor, ele dói, ele rói, ele cai e ele mói. O texto 4, por outro lado, além de utilizar palavras negativas como “ferida” e “dor” na composição estrutural, também utiliza o paradoxo como recurso linguístico para demonstrar a complexidade e impossibilidade de se definir o amor.

As diferentes estruturas de cada texto causam efeitos diferentes. Cada um deles utiliza diferentes recursos para expor a importância do amor. Por exemplo, enquanto os textos 1 e 2 utilizam o recurso da repetição para enfatizar sua importância - a palavra amor aparece nove vezes no texto 1 e dez vezes no texto 2 - os textos 3 e 4 demonstram sua importância não pela repetição de palavras “amor”, mas pela diferente forma organizacional de seus elementos estéticos, o que inclui a seleção lexical para a construção de rimas.

Ainda que todos os textos abordem a mesma temática, poderíamos elaborar diferentes critérios para estabelecer relações entre eles. Por exemplo, poderíamos estabelecer uma relação entre os textos 1, 2 e 4 pela questão da intertextualidade, poderíamos comentar a relação entre os textos 2 e 4, considerando a transposição efetiva do poema na canção, como também poderíamos relacionar os textos segundo a elaboração estética, relacionando os textos 3 e 4 pelo fato de serem poemas e apresentarem rimas, etc.

Faremos uma breve análise de cada texto para que se tenha um parâmetro comparativo no momento da descrição das interpretações dos leitores.

### 2.2.1. O texto Bíblico “Coríntios 13”

#### 1 Coríntios 13 <sup>11</sup>

1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

4 O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.

5 Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;

6 Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;

7 Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

8 O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;

9 Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;

10 Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.

11 Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

12 Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

13 Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.

O texto 1 faz parte de um conjunto de textos bíblicos presentes no Novo Testamento, em Coríntios 13, dividido em 13 versículos. O tema amor é apresentado como central no texto. O sujeito do discurso representado pela

---

<sup>11</sup> Este texto foi retirado de <http://www.bibliaonline.com.br/ra/46/13>.



primeira pessoa do singular começa o texto demonstrando a insignificância de se possuir tudo, se não houver o amor. Os versículos 1, 2 e 3 são construídos por orações concessivas. Observem-se os trechos a seguir:

*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.*

O tempo utilizado (pretérito imperfeito do subjuntivo) é responsável por causar o efeito de sentido de impossibilidade e suposição. Está claro que o sujeito não tem nada daquilo que se apresenta por orações concessivas e dificilmente terá (ele não fala a língua dos anjos, não tem o dom da profecia, não conhece todos os mistérios, não tem toda a fé, não vai entregar seu corpo para ser queimado, etc.). O fato de não possuir nada é apresentado para relacionar a possibilidade (ainda que muito improvável) de conquistar tudo aquilo que parece impossível e ser esta realização algo irrelevante na ausência do amor. Somente o amor pode suprir todas as necessidades. Ele é supremo, sagrado e vital. O amor é tudo e tudo sem o amor é nada.

A partir do versículo 4, até o versículo 8, o sujeito começa a definir o que seria este amor para ele. Essas definições são apresentadas por meio de afirmativas e muitas negativas, como se fossem regras para serem ou não seguidas. Vejamos os seguintes trechos:

*O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;*

O paradoxo é utilizado como recurso linguístico para causar o efeito estético da linguagem literária, dando maior expressividade à mensagem quando se afirma que o amor é sofredor, mas, ao mesmo tempo, é benigno, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade, enfatizando a importância de definir o que é e o que não é o amor, segundo o ponto de vista do sujeito.

De acordo com as ideias presentes no texto, o amor é a perfeição. Sendo um texto bíblico, este tipo de amor pode ser uma comparação com Deus, pois, segundo a Bíblia, somente Deus é a perfeição. A superioridade atribuída ao amor é verificada em outra passagem quando ele é comparado ao fato de ‘transportar montes’, que pode ser visto como um milagre dentro da Bíblia. Podemos verificar a supremacia do amor pelo seguinte trecho: “[...] ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria”. Somente a pessoa que possui toda a fé do mundo é capaz de transportar montes. Ainda assim, a conquista desse milagre seria insignificante se não houvesse a presença do amor.

Todas estas características atribuídas ao amor pressupõem um sentimento perfeito e sagrado. Sendo o homem um ser imperfeito, cheio de falhas, desejos e diversos sentimentos contrários ao amor, podemos pressupor que este conceito de amor apresentado pelo texto 1 faz referência a um sentimento não humano, não carnal. Somente um ser angelical e/ou sagrado como Deus teria condições de apresentar um sentimento deste tipo, que suporta tudo, que nunca falha. A obtenção deste sentimento no mundo terreno é apresentada de maneira utópica, o que nos remete a outra passagem bíblica que nos faz refletir sobre a felicidade não ser deste mundo (Ec: 6, 9).

### 2.2.2. A canção “Monte Castelo”

#### **Monte Castelo**

Renato Russo  
Composição: Renato Russo

Ainda que eu falasse a língua dos homens.  
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada  
seria.

É só o amor, é só o amor.  
Que conhece o que é verdade.  
O amor é bom, não quer o mal.  
Não sente inveja ou se envaidece.  
O amor é o fogo que arde sem se ver.  
É ferida que dói e não se sente.  
É um contentamento descontente.  
É dor que desatina sem doer.  
Ainda que eu falasse a língua dos homens.  
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada  
seria.

É um não querer mais que bem querer.  
 É solitário andar por entre a gente.  
 É um não contentar-se de contente.  
 É cuidar que se ganha em se perder.  
 É um estar-se preso por vontade.  
 É servir a quem vence, o vencedor;  
 É um ter com quem nos mata a lealdade.  
 Tão contrário a si é o mesmo amor.  
 Estou acordado e todos dormem todos dormem  
 todos dormem.  
 Agora vejo em parte. Mas então veremos face a  
 face.

É só o amor, é só o amor.  
 Que conhece o que é verdade.  
 Ainda que eu falasse a língua dos homens.  
 E falasse a língua do anjos, sem amor eu nada  
 seria.

“Monte Castelo” é uma canção da banda brasileira de rock Legião Urbana, lançada no álbum *As Quatro Estações*, de 1989. Composta por Renato Russo, a canção traz citações do soneto 11 do poeta português Luís Vaz de Camões, além do capítulo 13 de Coríntios contido no livro *Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios* da Bíblia.

O tema do amor é tratado como uma ideia de verdade. É por meio dele que acontece o despertar para a realidade da vida. Esta realidade (verdade) trazida pelo amor não quer o mal, não sente inveja nem se envaidece. Podemos verificar esta realidade na canção pelo sujeito do discurso quando afirma que está acordado enquanto todos dormem, o que pode ser visto em um dos poucos versos da canção constituídos apenas de palavras do autor (sem fazer referências ao texto de Camões ou ao texto bíblico): “Estou acordado e todos dormem, todos dormem, todos dormem”.

Quando lemos a oração “ainda que eu falasse a língua dos homens...”, o “eu” presente neste verso não é o mesmo “eu” presente no verso “Estou acordado...” Encontramos no texto vozes diferentes utilizadas pela mesma unidade linguística representada pelo pronome “eu”. O primeiro “eu” nos remete à voz do apóstolo Paulo aos coríntios (povo que vivia em uma cidade da Grécia chamada Corinto). Renato Russo utiliza esta voz aceita como uma verdade consagrada pela Bíblia para afirmar a sua verdade, os seus pensamentos e sentimentos por meio da canção. Contudo, atua como sujeito

do discurso somente mais tarde, quando utiliza sua própria voz para afirmar que “todos dormem”, mas ele está acordado. É importante lembrar que não estamos trabalhando com unidades da língua, mas com unidades do discurso e, segundo essa perspectiva, as frases sempre dependem de um contexto e das relações entre os sujeitos do discurso para que se estabeleça o sentido.

O mesmo ocorre com a construção linguística “Ainda que eu falasse a língua dos homens”, utilizada no primeiro verso da canção e no primeiro versículo do texto bíblico. Tanto um pronome quanto uma oração podem criar polifonias no texto, desde que o consideremos um objeto não só de informação, mas também de comunicação.

O sujeito do discurso presente nos textos pressupõe o outro, sendo assim, espera uma resposta do outro, tomando a posição de enunciador em determinados momentos. Nesse sentido, a resposta esperada no texto de Paulo de Tarso não será a mesma do texto de Renato Russo, já que, apesar de os dois sujeitos utilizarem a mesma construção linguística, esta foi transmitida em épocas e contextos diferentes para públicos diferentes.

Enquanto Paulo de Tarso, um dos discípulos mais importantes de Jesus, utilizava suas palavras para propagar o cristianismo, Renato Russo utilizava seu dom artístico para elaborar sentidos em forma musical e transmitir ideias que pudessem despertar, ainda que indiretamente, o sentido crítico e reflexivo em toda uma geração que ansiava por mudanças sociais na década de oitenta e noventa.

Emissores diferentes, contextos diferentes, respostas diferentes. A partir do momento em que se muda o contexto de recepção de uma mesma construção linguística, muda-se todo o resultado criado no contexto de recepção, o que inclui a posição dos receptores. Esta situação atua diretamente na posição da coletividade. Segundo Bakhtin, “através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (2006, p.115).

Em suma, a linguagem é um objeto social e a comunicação só é possível por meio de enunciados completos, ou seja, por enunciados passíveis de respostas, em um determinado contexto discursivo. Os sujeitos discursivos atuantes em determinado texto se interrelacionam por meio de enunciados. Este jogo de ação e reação entre os sujeitos do discurso depende do

acabamento do enunciado, que só é possível se consideramos o texto como um todo de sentido.

Por um lado, a canção utiliza o texto bíblico para afirmar a importância do amor, por outro, utiliza o soneto para mostrar as contrariedades deste sentimento. Enquanto o primeiro texto apresenta o amor por meio de definições, o segundo texto demonstra exatamente o contrário: a impossibilidade de se definir o amor. Renato Russo une esses dois textos para criar um novo efeito na concepção do amor.

É interessante apontar que os únicos versos do soneto não utilizados por Renato Russo na canção foram o décimo segundo, “Mas como causar pode seu favor”, e o décimo terceiro, “Nos corações humanos amizade”, o que poderia trazer o tema da amizade. Podemos deduzir, desta forma, que o amor tratado na canção não está relacionado ao tema de amizade, mas ao tema amoroso, aos sofrimentos trazidos por um tipo de amor não aceito pela sociedade.

O uso de um texto bíblico em uma canção escrita por um roqueiro homossexual pode ser visto como uma crítica social e religiosa, já que tanto a sociedade em geral quanto a religião criticam a questão do amor entre pessoas do mesmo sexo. Estamos relacionando a questão da homossexualidade de Renato Russo pelo fato de o Álbum *As quatro estações* ter sido lançado em 1989, ano em que o cantor assumiu publicamente sua homossexualidade. Outro elemento que nos faz relacionar a crítica social e religiosa com as letras das músicas de Renato Russo está no fato de que a maioria das músicas do álbum citado apresenta a temática do amor, do sofrimento e o uso de outras passagens bíblicas nas canções. Sendo assim, a polifonia utilizada por Renato Russo com vozes de discursos bíblicos não é fato isolado na canção “Monte Castelo”. Por este motivo, as letras de suas canções podem possibilitar associações com a questão da crítica social e religiosa, além do tema da homossexualidade. Contudo, estas questões só podem ser abordadas se dispusermos de informações do contexto de produção do texto e do autor no processo de constituição do sentido. O texto por si só, fora de seu contexto de produção e de suas relações com seu autor, pode direcionar a constituição de seu sentido para outros tipos de amores que não abordem o tema da homossexualidade. Independentemente dos tipos de amores possíveis de se

constituir por meio desse texto, sua supremacia deve existir em qualquer situação.

Ao considerarmos o tema da homossexualidade na constituição do sentido deste texto, podemos relacionar alguns recursos linguísticos utilizados pelo autor para criticar o preconceito social e demonstrar uma nova concepção de amor. Por exemplo, o paradoxo presente na canção pode levar o leitor a refletir sobre o sentido do amor ao apresentar suas contrariedades e a impossibilidade de atribuir-lhe um sentido único, fechado e verdadeiro. Podemos verificar esse efeito pelo verso: “tão contrário a si é o mesmo amor”. Ainda que o amor não seja o que parece ser aos olhos dos outros, ele não deixa de ser amor, ou seja, o amor de um homossexual não é menos importante que outro tipo de amor, porém, a sociedade é preconceituosa e condena esse tipo de sentimento, considerando o amor entre pessoas do mesmo sexo algo imoral.

As pessoas só poderão ver a verdade do amor quando acordarem para uma vida sem preconceitos. Podemos relacionar esta ideia com o verso escrito por Renato Russo em primeira pessoa: “Estou acordado e todos dormem todos dormem.” Este é o único verso que não tem relação intertextual com o texto bíblico ou com o soneto de Camões, o que nos possibilita realizar uma desvinculada com as vozes dos sujeitos presentes nos outros textos. Partindo desta visão, podemos considerar o sujeito representado pela primeira pessoa do singular com o próprio Renato Russo, como se ele próprio estivesse afirmando estar acordado para esta verdade enquanto todos dormem. O fato do cantor vivenciar uma experiência homossexual e o conhecimento desta situação pelo leitor podem possibilitar a realização de uma leitura que considere o próprio autor como o sujeito do discurso, pois ele teria condições de enxergar uma verdade que a maioria das pessoas não consegue aceitar porque não compreende. Nesse sentido, podemos identificar aqui o tema da hipocrisia: ainda que a verdade esteja presente, todos continuam dormindo para não vê-la.

Outro verso que confirma a ideia de que somente Renato Russo enxerga esta verdade está no verso “Agora vejo em parte”. A utilização do dêitico espacial “agora” remete ao presente vivenciado na década de oitenta. O verbo utilizado na primeira pessoa do singular indica que apenas Renato Russo vê

parte do que acontece, mas, num futuro distante, todos serão expostos a esta verdade. É o que se apresenta na sequência, após o ponto final: “Mas então veremos face a face”. A palavra “então” pode ser considerada como um dêitico espacial que se refere a um tempo futuro, um futuro incerto e distante.

O recurso da intertextualidade possibilita ao autor utilizar parte do texto bíblico para falar da grandeza do amor, um sentimento puro que não deve estar relacionado com o preconceito, e retomar o texto de Camões para expor a contrariedade deste sentimento, mostrando que ele não é igual para todos e que pode ser sentido de maneiras jamais pensadas, perguntando, por exemplo, se é possível não sentir uma dor. Seguindo esta linha de raciocínio, podemos também imaginar um amor entre pessoas do mesmo sexo. Este novo modo de perceber o amor deixa de ser um elemento externo e passa a atuar na estrutura interna do texto, o que pode ser visto pela seleção lexical e organização estrutural do texto como apresentado pelos exemplos anteriores.

## O poema concreto “Ferida”

**fer**  
**ida**  
**sem**  
**ferida**  
**tudo**  
**começa**  
**de novo**  
**a cor**  
**cora**  
**a flor**  
**o ir**  
**vai**  
**o rir**  
**rói**  
**o amor**  
**mói**  
**o céu**  
**cai**  
**a dor**  
**dói**

Podemos verificar o lado negativo do amor no poema de Augusto de Campos: o amor é dor que dói, é ferida que sempre começa de novo, ele dói, rói, cai, mói. O amor é como o sofrimento que nunca tem fim. Amar é sofrer, é ferir. O término de uma ferida é o começo de outra ferida. As definições do texto são feitas por ações negativas: o ir vai, o rir rói, o amor mói, o céu cai, a dor dói.

A preocupação visual e sonora presente no texto confirma o seu sentido negativo. Se verificarmos o formato do poema, podemos ver o desenho de uma espada, objeto que serve para ferir, cortar, matar. Por outro lado, podemos ver o desenho de um botão de rosa. Nesse sentido, também verificamos o uso do paradoxo para criar um efeito estético.



A não definição do desenho pode suscitar tanto um objeto negativo representado pela espada quanto um objeto positivo representado pela flor. A espada representa a dor e a flor representa o amor. Amar é bom e ruim, é ferida que dói, mas também é flor que cora.

Os elementos sonoros também são explorados no poema concreto. As rimas presentes nos verbos “vai” e “cai” terminam com um som que nos lembra o ato da dor “ai”. As rimas presentes nos verbos “rói” “dói”, “mói” nos lembram um grito representado pelo som da vogal “ó”. Por outro lado, os mesmos sons “ai” e “ó” também podem ser escutados em diversos contextos de euforia e alegria, como, por exemplo, em marchinhas de carnaval, gritos de torcidas organizadas, gritos eufóricos de fãs, etc.

O positivo ou o negativo, o amor ou a dor, o bom ou o ruim dependem do contexto de recepção e das relações que o leitor estabelece entre sua visão e a representação textual.

#### 2.2.4. O soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”

##### **Amor é fogo que arde sem se ver**

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
É um andar solitário entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade  
É servir a quem vence o vencedor,  
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade;  
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

O soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Luís Vaz de Camões, trata das contradições do amor. Ainda que o tema seja o mesmo presente nos outros textos, aqui ele não possui uma definição clara. Ao mesmo tempo em que é positivo, também é negativo. O negativo pode ser representado pelas

palavras fogo (inferno, corpo, carne), ferida, dor, solitário. Contudo, sempre há algo positivo para anular o negativo (ainda que o fogo arda, não se pode vê-lo, ainda que a ferida doa, não se pode senti-la). Quando há algo positivo, em seguida há algo negativo como, por exemplo, “contentamento descontente”, “ganha em se perder”. O amor é este sentimento inacabável de altos e baixos. Esta continuidade é representada pela palavra amor que é utilizada tanto para começar quanto para finalizar o soneto.

As contradições do amor são utilizadas para acentuar o dualismo platônico entre matéria e espírito, negativo e positivo, pecado e pureza.

Este soneto é uma tentativa de definir o amor. A impossibilidade desta definição é apresentada pelas contradições existentes entre os termos positivos e negativos. Este jogo estrutural realizado por paradoxos causa o efeito de complexidade do amor.

A definição do amor o tornaria algo objetivo. Sua falta de definição o coloca no lugar de subjetividade e complexidade: ele pode ser tudo ou nada, bom ou ruim, positivo ou negativo, material ou espiritual. Na realidade, o soneto trata da impossibilidade de definir o amor e das incertezas e contrariedades deste sentimento. Há uma tentativa de definição no começo do soneto, com “Amor é...”, porém, todas as definições são impossibilitadas ao finalizar-se o soneto por um sinal de interrogação que demonstra a dúvida e projeta incerteza em tudo aquilo que foi definido anteriormente.

A contrariedade do poema é vista tanto pela organização estrutural quanto pela temática do conteúdo. Ao mesmo tempo em que trata o amor como algo impossível de se definir, Camões representa esta impossibilidade temática por meio de elementos estéticos e linguísticos concretizados pela construção do soneto.

Camões poderia ter representado as indefinições do amor de várias formas. Contudo, ele escolheu o soneto, uma estrutura padronizada e cheia de regras. Ao utilizar um soneto para exprimir algo sem definições, Camões faz com que um elemento externo se torne interno por meio da linguagem poética. O paradoxo deixa de fazer parte apenas do conteúdo e da temática do amor e passa a atuar visivelmente na estrutura organizacional do texto. Ou seja, ainda que o tema do amor seja algo impossível de se definir, é um tema possível de ser trabalhado dentro das normas de um soneto: versos decassílabos, com

predomínio dos decassílabos heróicos (sexta e décima sílabas tônicas), rimas opostas nos quartetos (ABBA) e alternadas nos tercetos (CDC).

O que diferencia o poema “Ferida” do soneto de Camões é a maneira como os elementos estéticos são usados para causar o efeito desejado. Enquanto Camões utiliza estruturas linguísticas para causar um efeito paradoxal, Augusto de Campos utiliza o efeito visual para produzir a ambiguidade inerente à linguagem poética.

### 3. A RECEPÇÃO DOS TEXTOS

*Sem a introdução do leitor, uma teoria do texto literário já não é mais possível.*

*Wolfgang Iser*

### 3.1. Os receptores dos textos

O ponto fundamental considerado na escolha dos leitores foi a variedade de aspectos relacionados à idade, formação educacional, econômica e social. A busca por pessoas que não fossem apenas do meio acadêmico teve o objetivo de conhecer um pouco melhor o verdadeiro papel da literatura na sociedade em geral. As respostas obtidas apenas por parte de pessoas envolvidas no meio acadêmico poderiam ser muito óbvias, semelhantes ou de análise marcada pelo aspecto crítico desenvolvido pelos estudantes da área de humanas, além de ser muito provável encontrar leitores marcados por aspectos semelhantes em relação às formações socioculturais.

A verificação e confirmação dos aspectos mencionados tiveram como suporte a aplicação de um questionário socioeconômico e cultural para cada entrevistado. Este questionário (anexo IV) teve como base o questionário elaborado pelo INEP para o ENEM, que foi adaptado aos objetivos específicos da pesquisa: estabelecer parâmetros de análise utilizando elementos relativos à vida do leitor como, por exemplo, idade, profissão, escolaridade, nível social, cor, hábito de leitura. O intuito do questionário, além de determinar a faixa etária dos grupos e diferenciar o grau de escolaridade, era detectar a situação socioeconômica dos entrevistados, suas reais condições de estudo e sua relação com a leitura e, conseqüentemente, com a literatura. Desta forma, criamos as condições para relacionar a influência dos elementos externos com a interpretação realizada por cada leitor.

Foram escolhidos sessenta leitores (trinta homens e trinta mulheres) que deveriam ser organizados em cinco grupos, divididos por faixas etárias com base no ano de produção da música “Monte Castelo” (texto 2), 1989. Cada grupo foi constituído de seis homens e seis mulheres, com formações educacionais, sociais ou econômicas diferentes. A escolha de seis leitores considerou o fato de se trabalhar com números inteiros representados pela porcentagem de 50% que seria igual a três leitores. Esta facilidade não seria possível se o número de leitores fosse cinco ou qualquer outro número ímpar. Num primeiro momento, trabalhamos com a possibilidade de grupos maiores. Entretanto, se em lugar de seis integrantes por grupo puséssemos, por exemplo, oito, o número de entrevistados aumentaria para oitenta, o que seria

um número muito grande para o tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, definimos o número de seis integrantes para cada grupo.

A presença de leitores com diferentes formações e nível de escolaridade determinou o modo de coletar os dados. Considerando o código escrito de difícil uso por parte de alguns leitores, o que contribuiria para a insuficiência de dados para a análise, optamos pela gravação de entrevistas, que poderia ser realizada de modo mais informal, oferecendo maiores possibilidades interpretativas por parte dos leitores.

### **3.2. Elaborando critérios: a canção “Monte Castelo”**

Toda pesquisa precisa de critérios para dar sustentação ao seu desenvolvimento e, em função disso, procuramos um elemento comum entre os leitores e sua relação com os textos para colher os primeiros resultados e, então, definir novos padrões de análise, caso necessário. O agrupamento das diferentes idades teve como base a canção “Monte Castelo” (texto 2) para verificação da influência do contexto sociocultural no conhecimento de um texto e suas possíveis influências no processo interpretativo. O que determinou a escolha do texto 2 como critério de divisão dos grupos foi a época de sua produção, já que todos os entrevistados vivenciaram durante o período de 1989 e 1996 alguma fase de transição de suas vidas, isto é, infância, adolescência e fase adulta. É importante esclarecer que este critério não pressupôs que haveria preferência pela canção por parte dos leitores, pois reconhecemos que o fato de um leitor não estar presente na época de produção de um texto não o impede de obter conhecimentos e informações sobre o texto, o autor e o contexto de produção. Há vários casos de cantores já falecidos que continuam cada vez mais presentes na mídia por meio de seu trabalho: Elvis Presley, *The Beatles*, Raul Seixas, Elis Regina, Cássia Eller, Legião Urbana e, recentemente, Michael Jackson, só para citar alguns casos. Esta situação se torna cada vez mais frequente com o desenvolvimento tecnológico, determinante na atuação dos fãs que, por meio da tecnologia, continuam divulgando o trabalho de seus ídolos para que eles, de certa forma, continuem vivos na memória de diferentes gerações.

Nesse sentido, a escolha do texto 2 serviu simplesmente como um critério para organizar a composição e definir melhor o perfil dos leitores, além de direcionar a busca por leitores segundo suas idades. Para dar sustentação ao critério elaborado, a divisão dos grupos foi realizada de acordo com as fases estabelecidas pelo estatuto da criança e do adolescente (ECA): fase de infância do 0 aos 11 anos, adolescência dos 12 aos 18 anos e fase adulta a partir dos 19 anos.<sup>12</sup>

O critério usado para a definição de faixa etária visou, simplesmente, possibilitar uma sistematização do trabalho para que pudéssemos verificar a percepção das relações entre texto e contexto. Não tivemos nenhuma pretensão de trabalhar com as diferentes etapas do desenvolvimento cognitivo e com o construcionismo sequencial de Piaget, que separa diferentes períodos de desenvolvimento da inteligência da criança por idades específicas. Segundo Paulo Freire, antes da leitura da palavra, há uma leitura de mundo, isto é, a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na descodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Segundo o autor:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9)

Dos textos escolhidos, o texto 2 apresentava a maior quantidade de elementos que poderiam criar de forma consciente as relações entre o texto e o contexto. Por ser um texto produzido no ano de 1989, a influência do contexto social poderia ser verificada claramente pelo conhecimento ou não do texto na sua forma original, música da banda Legião Urbana muito tocada durante os anos de 1989 a 1996, época da morte de Renato Russo. Mesmo aqueles que não eram fãs da banda poderiam ter tido contato com a música pela grande exposição da mídia (programas de TV, rádio, jornais), o que não

---

<sup>12</sup> A diferença de idade de um grupo para outro não possui o mesmo intervalo de tempo. Por exemplo, o grupo 1 abrange leitores dos 15 aos 25 anos, o grupo 4 dos 40 aos 50 (dez anos de diferença), o grupo 2 abrange leitores dos 26 aos 32 anos e o grupo 3 dos 33 aos 39 anos (seis anos de diferença) e o grupo 5 considera os leitores acima dos 50 anos. A elaboração deste critério considerou o intervalo de tempo segundo a fase de vida dos leitores na época de lançamento e grande exposição da música "Monte Castelo" durante os anos de 1989 e 1996.

significa que todos devessem conhecer a música pelo simples fato de terem estado presentes na época de produção do texto. Outros elementos, como preferência musical, podem determinar o conhecimento ou não da música. Entretanto, sua grande execução nas décadas de 80 e 90 pela rádio e pela TV possibilitou que o público, no geral, tivesse acesso à linguagem poética por meio do poema de Camões, mesmo sem o conhecimento teórico. Nesse sentido, podemos entender a transmissão da música como um meio de transmissão do texto literário que, ao contrário desta situação, ocorre dentro de um contexto escolar por meio de textos escritos. O meio de transmissão de um texto pode influenciar a relação entre texto e leitor. O mesmo poema (soneto de Camões) presente na letra da música “Monte Castelo” é recebido de diferentes formas se apresentado em uma aula de literatura ou por meio de uma música cantada por uma banda famosa em um determinado show. A relação do texto com o leitor envolve muitos aspectos além da estrutura composicional interna do texto, e um deles é o meio de transmissão.

O que queremos dizer é que a televisão é um serviço de telecomunicações que atua de acordo com as exigências de um público específico, possibilitando diferentes formas de se trabalhar com a linguagem de acordo com os objetivos pretendidos. Nesse sentido, as diferentes formas de comunicação são “submetidas a diversas exigências técnicas, algumas dotadas de maior autonomia gramatical, sintática e – no limite – expressiva, outras mais presas por imediatas exigências de comunicação para usos de consumo” (ECO, 1970, p.333).

Não se pode negar o grande poder da televisão na vida das pessoas. Ela coordena diversas formas de expressão que são construídas de acordo com o público que receberá a informação e, para tanto, adquire novas características sempre que necessário para manter seu diálogo com o público.

A influência da televisão é tão grande que atua inclusive no hábito de leitura. É muito comum verificar o aumento de vendas de determinados romances por causa de sua encenação no cinema. Esta relação entre TV e gosto do público é comentada por Umberto Eco que aponta a influência dos espetáculos televisivos nos hábitos de leitura (1970, p.349). Ainda, segundo o autor,



[...] embora a TV tenha constituído um puro fenômeno sociológico até agora incapaz de dar vida a verdadeiras criações artísticas, todavia, justamente como fenômeno sociológico, surge como capaz de instituir gostos e propensões, isto é, de criar necessidades e tendências, esquemas de reação e modalidades de apreciação tais que, a curto prazo, se tornam determinantes para os fins da evolução cultural, também em terreno estético. (ECO, 1970, p. 330)

Por todas as questões apresentadas, principalmente pela relação estabelecida entre a canção e os meios de comunicação como a televisão e o rádio, optamos pelo texto 2 como elemento central na constituição dos grupos divididos por faixas etárias com base na época de produção da canção “Monte Castelo” em 1989 e sua grande exposição até o ano de 1996. Este critério considerou a possível influência da televisão e do rádio no conhecimento geral da canção por determinados leitores. Desta forma, os cinco grupos apresentados foram divididos de acordo com os períodos de infância (dos 0 aos 11 anos), adolescência (dos 12 aos 18) e fase adulta (acima dos 19) dos entrevistados em relação ao ano de produção e grande exposição da música (1989 – 1996). Para melhor entendimento verificar anexo II.

Vejam-se as divisões:

**GRUPO 1 (dos 15 aos 25 anos):** Em 1989, época de execução da canção “Monte Castelo”, presente no álbum “4 estações”, o grupo de entrevistados que atualmente tem entre 15 e 20 anos não era nascido. Quando Renato Russo morreu, em 1996, eles tinham entre 1 e 6 anos. O grupo que está entre os 21 e 25 anos, na época do CD, tinha entre 0 e 4 anos. Em 1996, eles tinham entre 7 e 11 anos. Todos deste grupo eram ainda crianças no ano de 1996. Caso haja ocorrido influência do contexto de produção do texto pela banda Legião Urbana (de 1989 a 1996), esta influência ocorreu na época de infância. Após o ano de 1996 (morte de Renato Russo), pode ter havido ou não conhecimento do texto por meio de outras pessoas.

**GRUPO 2 (dos 26 aos 32 anos):** Em 1989, época de execução da canção “Monte Castelo”, presente no álbum “4 estações”, o grupo de entrevistados que atualmente tem entre 26 e 32 anos, tinha entre 5 e 11 anos (todos crianças). Quando Renato Russo morreu, em 1996,

eles tinham entre 12 e 18 anos (todos adolescentes). Caso haja ocorrido influência do contexto de produção do texto pela banda Legião Urbana, esta influência ocorreu na época de transição de infância para adolescência e/ou foi transmitida por outros adultos também.

**GRUPO 3 (dos 33 aos 39 anos):** Em 1989, época de execução da canção “Monte Castelo”, presente no álbum “4 estações”, o grupo de entrevistados que atualmente tem entre 33 e 39 anos, tinha entre 12 e 18 anos (todos adolescentes). Quando Renato Russo morreu, em 1996, eles tinham entre 19 (entrando na fase adulta) e 25 (fase adulta). Caso haja ocorrido influência do contexto de produção da canção pela banda Legião Urbana, esta influência ocorreu na adolescência ou na fase adulta.

**GRUPO 4 (dos 40 aos 50 anos):** Em 1989, época de execução da canção “Monte Castelo”, presente no álbum “4 estações”, o grupo de entrevistados que atualmente tem entre 40 e 50 anos, tinha entre 19 e 29 anos (fase adulta). Quando Renato Russo morreu, em 1996, eles tinham entre 26 e 36 anos (todos adultos, com mais de 25 anos e com menos de 40 anos). Caso haja ocorrido influência do contexto de produção do texto pela banda Legião Urbana, esta influência ocorreu numa época em que todos já eram adultos com idade superior aos 20 e inferior aos 40 anos.

**GRUPO 5 (acima dos 50 anos):** Em 1989, época de execução da canção “Monte Castelo”, presente no álbum “4 estações”, o grupo de entrevistados que atualmente tem mais de 50 anos tinha mais de 30 anos (saído da idade adulta inicial até os 29 anos). Quando Renato Russo morreu, em 1996, eles tinham idade superior aos 37 anos.

### 3.3. Apresentação dos textos aos leitores

*A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra.*

*Bordini e Aguiar*

Ao realizar a pesquisa com leitores de diversos setores da sociedade, levamos em consideração a dificuldade de alguns leitores para expressarem suas ideias por meio da escrita. Desta forma, optamos por realizar a entrevista sobre os textos de forma oral, utilizando um aparelho eletrônico para gravar as opiniões de cada leitor sobre os textos. Este diálogo com os leitores foi realizado da maneira mais informal possível para que as respostas viessem de maneira natural, evitando-se o sentimento de ter que falar algo correto, como se o texto tivesse um único significado válido. Explicou-se ao leitor, portanto, o propósito da entrevista, que era simplesmente conhecer sua opinião sobre os textos, deixando claro que não havia o intuito de alcançar uma interpretação correta. O tempo de leitura foi estabelecido de acordo com a necessidade de cada um. Alguns leitores, ao reconhecerem os textos de primeiro momento, faziam uma leitura mais rápida, outros, ao demonstrarem desconhecimento total dos textos, se sentiam um pouco constrangidos e levavam um pouco mais de tempo para finalizar a leitura. Outros, mais detalhistas, ao reconhecerem alguns dos textos, liam e reliam por várias vezes o mesmo texto para tentar lembrar quem era o autor e qual o local específico da origem de cada texto.

Dependendo da forma como o texto era recebido, a elaboração dos significados se modificava totalmente. A compreensão do sentido geral do texto depende não só do momento histórico de produção do texto, mas também das formações socioculturais do leitor, o que inclui seu conhecimento e visão de mundo. Para Jouve, “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário” (2002, p.61). Por um lado, no momento de produção do texto, o autor cria supostas pistas para ajudar o leitor na compreensão do texto. Há, por outro lado, um leitor que pode

não ter conhecimentos suficientes para o reconhecimento das pistas, o que o leva para uma não compreensão do texto segundo a visão do autor. Nesse sentido, o texto, ao invés de apresentar pistas para o leitor, apresenta espaços em branco que deverão ser preenchidos pela imaginação do leitor.

A disposição dos textos (ver anexo I) ofereceu a possibilidade de favorecer a visão dos leitores no momento da leitura, facilitando a busca de informações e relações entre os textos. Para verificar a relação do leitor com o texto, seja pelo contato oferecido pelas pistas do texto, seja pelos espaços em branco preenchidos por sua imaginação, delimitamos, no momento da gravação das entrevistas, blocos de questões para facilitar a apreensão dos dados:

**Questões referentes ao tema dos textos:**

1. Se o amor era tratado da mesma forma;
2. Se tratado de forma diferente, como o amor era representado por cada texto.

**Questões referentes ao conhecimento dos textos:**

1. Se já conheciam ou não os textos;
2. De onde conheciam e que uso fizeram do texto;
3. Conhecimento ou não dos autores.

**Questões referentes à preferência textual:**

1. De que texto mais gostou e por quê;
2. De que texto menos gostou e por quê.

**Questões referentes aos elementos internos do texto:**

1. Se, além do tema, verificavam alguma relação entre os textos;
2. Quando reconhecidos os textos 3 e/ou 4 como poesias: o que fez o leitor identificar o texto como uma poesia, já que não havia título.

**Questões referentes ao texto 1, ao ser reconhecido como texto bíblico:**

1. Se conheciam a passagem bíblica;
2. De que parte mais gostaram.

**Questões referentes ao texto 1, ao não ser reconhecido como texto bíblico, mas ser reconhecido como texto sobre o amor divino:**

1. Que parte do texto faz relacioná-lo com amor divino;
2. Se o texto 2, ao começar pelas mesmas palavras, também fazia referência a um amor divino.

### Questões referentes ao texto 2, ao ser reconhecido como música:

1. Se eles sabiam quem era o cantor;
2. Se gostavam do cantor ou da música;
3. Se conheciam algo sobre a vida do cantor.

### Questões referentes ao texto 3

1. Se já conheciam algum texto semelhante;
2. Quando não gostavam, o porquê ;
3. Se conseguiam ver algo além do conteúdo, alguma forma ou desenho.

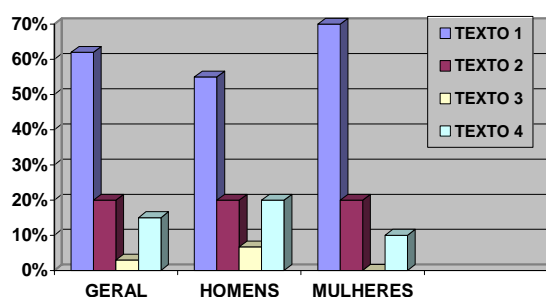
### Questões referentes ao texto 4

1. Quando reconhecido como poesia, o porquê desta percepção;
2. Quando não conheciam, se lembravam de ter visto algo parecido na escola;
3. Se ele era diferente dos outros em algum aspecto.

Após a apresentação dos textos e a gravação das entrevistas, procuramos organizar os dados obtidos de modo quantitativo. A solução encontrada foi apresentar os dados em um gráfico. Para tanto, selecionamos as informações relacionadas à preferência textual de todos os leitores, além de separá-los por sexo, caso fossem relevantes as distinções obtidas.

Vejamos o gráfico:

TEXTOS PREFERIDOS



De acordo com o gráfico, notamos que o texto 1 (texto bíblico) foi selecionado pelos leitores como o texto preferido e o texto 3 (poema concreto) como o texto preterido. Estes resultados aconteceram tanto no quadro geral, que aborda todos os sessenta leitores, quanto na parte separada por sexo.

Este fato nos ofereceu, de imediato, o primeiro resultado: as escolhas realizadas não estavam relacionadas com o sexo, o que nos permitiu seguir a pesquisa sem preocupações deste tipo. Sendo assim, voltamos nossa atenção para a preferência textual. De acordo com o gráfico, podemos observar que o texto 1 (texto bíblico), em azul, representa uma grande diferença em relação aos outros textos. O mesmo acontece com o texto 3 (poema concreto), em amarelo no gráfico. Partindo desses resultados visuais, voltamos nossa atenção para os textos 1 e 3. Desta forma, reorganizamos a seleção do *corpus* e dos leitores. Redefinimos um novo grupo de leitores que seria organizado de acordo com outros critérios. O primeiro passo foi selecionar todos os leitores que indicaram o texto 1 como preferido e o texto 3 como preterido. A partir deste critério, conseguimos reduzir o número de leitores que seriam expostos a uma segunda apresentação dos textos.

#### **3.4. A segunda apresentação dos textos**

Ao finalizar as entrevistas e observar a seleção do texto 1 como o preferido e do texto 3 como o preterido, decidimos aproveitar estes elementos concretos para realizar uma nova separação de grupos que determinasse que tipo de leitores selecionaram o texto 1 como preferido e o texto 3 como preterido. Desse modo, reduziríamos o número de leitores e poderíamos realizar uma análise mais detalhada do efeito desses dois textos na conduta dos leitores selecionados. Utilizando este critério de separação, chegamos ao número de 12 homens e 15 mulheres, grupo em que estavam presentes todos os tipos de idade: o mais jovem possuía 22 anos e o mais velho 66 anos, o que descarta a hipótese de determinado grupo ter feito tal escolha por causa da faixa etária ou por causa do sexo.

Eliminando a questão do sexo e da idade, buscamos outro elemento que pudesse ter atuado de forma relevante na escolha dos textos 1 e 3. Partimos para o critério de escolaridade: 13 dos integrantes possuíam Ensino Superior e 14 possuíam Ensino Médio. Sem predominância de um elemento sobre o outro, tivemos que buscar outro critério. Decidimos agrupar os integrantes em duplas de homens e mulheres que possuíam a mesma escolaridade. Segue o exemplo:

<b>GRUPO 1 (faixa etária dos 20)</b>			
HOMENS (20-29)	ESCOLARIDADE	MULHERES (20 -29)	ESCOLARIDADE
B.G.	Ensino Superior	T.P.	Ensino Médio
B.E.	Ensino Superior	M.M.	Ensino Superior
A.F.	Ensino Médio	V.B.	Ensino Médio
M.C.	Ensino Superior	M.A.S.M	Ensino Médio
<b>GRUPO 2 (faixa etária dos 30)</b>			
HOMENS (30-39 )	ESCOLARIDADE	MULHERES (30 -39)	ESCOLARIDADE
H.J.	Ensino Superior	S.A.	Ensino Superior
R.P.	Ensino Médio	S.F.	Ensino Superior
M.A.	Ensino Médio	M.A.S.	Ensino Médio
		E.G.	Ensino Médio
<b>GRUPO 3 (faixa etária dos 40)</b>			
HOMENS (40-49 )	ESCOLARIDADE	MULHERES (40 -49)	ESCOLARIDADE
J.A.	Ensino Médio	M.A.	Ensino Médio
S.A.	Ensino Superior	R.O.	Ensino Médio
		A.L.S	Ensino Médio
<b>GRUPO 4 (faixa etária dos 50)</b>			
HOMENS (50-59 )	ESCOLARIDADE	MULHERES (50 -59)	ESCOLARIDADE
A.A.	Ensino Superior	M.A.O	Ensino Superior
		C.M.	Ensino Médio
		I.B.	Ensino Médio
<b>GRUPO 5 (faixa etária dos 60)</b>			
HOMENS (60-69 )	ESCOLARIDADE	MULHERES (60 -69)	ESCOLARIDADE
M.P.	Ensino Superior	J.E.	Ensino Superior
J.E	Ensino Superior		

O fato de o grupo 4 (faixa etária dos 50) apresentar apenas um homem (AA) com Ensino Superior facilitou a formação da primeira dupla. Considerando que, das três mulheres que faziam parte do mesmo grupo, apenas uma possuía Ensino Superior (M.A.O.), formamos a primeira dupla a ser analisada em um novo estudo de casos: A.A. e M.A.O. A partir de então, selecionamos os elementos em comum da primeira dupla:

- Texto preferido: texto 1;
- Texto preterido: texto 3;
- Idade: Acima dos 50 anos;
- Escolaridade: Ensino Superior.

A partir do critério de escolaridade, tentamos montar as novas duplas. Foi um trabalho um pouco mais detalhado já que sempre havia mais de uma possibilidade para montar as duplas. Por exemplo, no grupo 1 (faixa etária dos 20), embora houvesse apenas uma mulher com Ensino Superior, havia três homens que possuíam o mesmo nível. Desta forma, para agrupar a dupla, tivemos que buscar outro critério de seleção por semelhanças. Fizemos uso do questionário sociocultural para verificar a relação estabelecida de cada um com a leitura. Agrupamos as pessoas que apresentaram mais pontos em comum em relação ao hábito e gosto de leitura. Embora a leitora M.M. do grupo 1 pudesse ser agrupada com o leitor B.G., B.E. ou M.C., no que se refere aos itens apresentados pela primeira dupla (preferência textual, idade), não foi possível escolher apenas uma pessoa para agrupar com o leitor M.C., considerando a escolaridade. Tornou-se necessário levar em conta os gostos de leitura. Desta forma, dos três homens com Ensino Superior, aquele que mais teve itens em comum com a leitora M.M. foi o leitor B.E. Seguindo o mesmo critério formamos as seguintes duplas:

HOMENS	MULHERES	ESCOLARIDADE
B.E.	M.M.	Ensino Superior
A.F.	M.A.S.M.	Ensino Médio
H.J.	S.F.	Ensino Superior
R.P.	E.G.	Ensino Médio
J.A.	A. L.S.	Ensino Médio
A.A.	M.A.O.	Ensino Superior
M.P.	J.E.	Ensino Superior



Formadas as duplas, decidimos optar apenas pelas duplas que possuíam Ensino Superior para que se pudesse trabalhar com menos casos e mais detalhes.

Reduzimos, então, o nosso campo de análise para oito leitores (quatro homens e quatro mulheres), todos eles com cinco pontos em comum:

- Texto preferido: texto 1;
- Texto preterido: texto 3;
- Faixa etária;
- Escolaridade;
- Gosto e hábito de leitura.

Delimitado o novo eixo da pesquisa, propusemos uma segunda entrevista com estes leitores. Os textos seriam os mesmos, a diferença estaria na apresentação visual e no suporte (ver anexo VI).

Na primeira entrevista, os textos foram apresentados aos leitores em uma única folha, com letras não muito grandes e sem nenhuma informação da origem dos textos. Desta forma, nesta segunda entrevista, decidimos criar um novo contexto de apresentação: os textos seriam apresentados na forma original, com título, nome do autor e todas as características estáveis do gênero textual, além do suporte (CD), no caso do texto 2 (canção "Monte Castelo), sendo necessário entregar, juntamente com os textos, o CD *Quatro Estações* da banda Legião Urbana com todas as faixas do CD e com o mesmo encarte do original. O material foi entregue com antecedência para que os leitores tivessem tempo e liberdade para ler os textos, já que, juntamente com cada texto, anexamos informações extras sobre cada um. As informações foram retiradas de sites de busca da internet por considerar que estes tipos de sites são geralmente usados para pesquisas rápidas e busca de informações objetivas relacionadas à biografia de autores, sites oficiais de bandas, livros, etc. É importante esclarecer que não foi feita nenhuma correção nem acréscimo de informações. A ideia era que o leitor encontrasse nessas páginas informações semelhantes com as apresentadas em sites comuns.

Com base nessas informações, marcou-se um novo encontro para uma breve apresentação dos textos, acompanhada por um roteiro, com algumas perguntas que foram feitas com o intuito de estimular questões e informações que pudessem contribuir para a gravação de uma outra interpretação feita pelos leitores, sem interrupções ou perguntas, como realizado durante a primeira entrevista. Nosso intuito foi observar que mudanças surgiram nas interpretações das leituras realizadas em momentos diferentes, com apresentação composicional diferente, com acréscimo de informações e perguntas que poderiam orientar melhor o processo de leitura.

### 3.4.1. Roteiro da apresentação

Antes de começar as entrevistas, realizaram-se algumas perguntas e comentários sobre os textos. As perguntas foram as seguintes:

<b>PERGUNTAS</b>	<b>COMENTÁRIOS</b>
1) Você se lembra da primeira apresentação dos textos?	Ainda que a resposta fosse afirmativa, mostramos ao leitor a forma de apresentação dos textos utilizada na primeira entrevista (anexo I). Após apresentação, comentamos sobre os textos estarem todos juntos na primeira apresentação e separados na segunda. A partir desta informação, fizemos a segunda pergunta.
2) Além de os textos estarem juntos na primeira apresentação e separados na segunda, que outras diferenças você observou?	Nosso intuito foi verificar que aspectos relacionados ao suporte e à composição dos textos, além das informações anexadas, foram relevantes para esta nova leitura.

<p>3) Houve algum texto que você não conheceu na primeira apresentação e na segunda apresentação você reconheceu? Por quê?</p>	<p>A terceira pergunta esteve relacionada ao conhecimento dos textos.</p>
<p>4) De que tipo de apresentação você mais gostou?</p>	<p>A quarta pergunta esteve relacionada à preferência de apresentação.</p> <p>O objetivo desta pergunta foi verificar se o modo de apresentação influenciou na preferência textual e na compreensão dos textos. Ao apresentarmos a música na sua forma original, modificamos a noção de texto apenas escrito. Além do mais, acrescentamos informações sobre os textos e a vida do autor de modo que o leitor dispusesse de mais recursos para realizar a interpretação dos textos. A primeira apresentação faz referência ao anexo I e a segunda apresentação faz referência ao anexo VI.</p>

Ao término das perguntas, iniciamos a gravação das entrevistas. O leitor deveria comentar novamente os textos, um por um, como se ele estivesse vendo os textos pela primeira vez. Ao finalizar a entrevista, perguntamos novamente sobre a preferência textual. É importante dizer que, em nenhum momento, comentamos com o leitor sobre suas preferências expostas na primeira apresentação. O intuito dessa pergunta foi verificar se a mudança no modo de apresentar os textos, incluindo mudança de suporte e acréscimo de informações, modificou o entendimento do texto e sua interpretação ou se se mantiveram as mesmas preferências textuais demonstradas na primeira apresentação.

### 3.4.2. Análise comparativa dos dados obtidos

TEXTO A = texto preferido      TEXTO B = texto preterido

TEXTO 1 = texto bíblico “Coríntios 13”

TEXTO 2 = canção “Monte Castelo”

TEXTO 3 = poema concreto “Ferida”

TEXTO 4 = soneto “Amor é fogo que arde sem se ver”

LEITORES	1ª Apresentação		2ª Apresentação	
	TEXTO A	TEXTO B	TEXTO A	TEXTO B
M.M	1	3	1	3
S.F	1	3	1	3
M.A.O.	1	3	1	3
J.E.	1	3	1	3
B.E	1	3	3	4
H.J	1	3	1	3
A.A	1	3	1	3
M.P	1	3	1	3

De acordo com os dados obtidos, foi possível observar que a maioria dos leitores não modificou suas preferências textuais na segunda apresentação. Embora tenhamos apresentado o texto 2 por meio de uma manifestação acústica (o CD da banda legião Urbana), este fator não alterou a preferência textual.

Apesar de não comentarmos com os leitores sobre informações da primeira apresentação, eles próprios comentavam no final da entrevista que continuariam com as mesmas preferências demonstradas na primeira apresentação. Dos oito leitores, apenas um modificou sua opinião. Comentaremos este caso posteriormente.

Por um lado, observamos que a segunda apresentação, modificada pelo acréscimo de informações sobre os textos e os autores, foi bem vinda pelos leitores, já que todos eles demonstraram preferência pela segunda apresentação pelo fato de ser mais completa e possibilitar um conhecimento maior sobre o texto e a vida do autor, enriquecendo o conhecimento que eles tinham sobre os textos.

É interessante comentar que apesar de todos os leitores terem preferido a segunda apresentação, foi na primeira entrevista que eles refletiram de forma mais profunda sobre as relações e elaboração dos sentidos presentes nos textos. A segunda apresentação fez com que o leitor voltasse mais sua atenção para as informações anexadas do que para o texto em si.

Ao serem expostos novamente a uma segunda gravação para falar sobre o sentido dos textos, eles começavam a falar sobre a vida do autor. Apesar de termos apresentado propositalmente um breve comentário sobre o sentido presente no soneto de Camões, apontando inclusive alguns elementos estéticos (ver anexo VI), nenhum dos leitores utilizou as informações presentes para elaborar novos significados e aprofundar sua compreensão do sentido do texto.

#### *3.4.3. Um caso particular: leitor B.E.*

De todos os leitores submetidos à segunda apresentação, este leitor de 25 anos, educador físico, nível social médio, foi o único que demonstrou preferências textuais diferentes na primeira e na segunda apresentação. Decidimos comentar este caso em particular, já que a mudança de preferência ocorreu devido ao modo de apresentação.

A escolha do texto 3 como o preferido na segunda apresentação justificou-se pelas informações obtidas sobre o autor e o seu modo de escrever, o que fez o leitor compreender a diferença da linguagem que utiliza o visual como um elemento estético para causar determinados efeitos no ato da leitura. Cabe comentar que, apesar de este leitor não ter visto nenhuma figura no poema concreto na primeira apresentação, este reconhecimento ocorreu de modo natural na segunda apresentação. Embora não tenha feito comentários longos, este leitor permitiu-se dialogar com o texto de modo a compreender melhor as intenções deste tipo de construção.

De acordo com os relatos do leitor, as informações dos textos contribuíram para seu conhecimento sobre a vida e o estilo dos autores. Contudo, essas novas informações não atuaram da mesma forma na visão do leitor sobre todos os textos. Em relação aos textos 1, 2 e 4, as informações não contribuíram para modificar a elaboração do sentido realizado na primeira

apresentação. Contudo, algumas informações serviram para modificar a preferência textual do leitor: o texto 1 dá lugar ao texto 3. Esta nova escolha se relaciona ao fato de o leitor haver dialogado de forma mais profunda com o texto 3, o que possibilitou a elaboração de um significado relevante e compreensível para ele. Segundo as opiniões relatadas na primeira apresentação, a não preferência pelo poema concreto esteve relacionada com a sua atitude de não dialogar com o texto com o escasso tempo de leitura. Ele fez poucos comentários, o que não significou que não tenha observado a complexidade do texto na primeira apresentação. Veja-se um trecho da entrevista onde o leitor expõe sua opinião sobre o texto 3:

Ele é mais curto e ele é um pouco mais difícil de você entender o contexto dele, porque ele não tem tantas palavras, tantas frases como os outros, mas se você ler e tal você consegue entender.

Notamos que se o leitor tivesse tido mais tempo de dialogar com o texto, conseguiria entendê-lo melhor. Quando ele diz: “você consegue entender se você ler”, revela que olhou para o texto, observou a sua complexidade, mas não o leu. Se tivesse tido mais tempo ou disposição para ler, ele poderia compreendê-lo.

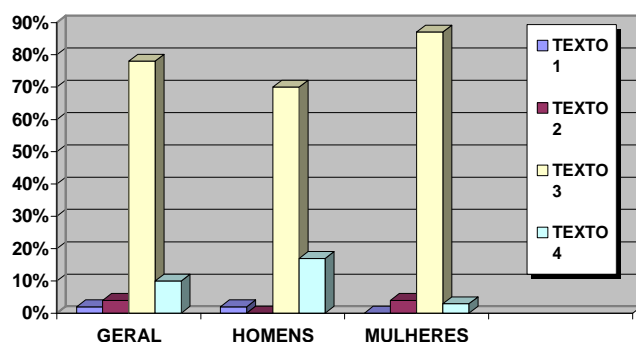
Foi o que comprovamos com a segunda apresentação. Ao entregar o material uma semana antes das entrevistas, possibilitamos um diálogo mais livre com o texto. O leitor teve mais tempo para a leitura, além das informações sobre os textos e os autores. Nesse sentido, o leitor aproveitou as informações para elaborar o sentido de uma forma diferente e mais profunda em relação ao poema concreto. Foi o que observamos quando o leitor relata, na segunda apresentação, ter compreendido o texto 3 com a ajuda das informações sobre o estilo do autor, o que possibilitou verificar a composição estrutural do poema concreto, associando o sentido ao efeito visual. Esta nova forma de apreender o sentido fez o leitor B.E. mudar sua preferência textual e escolher o texto 3, anteriormente escolhido como o menos preferido, na segunda apresentação como o texto preferido.

Apesar de o leitor ter modificado sua preferência textual, este fato não seria suficiente para desenvolver questões mais profundas na nossa pesquisa, já que, este seria um caso isolado. Desta forma, buscamos redefinir o corpus

de forma que pudéssemos trabalhar questões relacionadas ao processo de leitura de modo mais profundo. Nesse momento decidimos mudar o foco do leitor para o texto. Nesse sentido, partimos da teoria do efeito para realizar as análises das entrevistas, tomando como base o texto 3 (poema concreto). A escolha do poema deu-se pelo grande estranhamento que este texto causou na conduta dos leitores.

### 3.5. Analisando o efeito do poema concreto na conduta dos leitores

#### Textos Preteridos



O gráfico acima representa a reação de estranhamento dos leitores em relação ao texto 3 (poema concreto). Por meio do gráfico podemos verificar que aproximadamente 80% dos leitores demonstraram algum tipo de estranhamento pelo poema concreto. A partir deste dado redefinimos o corpus da pesquisa para verificar o efeito causado na recepção do texto 3. De acordo com os resultados obtidos pela pesquisa, poderíamos realizar sua análise com base em diferentes aspectos. Entretanto, para que pudéssemos discorrer de forma mais objetiva sobre esses resultados, foi necessário redefinir o *corpus* e voltar o foco de nossa pesquisa para a interação realizada entre o leitor e o poema concreto.

Cabe acrescentar que, ao utilizarmos a teoria do efeito como embasamento teórico, não tivemos a intenção de analisar leitores reais, e sim o efeito do texto na conduta dos leitores. O fato de a estrutura composicional do poema sair dos padrões de um texto que o leitor está acostumado a ler no seu

dia a dia exigiu um maior esforço de interação do leitor com o texto. Porém, o que observamos na conduta dos leitores foi que, ao invés de tentarem dialogar com o texto e construir sentidos de forma consciente, eles manifestaram recusa pelo poema, devido ao estranhamento causado pela estrutura diferente. Podemos ligar esta reação à grande influência da norma clássica de interpretação que busca na obra de arte a sua significação pronta.

Ao contrário dessa situação, nosso trabalho parte do princípios da arte moderna e se fundamenta na interação do leitor com o texto para a constituição do significado. Segundo Iser, “a qualidade dos textos literários se fundamenta na capacidade de produzir algo que eles próprios não são” (ISER, 1996, p.62), o que exige uma interação mais profunda do leitor com o texto para que haja a elaboração de um significado relevante a partir das experiências individuais de cada leitor. Entretanto, notamos uma falta de interação dos leitores com o texto, o que dificultou a elaboração do sentido.

A dificuldade em dialogar com o poema concreto pode estar relacionada ao fato de os leitores, ao invés de utilizarem seus conhecimentos para interagir com o texto, ativando o processo de realização de sentido para constituir significados segundo sua visão de mundo, tentavam buscar um significado oculto por trás do texto.

De acordo com a concepção moderna, o texto não é uma simples cópia representativa da realidade. Nesse sentido, a interpretação deixa de ver a obra como uma significação representativa e passa a considerar a interação do texto com o leitor e, conseqüentemente, com as formações socioculturais de cada um. Nesse sentido, a estrutura diferente do poema concreto exigiu que o leitor saísse de sua zona de conforto e dialogasse de uma maneira diferente com o texto. Entretanto, não foram todos os leitores que aceitaram o desafio de compreender o novo e elaborar significados a partir do não dado.

Ainda que as diferenças do poema fossem visíveis (forma, estruturação, pontuação, parágrafos, etc.), a maioria dos leitores simplesmente mostrou sua indiferença ou desgosto em relação ao texto, mas não tentou aprofundar-se ou verificar o que realmente havia de diferente na construção de seu significado.

Esta posição de indiferença em relação ao texto 3 não foi determinada pelo nível de escolaridade, idade, sexo ou nível social, isto é, não houve nenhum elemento predominante que determinasse um tipo de leitor específico



que não gostasse do poema concreto. O que nos pareceu determinante para tal indiferença foi o fato da não disposição do leitor em dialogar com este tipo de texto.

Segundo Bordini e Aguiar, “a atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre texto e leitor [...]. As possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou de distanciamento do leitor em relação a ela [...]” (1988, p.84). Desta forma, as possibilidades de aproximação com o texto dependem não somente de seu conhecimento por parte do leitor, mas de seu desejo de dialogar com o texto, independentemente de possuir conhecimentos teóricos sobre o tipo textual.

Ainda, segundo as autoras, verificamos a posição do leitor diante de uma obra difícil:

O reconhecimento dos procedimentos textuais que atraem o leitor a um pacto com a obra “difícil” se dá por uma tomada de consciência da distancia entre a própria visão de mundo e a da obra, que pode ser facilitada pela análise de sua composição estética ou ideológica. Esse momento requer certa formação do leitor, que o familiarize com as normas dessa espécie de obra. (AGUIAR, 1988 p.84)

O fato de o poema concreto ter sido o texto menos preferido pela maioria dos leitores nos fez considerá-lo como o texto que mais se distanciou dos leitores. Desta forma, relacionamos a questão de “obra difícil” apresentada por Aguiar ao poema concreto, colocando-o em posição de maior dificuldade em relação aos outros textos, embora definido por vários leitores como um texto vago, vazio, simples, resumido, poeminha, etc. Os próprios leitores, ao darem este tipo de definição, não têm consciência dos efeitos do texto causados justamente por essa estrutura composicional diferente. Nesse caso, a capacidade de saber ler não superou a norma clássica de interpretação, que, então, atuou de forma determinante, impedindo que o leitor estabelecesse uma relação mais profunda com o texto. Leme Brito comenta sobre a diferença entre saber ler e ser leitor:

Quando se fala em formação do leitor, implica-se muitas outras coisas de que não se fala diretamente. A mais evidente delas é a idéia de que nem todo mundo que sabe ler é leitor, isto é, que ser leitor significa algo mais que simplesmente saber ler, algo mais que saber enunciar em voz alta ou em silêncio as palavras escritas em linhas corridas (caso contrário, formar o leitor seria sinônimo de ensinar a ler). Outra idéia implícita é que deve

existir alguém ou algo que tenha a capacidade e a autoridade de formar o leitor, isto é, um agente formador; mais ainda, que esse formador é leitor e sabe como formar leitores. E, a mais forte de todas, a idéia de que ser leitor é algo positivo, caso contrário não se justificaria o esforço empreendido em sua formação. (LEME BRITTO, 1999, p.97)

Os resultados obtidos pela leitura do poema concreto confirmaram o argumento de Leme Britto, pois os leitores, na maioria das vezes, não conseguiram ver o texto como um objeto criado independentemente da realidade. A constituição de seu sentido esteve quase sempre relacionada aos padrões pré-estabelecidos de uma realidade dada e, assim, ficaram perdidos ao serem apresentados a uma forma textual diferente da estrutura comum de artigos de revistas, jornais, anúncios, propagandas e várias formas de textos presentes no dia a dia das pessoas. Essas leituras, diferentemente de um texto literário, estão voltadas mais para uma função informativa e, sendo assim, não se preocupam com o fator estético, fundamental para a elaboração de um texto literário.

Para compreendermos o estranhamento apresentado pela maioria dos leitores em relação ao poema concreto, apresentaremos a opinião dos leitores no que diz respeito ao texto 3 e, posteriormente, analisaremos alguns casos. Para melhor compreensão do teor global de cada entrevista, caso necessário, apresentamos nos anexos VII e VIII a transcrição de todas as entrevistas na íntegra.

Vejamos as opiniões dos leitores sobre o texto 3:

1. É algo novo (leitor 1);
2. É interessante (leitor 2);
3. Tá escrito meio que em sílabas (leitor 3);
4. É mais curto e um pouco mais difícil de entender o contexto (leitor 4);
5. São frases com sentidos diversos, é muito difícil, os outros textos têm mais valores, falam mais (leitor 5);
6. O texto 3 é mais simples, não tem complexo e é mais curto (leitor 6);
7. Eu não entendi isso daqui não, é bacana (leitor 7);
8. Eu já tinha feito um trabalho na faculdade sobre isso (leitor 8);
9. É uma frase desfibrilada, um jogo de palavras (leitor 9);
10. Não achei interessante (leitor 10);

11. É uma coisa sem graça, é um amor mais sofrido (leitor 11);
12. Esse negócio de rimar é bem prático (leitor 12);
13. Eu não identifiquei nada além do contexto geral (leitor 13);
14. É um resumo dos outros textos, é bem pequenininho (leitor 14);
15. É um texto de rimas (leitor 15);
16. É uma poesia concreta (leitor 16);
17. O texto 3 não diz nada ele fala só determinações (leitor 17);
18. Ele é diferente, não sei dizer que tipo seria (leitor 18);
19. Uns versos, umas rimas (leitor 19);
20. É o texto 4 escrito de outra forma, mais resumida (leitor 20);
21. O texto 3 tá um pouco misturado, mas ele abrange os outros (leitor 21);
22. É pequeno, não achei que tinha muito conteúdo (leitor 22);
23. O texto 3 parece um canhão, parece uma espada (leitor 23);
24. É o começo de uma nova vida (leitor 24);
25. A disposição dele é meio estranha e aquelas rimas ali parecem um pouco infantil (leitor 25);
26. É uma rima (leitor 26);
27. Ele é o oposto do texto 1 e 4, retrata um pouco mais a angústia (leitor 27);
28. É mais simples que os outros (leitor 28);
29. Eu não entendi, talvez reflita decepção, uma questão de dor (leitor 29);
30. O texto 3 mostra que o amor é possível, recomeçar e tentar de novo (leitor 30);
31. É um resumo, tá tudo misturado (leitora 1);
32. O texto 3 não forma uma idéia (leitora 2);
33. O texto 3 é mais frágil, um poeminha, um resumo por frases (leitora 3);
34. É diferente (leitora 5);
35. É uma coisa vazia (leitora 6);
36. É vazio, não tem sentido, são palavras vazias (leitora 7);
37. É uma estrutura diferente (leitora 8);
38. É um poema, só rimas, não tem frases feitas... (leitora 9);
39. É bem vago, são palavras, é uma afirmação, não é um texto em si (leitora 10);

40. Parece que não tem nenhuma relação com nada, são palavras jogadas (leitora 11);
41. Achei ele meio confuso, meio sem sentido (leitora 12);
42. Achei ele meio abstrato (leitora 13);
43. É uma poesia moderna, um jogo de palavras (leitora 14);
44. É confuso (leitora 16);
45. É um poema de rimas mistas (leitora 17);
46. Parece palavras jogadas ao vento (leitora 18);
47. Não tem sentido, é só palavras (leitora 19);
48. É igual ao texto 4 mais voltado para um amor carnal (leitora 20);
49. Achei meio sem sentido (leitora 21);
50. Fala um pouco de oposto, é o mesmo tipo do amor de Camões (leitora 22);
51. É um texto que não me agradou. Ele pode ter alguma poesia, um pouco de rima, mas não foi agradável. Fala do amor de forma discreta (leitora 23);
52. Ele é um resumo, deu umas pinceladas em todos os três (leitora 24);
53. É um poeminha, mas eu não lembro como chama essa estrutura, a gente trabalha bastante com as crianças (leitora 25);
54. É um ensinamento de vida, parece que ele está fechando o que foi falado nos outros textos (leitora 26);
55. Fala do amor não no sentido fácil de ver, de uma forma bem diferente dos outros, parece uma espada (leitora 27);
56. Eu não entendi muito, ele é menor que os outros (leitora 28);
57. Parece uma espada (leitora 29);
58. É vago, simples, uma linguagem diferente (leitora 30).

Este modo simplista de denominar o poema concreto como algo vazio, simples, resumido, etc., não atingiu somente leitores que demonstraram certa antipatia ou falta de compreensão pelo texto 3. Dos sessenta leitores entrevistados, apenas dois leitores homens citaram o texto 3 como preferido. São eles: leitor 12 E.L. e leitor 26 P.G.

Vejamos parte de suas entrevistas:

**Leitor 12 E.L.**

- De qual texto você gostou mais?

- Olha, acho que o texto 3.

- Por quê?

- Ah!!! Esse negócio de rimar é bem prático assim: o amor rói, amor mói, acho que foi bem bacana.

- O que mais você poderia falar dele?

- Ah, não sei, ele é bem pequeno, o mais interessante dele é que... o amor também.. ele fala que o amor dói e acho que sobre a rima, eu sou mais esse negócio de gostar assim de rima, eu gostei do 3, não por ele ser pequeno, mas porque eu gostei mesmo.

**Leitor 26 P.G.**

- Se você tivesse que escolher o texto de que você mais gostou, qual seria?

- Eu gostei desse 3 aqui que fala mais da rima. Eu gostei dele.

Embora os dois leitores tenham demonstrado simpatia e preferência pelo texto 3, eles não conseguiram explicar a escolha realizada, o que nos fez concluir que a questão da preferência não está relacionada simplesmente com a compreensão. Para esses leitores, a preferência pelo poema esteve relacionada à questão das rimas, contudo, este elemento estético verificado pelos leitores não contribuiu para a apreensão do sentido e elaboração de algum significado relevante para eles próprios.

Nesse sentido, concluímos que saber ler, gostar de ler, compreender e ser capaz de elaborar significados são fatores interdependentes, mas nem sempre estão juntos na recepção de um texto. A presença desses elementos na conduta dos leitores é determinante para que a leitura atue de modo mais crítico e significativo. Entretanto, verificamos que a relação mais comum é decorrente do fato de que muitos dos leitores leem porque têm de ler, passando os olhos pelas estruturas linguísticas sem interagir de modo mais profundo com o texto. A maioria dos leitores olha para os textos, mas não enxerga os textos.

Talvez, esta obrigatoriedade imposta interiormente pelos próprios leitores seja um dos fatores que cria uma atitude muito comum nos dias atuais de aprender na escola a falar de livros que não lemos, quando na verdade deveríamos aprender a compreender de forma mais profunda livros que já

lemos várias vezes, mas que talvez nunca tenhamos compreendido de forma significativa para nós mesmos.

Na maioria das vezes, o poema concreto foi deixado de lado durante as entrevistas, só sendo comentado pelos leitores após estes serem questionados sobre o texto 3. Contudo, nem sempre a retomada por meio de uma pergunta era suficiente para que os leitores se dispusessem a interagir com o texto. Em alguns casos, mesmo quando a pergunta possibilitava uma interação entre texto e leitor, originando interpretações interessantes, os próprios leitores não verificavam nenhuma relevância na sua interpretação, justificando o não entendimento do texto pelo vazio de conteúdo apresentado pelo mesmo. Outro fato que nos chamou a atenção foi que grande parte dos leitores, no momento da interpretação, deixava para comentar o texto 3 por último, ainda que ele não fosse o último pela disposição apresentada. A diferença estética, segundo sua apresentação, o afastou, na maioria das vezes, da relação com os outros textos. O reconhecimento do tema do amor no texto 3 nem sempre foi suficiente para enquadrá-lo na mesma relação com os outros textos. Mesmo quando a relação da intertextualidade presente nos textos 1, 2 e 4 não era notada pelos leitores, sempre havia algum outro tipo de relação observada pelos leitores e quase sempre o texto 3 não se incluía nessas relações.

Embora vários leitores apresentassem elementos que pudessem favorecer a constituição do sentido, como por exemplo, conhecimento prévio do texto, conhecimento do autor e contexto de produção, alto nível de leitura, Ensino Superior, fácil acesso à internet e, por conseguinte, acesso a diferentes tipos de informação, etc. ainda assim, esses elementos não eram suficientes para que alguns dos leitores saíssem da superfície teórica dos textos e mergulhassem no seu interior para constituir significados que fossem relevantes para eles próprios. Por outro lado, houve alguns leitores que, apesar de não apresentarem vários desses elementos relacionados à formação escolar, nível social, hábito de leitura etc., conseguiram estabelecer uma relação interativa com o texto e criaram significados a partir de sua consciência imaginativa. Refletindo sobre este fato, observamos que a forma de interagir com o texto foi um dos fatores que mais determinou a constituição de seu sentido. Esta interação mais profunda pôde ser vista pela forma como o leitor constituiu o sentido do texto a partir do não dado, formulando algo novo com

base na experiência individual. É nesse momento que o leitor consegue traduzir a estrutura do texto para sua consciência imaginativa, utilizando suas formações socioculturais e conhecimentos exteriores para constituir o significado do texto. É o caso do leitor 18 J.C. Ele não precisou de conhecimentos teóricos para mergulhar no mundo imaginário do poema concreto e elaborar significados novos segundo sua visão de mundo e experiência de vida. Vejamos um trecho de sua entrevista:

- O texto 3, pelo meu modo de vista seria assim, quando a pessoa já tem aquele amor pleno dentro de si, então ela consegue é...descrever...o texto ele descreve realmente... assim... o que seria uma pessoa é...com amor, entendeu...que com amor ela tudo se supera, uma ferida sem ferida tudo começa, a cor coroa a flor, então, seria.... seria mais ou menos assim, com amor você consegue superar qualquer obstáculo, entendeu... uma pessoa que já tem um amor presente então ela... pra ela... não diria que seria fácil mas ela é uma pessoa já com uma fé mais avançada, assim se eu falar... hoje eu caí mas eu vou levantar e amanhã eu tô pronto pra cair de novo, então eu acho que seria isso, uma pessoa que já tem o amor e já consegue diferenciar isso.

Outro fato interessante que vale a pena comentar é o caso do leitor 3 A.F. que, apesar de ter escolhido o texto 3 como o menos preferido, foi o único leitor que relacionou um aspecto linguístico do poema concreto de uma forma totalmente desprezada pelos outros leitores: a possibilidade de realizar uma leitura de baixo para cima. Ainda que este leitor não tenha comentado a ausência de pontuação do poema concreto, ele observou o efeito criado por esta ausência, o que lhe permitiu mais de um modo de realizar a leitura e, desta forma, constituir o sentido do texto. Vejamos parte de sua entrevista:

- Olhando os textos, aparentemente, você vê diferenças nesses textos ou eles são iguais, assim, na escrita?

- Na escrita eles são iguais, eles têm quase as mesmas palavras só que... se encaixam de maneiras diferentes no texto.

- E a forma deles? Você consegue verificar alguma diferença?

- Sim, forma diferente. Não vou conseguir te explicar, mas são formas diferentes.

- E qual que te chamou mais a atenção?

- O número 3

- E você consegue ver alguma forma nesse texto?

- Ele tá escrito meio que em sílabas e se você ler as sílabas, elas forma uma palavra tanto de baixo pra cima como de cima pra baixo.

Embora outros leitores tivessem observado a ausência de pontuação no texto, este elemento serviu simplesmente para representar um vazio e falta de sentido, afastando-os de uma relação mais próxima com o texto. O que possibilitou ao leitor 3 A.F., ainda que inconscientemente, constituir mais de uma maneira de ler o texto, para outros leitores, representou falta de sentido. Podemos concluir que a forma organizacional do poema concreto serviu para criar diferentes efeitos na conduta dos leitores. Enquanto A.F. decidiu sair da zona de conforto para se confrontar com ideias novas e constituir o sentido por meio do não-dado, outros leitores, no entanto, preferiram atribuir-lhe um sentido de vazio do que estabelecer uma interação com o texto. Podemos observar tal fato pela colocação do leitor 4 B.E., que, apesar de ter consciência da complexidade do poema e da necessidade de dialogar com o texto para constituir seu sentido, preferiu manter a distância. O próprio leitor afirma que há um contexto atrás deste texto e que é possível compreendê-lo, mas ele não quis estabelecer uma relação mais profunda com o texto que permitisse a constituição de um significado. Vejamos um trecho de sua entrevista que relata a situação comentada:

*- Se você tivesse que escolher, de qual texto você menos gostou?*

- Ah... eu acredito que é o 3, o texto 3.

*- Por algum motivo?*

- Não, não tem nenhum motivo específico.

*- Você consegue ver alguma coisa nesse texto 3, além do conteúdo que fala de amor e de ferida? Você acha que ele é diferente dos outros por algum aspecto?*

- Ele é mais curto e ele é um pouco mais difícil de entender o contexto dele, mas tem um contexto por trás desse texto.

*- Por que você acha que ele é mais difícil?*

Porque ele não tem tantas palavras, tantas frases, assim, como os outros textos, mas se você ler e tal, você consegue entender.

Outra situação semelhante pode ser representada pela leitor 27 P.L. Apesar de comentar que não conseguiu identificar uma relação do texto 3 com os outros textos, comenta, no final de sua resposta que há uma relação, mas que ele não conseguiu identificar. Vejamos o trecho da entrevista:

*- Você acha que ele está tratando dos mesmos tópicos dos outros textos?*

- Eu não consegui ver muita relação, tem uma relação, mas eu não consegui identificar.



Verificamos que tanto o leitor B.E. quanto o leitor P.L., poderiam elaborar significados relevantes se eles tivessem estabelecido uma relação mais íntima com o texto. Podemos observar pela fala dos dois leitores que eles reconhecem tanto o contexto, no caso do leitor B.E. quanto a relação entre os textos, no caso do leitor P.L., entretanto, a pouca interação com o texto não possibilita que eles elaborem os significados possíveis segundo a visão de mundo de cada um deles. A relação do texto 3 com os outros textos também foi comentado pelo leitor 17 J.E.:

- Após a leitura dos quatro textos, o que você pôde observar? Há relação entre eles? O tema? O que você achou?

- É, eu acho que há relação entre os textos 1, 2 e 4, o texto 3 não diz respeito aos outros três.

- O texto 3 não fala de amor?

- Não, ele fala só determinações.

Porém, os leitores comentam sobre o mesmo aspecto sob diferentes pontos de vista: por um lado, o leitor J.E. deixou de dialogar com o texto 3 por não verificar nenhuma relação, por outro, o leitor P.L. não dialogou com o texto porque não quis procurar as relações, embora tenha verificado a possibilidade de estabelecer relações.

Nessa mesma perspectiva, podemos comentar o caso da leitora 5 C.M. Ela também escolheu o texto 3 como o menos preferido por não entendê-lo, mas deixa subentendido que se ela tivesse lido o poema mais vezes poderia tê-lo compreendido. O interessante é que não foi estipulado nenhum tempo de leitura, o texto poderia ser lido e relido quantas vezes fossem necessárias. O fato é que esta leitora não quis dialogar com o texto. Vejamos parte de sua entrevista:

- E o texto 3? Você não comentou muito. Você poderia comentar algo sobre ele?

- Não, eu li, assim, mas não posso falar nada não.

- Você achou ele diferente?

- Achei ele diferente pelo jeito que ele tá escrito.

- Você pode comentar?

- Assim, é... não deu assim pra mim entender pelo jeito que ele tá colocado aqui: Fer... ai, eu pensei será que é *ferida* ou *fer-ida*. Tinha que ser ferida né, então eu fiquei meio assim, não deu pra mim entender.

- E de que texto você menos gostou ou menos se identificou?

- O texto que eu menos gostei seria o número 3. Se eu tivesse lido várias vezes eu podia ..., mas eu não li ele várias vezes.

O oposto da situação apresentada pôde ser visto por vários leitores que, ao mesmo tempo em que diziam não compreender o poema concreto, ao se permitirem dialogar com o texto começavam a constituir o seu sentido, ainda que de forma inconsciente. Consideramos inconsciente no sentido de os leitores não enxergarem o processo de constituição realizado por eles, isto é, mesmo depois constituírem um sentido para o texto, muitos leitores continuavam afirmando não terem compreendido nada ou diziam que o texto não fazia sentido. Vejamos o caso da leitora T.S.

O terceiro texto é um poema também ou é uma poesia, eu não sei ao certo, eu sei que tem várias formas, você pode fazer ele tanto de maneira triangular, tem uns que são em ondas, circulares, eu já vi, mas eu não conheço o texto também.

- Você consegue ver alguma figura?

- Parece uma espada.

- Esta figura tem alguma relação com o conteúdo do texto?

- Tem a ver com o texto porque ele fala de ferida e o símbolo do cupido é uma flecha no coração, também tem ligação, pode ser por isso. O poema também vai falar de amor, só que ele fala a respeito de ferida. É bem melancólico esse daqui também.

- Se você tivesse que escolher um texto de que você mais gostou e de que você menos gostou, quais seriam?

- Eu gostei mais do texto 2 e menos do texto 3.

O texto 2 porque eu já conhecia, eu acho ele bem... é.. as frases elas parecem assim que elas tem uma melodia, mesmo quem não conhece a música dá impressão que ela é mais melódica. E o texto 3 pra mim não faz o mínimo sentido, eu não consegui entender qual é a mensagem do autor e o fato dele estar em forma é...dificulta o entendimento, na minha opinião, porque eu posso ler isso daqui por frases, porque o problema é que hoje as pessoas leem errado, então se você pega esse texto aqui, dificulta ainda mais a leitura.

Observamos nesta entrevista a influência da norma clássica de interpretação. Apesar de a leitora haver constituído um sentido para o poema concreto, afirma não entender qual era a mensagem do autor, como se o texto tivesse uma única mensagem criada pelo autor e tivesse de ser descoberta pelo leitor. Mesmo estando consciente da composição textual, apesar de ter conseguido visualizar uma figura e relacioná-la com o conteúdo, ainda assim, esta leitora escolhe o texto 3 como o menos preferido por não conseguir entendê-lo, afirmando que ele não faz o menor sentido, apesar de lhe ter atribuído um sentido coerente e relevante.

Outro caso semelhante é o da leitora 3 A.L. Esta leitora também afirma não compreender o poema concreto, mas, ao dialogar com o texto, constrói

significados. Entretanto, a constituição realizada por ela, embora consistente, é questionada por ela própria ao demonstrar certa dúvida quanto ao significado constituído. Vejamos parte de sua entrevista:

- E o texto 3? Você não comentou muito. O que você vê nele?

- Hum!...

- É a sua opinião, não existe certo nem errado, não existe uma definição correta dos textos.

- É...

- O que você entendeu?

- Eu não entendi nada, pra mim tá tudo misturado.

- Mas você comentou que ele também fala do amor. Por quê?

- Ó: ferida sem ferida, dói mas não se machuca, é...tudo começa de novo, ferida sem ferida e tudo começa de novo, isso daí pra mim é tudo junto aqui, porque você se fere, não vê um ferimento aparente, vamos colocar assim, aí você esquece e começa tudo de novo.

- Então ele tem um sentido pra você?

- Ai! Você me pegou tão ruim hoje.

- É isso mesmo, é a sua opinião. Você comentou que não tinha entendido nada, mas você está comentando sobre ele e isso é o seu entendimento.

- Eu acho que o texto 3, vamos colocar assim, é um resumo disso aqui, não é? Porque ali fala tudo de bom e de ruim. Aqui fala das coisa ruim, que o amor é sofrer, é benigno. A gente também acha que o amor é sofrer, mas a gente não fica sem ele. A gente pode tá sofrendo, mas tá buscando. Não é? Será que tem alguma coisa a ver?

O que nos chamou a atenção foi que, ao serem perguntados sobre o tema dos textos, quase todos os leitores, apesar de incluírem o texto 3 no mesmo tema, posteriormente não sabiam comentar o motivo que os fizeram relacionar o texto 3 com o tema do amor. Outro ponto interessante está relacionado ao fato de muitos leitores dizerem que não gostaram do texto 3 pelo fato de não o terem entendido. Entretanto, ao serem novamente perguntados sobre o motivo pelo qual não gostaram do poema, discorriam sobre ele. Ou seja, ao terem de dialogar com o texto para encontrar razões pelo aparente estranhamento causado, os leitores, inconscientemente, começavam o processo de constituição de sentido.

Esta reação pode estar relacionada às normas clássicas de interpretação que visam encontrar o sentido oculto dos textos, uma resposta única e verdadeira. Ao depararem com um texto de diferente organização estrutural, esta possibilidade deixa de existir e o leitor, ao se sentir perdido, prefere não se arriscar a atribuir significados que saiam da sua consciência imaginativa. As normas clássicas orientam o leitor a buscar no texto uma

representação da realidade, e o fato de um texto sair de sua realidade faz com que ele não se permita criar algo por meio do não-dado. A falta de referência desestabilizou o leitor durante o processo de constituição do sentido. Podemos exemplificar este tipo de visão pela afirmação do leitor 2 A.L. Vejamos um trecho de sua entrevista:

...os textos são muito ricos e oferecem uma gama de linhas para se interpretar, para estar discorrendo sobre eles, mas eu nem me arriscaria a fazer certos comentários porque eu tenho certeza de que eu iria empobrecer o texto.

- E o texto 3? o senhor não comentou muito. O senhor poderia comentar um pouquinho?

- Então, o texto 3 foi o que eu achei..... assim, sabe? Ele é meio... Eu não sei se é pelo fato de quando você pede pra gente ler alguma coisa, a gente já fica meio com um pé atrás...

- Achando que tem alguma coisa certa ou errada? Aqui não tem.

É, isso. Achando que tem alguma pegadinha, né.

- Não, aqui não tem pegadinha não. É a opinião do senhor mesmo.

- ... aqui logo no começo eu não peguei muito bem: fer ida, tal, tal, tal...então tudo bem... “sem ferida tudo começa de novo”, a cor cora a flor, certo? “o ir vai / o rir rói / o amor mói/ o céu cai/ a dor dói/, é quase que uma rima, mas é uma realidade isso daqui, você tá entendendo? É óbvio que você tá entendendo! Mas na minha maneira de interpretar. Se você pra mim discorrer para você isso daqui, né... “o amor mói” , “o céu cai”, “a dor dói”, olha aqui que lindo, o amor mói, o amor mói... porque o amor mói, então eu achei muito bacana isso daqui mas eu não pude pegar porque eu queria uma explicação pelo fato de eu ter ficado já logo de cara com um pé atrás, sabe?

Além de A.L., outros leitores também não comentaram o texto 3 pelo fato de acharem que ele teria uma resposta correta. O medo de errar fez com que alguns leitores preferissem não dialogar com o texto. Outros se paralisaram pelo fato de acharem que era necessário encontrar uma resposta correta no texto. É o caso do leitor 7 C.A.R. que, apesar de não o ter entendido, demonstra certa simpatia pelo texto, mesmo sem saber explicar:

- Você viu esse texto 3?

- O 3... eu vi isso daqui, eu não entendi isso daqui não. Fer...ida, eu pensei que era ida né... sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai a dor dói. Isso é bonito... muito bonito isso daqui, eu gostei... e pra mim é bacana.

- Você acha que esse amor que ele tá falando é o mesmo amor do texto 1 e do texto 2?

- Tem né... Pra mim acho que é a mesma coisa né, porque tudo que tem aqui, que eu li no meu jeito de entender... aí no finalzinho eu fui ver esse texto aqui (texto3), eu queria decifrar isso daqui né... então o que eu achei aqui (texto 1) eu achei aqui (texto 3), porque é o seguinte.. tem coisa que

fala aqui..... depois no final.. vindo aqui... eu queria achar alguma coisa (resposta) aí eu pensei comigo que você ia me perguntar uma resposta...

Pelo que relatamos, é interessante observar a relação estabelecida pelos leitores com o poema concreto. Muitos dizem não ter entendido nada e ao mesmo tempo discorrem sobre o texto; outros deixam de interpretar pelo medo de errar; e há casos de leitores que, apesar de não terem medo de errar e ainda possuírem determinados conhecimentos da parte estrutural de um poema, não saíram da superfície teórica, o que impossibilitou uma relação mais profunda com o texto. Os conhecimentos teóricos se sobrepuseram ao conteúdo do texto, ocasionando uma interpretação muito orientada pela parte teórica e muito pobre na constituição do sentido por meio do não-dado. É o caso do leitor 16 J.N. Vejamos parte de sua entrevista:

- E você já tinha visto este texto 3?

- Sim. O texto 3? Não, o texto 3 não, mas pela estrutura aqui dá pra ver que é uma poesia concreta.

- E você conseguiria definir o sentido dessa poesia, a diferença dela das outras? O que você vê além do conteúdo?

- Aqui no caso do texto 3 ele usou o próprio recurso de estruturar no papel já fazendo parte da própria linguagem, da própria comunicação, da maneira que se estrutura já é a comunicação, não é! É o recurso visual. A partir do momento que você estrutura ela, ela já está passando a mensagem da maneira que ela vai se estruturando.

- E quando você olha para essa poesia você consegue ver alguma coisa além? Você consegue ver algum desenho, alguma forma?

-...

Refletindo sobre a resposta do leitor 16 J.N., podemos verificar que o reconhecimento do gênero textual nem sempre ajuda na constituição do sentido de um texto. Apesar de J.N. possuir conhecimentos sobre o elemento visual explorado nos poemas concretos, nada disso contribuiu para que o leitor utilizasse esses conhecimentos para se aprofundar no sentido do texto. Quando perguntado sobre a forma do texto, o leitor permaneceu pensativo e não apresentou nenhuma ideia sobre o formato do texto.

Outro caso semelhante aconteceu com o leitor 8 D.S.A. Este leitor, apesar de ser o único dos sessenta entrevistados que conhecia o texto 3, além de não interagir com ele, demonstrou certa antipatia pelo poema.

Vejamos parte de sua entrevista:

- Você já conhecia esses textos?

- O texto 3 eu já tinha feito um trabalho na faculdade sobre isso, mas o 2 o 1 e o 4 eu nunca tinha tido nenhum contato com esses tipos de poema, tanto que eu não leio esse tipo de poema.

- De que texto você mais gostou e de que texto você menos gostou?

- O texto que eu mais gostei foi o 4 eu achei que ele tem uma essência mais profunda e o que eu menos achei interessante foi o 3 porque o texto 3 ele é muito... ah, o meu modo de ler e o meu gosto eu não me interessei muito pelo 3 não eu dei só uma olhada mesmo, mas o que me prendeu mesmo foi o 4.

- Você comentou que você fez um trabalho na faculdade sobre esse texto 3, Você se lembra do tipo de trabalho que você fez?

- Foi um trabalho onde eu tinha que sintetizar e explicar as características dos poemas, então eu tive contato com vários tipos de poemas e eu aprendi a subdividir cada rima, cada parágrafo, dividir cada adjetivo, subjetivo, então, eu me aprofundi bastante nessa parte e quando eu bati o olho assim, nesse seu poema que você me deu já veio fresco à memória.

- E você se lembra do autor desse texto?

- A gente não mexe com o autor no poema porque eu estudo para educação infantil eu tenho contato com alguns poemas assim para adulto só para a gente ter uma noção.

- E você se lembra se vocês trabalharam com o sentido desse poema também ou só com a forma?

- Só com a forma, o sentido a gente trabalha com os de educação infantil, os de adulto a gente só pegou a parte para descobrir as rimas.

A situação relatada nos faz refletir sobre o papel da literatura não somente na formação do leitor enquanto sujeito social, mas também no contexto educacional. A função social de um texto literário perde muitas vezes, como apresentado por vários leitores, seu papel de conectar o sujeito à realidade. Esta função do texto literário deveria oferecer possibilidades de desenvolver o lado crítico do leitor no momento em que ele precisa utilizar sua consciência imaginativa para constituir sentidos. Entretanto, a situação relatada pelo leitor D.S.A. é muito diferente. O trabalho realizado por este leitor na faculdade focava simplesmente a parte estrutural do poema, procedimento este justificado por não se trabalhar este tipo de poema com as crianças. Sendo o poema concreto um poema para adultos, o contato com ele tinha sido simplesmente para que os alunos tivessem uma noção. Noção de quê? Para que serve tanto conhecimento teórico se não for para contribuir para a constituição do sentido de um texto? Se um texto for visto simplesmente como uma estrutura de estudo formal, ele perde seu papel de comunicação. Como já apresentado, o texto não é simplesmente um objeto de informação mas de comunicação (Barros, 2003).

Esta relação do texto 3 com o contexto de ensino é apontada por outros leitores. Segundo S.F., "... o texto 3 é mais para aspectos de ensino mesmo, que na nossa convivência é o contexto escolar". Apesar de esta leitora também relacionar o texto 3 com questões de ensino, ela o faz diferentemente do leitor D.S.A. Para S.F., o texto deixa de ser visto como algo para adultos e é visto como um "poeminha" que pode ser utilizado com crianças. Vejamos um trecho de sua entrevista na qual ela relata esta posição:

[...] o texto 3 é um poeminha, eu não me lembro como se chama essa estrutura, a gente trabalha bastante com as crianças.

Sua indiferença pela complexidade do texto é notada pelo próprio termo usado, "poeminha", quando faz referência ao texto, além de comentar as poucas palavras utilizadas no texto para discorrer sobre o amor:

- O texto 3 ele fala com poucas palavras... eu acho que para falar do amor precisa um pouco mais, e ele não fala do lado bonito, ferida, dói, mói, cai, o lado negativo do amor, eu escolheria este texto 3 como o que eu menos gostei.

As escolhas desta leitora - indicando o texto 1 como o mais preferido e o texto 3 como o menos preferido - talvez estejam mais relacionadas a questões de cunho afetivo do que de conhecimentos acerca dos textos. O fato de o texto 1 ter sido lido no casamento desta leitora, como relatado em sua entrevista, fez com que ele ocupasse um espaço de importância de primeiro momento impedindo que ela dialogasse com mais intensidade com os outros textos. Talvez este tenha sido um dos fatos que possibilitou uma menor interação de S.F. com o poema concreto. Vejamos uma parte de sua entrevista:

- O texto 1 eu gostei mais porque tem a ver com meu contexto, com a minha vivência, foi lido no final do meu casamento, então é importante pra mim. O texto 3 ele fala com poucas palavras... eu acho que para falar do amor precisa um pouco mais(...)

Por todos os aspectos apresentados por esta leitora no começo da entrevista, além dos dados obtidos pelo questionário sociocultural relacionados ao seu hábito de leitura (alto), à sua profissão (professora), ao seu nível social (médio), à sua escolaridade (pós-graduação), verificamos que, apesar de seu conhecimento de mundo permitir uma análise mais profunda dos textos, inclusive do texto 3, não foi o que ocorreu na sua leitura. A falta de interesse

em dialogar com o poema concreto possivelmente foi o fator determinante para a vaga interpretação realizada por ela. Este desinteresse pelo texto 3 também pode ter sido provocado pela escolha lexical, que, segundo a visão dessa leitora, representa o lado negativo do amor:

[...] e ele não fala do lado bonito, ferida, dói, mói, cai, o lado negativo do amor, eu escolheria este texto 3 como o que eu menos gostei.

Nessa mesma linha de raciocínio seguiram vários leitores que demonstraram pouco interesse em dialogar com o texto 3, além de apresentarem uma visão limitada sobre os possíveis sentidos do poema concreto. Este tipo de texto pode proporcionar diversas possibilidades interpretativas. Os recursos linguísticos e estilísticos nele utilizados podem ser abordados sob diversos pontos de vista desde que o leitor se disponha a mergulhar no texto para constituir um significado a partir do não-dado. Dessa perspectiva, não bastaria identificar o gênero textual e reconhecer alguns recursos utilizados dentro do texto. Por exemplo, a rima foi um dos recursos mais observados pelos leitores. No entanto, este reconhecimento pouco serviu para contribuir para uma elaboração de sentido mais profunda. Muitos leitores definiram o texto 3 como um texto de rimas ou, em alguns casos, simplesmente como algumas rimas, como se não houvesse nenhum conteúdo por trás da construção estética. Este fato é inclusive relatado pelo leitor 15 J.A. que comenta que a quantidade de rimas do texto 3 foi o que dificultou seu entendimento. Vejamos parte de sua entrevista:

- O texto 3 você não comentou muito, você poderia comentar um pouco sobre ele?

- O texto 3 é um texto, assim que ele aparece muita rima, dá muita rima ele fala muito sobre: ferida sem ferida tudo começa de novo... Eu não conheço esse texto, mas o que eu posso dizer dele é que ele parece, assim, um texto de rimas.

- De qual texto você mais gostou e de qual texto você menos gostou?

- ... o texto, talvez, até por ser pequeno e dá entender, assim, que ele tem muita rima e não dá para entender muito o sentido dele, assim né, é o texto 3, ele fala de amor, mas muito pouco, não tem muita coisa para falar.

A hipótese que levantamos aqui é a de que a maioria dos leitores ao deparar com um texto não usual, sentiu-se fora da realidade e sem condições de elaborar novos sentidos a partir de referências usadas de forma tão



peculiar. Este fato chegou a provocar certas dúvidas em alguns leitores em relação à seriedade da pesquisa e à originalidade do poema concreto. Veja o caso da leitora 9 F.E., que pergunta se a estrutura do texto está correta:

- E o que você não gostou?

- O 3 eu não entendi.

- Por quê?

- Porque é um poema.

- Em nenhum lugar está escrito que é um poema, não tem título. Por que você acha que é um poema?

- Porque tem as estrofes que combinam.

- E mais alguma coisa diferente que te chamou a atenção?

- O tipo foi proposital teu? ou ele é assim mesmo?

- É assim mesmo. Você pode visualizar alguma coisa?

- Uma flor. É um desenho de uma flor.

- Por isso que você acha que é um poema?

- É, isso. Porque céu rima com dói, Ferida sem feridas, o ir vai, o rir rói... tem palavras que rimam.

- Você acha que o autor, o escritor, quem fez esse texto, colocou essa forma por algum motivo?

- Talvez para chamar a atenção mesmo. Para dar um efeito tanto visual quanto da leitura, o sentimento, alguma coisa assim.

- E você acha que esse efeito dificultou para você o entendimento? Ou não foi por causa da forma que você não gostou?

- Não, não foi a forma não. Foi mesmo que... como é poema né, só rimas, fica um pouco mais difícil, não tem frases feitas para ajudar o entendimento.

Apesar de se colocar em dúvida em relação ao poema, esta leitora reconhece o gênero textual, ainda que de uma forma muito limitada. Para ela, a ideia de poema está relacionada com rimas e estrofes que se combinam. Como muitos outros leitores, esta leitora considera que a questão estrutural predomina e dificulta a elaboração do sentido. Parece que todas as interpretações realizadas por aqueles que reconheceram o gênero textual do texto 3 foram feitas por uma visão unívoca que foi ensinada nas aulas de literatura: o poema está sempre relacionado com rimas, sentimentos, combinações, parte visual, etc. Porém, o uso desses elementos não contribuiu de forma muito significativa para a elaboração do sentido.

Outro caso interessante é apresentado pelo leitor 2 A.L., que não conseguiu estabelecer uma relação mais profunda com o texto 3 pelo fato de ter ficado com um pé atrás e ter achado que havia um significado correto para ser descoberto. Vejamos parte de sua entrevista:

[...] o amor mói” , “o céu cai” , “a dor dói” , olha aqui que lindo, o amor mói, o amor mói... porque o amor mói, então eu achei muito bacana isso daqui mas eu não pude pegar porque eu queria uma explicação pelo fato de eu ter ficado já logo de cara com um pé atrás, sabe?

Refletindo sobre as situações apresentadas, podemos dizer que, de um modo geral, o poema concreto gerou um efeito de estranhamento nos leitores, o que acabou provocando um afastamento, uma antipatia e até mesmo uma grande falta de entendimento do texto.

O efeito de estranhamento causado pelo poema concreto nos leitores nem sempre significou uma recusa do texto. Alguns leitores, apesar de não conhecerem o texto 3 e de reconhecerem sua composição diferente, dialogaram com o texto e conseguiram elaborar significados relevantes segundo suas opiniões. É o caso do leitor 1 A.A. que, embora tenha considerado o texto 3 um texto não comum, não atribui a este fator uma visão negativa, pelo contrário, mostrou-se receptivo no diálogo com o texto e elaborou significados segundo seu ponto de vista de forma consciente.

Vejamos parte de sua entrevista:

- Bom, voltando ao texto 3 já que foi o texto que você disse que não é comum pra você. Mesmo ele sendo tão diferente assim, você poderia dizer qual a mensagem desse texto, o que ele diz para você?

- É interessante que ele tem uma estrutura muito diferente dos outros três, como eu já havia comentado anteriormente, mas eu também gostei do texto 3, embora num primeiro momento não me fosse familiar. Por quê? Porque ele fala de dor, ele fala dos reveses da vida, mas ele fala do medicamento que é o amor. E isso me chamou a atenção e a meu ver, isso é importante para um leitor, qualquer que seja ele. Porque é do dia a dia da vida da gente nos depararmos com uma dificuldade, buscarmos soluções, nos depararmos com a dor e buscar o remédio. O texto, embora de uma forma muito diferente ele traz exatamente esta mensagem, para mim, na minha leitura, na minha percepção.

Muitos leitores ficaram buscando significados ocultos no texto 3, mas não conseguiram elaborar nada que fosse relevante para eles mesmos. Esta situação fez com que muitos leitores atribuíssem sentidos negativos para o texto. Porém, este efeito não foi causado em todos os leitores, como, por exemplo, o leitor 1 A.A. Ele não associou significados negativos ao texto 3 e esta visão o fez enxergar o texto literário não apenas como um objeto de informação, mas também como um objeto de comunicação que possui um papel social. É o que verificamos quando ele relata que a construção diferente

do poema concreto talvez tenha sido realizada com o objetivo de levar a pessoa a refletir sobre a importância do amor. Vejamos o trecho de sua entrevista que relata a situação comentada:

- Você acha que esta forma, esta escrita diferente tem algum objetivo?

- Talvez seja esta mesmo, chamar a atenção, levar a pessoa à reflexão da importância do amor.

A falta de consciência da relação entre o visual e o conteúdo talvez tenha sido um dos fatores que contribuíram para o não entendimento do poema concreto. A falta do reconhecimento de uma figura no poema concreto produziu um efeito de estranhamento que, na maioria das vezes, esteve associado a algo negativo que acabava afastando o leitor do texto e gerando certa antipatia pela falta de compreensão. É interessante observar como a falta de interesse em dialogar com um texto pode impedir o desenvolvimento de uma leitura crítica. Vejamos o caso do leitor 5 B.G. que, apesar de comentar que o texto 3 é formado por frases com sentidos diversos, ele não comenta nenhum desses sentidos diversos. Tomando este exemplo como referência, podemos dizer que muitos leitores, embora consigam verificar, ainda que de forma indireta, a multiplicidade de sentidos que um texto pode oferecer, eles não estão dispostos a dialogar com o texto. Para muitos, o ato de ler é uma tarefa difícil pois é preciso parar para refletir. Vejamos parte de sua entrevista:

- Você gostou do texto 3?

- Sim, mas, dos quatro foi o que eu menos gostei.

- Por quê?

- Está muito difícil. Os outros têm mais valores, fala mais. Texto 1, o 2 realmente e o 4.

- Olhando o texto 3, você consegue ver alguma coisa além das palavras, ou são palavras jogadas, alguma figura?

- São palavras colocadas de uma forma (brincando com as palavras); frases com sentidos diversos.

A ausência de um posicionamento crítico leva o leitor, muitas vezes, a contradizer suas opiniões. Apesar de B.G. considerar o texto 3 muito difícil, ele relata que os outros textos têm mais valores pelo fato de falar mais. Outra situação semelhante é relatada na entrevista do leitor 10 E.G. Para ele, todos os textos são importantes menos o texto 3:

- Após a leitura dos 4 textos, o que você pôde entender? De qual texto você mais e de qual menos gostou?

- Eu goste de 2 textos, o 1 e 2 são semelhantes no meu ponto de vista. Todos eles são assim importantes. O texto 3 não é importante, pelo meu ponto de vista.

Esta visão relacionada à importância e ao valor do texto 3 é relatada por vários leitores que, associam o sentido do texto com o seu tamanho. Vários leitores comentam que o texto 3 é muito resumido e que os outros textos são mais completos. Vejamos o caso do leitor 22 M.C.:

- E o texto 3? Você não comentou muito.

- O texto 3 eu não comentei muito por ser pequeno, então achei que não tinha muito conteúdo.

Apesar de M.C. não ter utilizado as mesmas palavras dos outros leitores para demonstrar a falta de importância do texto 3, a relação estabelecida por ele entre o tamanho do texto e sua pouca importância esteve relacionada com a ausência de conteúdo.

Este tipo de relação é também apresentado pelo leitor 11 E.E. que, embora comente que o texto 3 é sem graça e que os outros textos são mais completos, a finalização de sua resposta é construída com base no poema concreto. Vejamos o trecho que apresenta a situação relatada:

- Tem algum de que você não gostou ou não se identificou?

- Do texto 3. É uma coisa sem graça. O texto 1 e 2 é mais completo. Eu fico com o texto 2. (tem uma música). O texto 3 fala de um amor mais bonito, fala de ferida, temos que começar de novo, é um amor mais sofrido.

- Os textos 2 e 4, falam de ferida?

- Os outros falam de feridas, mas fala de coisas boas também. O texto 3 começa com feridas. É o mais curto, abrange mais, é mais fácil para você ver. Como o texto 3 é menor, então o que marca é a ferida, porque começa com ferida.

Novamente, apresenta-se aqui a questão do tamanho do texto. Embora este elemento seja algo muito comentado pela maioria dos leitores, a relevância deste elemento não produz o mesmo efeito na recepção do texto 3. Para alguns, o fato de o poema 3 ser curto significa dificuldade e complexidade, para outros, este elemento significa facilidade e simplicidade. É o caso do leitor 6 C.A.:

- Então, qual texto que você não se identificou?

- O 3. É mais simples. Não tem complexo. Ele é mais curto, mas é um texto que fala também de amor, só que não demonstra como os outros três textos e que fala daquilo que você está fazendo, que não adianta você fazer, se não existir o amor naquilo que você faz.

A simplicidade do texto 3, segundo a opinião do leitor 6 C.A., possibilitou um contato mais profundo com o texto e, por conseguinte, a elaboração de um significado relevante para ele. Ao dialogar com o texto, o leitor verificou o efeito visual do poema concreto e utilizou este elemento para elaborar o sentido do texto:

- Você comentou que o texto 3 é mais diferente. Além do sentimento do amor, você vê alguma forma, algum desenho nesse texto?

- Acredito que é um desenho de flores, fala de feridas sem ferida; porque às vezes, você fere e você não sente que feriu; é como se fosse as feridas sem ferida. E através do amor você enxerga tudo colorido, se você não existir amor, a vida fica tudo branco e preto. É isso aí.

- E a flor simboliza isso para você?

- A flor simboliza o gesto de amor. Você vê uma flor nascer, você vê uma flor desabrochar, é como se você tivesse vivendo o amor naquilo que você está vendo.

Diferentemente do leitor 6 C.A., a simplicidade vista pelo leitor 28 R.P. não contribuiu para a elaboração de um sentido relevante. Este leitor exclui o texto 3 das relações estabelecidas entre os outros textos, mas não explica sua opinião. Apesar de ter classificado o texto 3 mais simples que os outros, foram os outros textos que ofereceram frases que deixaram este leitor intrigado. Mesmo que ele não tenha comentado sobre o que o deixou intrigado, podemos deduzir que algum efeito semelhante os textos 1, 2 e 4 tenha provocado neste leitor, diferentemente do efeito provocado pelo texto 3. A dificuldade de se expressar deste leitor nos impossibilita de realizar uma análise mais objetiva, contudo, podemos verificar que há uma certa confusão na atribuição do sentido do texto 3 ao relacionar o amor de Jesus. Sabemos que, apesar de ser possível realizar diferentes leituras, não podemos realizar qualquer leitura. As opiniões do leitor 28 R.P. é um caso que nos demonstra a falta de consistência no sentido elaborado. Vejamos o trecho de sua entrevista para compreendermos melhor as considerações realizadas:

- Voltando a gravação:

- De qual texto que você mais gostou após essa releitura?

- O texto 1, 2 e 4 que mais gostei, me identifiquei.
- E o texto 3? Por que você o excluiu?
- O texto 3 é mais simples que os outros. Os outros textos têm frases que me deixou intrigado. O 3 me levou a outra conclusão minha. Pelo que eu li, o amor verdadeiro, mesmo, só de Jesus.

A relação estabelecida entre o texto 3 e seu tamanho é verificada de diferentes formas. Para o leitor 14 H.J. o tamanho do texto não significou simplicidade na elaboração do sentido, simplesmente não lhe ofereceu conteúdo suficiente para a elaboração do sentido. Este fato pode estar relacionado ao sentido atribuído por este leitor aos outros textos. Para ele, os outros textos são mais completos e o texto 3 representou apenas um resumo dos textos. Vejamos sua opinião:

- Se fosse para você escolher o texto que menos te agradou, qual seria?
- O texto 3, seria ele, porque é pequeno e tal... os outros complementam mais, talvez ele seria um resumo, não é?, não sei.

Outras relações também foram estabelecidas por alguns leitores, como, por exemplo, relacionar o texto 3 com o texto 4. Este efeito na conduta de alguns leitores demandou o uso de determinados conhecimentos para estabelecer a relação. É o caso do leitor 20 M.P. Vejamos um trecho de sua entrevista:

- [...] O segundo é o mesmo texto, igual o número um, em outra linguagem, uma linguagem mais moderna. O texto 3 é o quarto também, de uma outra forma, mais resumida, escrito em outro estilo,
- E essa forma chamou a sua atenção? Você gostou?
  - Não, eu prefiro o texto quatro.

Este leitor, apesar de também ter considerado o texto 3 um resumo, ele o relaciona com o texto 4, além de mostrar-se muito seguro nas definições realizadas. De acordo com estes dados, verificamos que, a atribuição da palavra resumo não significa falta de entendimento. Este leitor simplesmente não demonstrou preferência pelo estilo do texto 3 e este fato criou uma barreira entre o texto e o leitor. Nesse sentido, podemos dizer que nem sempre a falta de diálogo com o texto significa falta de compreensão. Apesar de muitos leitores terem demonstrado condições de estabelecer um diálogo profundo com o texto 3 e elaborar significados de forma crítica, a falta de disposição do leitor falou mais alto e impediu sua interação com o texto. É o caso da leitora 14 J.A.

Se você tivesse que escolher um texto que você mais gostou e um de que você menos gostou, quais seriam?

- Eu, principalmente eu acho gostoso o texto do Renato né, tem toda aquela musicalidade, é gostoso, ai você canta, ai depois você para, ai você trabalha a melodia. Agora o 3....eu já acho.. assim... como eu sou meio.... conservadora, sei lá, eu gosto de poesia antiga, gosto daquela coisa mais

- Você acha que o texto 3 é uma poesia?

- É... não deixa de ser, não é?.... moderna, vamos dizer assim, se você for trabalhar com um negócio desse você tem que parar e pensar, porque aqui já ta pronto, agora aqui não, tem que parar e pensar.

Notamos que a falta de interação desta leitora com o poema concreto esteve relacionada com seu gosto pessoal. O fato de esta leitora gostar de poesia antiga e reconhecer o elemento moderno no poema concreto, criou uma barreira na elaboração do sentido do texto 3. Contudo, a leitora reconhece a complexidade do poema e comenta que para elaborar seu sentido é necessário parar e pensar. Esta posição de neutralidade diante de um texto diferente pôde ser observada de diferentes formas. Enquanto o reconhecimento da complexidade do poema, por parte de alguns leitores, foi um fator determinante para impedir um diálogo mais profundo, por outro lado, outros leitores deixaram de dialogar com o texto pelo fato de não reconhecerem tal complexidade e considerar o poema concreto algo sem sentido e vazio. Muitas vezes essa falta de compreensão esteve relacionada à forma organizacional das palavras que, para muitos leitores, causou um efeito de confusão, falta de seqüência, enfim, palavras jogadas ao vento. Vejamos o caso de algumas leitoras:

**Leitor 25 P.C.**

- E o que você menos gostou, qual seria?

- Esse 3 que eu achei assim, tanto a disposição dele que ficou meio estranha e aquelas rimas ali que parece um pouco meio infantil.

Leitora 2 A.P.

- E o texto3? Você não comentou muito sobre ele, por quê?

- Porque ele tá, assim, sem palavras dos textos em geral, que eu pude identificar, mas não forma uma idéia pra mim, não junta, não tem uma seqüência, tá cortada as palavras, mas, assim, não cheguei numa conclusão.

**Leitora 7 E.G.**

- E o terceiro que você não citou?

-Eu achei ele vazio, não tem sentido pra mim. Tem sentido se fosse colocado com sequência, como não é em seqüência..... tem palavras que dizem assim: “feridas”, “flor”; palavras vazias; outras nem tão vazias, mas muitas vazias.

### **Leitora 19 M.A.S.**

- Por que você não entendeu o texto 3?

- Pra mim é só palavras, não sei, é só palavras [...] uma colocada debaixo da outra [...] não, tem uma palavra na seqüência.

### **Leitora 8 F.V.**

- Tem algum texto que você não se identificou?

- O texto 3.

- Por quê?

Talvez pela forma que ele está escrito. Pela estrutura dele.... é.... eu não consegui.....

### **Leitora 10 I.B.**

- E o texto 3? Você não comentou muito.

- O texto 3 é bem vago são palavras que dá uma determinação de tudo. É tudo uma afirmação, não é um texto em si, é uma afirmação, não é um texto. É ferida, é começo, é de novo, é rir, é rói, é o amor. São palavras determinantes, não é um texto em si.

### **Leitora 11 J.E.**

- Desses quatro textos existe algum deles que você não gostou ou que tenha chamado menos a sua atenção?

- Ah, sim, esse número 3 não me chamou a atenção mesmo. Parece que não tem nenhuma relação com nada. São palavras jogadas.

### **Leitora 13 J.I.**

[...] o texto 3 foi o que eu menos gostei por ser mais abstrato e diferente os versos, a escrita dos versos, as palavras não terminam no mesmo verso.

### **Leitora 17 M.M.**

- E o texto 3, você consegue ver alguma forma nele? Algo além do conteúdo você consegue ver alguma forma diferente nele?

[...] as palavras não estão nem juntas elas estão todas separadas.

- E você acha que os quatro textos falam do mesmo tipo de amor ou são amores diferentes?

[..] o texto 3 relata sobre um amor perdido algo que já se foi e que ficou somente a dor a lembrança, alguma coisa assim.

### **Leitora 18 M.A.**

- E o texto 3? Você não comentou muito.

- [...] o texto 3 eu realmente não entendi [...] achei umas palavras jogadas ao vento.

- Mas você acha que ele também fala de amor?



- Talvez sim, eu não entendi muito bem, mas acho que ele fala de um amor mais doloroso, mais sofrido, eu acho.

**Leitora 21 M.A.S.M.**

(...) o 3 eu não gostei muito não, achei meio sem sentido.

- Você vê alguma figura no texto 3?

- Sim, as palavras formam uma figura, agora falar qual figura é, parece uma espada. Com a espada você pode se machucar e faz uma ferida.

**Leitora 27 S.A.**

(...) E esse daqui (3) fala de amor também, mas de uma forma bem diferente dos outros.

- O que seria essa forma diferente?

-Eu acho que ele é mais simples e mais curto, mais simples e assim... pra quem escreveu tem uma visão diferente, se eu for ler e for interpretar o que ele escreveu aqui. [...] acho que ele parece uma espada.

De todos os casos apresentados, a disposição diferente do texto causou um efeito de distanciamento e falta de compreensão, apesar de algumas leitoras terem elaborado sentidos relevantes, como no caso das leitora 17 M.M., leitora 18M.A., leitora 21 M.A.S.M., leitora 27 S.A. Todas estas leitoras fizeram uma associação entre a questão estética e o conteúdo do texto. Contudo, a não consciência desta relação fez com que elas continuassem afirmando a falta de sentido do texto. Embora todas elas tenham criado significados relevantes, esta constituição não teve relevância para elas próprias.

Diferentemente dessas leitoras, a leitora 22 R.C. estabeleceu um diálogo com o texto de modo profundo, reconhecendo de modo consciente a relação estética e os possíveis efeitos do texto. Embora não tenha comentado de modo explícito a questão estética, esta leitora verifica a complexidade deste tipo de texto ao relaciona-lo com outro tipo de complexidade representada pelo soneto de Camões. Vejamos parte de sua entrevista para compreender as considerações realizadas:

- Você conhece os textos?

- O texto 3 eu nunca tinha visto. Foi a primeira vez. Eu acho também que é um texto que fala um pouquinho de oposto ele consegue mostrar o amor de um jeito bem legal e bem mais sintético. Eu gostei dele. Eu acho que é o mesmo tipo de amor de Camões que fala de amor que dói, do amor que machuca, mas que a gente não desiste e tudo começa de novo e a gente insiste na dor, mas é uma dor que a gente não deixa de querer sentir.

Outro ponto de vista interessante é relatado pela leitora 26 S.Z. Ela não faz relações do texto com os elementos estéticos, mas verifica a relação do texto 3 com os demais textos:

[...] eu gostei também bastante do texto 3 porque eu acho que ele também não deixa de ser um ensinamento de vida.

- E você já conhecia o texto 3?

- Não, mas eu acho que uma ferida sem ferida tudo começa de novo, a ferida ela se cura e tudo começa de novo. A gente não pode pensar só no sofrimento também da vida da existência. A ferida, ela se cura, por isso que eu vi: sem ferida tudo começa de novo. A cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai e a dor dói, então eu achei muito bonito, gostei muito.

[...] Eu acho que o 3, parece que o texto 3 está fechando o ciclo do que se foi falado nos outros textos.

Para muitos leitores, o texto 3 causou um efeito de confusão, mistura e falta de sentido para muitos leitores, sendo, inclusive, descaracterizado como um texto em si pela leitora 10 I.B. De acordo com suas palavras, o texto 3 “não é um texto em si”. Por outro lado, seu efeito não causou somente falta de compreensão. Vários leitores elaboraram sentidos relacionando ou não à construção estética. Alguns leitores consideraram o texto 3 algo confuso por não apresentar uma sequência, outros o consideraram sem sentido pelo fato de apresentar palavras jogadas. Entretanto, a leitora 26 S.Z., ainda que inconscientemente, utilizou esta mistura presente no texto 3 para constituir seu sentido na relação com os outros textos. Para ela, o texto 3 fecha o ciclo dos outros textos. Esta relação também é notada pela leitora 16 L.R. Para ela, o texto 3 foi construído utilizando as palavras dos outros textos. Apesar de observar esta relação, a leitora 16 L.R. não interage de modo mais profundo com o texto e, para ela, a elaboração do sentido foi simplesmente demonstrada por sua afirmação ao dizer que o texto tinha sentido. Vejamos a parte comentada:

- E esse texto 3, você já tinha visto em algum lugar?

- Então, partes dessas palavras que estão aqui no texto 4: “Ferida” que tá aqui, e aí foi jogando com as palavras e deu essa poesia aqui porque tem sentido, olha só: Ferida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rio rói o amor mói.

Após todas as situações relatadas, podemos confirmar a importância da leitura crítica, pois sua ausência fez com que os leitores lessem os textos

simplesmente porque eram capazes de decodificar as letras. Grande parte dos leitores não teve a capacidade de enxergar o que estava por trás da organização estrutural do poema concreto. Na maioria das vezes, o impedimento criado pelos leitores num diálogo mais profundo com o texto não esteve relacionado com a falta de formação ou de informação, mas com a falta de vontade de interagir com o poema ao reconhecerem que o sua estrutura composicional exigiria uma maior atenção e a constituição de seu sentido deveria ser realizada de uma forma não convencional.

O diferente e o novo causaram um estranhamento e este fato gerou um afastamento do leitores em relação ao texto 3. A necessidade de tomar como referência o não dado para elaborar o sentido do poema concreto exige um posicionamento mais crítico e reflexivo. Entretanto, os leitores que estão acostumados a elaborar significados por meio de uma realidade estável, ao encontrarem uma nova realidade, preferem manter uma postura mais neutra.

A estabilidade rompida pelo surgimento de algo diferente, como no caso do poema concreto, fez com que o leitor se sentisse perdido e deixasse de elaborar significados, mesmo possuindo capacidade para tal realização. Após o término desta pesquisa, chegamos à conclusão de que um fator determinante para este tipo de reação dos leitores deve estar relacionado à influência das normas clássicas de interpretação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*[...] nenhuma arte é mais visceralmente nacional do que a poesia. Um povo pode ter sua língua trasladada para longe de si, abolida, e uma outra língua imposta nas escolas; mas a menos que alguém ensine esse povo a sentir numa nova língua, ninguém conseguirá erradicar o idioma antigo, e ele reaparecerá na poesia, que é o veículo do sentimento.*

*Thomas Stearns Eliot*

Ao término da pesquisa, foi possível verificar algumas relações estabelecidas entre os leitores e os textos selecionados. Com base nos dados obtidos pelas interpretações dos sessenta leitores, confirmamos o fato de que ainda que o contexto possa influenciar a interpretação de um texto, há outros fatores que devem ser considerados no momento de sua recepção, e um desses elementos é, sem dúvida, o perfil do receptor do texto. Ainda que o leitor não se familiarize com as normas de produção de determinado texto, será sua tomada de consciência sobre este distanciamento e sua atitude de dialogar com a obra que permitirão a constituição de seu sentido.

O processo de recepção se concretiza, assim, no momento em que o leitor utiliza os elementos de suas formações socioculturais para ampliar seu horizonte de expectativas, independentemente de sua formação escolar, profissional, faixa etária, raça ou cor. O fato de ser coetâneo da produção de um texto, conhecer o contexto de produção e seu autor, podem ajudar na apreensão do sentido, mas isto não significa que a ausência dessas informações impossibilite uma nova organização das referências para que se construa o sentido do texto por meio do não dado. É possível utilizar nossos conhecimentos para compreender as orientações internas do texto e constituir um significado novo e independente de representações preestabelecidas. Todos nós apresentamos horizontes de expectativas que serão rompidos ou não de acordo com o conhecimento particular trazido pela experiência de vida de cada um. Entretanto, será a forma como nos dispusermos a dialogar com o texto que determinará a apreensão dos sentidos e sua constituição.

O que determina o tipo de leitura não são o grau de escolaridade ou o nível social. O texto literário não é cópia de uma realidade estável: ele, por si só, constitui um objeto de significação que depende do leitor para existir. Entretanto, a forma como os leitores apreenderam o sentido dos textos nos demonstrou o quanto a norma clássica de interpretação está presente nas leituras realizadas. O fato de o *corpus* ter sido composto por textos literários relacionados entre si pela temática do amor e, ao mesmo, tempo apresentar várias diferenças composicionais e estruturais, teve o objetivo de proporcionar uma diversidade de relações entre os textos e, por conseguinte, um leque de leituras diferentes. Entretanto, o que verificamos foi que, apesar de o *corpus*

selecionado e da composição tão heterogênea dos leitores, as leituras, de modo geral, foram muito homogêneas, parecendo estar orientadas para um significado unívoco e preestabelecido por uma formação escolar fortemente influenciada por normas clássicas de interpretação. Em outras palavras, os resultados trazidos pelas entrevistas demonstraram o quanto a leitura escolarizada e voltada para as normas clássicas impossibilita o leitor de se aprofundar no texto. A busca por um significado correto impediu que vários leitores utilizassem sua consciência imaginativa na constituição do sentido. Como já dizia Iser, “[...] o sentido só começa a perder seu caráter estético e assumir um caráter referencial quando nos perguntamos por seu significado” (ISER, 1996, p.55). Com efeito, muitos leitores, apesar de demonstrarem habilidades e conhecimentos para utilizar o caráter estético na constituição do sentido, preferiram utilizar o caráter referencial.

O intuito desta pesquisa não foi realizar uma análise profunda e detalhada do efeito dos textos na conduta dos leitores, mas sim apresentar de forma descritiva, por meio das entrevistas, os possíveis efeitos causados na conduta dos leitores. Embora tenhamos concentrado o foco de nossa pesquisa na recepção do poema concreto, decidimos manter as entrevistas na íntegra, de forma que este material possa motivar futuras pesquisas interessadas na relação entre texto e leitor, utilizando não somente o poema concreto mas também os dados obtidos pelas interpretações dos demais textos do *corpus*. O tempo disponível para a realização da pesquisa não permitiu que se trabalhasse com as interpretações de todos os textos e de todos os leitores, o que nos fez redefinir o *corpus* e centrar nosso interesse no poema concreto. Contudo, temos consciência da complexidade do tema apresentado. Por isso, as descrições apresentadas tiveram o intuito de indicar possibilidades de análise e de motivar uma sequência de estudos na área, para confirmar, acrescentar, contrapor e refletir sobre a necessidade de se despragmatizar leituras escolarizadas para o desenvolvimento de uma leitura mais crítica, consciente e livre de regras que bloqueiam a consciência imaginativa do leitor. A partir do momento em que o leitor se posiciona para descobrir significados ocultos dentro do texto, influenciado pela norma clássica de interpretação, o efeito estético perde sua razão de ser e o texto passa a atuar como uma simples mensagem referencial ou, como no caso apresentado do poema

concreto, deixa de possuir um significado pela não receptividade do leitor. Nas entrevistas, notamos que, na maioria das vezes, o que impediu os leitores de compreenderem o texto 3 e de se aprofundarem nos seus significados nem sempre foi a falta de (in)formação, mas a falta de disposição do leitor perante o texto. Esta falta de receptividade fez com que o poema concreto, um texto literário de maior complexidade, gerasse um estranhamento tamanho que permitisse uma diversidade de novas definições por parte dos leitores. Além de “vazio”, diversas outras palavras foram utilizadas para expressar o sentimento dos leitores em relação ao texto 3, como vimos no final do último capítulo.

Todo texto literário possui diferentes elementos na sua composição, o que contribui para a elaboração de diferentes significados. Entretanto, para que haja uma elaboração mais profunda por parte dos leitores, é importante que se desenvolvam cada vez mais pesquisas na área da leitura para que o leitor aprenda a utilizar, cada vez mais, seus conhecimentos e experiências individuais na construção do sentido, o que contribuirá para uma leitura mais reflexiva e para um melhor entendimento da função social de um texto. Para muitos, a leitura significa simplesmente uma forma de ascensão social: quem lê muito, fala e escreve bem. Falar e escrever bem são instrumentos estratégicos de dominação e poder. Ezequiel Theodoro da Silva comenta a visão que as pessoas têm sobre o poder da leitura:

A tese de que, pela leitura, pode-se ascender socialmente, reforça o preconceito político e social contra os segmentos sociais marginalizados. Trata-se de um processo muito semelhante ao que se faz com relação à defesa da chamada norma culta: depreciam-se as formas de expressão populares, caracterizando-as como erradas ou inadequadas para o uso universal e inculca-se nas pessoas a ideia de que elas poderão ter mais sucesso social se vierem a falar como fala a elite. (SILVA, 2002, p.12-13)

Nas palavras de Silva, a leitura é uma prática que está muito além da decodificação de palavras e elaboração sentidos. Sua importância se relaciona com o formação do sujeito e seu papel social. Desta forma, a atuação do texto literário é importantíssima, já que, apresenta, no desenvolvimento de sua leitura, elementos estéticos que obrigam o leitor a sair de sua zona de conforto, presente na linguagem referencial, e construir significados por meio do diferente.

A ficção tem o poder de transportar nossa mente para situações inimagináveis. Este fato é de extrema importância para o desenvolvimento de uma mente crítica e reflexiva. Antônio Cândido discorre sobre a necessidade que todos temos de mergulhar no mundo ficcional. Para ele, os direitos humanos não estão relacionados somente com casa, comida e bens materiais. O direito à literatura é algo de que todos deveriam usufruir. Entretanto, apesar de muitos dos leitores entrevistados apresentarem condições de usufruírem desse direito, não o fazem, talvez, pela grande necessidade de terem que absorver grande quantidade de informações técnicas para o meio de trabalho. A grande competitividade na nossa sociedade capitalista exige que o profissional esteja sempre atualizado. Este fato faz com que a busca por informações e conhecimentos seja algo constante. Entretanto, a grande quantidade de informações oferecidas pela internet é algo que pode tornar-se negativo se o sujeito não souber selecionar as informações. Este cuidado exige uma busca detalhada e muita leitura. Porém, esta leitura, realizada diariamente pela maioria das pessoas, está mais relacionada com o caráter referencial da linguagem. Este hábito acaba dificultando a constituição de sentidos por meio de elementos estéticos, o que confirma o fato de que embora muitos leitores tivessem condições de utilizar os elementos estéticos na constituição do sentido dos textos, a maioria preferiu limitar-se ao uso da linguagem referencial. Podemos relacionar este fato com a grande preferência pelo texto 1 (texto bíblico). Apesar de também ser um texto literário e utilizar elementos estéticos, de todos os textos, ele é o que mais se assemelha a um texto visto pelos leitores no dia a dia, tanto pela sua estrutura, quanto pelas escolhas lexicais simples e utilização do sujeito do discurso na primeira pessoa do singular, o que pode ter facilitado a leitura.

Os resultados obtidos pelas entrevistas demonstraram que não foi o nível social nem o grau de escolaridade que fizeram o sujeito utilizar a leitura de modo crítico e reflexivo. É claro que uma formação adequada e recursos materiais podem ajudar muito no desenvolvimento do homem enquanto sujeito social. Entretanto, é o seu posicionamento perante o texto que contribuirá para o desenvolvimento de uma leitura crítica e reflexiva.

Apesar de termos trabalhado com um número pequeno de leitores, foi possível verificar, de um modo geral, o efeito causado pelos diferentes textos



literários na conduta dos leitores. É claro que não podemos generalizar a situação pelos resultados obtidos. Contudo, ficou clara a importância de continuar desenvolvendo estudos na área da leitura para que, desse modo, o texto literário não seja algo tão estranho aos olhos das pessoas fora do mundo acadêmico. Seu estranhamento deve ser um elemento reconhecido para que seu uso seja de grande contribuição para o desenvolvimento crítico do sujeito durante o processo de recepção e elaboração dos possíveis sentidos de um texto.

O que diferencia os leitores dos ledores não é a formação sociocultural do sujeito nem o grau de dificuldade de um texto, estabelecido pela sua elaboração estética. Saber ler não é suficiente para ser um leitor:

Há uma distinção fundamental a ser feita entre ledores e leitores. Os primeiros seriam sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações e recriá-las. O texto é tábula rasa, exposição sem mistérios das poeiras do mundo. Os leitores, ao contrário, seriam seres em permanente busca de sentidos e saberes, já que reconhecem a linguagem como possibilidade e precariedade, como presença e ausência ao mesmo tempo, ambigüidade irreduzível face aos objetos que nomeia. (PERROTTI,1999, p.32)

Utilizaremos esta distinção feita por Perrotti para comentar os resultados obtidos pela pesquisa. Foi possível verificar que as diferentes formações socioculturais influenciaram na elaboração do significado de um texto, o que não significa maior ou menor nível de escolaridade ou social. Muitos leitores, embora possuíssem formação escolar adequada para interagir com o texto, atuaram simplesmente como ledores. Por outro lado, leitores que, embora não apresentassem uma formação escolar completa, tiveram um posicionamento ativo perante o texto pelo simples fato de explorar seus conhecimentos de mundo na constituição do sentido do texto. Esta vontade de conhecer o desconhecido, esta atitude interativa perante o texto fez com que simples leitores da sociedade pudessem demonstrar seu lado crítico e reflexivo ao mergulhar em um texto diferente daqueles utilizados em seu dia a dia. Nesse sentido, podemos dizer que o nível de escolaridade não foi o elemento determinante para diferenciar um leitor de um ledor, no sentido abordado por Perrotti. Este fato nos faz refletir sobre o sistema educacional, pois, de acordo

com os resultados obtidos, não é o nível escolar que determina a leitura crítica e reflexiva, mas o tipo de educação escolar tida pelos diferentes leitores que permitiu a cada um deles utilizar ou não seus conhecimentos e experiências individuais para dialogar de maneira ativa, crítica e reflexiva com os textos apresentados.

Possuir uma leitura crítica não significa possuir conhecimentos teóricos sobre o assunto lido, muito menos fazer uso de palavras difíceis ou técnicas. Ser crítico é saber utilizar os próprios conhecimentos numa relação ativa perante um texto, é construir significados que, embora ditos de modo simples, fazem surgir pensamentos novos que contribuam de alguma forma para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Os efeitos criados pelo poema concreto confirmam a importância e necessidade de se desenvolver uma atitude interativa entre texto e leitor, pois, a falta e o excesso de (in)formação contribuíram de modo tanto positivo quanto negativo na constituição do sentido do poema concreto. Seja pelo estranhamento, pelo encantamento, pela falta de entendimento ou de informação, os efeitos do poema concreto contribuíram de alguma forma para a (des)construção de ideias interiorizadas dentro de cada leitor. Este fato permite o desenvolvimento de conhecimentos que fazem parte das formações socioculturais de cada um de nós. Ou seja, a cada encontro com um texto temos a possibilidade de desenvolver o leitor adormecido que há em cada um de nós e que está, simplesmente, esperando por uma atitude motivadora, questionadora, reflexiva, estranha ou diferente para entrar em ação. Enfim, seja qual for o tipo de atitude, o importante é que os textos não percam a capacidade de criar efeitos diferentes em leitores de todos os tipos e classes sociais.

O texto somente concretiza sua função social a partir do momento em que é lido por alguém, o que não significa ser lido da mesma forma. A constituição do sentido dependerá de como o leitor utilizará seus conhecimentos e habilidades e de quanto ele estará disposto a dialogar de forma ativa com o texto. Só assim a leitura atuará de modo reflexivo, contribuindo para o desenvolvimento crítico e intelectual daquele que se dispõe a ler o texto proposto.

Sabendo que a linguagem poética utiliza recursos estilísticos e grande parte de sua organização é feita por meio de uma linguagem conotativa, podemos ressaltar a complexidade deste tipo de texto. Nesse sentido, é relevante comentar que os dois leitores que demonstraram preferência pelo poema concreto (E.L. e P.C.) não possuem formação específica na área e nem mesmo possuem o Ensino Superior. Desta forma, podemos concluir que a sensibilidade poética de um leitor não depende de sua formação, mas daquilo que o texto representa para ele no ato da leitura. Ou seja, há uma relação entre os conhecimentos e experiências de vida do leitor com a elaboração do sentido do texto, ainda que inconscientemente. As pessoas geralmente possuem um grande repertório de diferentes experiências, seja dentro ou fora do meio escolar. Desta forma, como demonstrado pelas entrevistas, muitos leitores utilizaram seus conhecimentos individuais na constituição do sentido, o que envolveu a compreensão de aspectos linguísticos que nem sempre estavam relacionados com o conhecimento teórico dos leitores.

**REFERÊNCIAS**

ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 210 p.

BARROS, Diana Luz. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003. 96 p.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. 3. ed. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007. 234 p.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987. 86 p.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 203 p.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Tradução José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 275 p.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas*. 2. ed. São Paulo: Mercado Aberto, 1993. 176 p.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1996. 103 p.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2006.

CAPATTO, Renata Macedo. *Nas malhas do leitor: um estudo de teses e dissertações sobre leitura/recepção de textos (1980-2003)*. 2005. 342 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

CECCANTINI, João Luís C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. 2000. 462 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. 303 p.

ELIOT, Thomas Stearns. A função social da poesia. In: \_\_\_\_\_. *De poesia e poetas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ECO, Umberto. A Música, o Rádio e a Televisão. In: \_\_\_\_\_. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 315-323.

ECO, Umberto. Apontamentos sobre a Televisão. In: \_\_\_\_\_. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 325-364.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Tradução Mário Brito. Lisboa: Presença, 1979.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158 p.

ECO, Umberto. *A literatura contra o Efêmero*. São Paulo: Folha de São Paulo, Caderno Mais, 18/02/2001.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 284 p.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003. 305 p.

ECO, Umberto. Interpretação histórica. In: \_\_\_\_\_. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRAGA ROCCO, Maria Thereza. *Literatura/ensino: uma problemática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. 286 p.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: \_\_\_\_\_. FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 80 p.

ISER, Wolfgang. *The implied reader*. London: The Johns Hopkins University, 1974.

ISER, Wolfgang. *Prospecting: from reader response to literacy anthropology*. London: The Johns Hopkins University, 1989.

ISER, Wolfgang. *O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1.

ISER, Wolfgang. *O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v.2.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002. 161 p.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2002. 102 p.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 168 p.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 98 p.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leituras*. São Paulo: Moderna, 2001. 128 p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Indústria cultural & renovação literária. In: \_\_\_\_\_. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

LEME BRITTO, Luiz Percival. Máximas impertinentes. In: PRADO, J; CONDINI, P. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 97-102.

LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LYRA, Pedro. *Literatura e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

MARCUSCHI, Antonio Luiz. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 238 p.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução a Lingüística: Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005, p.353-92.

POUND, Ezra. O artista sério. In: \_\_\_\_\_. *Arte da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1998.

NISKIER, Arnaldo. Um país se faz com homens e livros. In: PRADO, J; CONDINI, P. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 17-22.

PERROTTI, Edmir. Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: PRADO, J; CONDINI, P. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 31-40.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, J; CONDINI, P. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 23-24.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de letras, 1998, p. 213-30.

SMITH, Frank. Leitura para além dos olhos. In: \_\_\_\_\_. *Leitura significativa*. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SMITH, Frank. A leitura de letras, palavras e significado. In: \_\_\_\_\_. *Leitura significativa*. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr, n. 25, 2004.

TATIT, Luiz. Abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à lingüística 1: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

THEODORO DA SILVA, Ezequiel. *Elementos de pedagogia da leitura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

THEODORO DA SILVA, Ezequiel. A formação do leitor no Brasil: o novo/velho desafio. In: PRADO, J; CONDINI, P. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 31-40.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TODOROV, Tzvetan. Registos da fala. In: \_\_\_\_\_. *Poética*. Lisboa: Teorema, 1986.

WEFFORT, Francisco. Governo, cultura, leitura e identidade. In: PRADO, J; CONDINI, P. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999, p. 31-40.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. *Fim dos livros, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.



## **ANEXOS**

**ANEXO I****Primeira apresentação dos textos**

TEXTO 1	TEXTO 2	TEXTO 3
<p>Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.</p> <p>E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.</p> <p>E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.</p> <p>O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.</p> <p>Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;</p> <p>Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;</p> <p>Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.</p> <p>O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;</p> <p>Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;</p> <p>Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.</p> <p>Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.</p> <p>Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.</p> <p>Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor</p>	<p>Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor, eu nada seria... É só o amor, é só o amor Que conhece o que é verdade O amor é bom, não quer o mal Não sente inveja Ou se envaidece... O amor é o fogo Que arde sem se ver É ferida que dói E não se sente É um contentamento Descontente É dor que desatina sem doer... Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor, eu nada seria... É um não querer Mais que bem querer É solitário andar Por entre a gente É um não contentar-se De contente É cuidar que se ganha Em se perder... É um estar-se preso Por vontade É servir a quem vence O vencedor É um ter com quem nos mata A lealdade Tão contrário a si É o mesmo amor... Estou acordado E todos dormem, todos dormem Todos dormem Agora vejo em parte Mas então veremos face a face É só o amor, é só o amor Que conhece o que é verdade... Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor, eu nada seria...</p>	<p>fer ida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai a dor dói</p>
<p>TEXTO 4</p> <p>Amor é fogo que arde sem se ver; É ferida que dói e não se sente; É um contentamento descontente; É dor que desatina sem doer;</p> <p>É um não querer mais que bem querer; É solitário andar por entre a gente; É nunca contentar-se de contente; É cuidar que se ganha em se perder;</p> <p>É querer estar preso por vontade; É servir a quem vence, o vencedor; É ter com quem nos mata lealdade.</p> <p>Mas como causar pode seu favor Nos corações humanos amizade, se tão contrário a si é o mesmo Amor?</p>	<p>Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor, eu nada seria...</p>	

## **ANEXO II**

### **Divisão dos grupos por idade**

### Idade dos leitores

Ano de nascimento dos leitores	Idade dos leitores em 1989 (ano de lançamento da música)	Idade dos leitores em 1996 (Ano da morte de Renato Russo)	Idade dos leitores no ano de 2010 (ano de realização das entrevistas)
1959	30	37	51
1960	29	36	50
1961	28	35	49
1962	27	34	48
1963	26	33	47
1964	25	32	46
1965	24	31	45
1966	23	30	44
1967	22	29	43
1968	21	28	42
1969	20	27	41
1970	19	26	40
1971	18	25	39
1972	17	24	38
1973	16	23	37
1974	15	22	36
1975	14	21	35
1976	13	20	34
1977	12	19	33
1978	11	18	32
1979	10	17	31
1980	9	16	30
1981	8	15	29
1982	7	14	28
1983	6	13	27
1984	5	12	26
1985	4	11	25
1986	3	10	24
1987	2	9	23
1988	1	8	22
1989	0	7	21
1990		6	20
1991		5	19
1992		4	18
1993		3	17
1994		2	16
1995		1	15

**ANEXO III**

**RELAÇÃO DOS LEITORES**

HOMENS	IDADE	PROFISSÃO	N.SOCAL	ESCOLARIDADE	TEXTO A	TEXTO B	MULHERES	IDADE	PROFISSÃO	N.SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO A	TEXTO B
1 A.A.	56	BANCARIO	ALTO	SUPERIOR	1	0	1 A.L.S	43	DO LAR	MÉDIO	MÉDIO	1	0
2 A.L.	65	FUN.PUBLICO	BAIXO	MÉDIO	4	0	2 A.P.	35	PROFESSORA	ALTO	SUPERIOR	4	3
3 A.F.	25	AUX.LABORATÓRIO	BAIXO	MÉDIO	1	3	3 A.L.	34	DO LAR	MÉDIO	MÉDIO	1	4
4 B.E.	25	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	1	3	4 B.O.	16	ESTUDANTE	MÉDIO	MÉDIO	2	3
5 B.G.	23	ADMINISTRADOR	BAIXO	SUPERIOR	0	3	5 C.M.	59	ESTETICISTA	BAIXO	FUNDAMENTAL	1	3
6 C.A.	41	MECÂNICO	MÉDIO	MÉDIO	2	0	6 D.P.	28	COSTUREIRA	BAIXO	MÉDIO	4	3
7 C.A.R	55	MOTORISTA	BAIXO	FUNDAMENTAL	4	1	7 E.G.	34	CABELEREIRA	MÉDIO	MÉDIO	1	3
8 D.S.A	20	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	4	3	8 F.V.	54	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	4	3
9 D.S.	38	VIGILANTE	BAIXO	MÉDIO	1	4	9 F.E.	30	BIÓLOGA	ALTO	SUPERIOR	2	3
10 E.G.	32	METALURGICO	MÉDIO	SUPERIOR	2	3	10 I.B.	51	CABELEREIRA	MÉDIO	MÉDIO	1	3
11 E.E.	37	FUN.PUBLICO	MÉDIO	MÉDIO	1	3	11 J.E.	63	PROFESSORA	ALTO	SUPERIOR	1	3
12 E.L.	17	ESTUDANTE	MÉDIO	MÉDIO	3	4	12 J.C.	35	DO LAR	MÉDIO	MÉDIO	2	3
13 F.A.	19	TEC.INFORMÁTICA	MÉDIO	SUPERIOR	4	3	13 J.I.	15	ESTUDANTE	BAIXO	MÉDIO	2	3
14 H.J.	39	ANALISTA	MÉDIO	SUPERIOR	2	3	14 J.A.	48	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	2	3
15 J.A.	44	POLICIAL	MÉDIO	MÉDIO	1	3	15 L.M.	22	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	0	0
16 J.N.	35	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	1,2	0	16 L.R.	41	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	1	2
17 J.E.	65	DENTISTA	MÉDIO	SUPERIOR	1,2	3	17 M.M.	25	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	0	0
18 J.C.	31	ELETRICISTA	MÉDIO	MÉDIO	1	4	18 M.A.	46	AUX. ADMINIST	BAIXO	SUPERIOR	0	0
19 L.K.	48	ADVOGADO	ALTO	SUPERIOR	2	4	19 M.A.S	39	DIARISTA	BAIXO	MÉDIO	1	3
20 M.P.	66	MÉDICO	ALTO	SUPERIOR	1	3	20 M.A.O	55	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	0	0
21 M.A.	37	METALURGICO	BAIXO	MÉDIO	1	3	21 M.A.S.M	29	DIARISTA	BAIXO	MÉDIO	1	3
22 M.C.	29	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	1	3	22 R.C.	28	BANCARIA	ALTO	SUPERIOR	1	2
23 N.C.	61	EMPRESARIO	ALTO	FUNDAMENTAL	1	4	23 R.I.	44	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	2	3
24 O.M.	47	PINTOR	BAIXO	MÉDIO	2	0	24 R.O.	40	INSPETORA	BAIXO	MÉDIO	1	3
25 P.C.	29	TEC.INFORMATCA	MÉDIO	SUPERIOR	1	3	25 S.F.	33	PEDAGOGA	MÉDIO	SUPERIOR	1	3
26 P.G.	22	METALURGICO	MÉDIO	MÉDIO	3	4	26 S.Z.	67	PROFESSORA	ALTO	SUPERIOR	1,3	0
27 P.L.	49	SOCIOLOGO	MÉDIO	SUPERIOR	0	0	27 S.A.	30	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	1,2	3
28 R.P.	35	VIGILANTE	BAIXO	MÉDIO	1,2,4	0	28 T.P.	21	CAIXA	BAIXO	MÉDIO	1	3
29 S.A.	40	PASTOR	MÉDIO	SUPERIOR	1	3	29 T.S.	18	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	2	3
30 W.S.	29	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	2	3	30 V.B.	26	SECRETÁRIA	MÉDIO	MÉDIO	1	0

**ANEXO IV**

**QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL**



Este questionário, baseado pelo questionário sociocultural do MEC, foi adaptado com o objetivo exclusivo de coletar dados socioculturais de diferentes leitores para uma pesquisa realizada pela mestranda Ellen Valotta Elias Borges, (estudante da UNESP/Assis, bolsista pela CAPES) que usará as informações levantadas de forma sigilosa, com objetivo estritamente profissional.

### DADOS PESSOAIS

- 1 Nome completo: \_\_\_\_\_  
 2 Sexo:  feminino  masculino  
 3 Endereço: \_\_\_\_\_  
 4 Telefone: \_\_\_\_\_ celular: \_\_\_\_\_  
 5 e-mail: \_\_\_\_\_@\_\_\_\_\_  
 6 Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_  
 7 Profissão \_\_\_\_\_

### VOCÊ E A FAMÍLIA

#### 1. Como você se considera:

- Branco(a).  Pardo(a).  Preto(a).  Amarelo(a).  Indígena.

#### 2. Qual a sua religião?

- Católica.  Protestante ou Evangélica.  Espírita.  
 Umbanda ou Candomblé.  Outra.  Sem religião.

#### 3. Qual seu estado civil?

- Solteiro.  Casado.  Separado.  Viúvo.  Moro com companheiro/a.

#### 4. Onde e como você mora atualmente?

- Em casa.  Apartamento.  Outra situação.

#### 5 Como é sua casa?

- Própria.  Alugada.  Financiada.

#### 6. Quem mora com você?

- Moro sozinho  Pai e/ou mãe.  Esposo(a) / companheiro e filhos.  
 Somente com filhos.  Outra situação : \_\_\_\_\_.

#### 7. Quantas pessoas moram em sua casa?

- Duas pessoas.  Três.  Quatro.  Cinco.  Mais de seis.  Moro sozinho(a).

#### 8. Quantos(as) filhos(as) você tem?

- Um.  Dois.  Três.  Quatro ou mais.  Não tenho filhos.

#### 9. Há quanto tempo você trabalha?

- Menos de 1 ano.  Mais de 2 anos.  Mais de 5 anos.  Mais de 10 anos.  Não trabalho.

#### 10 O principal responsável pelo sustento da sua família é:

- Seu pai.  Sua mãe.  Seu cônjuge.  Você.  Outro \_\_\_\_\_.

#### 11 Existe TV a cabo ou por assinatura em sua casa?

- Sim.  Não.

#### 12 Você possui carro ou moto?

- Não.  Carro.  Moto.  Marro e moto.  Mais de um carro.

**VOCÊ E OS ESTUDOS****13 Grau de escolaridade:**

- Nenhuma escolaridade;  
 Ensino Fundamental incompleto (até a 4ª série do primeiro grau);  
 Ensino Fundamental completo (até a 8ª série do primeiro grau);  
 Ensino Médio (segundo grau) incompleto;  
 Ensino Médio (segundo grau) completo;  
 Superior incompleto / curso: \_\_\_\_\_;  
 Superior Completo. / curso: \_\_\_\_\_;  
 Curso Técnico / curso: \_\_\_\_\_;  
 Pós-graduação / área: \_\_\_\_\_

**14. Se você trabalhou durante seus estudos, com que idade você começou a trabalhar?**

- Antes dos 14 anos.  Após 15 anos.  Após 18 anos.  Nunca trabalhei enquanto estudava.

**15. Com que finalidade você trabalhava enquanto estudava? (Marque apenas uma.)**

- Para ajudar meus pais nas despesas com a casa, sustentar a família.  
 Para meu sustento e o de minha família (esposo/a, filhos/as etc.).  
 Para ser independente (ter meu sustento, ganhar meu próprio dinheiro).  
 Para adquirir experiência.  
 Para ajudar minha comunidade.  
 Outra finalidade.  
 Nunca trabalhei enquanto estudava.

**16. Em que turno você cursou ou está cursando o ensino médio?**

- Somente no turno diurno.  
 Maior parte no turno diurno.  
 Somente no turno noturno.  
 Maior parte no turno noturno.  
 Não cursei o ensino médio.

**17. Em que tipo de escola você cursou ou está cursando o ensino médio?**

- Somente em escola pública.  
 Maior parte em escola pública.  
 Somente em escola particular  Com bolsa  Sem bolsa.  
 Maior parte em escola particular  Com bolsa  Sem bolsa.  
 Não cursei o ensino médio.

**18. Em que modalidade de ensino você concluiu ou vai concluir o ensino médio?**

- Ensino regular.  
 Educação para jovens e adultos (antigo Supletivo).  
 Ensino Técnico / Ensino Profissional.  
 Não cursei o Ensino Médio.

**19. Curso de língua estrangeira  Sim.  Não.****21. Curso de computação ou Informática  Sim.  Não.****22. Curso preparatório para o vestibular (cursinho)  Sim.  Não.****23. Quantos computadores você tem em sua casa?**

- Nenhum.  Um.  Dois.  Três.

**24. Que tipo de internet você tem em casa?**

- Não tenho internet.  Discada.  A radio.  Speedy.  outra.

**25. Para que você mais utiliza o microcomputador?**

- Diversão, jogos.  Trabalhos e pesquisas.  Trabalhos, pesquisas, email, MSN, Orkut.  
 e-mail.

**26. De qual computador você mais acessa a internet?**

- Na escola ou faculdade.  Em casa.  No trabalho.  Lan house.  
 Raramente acesso a internet.

**VOCÊ E A LEITURA****27. Você costuma ler jornais?**

- ( ) Nunca. ( ) Raramente. ( ) Somente aos domingos.  
 ( ) Duas vezes por semana. ( ) Diariamente.

**28. Qual o meio que você mais utiliza para se manter atualizado?**

- ( ) Jornal. ( ) Revistas. ( ) TV. ( ) Rádio. ( ) Internet.

**29 Com qual frequência você lê: (A) Frequentemente (B) Às vezes (C) Nunca**

Jornais (A) (B) (C).

Revistas de informação geral (Carta Capital, Veja, Istoé, (A) (B) (C).

Revistas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística (A) (B) (C).

Revistas de humor, quadrinhos ou jogos (A) (B) (C).

Revistas para adolescentes ou sobre TV, cinema, música, celebridades (A) (B) (C).

Revistas sobre comportamento, moda, estilo e decoração (A) (B) (C).

Revistas sobre automóveis, esportes e lazer (A) (B) (C).

Revistas sobre saúde (A) (B) (C).

Revistas sobre religião (A) (B) (C).

Revistas sobre educação, estudos, línguas estrangeiras (A) (B) (C).

Livros de ficção (romances, contos, poesias etc.) (A) (B) (C).

Livros de não-ficção e biografias (reportagens, livros científicos, documentários etc.) (A) (B) (C).

Dicionários, enciclopédias e manuais (A) (B) (C).

Sites e matérias na Internet (A) (B) (C).

**30 O quanto você se interessa pelos assuntos abaixo?**

- (A) Muito. (B) Pouco. (C) Não me interessa.

Política (A) (B) (C).

Esportes (A) (B) (C).

Religião (A) (B) (C).

Desigualdade social, pobreza, desemprego, miséria, drogas (A) (B) (C).

Artes, teatro, cinema, música (A) (B) (C).

Saúde, educação, meio ambiente (A) (B) (C).

Sexualidade (prazer, sexo seguro, gravidez, doenças sexualmente transmissíveis etc.) (A) (B) (C).

O racismo contra negros, indígenas, orientais, ciganos, judeus etc (A) (B) (C).

Discriminação e violência contra mulheres (A) (B) (C).

Discriminação e violência contra homossexuais / gays, lésbicas, bissexuais, travestis (A) (B) (C).

Discriminação e violência contra crianças e adolescentes (A) (B) (C).

Discriminação e violência contra pessoas idosas (A) (B) (C).

Discriminação e violência contra pessoas com deficiência (A) (B) (C).

**31 Que tipo de música você mais gosta?**

- ( ) MPB. ( ) Sertanejo. ( ) Pagode. ( ) Funk. ( ) Pop/Rock. ( ) internacional.  
 ( ) Outro estilo: \_\_\_\_\_.

## **ANEXO V**

### **CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DO NÍVEL SOCIAL**

Para a elaboração dos critérios a seguir, consideraremos o número 1 para Nível Social Alto, o número 2 para Nível Social Médio e o número 3 para Nível Social Baixo.

#### ELABORAÇÃO:

Para verificar o nível social dos entrevistados, considere um grupo de dez perguntas do questionário. As perguntas foram de número 5, 11, 12, 14, 15, 17, 19, 22, 23, 24. Para cada resposta foi atribuído um valor de 1, 2 ou 3. Estes valores representam respectivamente a classe social alta, classe social média, classe social baixa. Desta forma, o entrevistado que somar maior quantidade de números 1 na sua resposta, será considerado de nível alto, aquele que possuir maior quantidade de números 2 serão considerados de nível médio e aqueles que tiverem maior quantidade de números 3 serão considerados de classe baixa. Para cada pergunta foi estabelecido um parâmetro de análise. Veja o exemplo:

<b>5 Como é sua casa?</b>			
(A) Própria	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
(B) Alugada	1 ( )	2 ( x )	3 ( x )
(C) Financiada	1 ( )	2 ( x )	3 ( )

Aquele que respondeu casa própria, marcaremos a pontuação 1 (relativa à classe alta) e 2 (relativa à classe média), visto que ambas as classes podem possuir casa própria, este elemento não é único e exclusivo da classe social alta. Aquele que respondeu alugada, marcaremos a pontuação 2 (relativa à classe média) e 3 (relativa à classe baixa), visto que possuir uma casa alugada não é elemento único e exclusivo de classe baixa, podendo alguém da classe média possuir uma casa alugada também. Já no item financiada, consideramos apenas a classe média, visto que para financiar uma casa é pressuposto que haja uma renda per capita para se conseguir o financiamento.

<b>11 Existe Tv a cabo ou por assinatura em sua casa?</b>			
( x ) sim	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( x ) não	1 ( )	2 ( x )	3 ( x )

<b>12 Você possui carro ou moto?</b>			
( X ) não	1 ( )	2 ( )	3 ( x )
( X ) carro	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( X ) moto	1 ( )	2 ( x )	3 ( x )
( X ) carro e moto	1 ( )	2 ( )	3 ( )
( X ) mais de um carro	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )

<b>14. Se você trabalhou durante seus estudos, com que idade você começou a trabalhar?</b>			
( A ) Antes dos 14 anos.	1 ( )	2 ( )	3 ( x )
( B ) Após 15 anos.	1 ( )	2 ( x )	3 ( x )
( C ) Após 18 anos.	1 ( )	2 ( x )	3 ( x )
( D ) Nunca trabalhei enquanto estudava	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )

<b>15. Com que finalidade você trabalhava enquanto estudava?</b>			
(A) Para ajudar meus pais nas despesas com a casa, sustentar a família. 1( ) 2( ) 3( x )			
(B) Para meu sustento e o de minha família (esposo/a, filhos/as etc.). 1( ) 2( ) 3( x )			
(C) Para ser independente (ter meu sustento, ganhar meu próprio dinheiro). 1( ) 2( x ) 3( x )			
(D) Para adquirir experiência. 1( x ) 2( x ) 3( )			
(E) Para ajudar minha comunidade. 1( ) 2( x ) 3( )			
(F) Outra finalidade. 1( x ) 2( x ) 3( )			
(G) Nunca trabalhei enquanto estudava. 1( x ) 2( x ) 3( )			

<b>17. Em que tipo de escola você cursou ou está cursando o ensino médio?</b>			
(A) Somente em escola pública. 1( ) 2( x ) 3( x )			
(B) Maior parte em escola pública. 1( x ) 2( x ) 3( )			
(C) Somente em escola particular ( ) com bolsa ( ) sem bolsa1. 1( x ) 2( x ) 3( )			
(D) Maior parte em escola particular ( ) com bolsa ( ) sem bolsa1. 1( x ) 2( x ) 3( )			
(E) Não cursei o ensino médio.			

<b>19. Curso de língua estrangeira</b>			
( x ) sim.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( x ) não.	1 ( )	2 ( )	3 ( x )

<b>22. Curso preparatório para o vestibular (cursinho)</b>			
( x ) sim.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( x ) não.	1 ( )	2 ( x )	3 ( x )

<b>23. Quantos computadores você tem em sua casa?</b>			
( x ) nenhum.	1 ( )	2 ( )	3 ( x )
( x ) um.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( x ) dois.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( x ) três.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( x )

<b>24. Que tipo de internet você tem em casa?</b>			
( x ) não tenho internet.	1 ( )	2 ( )	3 ( x )
( x ) discada.	1 ( )	2 ( x )	3 ( )
( x ) a radio.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )
( x ) speedy.	1 ( x )	2 ( x )	3 ( )

Feita a verificação dos questionários, somamos a quantidade de valores nº 1, nº 2 e nº 3. Por exemplo, o entrevistado que possuir a seguinte pontuação:

Valor nº 1 (três opções assinaladas), valor nº 2 (cinco opções assinaladas) e Valor nº 3 (nove opções assinaladas), verificamos que o maior número de opções assinaladas é referente ao valor de número 3. Desta forma, este candidato será enquadrado no nível social baixo.

**ANEXO VI**

**SEGUNDA APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS**



<sup>8</sup> Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento;

<sup>9</sup> a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar;

<sup>10</sup> a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las.

<sup>11</sup> Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.

#### *A unidade orgânica da igreja*

<sup>12</sup> Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo.

<sup>13</sup> Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

<sup>14</sup> Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos.

<sup>15</sup> Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo.

<sup>16</sup> Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser.

<sup>17</sup> Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde o olfato?

<sup>18</sup> Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe apraz.

<sup>19</sup> Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo?

<sup>20</sup> O certo é que há muitos membros, mas um só corpo.

<sup>21</sup> Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós.

<sup>22</sup> Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários;

<sup>23</sup> e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra.

<sup>24</sup> Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha,

<sup>25</sup> para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros.

<sup>26</sup> De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.

<sup>27</sup> Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo.

<sup>28</sup> A um estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.

<sup>29</sup> Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos

profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres?

<sup>30</sup> Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos?

<sup>31</sup> Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons.

#### *O amor é o dom supremo*

E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.

**13** Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

<sup>2</sup> Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

<sup>3</sup> E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

<sup>4</sup> O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece,

<sup>5</sup> não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal;

<sup>6</sup> não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade;

<sup>7</sup> tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

<sup>8</sup> O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará;

<sup>9</sup> porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos.

<sup>10</sup> Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado.

<sup>11</sup> Quando eu era menino, falava como menino; sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.

<sup>12</sup> Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido.

<sup>13</sup> Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.

#### *O dom de profecia é superior ao de línguas*

**14** Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis.

<sup>2</sup> Pois quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios.

<sup>3</sup> Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando.

<sup>4</sup> O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja.

<sup>5</sup> Eu quisera que vós todos falásseis em outros

13.2 Paulo considera o dom da profecia de significância primordial para a comunidade cristã (1Ts 5.19-20; 1Co 14.1-25). Os coríntios, por outro lado, favoreciam o "conhecimento" (1Co 1.5; 8.1). O amor é essencial e constitui a base para a administração apropriada de qualquer dom espiritual.

13.12-13 A cidade de Corinto era famosa por produzir um dos mais finos espelhos de bronze na antiguidade. Paulo usou a analogia do olhar no espelho para explicar a natureza indireta da visão de uma pessoa sobre Deus e seus caminhos. O indivíduo " vê " Deus e seus "mistérios" apenas indireta e parcialmente. Embora de boa qualidade, a imagem é limitada (v. 12) e constitui uma limitada representação da realidade. Os dons espirituais são, sem dúvida, bons, mas necessários somente para uma época de visão e de conhecimento parciais. O amor cristão, por outro lado, é eterno. Paulo queria que os coríntios corrigissem a sua perspectiva e que se voltassem para a grandeza do Eterno ao invés de enfatizarem o que é temporal.

14.1 O verbo "profetizar" (gr. *propheteiō*, lit. "falar para frente") aparece mais de 25 vezes no NT. Paulo usou-o 11 vezes, todas elas em 1Coríntios. Profetizar é pronunciar a mensagem divina sob a direção do Espírito de Deus. A mensagem pode ser ética, isto é, para consolo, exortação e ensino (1Co 14.3); de revelação ou concessão de conhecimento sobrenatural a respeito de uma

situação em particular (Mt 26.68); ou ela pode apontar para o futuro, contendo previsões (Mt 15.7). A profecia é a Palavra de Deus inspirada pelo Espírito para a sua criação (1Co 14.2-3). Todas as mensagens proféticas deviam ser "testadas" em seu caráter profético (1Co 14.29; 1Ts 5.19-21) e em sua consistência com os ensinamentos das Escrituras (Dt 13.1-5; Mt 7.15; 24.11; 2Pe 2.1).

14.3 Os coríntios tinham a tendência de exagerar a importância do dom de falar em línguas. Esse dom, segundo eles, constituía a mais elevada forma de espiritualidade. Paulo discordava. Ele comparou o dom de falar em línguas com a profecia. Ressaltou que o benefício do dom de falar em línguas era limitado pela habilidade de a congregação entender o que estava sendo dito. A profecia, por outro lado, era inteligível; portanto, "maior", porque servia ao corpo "todo". Com o intuito de ser "grande" no Reino, a pessoa tem de se tornar serva de todos (Mc 10.43). Como os coríntios procuravam intensamente o maior dos dons, Paulo argumentava que deviam procurar aqueles que serviam ao Corpo todo em lugar daqueles que apenas beneficiavam a si mesmos.

## INFORMAÇÕES RELACIONADAS AO TEXTO 1

### “O AMOR É O DOM SUPREMO” (CORÍNTIOS 13)

#### **Paulo de Tarso**

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Paulo**, bíblicamente conhecido como **Paulo de Tarso**, pelos católicos e anglicanos conhecido por **São Paulo**, cujo nome original era Sha'ul ("Saulo") (Tarso, c. 9 — Roma, c. 64) é considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus ("Yeshua") e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do cristianismo nascente.

Paulo de Tarso foi um apóstolo diferente dos demais, por ter dado maior ênfase aos irmãos gentios, pois a sua atenção era destinada a eles que estavam espalhados pelo mundo (Atos 13:47). Paulo, assim como os outros Apóstolos, também teria, em tese, visto Jesus Cristo (Atos 9:17, I Coríntios 15:8, dentre outros textos). Paulo era um homem culto, pois era fariseu seguidor de rabi Gamaliel. Destaca-se dos outros apóstolos pela sua cultura, considerando-se que os outros apóstolos em sua maioria eram pescadores. A língua materna de Paulo era o grego. É provável que também dominasse o aramaico.

Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma secção fundamental do Novo Testamento. Alguns afirmam que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais uma seita do Judaísmo.

Foi a mais destacada figura cristã a favorecer a abolição da necessidade da circuncisão e dos estritos hábitos alimentares tradicionais judaicos. Esta opção teve a princípio a oposição de outros líderes cristãos, mas, em consequência desta revolução, a adoção do cristianismo pelos povos gentios tornou-se mais viável, ao passo que os Judeus mais conservadores, muitos deles vivendo na Europa, permaneceram fiéis à sua tradição, que não tem um móbil missionário.

Infância Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, que atualmente pertence à Turquia, numa família judaica da Diáspora (dispersão) (na altura já havia uma diáspora de judeus que viviam espalhados pelo mundo, sobretudo na Pérsia, mas também em torno do mediterrâneo, em Alexandria e no norte de África, na Turquia, Grécia e outras partes do Império Romano, incluindo a atual Península Ibérica). Nasceu numa data desconhecida mas "sem dúvida antes do ano 10 da nossa era" (Étienne Trocme). Nascido na tribo de Israel de descendência Benjamim (Fp.3-5), adquiriu a cidadania romana mantendo a fé judaica, educou-o na tradição judaica. Durante toda sua vida sua cidadania romana foi um meio de proteção física. Como ele próprio diz, foi circuncidado ao oitavo dia e mantém-se sempre na lei mosaica. Diz-se mesmo um Fariseu. A sua formação primária foi feita numa escola de cultura grega, como atestam as suas cartas. Mas ele afirma que recebeu também o ensino por parte de rabinos.

Jerusalém Em determinada altura Paulo deve ter ido viver em Jerusalém. As cartas dos apóstolos afirmam que ele foi aluno do rabino Gamaliel em

Jerusalém. Não há dúvida de que passou uma parte importante da juventude em Jerusalém.

Foi em Jerusalém que Paulo participou no apedrejamento de Estêvão, um líder de um grupo fervoroso dos seguidores de Jesus, naquela época nomeado diácono. Ainda não se chamava de Cristianismo a doutrina de Cristo, mas sim de "Caminho". O apelido "cristão", o termo que hoje é usado no mundo para todos os seguidores de Cristo, surgiu pela primeira vez na cidade de Antioquia em referência aos discípulos de Cristo naquela cidade (At 11,26). Foram assim chamados pelos moradores daquela grande metrópole devido ao bom exemplo que davam e por sempre testemunhar a respeito de Jesus. Desde então o apelido pegou e suplantou os outros apelidos que eles tinham, como por exemplo o de "nazarenos", apelido pelo qual eram conhecidos os discípulos pelos judeus (At 24,5). O apelido cristão generalizou-se de tal forma que, em pouco tempo, todos os membros das igrejas de Cristo passaram a ser assim chamados. Não houve outro que representasse tão bem os discípulos de Cristo até meados do terceiro século, período no qual houve a necessidade de acrescentar um sobrenome a este apelido. Paulo foi um perseguidor destes seguidores de Jesus, núcleo de cristãos que procuravam difundir a nova fé entre os judeus de Jerusalém.

O argumento de Paulo na sua perseguição aos seguidores do "Caminho" era a defesa da "tradição dos pais" e da lei mosaica, que ele via como ameaçada pelos seguidores de Jesus. Alguns autores chegam mesmo a colocar a hipótese de Paulo ter sido um zelotemas Paulo na verdade foi um Fariseu, dado o seu fervor religioso. Também o fato de sua vida ter sido colocada em perigo após ter tomado partido pelos cristãos leva Étienne Trocmé a dizer que isso "corresponde bem ao pouco que sabemos sobre a organização do partido zelote".

Em determinado momento, Paulo de Tarso saiu do mundo judaico e foi para Atenas pregar. Os relatos contam que, na sua estada na Acrópole, ele consegue converter Dionísio Ariopaseta.

Missão de Damasco Saulo, fervoroso defensor da tradição judaica (e por isso talvez mesmo um zelote), foi enviado a Damasco para fazer face à agitação dos seguidores do "Caminho".

Foi durante esta missão a Damasco que Saulo tomou o partido dos cristãos que perseguia anteriormente. Foi aqui que Paulo, indo no caminho de Damasco, já perto da cidade, viu um resplendor de luz no céu que o cercou, e caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues?". (Atos 9.1-22) Paulo muda de lado. A esta mudança de partido ele fez corresponder uma mudança de nome. Abandonou o nome Saulo e, deste momento em diante, fez-se conhecer como Paulo.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo\\_de\\_Tarso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_de_Tarso)

## **Monte Castelo**

## **TEXTO 2**

Renato Russo

Composição: Renato Russo

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

É só o amor, é só o amor.

Que conhece o que é verdade.

O amor é bom, não quer o mal.

Não sente inveja ou se envaidece.

O amor é o fogo que arde sem se ver.

É ferida que dói e não se sente.

É um contentamento descontente.

É dor que desatina sem doer.

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

É um não querer mais que bem querer.

É solitário andar por entre a gente.

É um não contentar-se de contente.

É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade.

É servir a quem vence, o vencedor;

É um ter com quem nos mata a lealdade.

Tão contrário a si é o mesmo amor.

Estou acordado e todos dormem todos dormem todos dormem.

Agora vejo em parte. Mas então veremos face a face.

É só o amor, é só o amor.

Que conhece o que é verdade.

Ainda que eu falasse a língua dos homens.

E falasse a língua do anjos, sem amor eu nada seria.

## INFORMAÇÕES RELACIONADAS AO TEXTO 2 “MONTE CASTELO”

**Monte Castelo (canção)**

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Monte Castelo** é uma canção da banda brasileira de rock Legião Urbana, lançada no álbum As Quatro Estações. Composta por Renato Russo, a canção traz citações do poeta português Luís Vaz de Camões em seu soneto 10, além do capítulo 13<sup>[1]</sup> de Coríntios, livro da Bíblia.

**As Quatro Estações** é o quarto álbum da banda brasileira Legião Urbana, lançado em 1989. No Brasil foram vendidos mais de 250 mil de cópias e sendo premiado com Disco de Platina pela ABPD.<sup>[1]</sup>

O disco trata de temas como a bissexualidade, como na canção *Meninos e Meninas* (em que Renato assume abertamente ser bissexual) e *Maurício*, e a religião, como em *Monte Castelo* (adaptada de trechos da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios, da Bíblia cristã, e mesclada a trechos de um soneto de Luís Vaz de Camões). A crítica social também está presente, com *1965 (Duas Tribos)*, em que o cantor menciona a tortura (prática comum na ditadura militar, nos anos 70).

Nove das onze faixas do disco estão entre as mais conhecidas da banda, fazendo com que seja considerado por muitos como o mais inspirado da história da Legião, segundo o próprio Renato Russo. Entre elas, estão: *Há Tempos*, *Pais e Filhos*, *Quando o Sol Bater na Janela do Teu Quarto* (mais tarde regravada pelo *Barão Vermelho*, também com grande sucesso), *Meninos e Meninas*, *Monte Castelo* e *Maurício*.



[RENATORUSSO.COM.BR](http://RENATORUSSO.COM.BR)

[ENTRAR](#)



[twitter.com/renatorussoweb](https://twitter.com/renatorussoweb)

© 2009 Legião Urbana

## ***Biografia***

Renato Manfredini Júnior nasceu no dia 27 de março de 1960 no Rio de Janeiro. Renato Russo é considerado por muitos fãs o irmão mais velho de toda uma geração. Uma geração que ele mesmo batizou de Coca-Cola. Desde 1985, quando a Legião Urbana lançou seu primeiro disco, até hoje, milhões de fãs, de diversas idades, classes sociais e culturas diferentes se sentiram profundamente tocados pelas letras do cantor.

Considerado por alguns como o líder quase messiânico dos jovens, Renato Russo refutava veementemente essa idéia, dizendo que era apenas um cantor que cantava o que as pessoas gostavam e queriam ouvir. Renato Manfredini Júnior (seu verdadeiro nome) nasceu no dia 27 de março de 1960, às quatro horas da manhã, na Clínica Santa Lúcia, em Humaitá, no Rio de Janeiro. Aos sete anos foi morar em Nova Iorque, após seu pai, funcionário do Banco do Brasil, ser transferido para os Estados Unidos.

**15 anos**

Renato sofre de uma doença rara chamada Epifiólise, que tira os movimentos de suas pernas.

Em 1969 a família Manfredini volta para o Rio de Janeiro, mais precisamente para a Ilha do Governador onde ficam morando até 1973, quando mais uma vez seu pai é transferido, desta vez para Brasília.

Aos 15 anos, Renato Russo sofre de uma doença rara chamada Epifiólise, que tira os movimentos de suas pernas, fazendo com que ele passasse o tempo todo sentado ou deitado. O período da doença dura dois anos onde Renato estudou e leu muito, tanto que em 1977 passa direto no vestibular de jornalismo da CeUB.

**The 42<sup>nd</sup> Street Band**

Renato começa a esboçar os primeiros desejos de se tornar músico.

É nesse período da doença que Renato começa a esboçar os primeiros desejos de se tornar músico. Em sua imaginação ele cria uma banda chamada 42<sup>nd</sup> Street Band, na qual ele era o vocalista e se chamava Eric Russel. Pela primeira vez o seu nome artístico começava a aparecer. “Russel” era uma homenagem a um dos seus filósofos favoritos, o inglês Bertrand Russel. Mais tarde, o “Eric Russel” daria lugar ao conhecido “Renato Russo”.

**O embrião...**

Renato começa a se envolver com o movimento Punk.

Totalmente recuperado da doença, Renato começa a se envolver com o movimento punk criado em Londres nos anos 70. Calças rasgadas, alfinete na orelha eram o suficiente para chocar a sociedade brasileira da época.

Em 1978, já aos 20 anos, Renato Russo realiza o seu primeiro show com músicas próprias no bar Só cana, em Brasília. O Aborto Elétrico ia bem até que André Pretorius deixa a banda para prestar o serviço military na África do Sul. A banda então ganha dois integrantes: Flávio Lemos e Ico Ouro Preto. Nesse ano Renato conhece Dado Vila-Lobos e Marcelo Bonfá.

**Trovador Solitário**

Renato passa a compor com mais intensidade e a realizar shows onde ele toca violão e canta sozinho.

No ano seguinte, o Aborto Elétrico acaba por causa de diversas brigas entre Renato Russo e o baterista Fê Lemos. Renato passa a compor com mais intensidade e a realizar shows onde ele toca violão e canta sozinho, ficando conhecido como o Trovador Solitário. É nessa época que alguns clássicos do rock nacional como “Eu Sei” e “Química” foram escritos por Renato.

**Legião Urbana**

Renato convida Marcelo Bonfá para formarem uma banda chamada Legião Urbana.

Sabendo do talento de Renato, o baterista aceita imediatamente e convida o guitarrista Eduardo Paraná e o tecladista Paulo Paulista para fazerem parte da nova banda. Paraná também deixa a Legião Urbana para estudar violão clássico em Tauí, interior de São Paulo. Um mês depois de entrar na banda,

Ico Ouro Preto também sai da Legião e finalmente em março de 1983 é convidado Dado Villa-Lobos para assumir definitivamente a guitarra.

### **EMI Odeon**

A Legião Urbana faz seu primeiro show no Rio de Janeiro e é convidada pela EMI Odeon para gravar uma fita demo.

A Legião Urbana começa a fazer sucesso e diversas fitas com shows piratas da banda são trocadas por fãs de toda parte do país. Com o sucesso do primeiro disco do Paralamas do Sucesso, onde a música “Química” foi gravada, a banda começava a interessar grandes gravadoras. Em 23 de julho a Legião toca pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Circo Voador, e é convidada pela EMI Odeon para gravar uma fita demo.

### **1984**

A Legião Urbana fecha contrato com a EMI e Renato volta para o Rio de Janeiro.

No ano seguinte, Renato Rocha é convidado por Bonfá para assumir o baixo da Legião Urbana, deixando Renato Russo mais livre para cantar. Em outubro de 1984 a Legião fecha contrato com a EMI e, em janeiro de 1985, lança seu primeiro disco, com sucessos como “Será”, “Ainda é Cedo”, “Geração Coca-Cola” e “Por Enquanto”. Em agosto, os integrantes da banda deixam Brasília e vão morar no Rio de Janeiro. Renato volta para sua antiga casa na Rua Maraú, na Ilha do Governador.

Com o sucessos do primeiro disco, Renato Russo começa a compor muitas músicas para o novo trabalho. A banda desejava lançar um disco duplo chamado Mitologia e Intuição, mas acabou lançando um disco simples, com 12 faixas. Para muitos, Dois, gravado entre janeiro e março de 1986 é o melhor disco da história do rock nacional.

Em dezembro de 1987 é lançado o terceiro disco da banda, Que País É Este, com músicas compostas na fase do Aborto Elétrico. A Legião Urbana começa a ganhar status de maior banda de rock do Brasil, e os seus shows estão sempre lotados. Estoura nas radios de todo o Brasil o épico “Faroeste Caboclo”, uma paulada de quase dez minutos e 159 versos, nenhum repetido.

### **Estádio Mané Garrincha**

A banda enfrentou um dos piores momentos da sua carreira.

Em dezembro de 1988 outro fato marcaria profundamente a Legião Urbana. O baixista Renato Rocha sairia da banda após diversas divergências com os outros integrantes. A Legião Urbana deixava de ser um quarteto para ser um trio.

Renato Russo assumiu novamente o baixo nas gravações do disco As Quatro Estações, lançado em novembro de 1989, consumindo dezesseis meses de gravação.

Após o disco pronto, Renato Russo viaja para São Francisco, nos Estados Unidos. É ali que começa a imaginar a sua carreira solo que só viria a se tornar realidade em 1994.



### **As Quatro Estações**

Lançado em novembro de 1989, estoura em todo país.

Vendendo mais de um milhão de cópias e lançando de vez a Legião Urbana para o estrelato. Nos dias 11 e 12 de agosto de 1990 a Legião fez dois impressionantes shows no Parque Antártica, em São Paulo, para mais de 80mil pessoas. Os fãs, cada vez mais fervorosos, acompanham cada passo da carreira de Renato Russo e fazem um trocadilho com o nome da banda a chamando de “Religião Urbana”, fato que incomoda profundamente o cantor, que rechaçava essa idéia.

Em dezembro de 1991 o disco V é lançado pela EMI Odeon. Nessa época Renato enfrentava uma séria crise com drogas e álcool, e a turnê de divulgação do disco foi cancelada em Natal, no Rio Grande do Norte, apenas um mês após seu início.

### **Acústico MTV**

A Legião Urbana gravou no Hipodromo, em São Paulo, o especial Acústico MTV.

O Acústico foi lançado sete anos depois, em outubro de 1999, em video e em cd. No dia da gravação Renato Russo cantou a música “Hoje A noite Não Tem Luar”, uma versão para a música dos Menudos. Em dezembro de 1992 é lançado o disco Música para Acampamento, com diversas gravações realizadas entre 1984 e 1992.

### **The Stonewall Celebration Concert**

Renato Gravaria seu primeiro disco com 21 músicas em ingles.

A carreira solo

O disco O Descobrimento do Brasil é lançado em novembro de 1993, e a música “Perfeição” fica em primeiro lugar nas radios de todo o país. A excursão do disco começou apenas em junho de 1994, poise m fevereiro e março Renato gravaria seu primeiro disco solo: The Stonewall Celebration Concert, com 21 músicas em ingles. Os royalties do disco foram doados para a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, campanha do sociólogo Betinho.

### **1995**

O ultimo show da história da Legião Urbana

Feliz com o resultado do seu primeiro disco solo, Renato viajaria com Gilda Mattoso para a Itália, a fim de iniciar uma pesquisa para seu próximo disco solo, todo em italiano. Logo após a sua volta da Europa a Legião faria um show em Santos, na Reggae Night. Durante a apresentação Bonfá foi atingido por uma lata de cerveja. Em protesto, Renato Russo passou boa parte da apresentação, deitado no chão, olhando seu relógio. Era 14 de janeiro de 1995, e aquele foi o ultimo show da história da Legião Urbana.

Renato dedicou o restante de 1995 para as gravações do segundo disco solo, Equilíbrio Distante, lançado em dezembro do mesmo ano. No início de 1996, a Legião Urbana começa as gravações que resultaram no disco A Tempestade. Mais de 30 faixas foram gravadas, apenas 15 lançadas em setembro.

**1996****Morre Renato Russo em seu apartamento na rua Nascimento Silva, em Ipanema.**

No dia 11 de outubro, 1h15, more Renato Russo em seu apartamento na rua Nascimento Silva, em Ipanema, no Rio de Janeiro. A Legião Urbana acaba oficialmente uma semana depois, deixando milhões de fãs órfãos.

**Homenagens póstumas**

Em julho de 1997, é lançado o disco póstumo Uma Outra Estação, com o restante das faixas gravadas entre janeiro e junho de 1996. Logo depois, em novembro foi lançado o disco O Último Solo, também com faixas inéditas que deixaram de entrar nos dois discos solos do cantor.

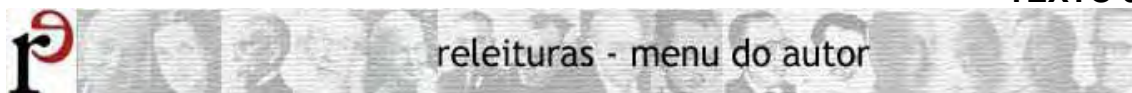
O primeiro disco com a antologia dos maiores sucessos da Legião Urbana chamado Mais do Mesmo foi lançado em março de 1998, esgotando-se rapidamente nas lojas. Em outubro de 1999, o acústico MTV foi lançado em CD e em Vídeo.

Em março de 2001, é lançado o disco ao vivo Como É Que Se Diz Eu Te Amo, com os shows gravados nos dias oito e nove de outubro de 1994 no Metropolitanm Rio de Janeiro.

**Presente**

O trabalho de catalogar todo o material inédito de Renato Russo e da Legião Urbana, como sobras de estúdio e outras versões está a cargo do jornalista Marcelo Fróes. O primeiro fruto desse trabalho de arqueólogo foi Renato Russo Presente, lançado em março de 2003, quando Renato completaria 43 anos de vida.

Músicas inéditas como “Hoje” (parceria com Leila Pinheiro), “Mais Uma Vez”, “Thunder Road” e “Boomerang Blues” se misturam a entrevistas concedidas pelo cantor e a outras parcerias com músicos consagrados.



Ferida

Augusto de Campos

**fer  
 ida  
 sem  
 ferida  
 tudo  
 começa  
 de novo  
 a cor  
 cora  
 a flor  
 o ir  
 vai  
 o rir  
 rói  
 o amor  
 mói  
 o céu  
 cai  
 a dor  
 dói**

[ [Principal](#) ] [ [Biografias](#) ] [ [Releituras](#) ] [ [Novos escritores](#) ]

© Projeto Releituras — Todos os direitos reservados. O Projeto Releituras — [um sítio sem fins lucrativos](#) — tem como objetivo divulgar trabalhos de escritores nacionais e estrangeiros, buscando, sempre que possível, seu lado humorístico,

satírico ou irônico. Aguardamos dos amigos leitores críticas, comentários e sugestões.

A todos, muito obrigado. **Arnaldo Nogueira Júnior**. ® @njo

### INFORMAÇÕES RELACIONADAS AO TEXTO 3

**Augusto Luís Browne de Campos** nasceu em São Paulo, em 1931. Poeta, tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música, em 1951 publicou o seu primeiro livro de poemas, *O rei menos o reino*. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, dando início ao movimento internacional da Poesia Concreta no Brasil, lançou a revista literária *Noigandres*, origem do Grupo Noigandres. Em 1955, no segundo número da revista, publicou uma série de poemas em cores, *Poetamenos*, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil. O verso e a sintaxe convencional eram abandonados e as palavras rearranjadas em estruturas gráfico-espaciais, algumas vezes impressas em até seis cores diferentes, sob inspiração da *Klangbarbenmelodie* (melodia de timbres) de Webern. Em 1956 participou da organização da Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta (*Artes Plásticas e Poesia*), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sua obra veio a ser incluída, posteriormente, em muitas mostras, bem como em antologias internacionais como as históricas publicações *Concrete Poetry: an International Anthology*, organizada por Stephen Bann (London, 1967), *Concrete Poetry: a World View*, por Mary Ellen Solt (University of Bloomington, Indiana, 1968), *Anthology of Concrete Poetry*, por Emmet Williams (NY, 1968). A maioria dos seus poemas acha-se reunida em *Viva Vaia*, 1979, *Despoesia*, 1994 e *Não*, 2003. Outras obras importantes são *Poemóviles* (1974) e *Caixa Preta* (1975), coleções de poemas-objetos em colaboração com o artista plástico e designer Julio Plaza. Seu livro, *Não poemas* (2003), recebeu o prêmio de Livro do Ano, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional.

#### **Outras obras:**

#### **POESIA**

*Antologia Noigandres*, 1962.

*Linguaviagem*, 1970.

*Equivocábulos*, 1970.

*Colidouescapo*, 1971.

*Despoesia* (1979-1993), 1994.

*Poesia é risco* (CD-livro), antologia poéticomusical, 1995.

*Não poemas*, com CD de "clip-poemas", 2003 (Prêmio de Livro do Ano, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional).

#### **ENSAIOS DIVERSOS**

*Re/Visão de Sousândrade*, 1964 (com Haroldo de Campos),

*Teoria da poesia concreta*, 1965 (com D. Pignatari e H. de Campos).

*Balanço da Bossa*, 1968 (com Brasil Rocha Brito, Julio Medaglia, Gilberto Mendes). A 2ª edição foi ampliada: *Balanço da Bossa e outras Bossas*, 1974.

*Guimarães Rosa em três dimensões*, 1970 (com H. de Campos e Pedro Xisto).

*Pagu: Vida-Obra*, 1982.

*À margem da margem, 1989.*

*Música de invenção, 1998.*

### **TRADUÇÕES E ESTUDOS CRÍTICOS**

*Dez poemas de E.E. Cummings, 1960.*

*Poemas de Maiakóvski, 1967 (com H. de Campos e B. Schnaiderman).*

*Poesia russa moderna, 1968 (com H. de Campos e B. Schnaiderman).*

*Traduzir e trovar, 1968 (com H. de Campos).*

*Antologia poética de Ezra Pound, 1968 (com D. Pignatari, H. de Campos, J. L. Grünewald e Mário Faustino).*

*ABC da literatura, de Ezra Pound, 1970 (com José Paulo Paes).*

*Invenção: de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti, 2003.*

*(Dados obtidos no página oficial do autor; na revista Poesia sempre e em sites na internet)*

*O poema acima, publicado no livro Não poemas, foi extraído da revista Poesia sempre, editada pela Biblioteca Nacional, ano 12, nº 19, Dezembro, 2004, pág. 17.*

**TEXTO 4****Amor é fogo que arde sem se ver**

Amor é fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;  
É um andar solitário entre a gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade  
É servir a quem vence o vencedor,  
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade;  
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

Luís Vaz de Camões

## INFORMAÇÕES RELACIONADAS AO TEXTO 4

### SONETO: “AMOR É FOGO QUE ARDE SEM SE VER”.

#### O POEMA

O poema O amor é um fogo que arde sem se ver, de Luís de Camões, faz parte da lírica clássica do autor. Neste poema, Camões procurou conceituar a natureza contraditória do amor. Não é um tema novo. Já na Antigüidade, o amor era visto como uma espécie de cegueira, uma doença da razão, uma enfermidade de conseqüências às vezes devastadoras. Nas cantigas de amor medievais, os trovadores exprimiam seu sofrimento, a *coita*, provocada pela desorientação das reações do artista diante de sua *Senhora*, de sua *Dona*.

O poeta buscou analisar o sentimento amoroso racionalmente, por meio de uma operação de fundo intelectual, racional, valendo-se de raciocínios próximos da lógica formal. Mas como o amor é um sentimento vago, imensurável, Camões acabou por concluir pela ineficácia de sua análise, desembocando no paradoxo do último verso. O sentir e o pensar são movimentos antagônicos: o sentir deseja e o pensar limita, e, como o poeta não podia separar aquilo que sentia daquilo que pensava, o resultado, na prática textual, só podia ser o acúmulo de contradições e paradoxos. Essa feição contraditória e o jogo de oposições aproximam Camões do Maneirismo e, no limite, do Barroco.

[http://www.passeiweb.com/na\\_ponta\\_lingua/livros/analises\\_completas/a/amor\\_fogo\\_que\\_arde\\_sem\\_se\\_ver\\_poema](http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/analises_completas/a/amor_fogo_que_arde_sem_se_ver_poema)

#### Biografia Luís de Camões

Poeta português (Lisboa ou Coimbra, c. 1524 – Lisboa, 1580), um dos vultos maiores da literatura da Renascença. Sua obra se coloca entre as mais importantes da literatura ocidental.

Luís de Camões é considerado o poeta português mais completo de sua época, ou até mesmo de toda a literatura de língua portuguesa. É assim considerado não somente por ter feito uso de quase todos os gêneros poéticos tradicionais, mas também pela amplitude dos temas de que tratou e pelo excepcional domínio da língua. Camões manipulou todos os recursos da língua portuguesa, ampliando enormemente seu campo de expressão.

Na obra de Camões, a língua portuguesa passou a expressar sentimentos, sensações, fatos e idéias de uma forma que até então não fora alcançada por ninguém. Sua posição de destaque entre os poetas portugueses de seu tempo é devida também ao fato de em sua obra estarem presentes tanto o humanismo como a expansão ultramarina, isto é, os dois elementos que caracterizaram o Renascimento português.

Tornou-se célebre não somente por ter escrito Os Lusíadas, longo poema épico que reflete toda a história e cultura de Portugal até a data em que o poema foi composto, mas também por sua obra lírica, constituída por vários tipos de poemas, entre os quais os mais famosos são certamente os sonetos.

[http://pensador.uol.com.br/autor/Luis\\_de\\_Camoes/biografia/](http://pensador.uol.com.br/autor/Luis_de_Camoes/biografia/)

## **ANEXO VII**

### **ENTREVISTAS COM OS HOMENS**



**LEITOR 1**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
A.A.	56	BANCÁRIO	ALTO	SUPERIOR	1	0

- Bom, após a leitura dos quatro textos, o que você identificou? Você poderia fazer um comentário geral do que você leu, se gostou e as relação entre os textos?

- Eu gostei bastante. Primeiro porque todos eles tratam do mesmo tema, que pra mim o tema central aqui é o amor. Todos eles estão relacionados com o amor, embora com formatos muito distintos e o que mais me chama a atenção é o texto de número um.

- Por quê?

- Porque é um assunto que eu conheço e que particularmente eu gosto muito. A meu ver, trata-se de um texto bíblico, de uma página do evangelho. É o que num primeiro momento eu identifico.

- E os outros textos você conhece?

- O texto um, dois e quatro me parece que são escritos, embasados ou alicerçados no mesmo assunto, que é a mensagem bíblica, a mensagem do evangelho. O texto 3 já é uma coisa bastante diferente, o formato, a forma de linguagem, de escrita.

- O texto 3 é um texto comum para você?

- Não, não é comum. Os outros sim: o texto bíblico, uma forma de poesia, o outro uma linguagem diferente que eu não sei qual é o nome técnico disso, mas me parece mais uma..., embora poético, diferentemente do texto 4, talvez música (o texto 2). E o texto 3 eu não sei, eu não conheço esse estilo.

- Ainda que você não conheça, você comentou que ele fala de amor também...

- Sem dúvida. Os quatro, todos eles tem como o tema central o amor. Isso foi a primeira observação.

- Você acha que o amor é trabalhado da mesma forma nos quatro textos?

- Pra mim, a essência dos quatro é o amor, todos eles chamam para a importância do amor, o amor é a essência da vida, não pode faltar.

- Em relação ao texto 2, você comentou que você acha que é uma música, você já escutou...?

- Num primeiro momento eu confesso que eu não havia identificado o estilo de escrita. Eu acho é porque o 1 e o 4 me são familiares, o 3 é algo novo e o 2 eu suponho que seja isso.

- O texto 4 ele é familiar para você de algum lugar?

- Não que seja familiar de algum lugar, mas talvez por conta da literatura, a forma de linguagem, a essência é a mesma, como eu disse, mas não que eu já o houvesse lido ou visto com este formato.

- Alguma coisa mais para comentar?

- O que eu acho bacana é que cada pessoa, cada escritor, cada estudante olha a mesma mensagem e tem o seu olhar próprio, e o que na minha avaliação... esta observação guarda coerência com o que eu vejo aqui nos quatro textos: não dá para fugir do essencial da vida que é o amor.

- Bom, voltando ao texto 3 já que foi o texto que você disse que não é comum pra você. Mesmo ele sendo tão diferente assim, você poderia dizer qual a mensagem desse texto, o que ele diz para você?

- É interessante que ele tem uma estrutura muito diferente dos outros três, como eu já havia comentado anteriormente, mas eu também gostei do texto 3, embora num primeiro momento não me fosse familiar. Por quê? Porque ele fala de dor, ele fala dos reveses da vida, mas ele fala do medicamento que é o amor. E isso me chamou a atenção e a meu ver, isso é importante para um leitor, qualquer que seja ele. Porque é do dia-a-dia da vida da gente nos depararmos com uma dificuldade, buscarmos soluções, nos depararmos com a dor e buscar o remédio. O texto, embora de uma forma muito diferente ele traz exatamente esta mensagem, para mim, na minha leitura, na minha percepção.

- Você acha que esta forma, esta escrita diferente tem algum objetivo?

- Talvez seja esta mesmo, chamar a atenção, levar a pessoa à reflexão da importância do amor.

- E nos outros textos, o amor está relacionado com a dor também?

- O amor está relacionado com a necessidade e com a medicação para a solução dos problemas da vida. Todos eles têm esse apelo, todos. O que muda é a forma de se dirigir, como, por exemplo, no texto 4 que é uma poesia, que é um formato conhecido onde em apenas uma, duas, três, quatro estrofes ele trata exatamente a mesma mensagem.

- Em nenhum momento diz que o texto é uma poesia, de onde você tirou essa informação?

- Bom, saltam os olhos. Eu conheço isso, pra mim é isso

**LEITOR 2**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
A.L.	65	F.PÚBLICO	BAIXO	MÉDIO	4	0

- O que o senhor pôde observar nos textos? O senhor já conhecia algum dos textos? O senhor gostou? De qual que o senhor mais gostou?

- Bom, aqui eu só não entendi muito bem, ou fui entendendo de uma maneira para que eu mesmo fosse montando, seria o texto 3. Mas o que eu subentendi é que os quatro eles se fecham em ciclo. Mas, o mais impressionante sem querer lembrar de um texto bíblico eu gostei muito do texto de número quatro. Ele diz muito profundo, principalmente quando diz “é querer estar preso por vontade”. De repente isso aconteceu até com você. De repente você, apesar de ser muito novinha, adolescente ainda, deixou, assim, às vezes, até ser sequestrada por sequestradores de afeto, quando fala isso daqui: “é querer estar preso por vontade”. Prisão é um lugar que ninguém quer, não é verdade? Se você está na prisão você está sem liberdade. Só que você quis estar ali por vontade e isso quem faz? só o amor faz isso daí. E este amor não era por você, não era para satisfazer você, e sim um amor para completar. é um amor para não ser você, para não ser eu, mas para ser nós. Enfim, os textos são muito ricos e oferecem uma gama de linhas para se interpretar, para estar discorrendo sobre eles. mas eu nem me arriscaria a fazer certos comentários porque eu tenho certeza de que eu iria empobrecer o texto.

- Eu gostaria muito da opinião do senhor. O texto jamais vai ser empobrecido pela sua opinião, pois cada texto, cada leitura tem uma interpretação de acordo com seu modo de vida, com seu modo de pensar, com a sua experiência de vida e isso é muito importante para nossa pesquisa.

O texto 1, o senhor o conhece de algum lugar?

- Lembro. De repente, do jeito que está aqui, a grafia não está corretamente igual aos lugares que eu tenho visto, certo? mas não vamos dizer que ele foge daquilo ali, certo, do significado. Se você for fazer uma exegese, um estudo aprofundado, você vai ver que vai cair naquilo ali.

- Naquilo o quê? Onde que o senhor viu esse texto?

- A gente tem visto na escritura sagrada, texto bem semelhante. Depois aqui o texto 2, a gente vê também, não sei se foi por livre e espontânea vontade, alguns erros de português, assim coisinha insignificante que dá pra gente levar da maneira certa, mas tudo vai se fechando, tudo vai se fechando. Agora, isso aqui a gente tem ouvido o padre Fábio de Melo, ele gosta muito do texto 4.

- E o texto 3? o senhor não comentou muito. O senhor poderia comentar um pouquinho?

- Então, o texto 3 foi o que eu achei..... assim, sabe? Ele é meio... Eu não sei se é pelo fato de quando você pede pra gente ler alguma coisa, a gente já fica meio com um pé atrás...

- Achando que tem alguma coisa certa ou errada? Aqui não tem.

- É, isso. Achando que tem alguma pegadinha, né.

- Não, aqui não tem pegadinha não. É a opinião do senhor mesmo.

- Ah... tá. Mas é interessante, veja bem o que ele fala. Se for pra mim interpretar... não é que eu diria, assim, que eu não tenho dificuldade, porque é como você disse, cada um interpreta aquilo que sente, da maneira que sente e aquilo que vê. Porque, por exemplo, aqui logo no começo eu não peguei muito bem: fer ida, tal, tal, ta,l.....então tudo bem.... “sem ferida tudo começa de novo”, a cor cora a flor, certo? “o ir vai / o rir rói / o amor mói/ o céu cai/ a dor dói/, é quase que uma rima, mas é uma realidade isso daqui, você tá entendendo? É óbvio que você tá entendendo! Mas na minha maneira de interpretar. Se você pra mim discorrer para você isso daqui, né... “o amor mói” , “o céu cai”, “a dor dói”, olha aqui que lindo, o amor mói, o amor mói... porque o amor mói, então eu achei muito bacana isso daqui mas eu não pude pegar porque eu queria uma explicação pelo fato de eu ter ficado já logo de cara com um pé atrás, sabe? Agora, o texto 4 é fora de sério que me faz lembrar de muitas outras coisas que não é o caso de falar pra você aqui, você tá entendendo? Mas, me faz lembrar de coisas muito sérias e de coisas que o povo, principalmente vocês que lidam com o povo, com muita gente, então, tem que prestar bastante atenção. Inclusive tem um texto também, da escritura

sagrada, que eu acredito que você o conhece, esse daqui: amor é fogo que arde sem se ver é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer. E tudo o que pode provocar isso daqui o que que é? É o amor! e o amor, quem que é o amor, de onde vem o amor, quem que inventou? Quem que criou o amor? e onde que o amor mais pega? Nosso criador supremo! Aqui no comecinho eu lembro muito bem quando uma arvorezinha estava pegando fogo e um camarada ia chegando perto dela e o jardineiro falou: Oh camarada! se afasta daqui ou, então, se você quiser chegar aqui que tire as sandálias. De repente não era tirar as sandálias, o calçado viu?, se você quisesse se aproximar. Então, olha que bacana, que coisa linda! Se algum dia você vier a ter algum filho, eu não sei se você tem ou não ou se pretende ter, você pode ensinar pra ele quando alguns sequestradores ou raptores de afeto chegar perto deles, ensina pra eles falar: Oh! aqui não! aqui o território é santo cara, pra você chegar aqui você tem que se despir, você tem que ser você e ser você não é fácil.

- Se fosse para o senhor escolher o texto que o senhor mais gostou, pelo que eu observei, seria o 4?E qual seria o texto de que o senhor menos gostou ou menos se identificou?

- Eu acho que... eu não vou dizer, assim... o fato de eu ter gostado mais do 4 não quer dizer que eu não tenha gostado de outros, pode ter algum trecho, alguma coisa que eu não saquei, você tá entendendo? que eu não captei, mas de repente, uma ou duas palavras é suficiente pra mim gostar daquilo ali

- E o senhor acha que os quatro textos falam do mesmo tipo de amor?

- Na minha opinião, eu vejo que é bastante diferente quando se fala de amor, diferente de muita gente. Porque, quando se fala de amor, às vezes, as pessoas pensam em coisas completamente diferente. E outra coisa, o amor, eu comparo a amor, assim, como a fé e como uma coisa que, de repente, parece que está até em desuso ultimamente, está, assim, muito banalizado. Eu vejo o amor, a fé e mãe. Não tem uma definição, pra mim não tem uma definição. Eu sinto, mas pra definir, pra escrever, pra discorrer eu acho que não. Não tem condições porque são coisas infundáveis, não dá pra você esgotar, é igual um mistério.

**LEITOR 3**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
A.F.	25	AUX. LABORATÓRIO	BAIXO	MÉDIO	1	3

- Bom, após a leitura dos textos, se você gostou, de qual você mais gostou e de qual você menos gostou?

- Assim... os 4 textos falam do amor e as suas feridas. Eu gostei mais do primeiro e o que eu menos gostei seria esse.

- O número 3?

- É, o número 3.

- Por algum motivo gostou mais do primeiro, você já conhecia, já tinha visto esse texto em algum lugar?

-Não, não conhecia, mas eu me identifiquei mais com o número 1.

- Alguma parte específica dele que fala, você gostou muito mais e que tem diferenças que os outros não têm? Pode ler se precisar.

- A terceira estrofe: “Eu me identifiquei mais com o texto 1, a terceira estrofe: O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal.

Foi a estrofe que eu mais gostei do número 1.

- E você acha que todos os textos falam do mesmo tipo de amor ou é um amor diferente em cada um e foi essa diferença que te fez gostar mais do texto 1?

- Diferente, eu acho que em cada texto eles falam de um amor diferente. Um amor sofredor e, não sei, mas eu me identifiquei mais com o número 1.

- Então, você acha que o número 1 fala desse amor sofredor?

- Em partes. Ele fala mais do amor... aquele amor....não sei te explicar agora.

- A gente vê hoje em dia que tem vários tipos de amor, aquele amor entre homem e mulher, de pai para filho, de mãe para filho, de irmãos, amor de Deus, o amor em um contexto geral. Você consegue identificar algum amor diferente nesses textos? Por exemplo, este texto fala do mesmo tipo de amor daquele?

- Não. O número 1 parece um amor entre pessoas, aqui o número 2 ele fala um amor de homens, o número 3 ele fala mais de feridas, o número 4 também, só que o número 4 parece ser mais um amor entre um homem e uma mulher, alguma coisa desse tipo.

- Olhando os textos, aparentemente, você vê diferenças nesses textos ou eles são iguais, assim, na escrita?

- Na escrita eles são iguais, eles têm quase as mesmas palavras só que... se encaixam de maneiras diferentes no texto.

- E a forma deles? Você consegue verificar alguma diferença?

- Sim, forma diferente. Não vou conseguir te explicar, mas são formas diferentes.

- E qual que te chamou mais a atenção?

- O número 3

- E você consegue ver alguma forma nesse texto?

- Ele tá escrito meio que em sílabas e se você ler as sílabas, elas forma uma palavra tanto de baixo pra cima como de cima pra baixo.

- E você acha que ele também está falando do amor?

- Também.



**LEITOR 4**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
B.E.	25	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura dos 4 textos, você identificou algum tema comum entre eles, já conhecia algum dos textos? Já tinha visto em algum lugar? você gostou? de qual que você mais gostou? Comenta um pouco.

- Todos os textos falam de amor. O primeiro texto, ele fala...é um texto bíblico e os outros são músicas.

- Você já conhecia esse texto bíblico?

- Já, eu já tinha lido e eu pude lembrar. O texto que eu mais gostei, foi o primeiro texto porque além de falar de amor, ele ajuda a orientar a gente, então, esse texto aqui eu gostei. E as músicas eu pude lembrar também.

- Você lembra da sua fase de adolescência, de algum lugar específico? De onde você lembra dessas músicas e você sabe quem é o cantor?

- Me lembro da minha fase da adolescência e...que eu lembro algum cantor, assim, é do Renato Russo.

- E qual é o texto mais parecido com a música dele, você poderia identificar?

- O texto 2: "ainda que eu falasse a língua dos homens".

- Você acha que o Renato Russo ele estava falando do mesmo tipo de amor dos outros textos?

- Olha, eu acredito que os outros textos o 2, o 3 e o 4, sim. O 1 não. O texto 1 quer dizer um amor não entre homem e mulher, mas sim, um amor entre irmãos, entre pais, mãe, sei lá, algo desse tipo.

- E o texto 3? você não comentou, você poderia comentar um pouco dele e do texto 4?

- No texto 3, ele fala de ferida, de começar de novo e tal e no final ele cita o amor. Então, porque às vezes o amor pode ser uma ferida. No texto 4 é

também a letra de uma música e ele fala um pouco do amor como uma coisa que arde, que faz você sofrer e tal, mas o que prevalece é o amor em todos os textos.

- E você lembra de quem é essa música do texto 4?

- Do texto 4 se eu não me engano é do Renato Russo? Não é? Não me lembro.

- Se você tivesse que escolher, de qual texto você menos gostou?

- Ah... eu acredito que é o 3, o texto 3.

- Por algum motivo?

- Não, não tem nenhum motivo específico.

- Você consegue ver alguma coisa nesse texto 3, além do conteúdo que fala de amor e de ferida? Você acha que ele é diferente dos outros por algum aspecto?

- Ele é mais curto e ele é um pouco mais difícil de entender o contexto dele, mas tem um contexto por trás desse texto.

- Por que você acha que ele é mais difícil?

- Porque ele não tem tantas palavras, tantas frases, assim, como os outros textos, mas se você ler e tal, você consegue entender.

**LEITOR 5**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
B.G.	23	ADMINISTRADOR	MÉDIO	SUPERIOR	0	3

- Depois de ter lido os textos, você os conhece de algum lugar?

- Eu sei que o 1, eu acredito que seja Shakespeare e eu acho que o texto 4 acho que é Carlos Drummond de Andrade. O primeiro e o quarto eu já tinha visto, o texto 2 tá meio mesclando, mas eu nunca tinha visto, nem o texto 3.

- E do que se tratam os textos?

- Sobre o sentimento do amor.

- Você acha que eles está tratando o amor da mesma forma?

- No geral, se você for resumir, sim, mas as palavras de cada um eu acredito que elas sejam diferentes.

- Você acha que é um amor mais fraterno, conta mais de um amor homem/mulher? Você diferencia?

- Não, não diferencio, está bem geral.

- Olhando a forma dos textos, você vê alguma diferença, nelas?

- É um jogo mesmo.

- Você está vendo isso?

- Eu vejo que é a forma de um jogo, que marca as palavras.

- Você gostou do texto 3?

- Sim, mas, dos quatro foi o que eu menos gostei.

- Por quê?

- Está muito difícil. Os outros tem mais valores, fala mais. Texto 1, o 2 realmente e o 4.

- Olhando o texto 3, você consegue ver alguma coisa além das palavras, ou são palavras jogadas, alguma figura?

- São palavras colocadas de uma forma (brincando com as palavras); frases com sentidos diversos.

- Mais alguma coisa a comentar?

- Não, nada a comentar.

- O texto 4 você já viu em algum lugar, na escola?

- Na escola. O texto 1 também, e o texto 2 não.

**LEITOR 6**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
C.A.	41	mecânico	médio	médio	2	0

- Depois de você ler os 4 textos, o que você achou, dá para comentar de qual você gostou, já conhecia?

- Já ouvi, já vi esses textos, não me lembro de onde, mas fala de palavras de amor, se não existir amor, de nada adianta; não valer a pena naquilo que você faz. O que mais gostei foi o texto 2.

- Por algum sentido especial?

- Não. Fala mais intensamente do amor, da linguagem dos homens e dos anjos, Mais pelo fato da palavra amor, mesmo.

- Você acha que os 4 textos falam de amor da mesma forma?

- Sim, com certeza. Parece iguais, mas é escrito de forma diferente, mas nenhum deixa de expressar, se não existir o amor, em todos os textos, não adianta nada.

- De todos os textos, você diz que gostou mais do 2. E o texto 1, 4 e 3 você já conhecia? De onde?

- Não me lembro. Eu vi.

- O texto 1 eu já conhecia, o 2 também.

- Você não se lembra?

- Não, não me lembro.

- De qual texto que você menos gostou?

- Se eu falar que não gostei de nenhum, estou mentindo. Não tenho como não gostar.

- Então, qual texto que você não se identificou?

- O 3. É mais simples. Não tem complexo. Ele é mais curto, mas é um texto que fala também de amor, só que não demonstra como os outros três textos e que fala daquilo que você está fazendo, que não adianta você fazer, se não existir o amor naquilo que você faz.

- Você acha que os quatro textos falam do amor da mesma maneira?

- Da mesma maneira.

- Alguma coisa mais para comentar?

- Não.

- Você comentou que o texto 3 é mais diferente. Além do sentimento do amor, você vê alguma forma, algum desenho nesse texto?

- Acredito que é um desenho de flores, fala de feridas sem ferida; porque às vezes, você fere e você não sente que feriu; é como se fosse as feridas sem ferida. E através do amor você enxerga tudo colorido, se você não existir amor, a vida fica tudo branco e preto. É isso aí.

- E a flor simboliza isso para você?

- A flor simboliza o gesto de amor. Você vê uma flor nascer, você vê uma flor desabrochar, é como se você tivesse vivendo o amor naquilo que você está vendo.

**LEITOR 7**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
C.A.R.	55	MOTORISTA	BAIXO	FUNDAMENTAL	4	1

- Você já viu estes textos em algum lugar?

- Não.

- Do que tratam os textos?

- De amor.

- E você acha que fala do amor da mesma forma?

- Não, tudo diferente.

- Diferente? como?

- É umas coisas muito bonita né. Eu gostei de todos eles. Eu acho que o amor não é... assim...uma coisa que vem pra se acabar, ele vem pra aumentar. Então vai aumentando o amor do casal, o amor de pai pra filho, de mãe pra filho, de filho pra pai, e pra mim é uma coisa muito bacana. Esse texto aqui esse texto 4: o amor é fogo... o amor é fogo que arde... é ferida que dói...Isso daqui é uma coisa que vem de dentro, uma ferida, uma coisa que... eu não sei explicar direitinho... eu nunca vi isso daqui não. São umas palavras muito bonita.

- Você viu esse texto 3?

- O 3... eu vi isso daqui, eu não entendi isso daqui não. Fer... ida, eu penei que era ida né... sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai a dor dói. Isso é bonito... muito bonito isso daqui, eu gostei... e pra mim é bacana.

- Você acha que esse amor que ele ta falando é o mesmo amor do texto 1 e do texto 2?

- Tem né... Pra mim acho que é a mesma coisa né, porque tudo que tem aqui, que eu li no meu jeito de entender... aí no finalzinho eu fui ver esse texto aqui,

eu queria decifrar isso daqui né... então o que eu achei aqui (texto 1) eu achei aqui (texto 3), porque é o seguinte... tem coisa que fala aqui ai eu... depois no final.. vendo aqui... eu queria achar alguma coisa eu pensei comigo... vai me perguntar... fer... fer né... ai depois eu... ferida...então tem ai né.

- Você acha que o amor fere?

- Fere, o amor fere, mas tem que a gente procurar sair fora da ferida né. E é lindo. O amor fere, mas é lindo. Eu já fui ferido.

- E você consegue ver alguma forma nesse texto 3, algum desenho, alguma coisa diferente?

- Não. Do que você fala? Em que sentido?

- Ele é igual os outros textos?

- Diferente. Pra mim ele é diferente, bem diferente. Pra mim, eu achava que você ia me fazer assim, uma pergunta e ter uma resposta assim né, mas não é. O que tem aqui, praticamente pra mim acho que o que tem aqui acho que ta aqui Não é? Eu achei isso aí. Mas tem que ler muito. Eu li duas vezes, só que já passou, então na hora quando você ta com aquilo na cabeça ai você vê, ai da pra você... agora lendo de novo, duas três vezes, você vai vê que... vai conjugando as palavras né, e eu achei que é muito bonito isso daqui, bacana mesmo.

- Se fosse pra você escolher o texto de que você mais gostou, qual seria?

- Um que eu entendi muito assim pra mim.... todos é bonito, mas tem um que... mas esse quatro aqui fala coisas mais marcantes né... pra mim.

Pra mim esse quatro aqui é o que marcou mais pra mim. Esses daqui são bonito também, são textos muito bonito e a gente tem que saber levar eles, ler direitinho pra entender na mente né, mas esse daqui marcou mais.



**LEITOR 8**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
D.S.A.	20	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	4	3

- Após a leitura dos textos, você poderia comentar o que você entendeu dos textos?

- Então, o primeiro texto eu entendi que ele trata o amor na sua essência, e esse texto é muito interessante, eu nunca tinha tido contato com um texto igual esse, porque aqui tem várias palavras que a gente não usa no nosso cotidiano, palavras diferenciadas e no texto 2 eu pude perceber que nesse poema ele é um poema livre onde também ele relata o amor e que... é um poema livre onde o escritor vai escrevendo sem regras, sem pular nenhum parágrafo e nem deixar em ponto de verso. O texto 3 também fala de amor, como eu pude ver e aqui, pelo que eu vi, as rimas dele são mistas, não tem uma sequência certa de rimas, não tá certo, assim... uma rima certa. E o quarto texto é um poema que ele já tem uma característica de poema: ele tem quatro estrofes sendo duas quaternárias que tem quatro versos e duas terciárias que tem três versos e também ele relata um amor de um moço, na vida de um moço, alguma coisa assim. Eu pude entender que os quatro textos relatam sobre o amor, sendo que o 2, 3 e 4 são em forma de poema diferenciado e o texto 1 já é em forma de... um texto que eu não sei se é dissertativo ou alguma coisa assim. O que eu pude identificar foi isso mesmo.

- Você já conhecia esses textos?

- O texto 3 eu já tinha feito um trabalho na faculdade sobre isso, mas o 2 o 1 e o 4 eu nunca tinha tido nenhum contato com esses tipos de poema, tanto que eu não leio esse tipo de poema.

- De que texto você mais gostou e de que texto você menos gostou?

- O texto que eu mais gostei foi o 4 eu achei que ele tem uma essência mais profunda e o que eu menos achei interessante foi o 3 porque o texto 3 ele é muito... ah, o meu modo de ler e o meu gosto eu não me interessei muito pelo 3 não eu dei só uma olhada mesmo, mas o que me prendeu mesmo foi o 4.

- Você comentou que você fez um trabalho na faculdade sobre esse texto 3, Você se lembra do tipo de trabalho que você fez?

- Foi um trabalho onde eu tinha que sintetizar e explicar as características dos poemas, então eu tive contato com vários tipos de poemas e eu aprendi a subdividir cada rima, cada parágrafo, dividir cada adjetivo, subjetivo, então, eu me aprofundei bastante nessa parte e quando eu bati o olho assim, nesse seu poema que você me deu já veio fresco à memória.

- E você se lembra do autor desse texto?

- A gente não mexe com o autor no poema porque eu estudo para educação infantil eu tenho contato com alguns poemas assim para adulto só para a gente ter uma noção.

- E você se lembra se vocês trabalharam com o sentido desse poema também ou só com a forma?

- Só com a forma, o sentido a gente trabalha com os de educação infantil, os de adulto a gente só pegou a parte para descobrir as rimas.

**LEITOR 9**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
D.S.	38	VIGILANTE	BAIXO	MÉDIO	1	4

- Bom, então, após a leitura dos 4 textos, o que você entendeu, você poderia comentar dos textos para mim, por favor.

- Eu comentaria as questões, o seguinte. Nesse texto número, nesse primeiro texto 1, esse texto foi tirado de um evangelho, a saber o evangelho de João. Então, esse mesmo texto foi usado como inspiração por Renato Russo nessa música aqui... Ainda que eu falasse a língua dos anjos, que eu falasse a língua dos homens...

- Que é o texto 2?

- Que é o texto 2 exatamente. Esse 3 me parece ser um poema assim, feito de forma assim... um tanto quanto...

- Nesse texto 4 ele tem as mesmas palavras mas intercaladas aqui nesse texto 2, que nem, por exemplo, amor é fogo que arde sem se ver, que ver aqui ó... amor... ainda, o amor é bom..amor, sem amor, sem doer, aqui ó ....que arde sem se ver , ó...amor é fogo que arde sem se ver, então o mesmo texto também, mas escrito de forma diferente.

- Em nenhum momento tem título, não falo que é música, não ta falando nada. Como que você sabe que é música, que é do Renato Russo?

- Ah.. pela... porque o texto eu conheço, eu já o li, entendeu?

- O texto 2?

- É. Todos eles. Eu li os quatro agora aqui nesse momento. Mas que eu reconheci foi esse aqui de João, o primeiro texto, que é o mais completo.

- E o texto 2 também?

- É lembrou da música. Já.

- E o texto 4, você já viu em algum lugar?

- Dessa forma escrita não, mas embutido no texto 2 sim.

- Você poderia me falar, dos 4 textos, do que se tratam os textos, tem algum tema comum? Qual?

- Ah! O amor né? Da sobrevivência do amor, o que é o amor, qual que é a função do amor dentro de nossa vida, do nosso dia a dia, o que é necessário para que dure o amor e etc., quer dizer...Aqui, ele ta colocando, no caso João, revelado por Deus, por Jesus, na verdade, ele expõe que não adiantaria nada você não matar, não roubar, não dizer falso testemunho, não honrar sua mãe, ainda que você fizesse tudo isso, mas sem amor nada seria. Nem os anjos fazendo por Deus a missão deles se não tiver amor...., então o amor é a base geral de tudo, ta nos textos como, né... como testemunho

- E esse texto? Você comentou que foi usado pelo Renato Russo?

- Também.

- E você acha que esse mesmo amor, o Renato Russo queria falar do mesmo amor que o João falava?

- Não, porque o João é uma testemunha viva de um evangelho, né?, ele cita um evangelho. Na verdade, quem teve a primeira idéia, quem falou a respeito pela primeira vez foi Jesus. Então, Renato Russo como artista, ele lendo também a palavra ele encontrou nesse texto algumas questões que ele colocou na música dele, que foi a saber o refrão, né? Então....

- E de qual texto que você mais gostou?

- Todos.

- Mas se tivesse que escolher um?

- Se eu tivesse que escolher um, eu escolheria o texto 1.

- E de qual você menos gostou, o que menos te chamou a atenção? Se tivesse que classificar, qual seria o último?

- O último? ... Ah, eu acho que o 4.

- Você não comentou muito do texto 3, você poderia comentar mais um pouquinho para mim?

- Ah! O texto 3 eu entendi como uma frase, é... só que , né... desfibrilada, separada totalmente, mas com um enredo, né... ferida se dá segmento da palavra, vai formar uma frase , tal... interessante! Aqui... Ferida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai a dor dói. Então, uma combinação assim, um jogo de palavras que quer dizer uma mensagem. É o que eu entendi.

- E essa mensagem seria o amor também?

- Também. O amor também.

- E Você já tinha visto algum texto parecido com este?

- Não, como esse não.

- Alguma coisa mais para comentar?

- Ah! Gostaria de comentar sim. É uma covardia Renato Russo usar um texto bíblico para fazer um sucesso musical. Acho que foi uma falta de respeito da parte dele.

- Você acha? Por quê?

- Porque eu acho que ele não era digno de de...ter esse tipo de comentário.

- O que seria não ser digno? Por quê? você conhece alguma coisa da vida dele?

- Ah! Eu conheci, porque esse mesmo que vai mexer nessas questões aqui, principalmente um ser, o amor, então...A princípio aqui, a princípio a mensagem se refere ao evangelho, ao qual virou música e desencadeou...muita gente namorou com esse texto, com essa música, muita gente fez filho com essa música, né? Quando, na verdade, o texto propriamente diz, não era essa a mensagem. Então foi uma cópia, vamos supor, foi um roubo de uma idéia, entendeu? Esse texto já existia em outro lugar. Pouca gente sabe que nessa música do Renato Russo ele coloca um

texto bíblico, pouca gente sabe, muitas nem sabe, né, muitas não tem nem idéia, mas ta mascaradinho aqui que... um texto bíblico.

- Mas você acha que esse amor do Renato Russo era o mesmo amor que tava falando no texto bíblico?

- De forma nenhuma, eu não acho. Esse amor aqui tava se referindo aqui, esse amor de João estava se referindo a Jesus Cristo, o feito dele né, então, que o amor dele fez com que ele fizesse o que nenhum amigo faria, nenhum filho faria, nenhum pai faria, nenhum irmão faria. Então, foi acima de todas as coisas mas ele ainda levanta essa questão dos mandamentos, dos maiores ainda se deve guardar que é o amor pelo próximo, o amor pelo próximo ta acima de qualquer coisa.

**LEITOR 10**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
E.G.	32	METALÚRGICO	MÉDIO	SUPERIOR	2	3

- Após a leitura dos 4 textos, o q vc pode entender? De qual texto você mais e de qual menos gostou?

- Eu goste de 2 textos, o 1 e 2 são semelhantes no meu ponto de vista. Todos eles são assim importantes. O texto 3 não é importante, pelo meu ponto de vista. O texto 2 gostei muito.

- Por quê?

-Ele fala muito de amor. Ainda que eu falasse a língua dos anjos e falasse a língua dos homens sem amor, mas ele fala isso ai. Quer dizer está justificando o amor dele. A si próprio.

- Quem? o autor?

- O autor.

- Você conhece, já viu esses textos em algum lugar?

- É uma música, do nosso querido Renato Russo.

- Qual é a música?

- Ainda falasse a língua dos anjos...

- Qual texto?

- No dois, mas, no texto 1 tem uma semelhança. Se não me engano, ele tirou o texto da Bíblia.

- E o texto 4?

- Eu gostei mais, em particular, e gostei do texto 2.

- Tem algum tema comum nos quatro textos?

- Amor.

- Os quatro textos falam de amor?

- Sim.

- E o texto 1?

- Não sei te dizer...mas, fala der sentimentos, de auto crítica à sociedade. Por isso eu acho que é um auto crítica em questão do amor, num jeito em que parte, você acha que fala de sociedade, na parte essencial, fala aqui: quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, escolhia como menino; mas; logo que cheguei a ser homem, eu acabei com as coisas de menino. Então, ele se escondia nas coisas de menino.

Ele não queria virar homem, quando ele virou homem, ele viu antes mesmo se policiar na questão, ele teve auto defesa, era o jeito de expressar perante a sociedade.

- De qual texto você mais gostou?

- Do 2.

- Por algum motivo específico?

- Não.

- O fato de você já conhecer esse texto influenciou?

- Acredito que sim. Eu conheci a letra da música, e vi o texto, então o alarme é muito grande.

- De qual texto que você menos gostou?

- Do 3. Não achei interessante.

- Você falou que os 4 textos falam de amor, isso inclui o texto 3?

- Ele fala der amor, mas do jeito de cada um que fala de amor, expressar o que o que está falando. No meu ponto de vista tem vários significados.

- O que você não gostou nele? Ele é diferente dos outros?

- Não é questão de diferença dos outros, diferença pra mim que eu vejo como é o amor pra mim não desta maneira, é particular meu, não que seja bom.



**LEITOR 11**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
E.E.	37	FUN. PÚBLICO	MÉDIO	ENSINO MÉDIO	1	3

- Após a leitura dos quatro textos o que você pode identificar? Há alguma relação entre eles? Você já conhecia? Pode fazer um comentário breve?

- Os quatro textos falam de amor, basicamente de amor. O Amor é o principal, não adianta você ter riquezas, o que tiver, se você não tiver o amor. Nada disso adianta. Então, o amor constrói tudo.

- Você acha que o amor é tratado da mesma forma, nos quatro textos? Em sua opinião?

- Não, são de maneira diferente. É difícil de explicar o amor. A relação dos quatro textos aqui, no caso, cada um tem a sua particularidade, mas, resumindo é o amor. Ele supera tudo. No número um, o texto fala mais do dom da profecia, de várias coisas, mas, se você não tiver amor nada disso adianta. O amor supera tudo, todas essas qualidades, essas coisas.

- Bom, tem algum texto de que você gostou mais?

- O que eu mais gostei foi o texto 1, que fala do dom da profecia, fala de ciências, fala da língua dos homens e dos anjos, mas se você não tiver o amor, nada disso adianta.

- Você já viu esses textos em algum lugar?

- Tem a música né, no texto número 2, no caso... que seria aquela música do... tem música do... como que chama o conjunto...sumiu! Eles começam iguais, mas não é o mesmo texto, eles tem uma semelhança no começo, mas não é o mesmo texto. O número 4 tem uma parte que encaixa. Todos têm uma relação. Todos são legais. O restante fala fé amor.

- Após a leitura dos quatro textos o que você pode identificar entre eles? Há alguma relação? Você já conhecia? Pode fazer um comentário breve?

- Os quatro textos falam de amor, basicamente de amor. O Amor é o principal, não adianta você ter riquezas, o que tiver, se você não tiver o amor. Nada disso adianta. Então, o amor constrói tudo.

- Você acha que o amor é tratado da mesma forma, nos quatro textos? Em sua opinião?

- Não, são de maneira diferente. É difícil de explicar o amor. A relação dos quatro textos aqui, no caso, cada um tem a sua particularidade, mas, resumindo é o amor. Ele supera tudo. No número um, o texto fala mais do dom da profecia, de várias coisas, mas, se você não tiver amor nada disso adianta. O amor supera tudo, todas essas qualidades, essas coisas.

- Bom, tem algum texto de que você gostou mais? Você se identificou mais com qual? É familiar?

- O que eu mais gostei foi o texto 1, que fala do dom da profecia, fala de ciências, fala da língua dos homens e dos anjos, mas se você não tiver o amor, nada disso adianta.

- Você já viu esses textos em algum lugar?

- Tem a música né, no texto número 2, no caso... que seria aquela música do... tem música do...como que chama o conjunto.. sumiu! Eles começam iguais, mas não é o mesmo texto, eles tem uma semelhança no começo, mas não é o mesmo texto. O número 4 tem uma parte que encaixa. Todos têm uma relação. Todos são legais. O restante fala fé amor.

- Tem algum de que você não gostou ou não se identificou?

- Do texto 3. É uma coisa sem graça. O texto 1 e 2 é mais completo. Eu fico com o texto 2. (tem uma música). O texto 3 fala de um amor mais bonito, fala de ferida, temos que começar de novo, é um amor mais sofrido.

- O texto número dois e quatro, fala de ferida?

- Os outros falam de feridas, mas fala de coisas boas também. O texto 3 começa com feridas. É o mais curto, abrange mais, é mais fácil para você ver. Como o texto 3 é menor, então o que marca é a ferida, porque começa com ferida. Depois de ter lido novamente os quatro textos, com mais calma, vejo que todos falam de amor. Um amor em relação às pessoas que estão ao nosso redor. Tanto família, amigos e até inimigos.

**LEITOR 12**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
E.L.	17	ESTUDANTE	MÉDIO	MÉDIO	3	4

- Você conhece os textos? Do que tratam os textos?

- Conhecer... eu nunca ouvi falar deles, acho que baseado nos 4 o que eles falam é que o amor...quem sente amor sofre, que o amor às vezes faz sofrer.

- De qual texto você gostou mais?

- Olha, acho que o texto 3.

- Por quê?

- Ah!!! Esse negócio de rimar é bem prático assim: o amor rói, amor mói, acho que foi bem bacana.

*O que mais você poderia falar dele?*

Ah, não sei, ele é bem pequeno, o mais interessante dele é que... o amor também.. ele fala que o amor dói e acho que sobre a rima, eu sou mais esse negócio de gostar assim de rima, eu gostei do 3, não por ele ser pequeno, mas porque eu gostei mesmo.

- Ele é diferente para você?

- Sobre o que fala acho que não, porque todos estão falando do o amor.

- E sobre a forma dele?

- Não.

- Se você olhar os quatro textos, a formatação deles é igual?

- A formatação não, é diferente. Acho que esse deve ser uma poesia, o 4

- Por que você acha que é uma poesia?

- Ah, sei lá, as estrofes.

- Você já viu este tipo de texto na escola?

- Não, eu nunca vi.

- E onde você ouviu falar de poesia?

- Assim... Aprendi na escola, não sei se é uma poesia, mas eu aprendi esse negócio aqui de estrofe na escola.

- E de qual que você gostou mais?

- Acho que foi o 3 mesmo.

- E de qual que você menos gostou?

- Não sei, acho que todos. Se você for parar para ler acho que todos são bacanas.

**LEITOR 13**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
F.A.	19	TEC. INFORMÁTICA	MÉDIO	SUPERIOR	4	3

- Bem, após a leitura dos textos, você pode comentar um pouco se você conhece os textos, do que se tratamos textos, se você gostou ou não?

- Olha, esse texto, o texto 1 eu já tinha visto ele na catequese, o 2 e 4 eu recordo, é uma música do Legião Urbana, não lembro qual que é...

O texto 3 nunca vi, eu dei uma olhada nele assim, parece que é um texto de rimas, só que eu não sei, não conheço.

- E agora falando do sentido desses textos, do que se tratam os textos, eles falam da mesma forma?comenta um pouco.

- O texto trata muito do amor, o quanto é importante o amor, o quanto precisa dele, o texto comenta um pouco sobre...papo de fé né, como que eu vou explicar...

- Pode falar com suas palavras

...como que o amor é perfeito porque o amor nunca falha...e o texto 2 é uma música do Legião Urbana que eu não me lembro qual que é...

- E você gosta do Legião Urbana?

- Gosto bastante.

- Você lembra quem que era o vocalista?

- Renato Russo.

- E você acha que o Renato Russo queria falar sobre o mesmo tipo de amor do texto 1?

- Boa pergunta hein!

- O que você acha? pensando agora. Porque... um vocalista de rock e um texto bíblico são coisas bem diferentes, né? Qual que é sua opinião sobre isso?

- Eu acredito que... eu não lembro muito do texto, eu posso dar mais uma lida?

- Claro! (pausa para a releitura).Continuando a entrevista, você poderia comentar , então, na sua opinião se você acha que o mesmo amor tratado no texto 1 é o mesmo amor que o Renato Russo queria falar no texto 2?

- Eu acredito que não, acredito que o texto 2 está falando mais do amor humano, o amor que existe entre as pessoas, já o texto 1 fala do amor de Deus, do amor divino mesmo, acho que essa seria uma diferença para esses dois amores.

- Por que você acha que o Renato Russo não estaria falando deste amor de Deus?

- Porque eu acredito que o Renato Russo era ateu, não acredito que ele tinha alguma relação com alguma religião.

-Você conheceu alguma coisa da vida do Renato Russo além disso?

- Sobre a vida dele, do dia-a-dia dele eu não lembro, meu irmão que era... meu irmão é legionário né, então ele curtia pra caramba, eu ouvia muitas músicas porque ele ouvia, por isso que eu tenho essa noção, mas eu não sei como que era o dia-a-dia dele.

- Em relação ao texto 3? Você consegue ver algo além do conteúdo?

- “ferida sem ferida”...Não. Não consigo identificar nada além do contexto geral...O amor mói o céu cai a dor dói. Não.

- Se você tivesse que escolher o texto de que você mais gostou e o que você menos gostou, quais seriam?

- O texto que eu mais gostei ... eu escolheria o 4 e o que eu menos gostei, por não compreender muito, seria o texto 3.

- Por que você escolheria o texto 4?

- Ah, por causa da música né, que eu conheço o sentido, o ritmo né.

**LEITOR 14**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
H.J.	39	ANALISTA	MÉDIO	SUPERIOR	2	3

- Após a leitura dos textos você poderia comentar o que você entendeu, se há algum tema comum nos textos, de qual você mais gostou ou o que te chamou a atenção? A sua opinião sobre os textos...

- Os quatro textos falam sobre o amor, o primeiro texto é uma leitura da carta de São Paulo aos Coríntios, fala de amor, da fé e da esperança, são as virtudes. O texto 2, foi adaptado esse mesmo texto 1 em uma música do Legião Urbana, e também retrata todo o sentimento do amor, tudo o que o amor pode. E o texto 4, também, é basicamente, quase como o número 2, que é a música, e também se reporta ao texto bíblico.

Já o texto 3 já é um texto bem pequenininho, ele cita um pouquinho sobre o amor, e... parece que há pequenas palavras, um pouquinho de rimas, algumas palavras silábicas e, assim, fala bem pequeno do amor, bem pouco. O mais complexo seria o número 1 mesmo, que é o texto bíblico.

- Se você observar, nenhum texto tem título, então, eu não falo que o texto 1 é da Bíblia, que o texto 2 é uma música, você descobriu isso porque você já tinha visto esses textos, você os conhecia?

- Sim, já conheço, o primeiro eu já conheço por parte da Bíblia e o texto 2 é a música do Legião Urbana, muito conhecida também né. O texto 4 ele tem partes do... tanto da música quanto do... é uma mescla, aparentemente, do 1 e do 2.

- Você já viu esse texto 4 em algum lugar?

- Não me lembro, esse não. É bem adaptado, eu não sei se é uma outra... se é alguma outra... se também consta na Bíblia ou não... não sei onde fica.

- E o texto 3? Você já viu em algum lugar? algum texto parecido?

- Nunca vi, esse daqui não, só o 1 e o 2 mesmo, que são os mais conhecidos, não é? e o 4 que tem bastante a ver com eles. Agora o 3 é apenas... não sei se



foi tirado, de repente, com algumas palavras que tem uma sílaba apenas, tentando fazer uma rima...

- Se você tivesse que escolher um texto dos quatro, qual seria o que mais te emocionou, de que você mais gostou ou que mais te emocionou?

- Olha, o texto bíblico é muito bonito, mas ele cantado em música, eu acho, assim, que é muito mais vibrante, assim, ele teve muita felicidade em conseguir compor essa canção utilizando esse texto bíblico.

- Se fosse para você escolher o texto que menos te agradou, qual seria?

- O texto 3, seria ele, porque é pequeno e tal... os outros complementam mais, talvez ele seria um resumo, não é?, não sei.

- Você acha que os quatro textos falam do mesmo tipo de amor?

- Olha no 1 no 2 cita-se muitas características de amor, amor de justiça, amor de bondade, amor que perdoa, amor de caridade, certo? Todas essas qualidades e tanto no 2 quanto no 4 as mesmas, agora no 3 são palavras que tentam expressar bem de forma sintética essa parte aqui do amor: “o amor mói”, então, seria dor, “ferida sem ferida”, tudo características do amor que atormenta a pessoa, que provoca, que desperta nas pessoas, é... como posso dizer.... um sentimento né... um sentimento de dor e outros tanto nos remete a palavra amor.

- Então, pelo que eu entendi, na sua opinião, o amor do texto 3 estaria relacionado com dor?

- Sim... é...

- E no texto 1, 2 e 4 já não seria isto?

- É, eles já têm mais características, não é, que vai tanto do perdão quanto da justiça, o bem, que ele é sofredor, tudo suporta, então, são várias características que definem o amor no sentido mais completo da palavra.

- Você comentou que o texto 1 é a carta de São Paulo e o texto 2 é Legião Urbana. Os autores são diferentes, então, você acha que o amor que eles queriam expressar era o mesmo tipo ou não? O fato dos autores serem diferentes modifica a mensagem, na sua opinião?

- Olha, eu vejo, assim, o bíblico foi uma mensagem deixada aos povos e no caso do texto 2, da música, ele aproveitou de um livro, como se a bíblia fosse um livro, achou uma passagem bonita e tentou adaptar aquilo a uma música de forma que ele conseguisse....não sei se o sentimento dele seria esse “transmitir o amor”, mas adaptar aquele texto na música para emplacar e fazer sucesso e acredito que ele tenha conseguido isso.

**LEITOR 15**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.A.	44	POLICIAL	MÉDIO	MÉDIO	1	3

- Após a leitura dos quatro textos você pôde identificar algum tema comum, você já conhecia algum dos textos, qual e de onde você conhecia?

- Bom, o texto 1 eu conheço porque ta na bíblia , é a palavra de Deus, é no livro de Coríntios, Primeira Coríntios. O que eu posso comentar dele é, justamente, que ele diz sobre o amor. Não adianta a gente ter tanta coisa nessa vida, buscar tanta coisa, ter tanto conhecimento se não tiver amor, não adianta nada. O texto 2 ele começa a falar um pouquinho também sobre o livro de Coríntios, ele dá o início e depois ele já cai no outro texto que é o caso do texto 4, então o texto 2 ele tem uma iniciação do texto 1 com o texto 4, no caso né, então ele mistura um pouquinho, dá entender, assim, que é a união do texto 1 com o texto 4 tendo como o ênfase principal a palavra amor, no caso.

- E você já conhecia o texto 2 de algum lugar?

- O texto 2, como eu disse, ele tem um pouquinho do texto 1 que é a Bíblia e o texto 4, pelo que eu já ouvi falar é de um livro, de um autor, de um escritor. Eu não lembro, parece que eu já estudei, se não me engano é Camões, não sei se é, parece que sim.

- O texto 3 você não comentou muito, você poderia comentar um pouco sobre ele?

- O texto 3 é um texto, assim que ele aparece muita rima, dá muita rima ele fala muito sobre: ferida sem ferida tudo começa de novo...

Eu não conheço esse texto, mas o que eu posso dizer dele é que ele parece, assim, um texto de rimas.

- E você acha que ele também fala de amor?

- Com certeza. Todos eles, tanto o texto 1, como o texto 2 e o 3 eles falam disso.

- E você acha que é o mesmo tipo de amor?

- Se nós formos levar pelo entendimento, apesar de serem textos diferentes, mas tanto o escritor em Primeira Coríntios, no caso Paulo, o texto 2, um escritor muito conhecido, como no texto 3, todos eles falam de amor de uma maneira diferente, mas eu acredito que a essência, realmente, é amor de... como no texto 1, amor de pessoas, como por exemplo, numa igreja amar ao próximo, no texto 2 ele fala de um amor mais romântico, de duas pessoas, um homem e uma mulher e o texto 3 ele também fala mais ou menos isso daí, entre um homem e uma mulher, aqui dá para entender isso.

- De qual texto você mais gostou e de qual texto você menos gostou?

- Com certeza o texto 1 porque ele, praticamente, engloba todos os outros textos. Porque a gente começa a ler o texto 1 e ele... como eu disse no começo, não adianta você ter tudo nessa vida, eu tenho dinheiro, eu tenho roupa, eu tenho casa, eu tenho tudo, mas, a essência que é o amor, não adianta. Ah eu tenho um monte disso... então, o texto 1 é o mais importante. E o texto, talvez, até por ser pequeno e dá entender, assim, que ele tem muita rima e não dá para entender muito o sentido dele, assim né, é o texto 3, ele fala de amor, mas muito pouco, não tem muita coisa para falar.

**LEITOR 16**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.N.	35	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	1,2	0

- Após a leitura dos quatro textos você poderia comentar um pouco sobre o tema de cada um, se você já conhecia os textos, sobre o que fala, de qual que você mais gostou, de qual que você não gostou e por quê?

- Eu gostei dos dois textos. O primeiro texto ele fala... os dois falam sobre o amor. O primeiro texto é uma música né. E... esse primeiro texto aqui ele fez uma intertextualidade entre o poema no 4 aqui, que é do Camões e a Bíblia, 13 de Coríntios né, ele fez esta intertextualidade.

- Quem fez? Qual dos textos? eu não entendi?

- O primeiro texto aqui é uma música do Renato Russo.

- E o texto 2?

O texto 2 é o poema do Camões.

- E o texto 4?

Não... O texto 4 é o poema de Camões.

- E o texto 2, você conhece ele de algum lugar?

- Ah, sim! O primeiro texto aqui ele é o texto de Coríntios inteiro e não o parágrafo da intertextualidade, porque existe a música do Renato Russo que se faz a intertextualidade entre o poema que é o texto 4 e o texto de Coríntios que ele montou a música, nesse caso aqui não, nesse caso aqui é o 13 de coríntios (texto 1) e o poema separado. Aqui, o texto 4 ele usou o recurso da poesia, estrofes, rimas... é um soneto e aqui no texto 2 ele montou como se fosse uma poesia livre né... (tempo de leitura)

- Pode ler com tranquilidade.

- Ah ta!, esse texto 2 que é a intertextualidade entre a poesia e o 13 de Coríntios. E o texto 3 é parecido com uma poesia concreta.

- E você já tinha visto este texto 3?

- Sim. O texto 3? Não, o texto 3 não, mas pela estrutura aqui dá pra ver que é uma poesia concreta.

- E você conseguiria definir o sentido dessa poesia, a diferença dela das outras? O que você vê além do conteúdo?

- Aqui no caso do texto 3 ele usou o próprio recurso de estruturar no papel já fazendo parte da própria linguagem, da própria comunicação, da maneira que se estrutura já é a comunicação, não é! É o recurso visual. A partir do momento que você estrutura ela, ela já está passando a mensagem da maneira que ela vai se estruturando.

- E quando você olha para essa poesia você consegue ver alguma coisa além? Você consegue ver algum desenho, alguma forma?...

**LEITOR 17**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.E.	65	DENTISTA	MÉDIO	SUPERIOR	1 e 2	3

- Após a leitura dos quatro textos, o que você pôde observar? Há relação entre eles? O tema? O que você achou?

- É, eu acho que há relação entre os textos 1, 2 e 4, o texto 3 não diz respeito aos outros três.

- E qual a relação, qual é o tema deles?

- É o amor.

- O texto 3 não fala de amor?

- Não, ele fala só determinações.

- De qual texto que você mais gostou?

- Do texto 1 e do texto 2 que são quase a mesma coisa. Eles falam é... decisões, fala determinações, acontecimentos do dia a dia, talvez.

- E onde que estaria o amor nessa história?

- Em relação ao texto?

- É. Porque quando eu pergunto qual é o tema você falou que os textos 1, 2 e 4 que eles falam de amor, e eles falam da mesma forma desse amor, na sua opinião?

- No texto 1 e 2 sim, eu acho que sim porque eles descrevem algumas coisas que acontecem no amor nos dois textos.

- E o texto 4 ele é diferente para você?

É porque ele é em forma de poesia.

- Em nenhum lugar está falando, não tem título, não tem nada falando que ele é poesia, Você já leu esse texto em algum lugar ?

- Não, porque o texto 4 já está em forma de poesia, porque tem rima.

- A forma dele te lembra uma poesia?

- Isso.

- E o texto 3 você comentou que a forma dele é diferente, que te chamou a atenção isso. Você poderia me falar do que trata este texto 3, na sua opinião?

- O 3 eu acho que são... como se fosse uma definição... definições aliás, por exemplo, em relação à ferida, em relação à cor, à flor e no meio tem um "amor", mas só uma coisinha na frente que é "mói", mas não diz nada.

- Você já viu algum desses textos em algum lugar? É familiar para você algum deles?

- O texto 1, 2 e 4 sim. O texto 3 não.

- Você poderia identificar o lugar ?

- Quais? o 1, 2 3 4?

- Sim

- Ah, O texto 1 seria mais assim... tipo entrevistas? Não, entrevistas não, seria mais comentários. O texto 4 seria poesias.

- E o texto 2?

- Também, seria como comentários, uma reflexão, por exemplo.

- Algo mais que você gostaria de acrescentar?

- Não, só isso mesmo.



**LEITOR 18**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.C.	20	ELETRICISTA	MÉDIO	MÉDIO	1	4

- Após a leitura dos textos, você conhece algum desses textos?

- Conheço.

- Qual?

- O texto 1 e o 2.

- De onde que você conhece?

- De passagem bíblica.

- Qual é de passagem bíblica?

- O texto 1 ele começa com a passagem bíblica e o texto 2 também é mais ou menos a mesma linguagem.

- E você só viu esses textos na passagem bíblica ou você lembra de ter visto eles em outro lugar?

- Que eu me lembre foi passagem bíblica, na igreja eu escutei as pessoas falando sobre ele.

- E o texto 4, você já viu ele em algum lugar?

- Não. Que eu me lembre não. Seria um poema né, uma... explicando o verdadeiro sentimento que é o amor né, passo a passo o que seria o amor.

- Você acha que o amor é tratado da mesma forma em todos os textos?

- Não. Eu acho assim que..., ninguém é perfeito né, ninguém consegue seguir certinho o que realmente é o amor, porque o sentimento do amor é um sentimento muito forte que várias pessoas.... é.... acabam sentindo de maneira diferente, então...uns pode até puxar para um desses textos e outros não, outros seguem outro raciocínio de amor.

- E você poderia comentar qual seria outro texto que fala de outro tipo de amor, por exemplo, o texto 3 você não comentou muito, você poderia falar um pouco dele?

- O texto 3, pelo meu modo de vista seria assim, quando a pessoa já tem aquele amor pleno dentro de si, então ela consegue é...descrever...o texto ele descreve realmente... assim... o que seria uma pessoa é...com amor, entendeu...que com amor ela tudo se supera, uma ferida sem ferida tudo começa, a cor coroa a flor, então, seria..... seria mais ou menos assim, com amor você consegue superar qualquer obstáculo, entendeu... uma pessoa que já tem um amor presente então ela... pra ela... não diria que seria fácil mas ela é uma pessoa já com uma fé mais avançada, assim se eu falar... hoje eu caí mas eu vou levantar e amanhã eu tô pronto pra cair de novo, então eu acho que seria isso, uma pessoa que já tem o amor e já consegue diferenciar isso.

- Você nunca tinha visto este texto 3 ?

- Não, nunca tinha visto.

- De qual texto que você mais gostou e de qual você menos gostou?

- O que eu gostei foi o texto 1, seria mais, assim, no meu ponto de vista, um amor com Deus e sem o amor de Deus a gente não é nada, então a gente tem que se apegar mais em Deus e colocar ele na frente de todas as outras coisas na nossa vida que a gente consegue todos os nossos objetivos. Porque sem esse amor pleno, esse amor divino a gente não chega a lugar nenhum.

- Se você tivesse que escolher, de qual texto que você menos gostou?

- Se eu fosse pra escolher o texto menos interessante, seria o texto 4 que seria um texto que tá falando do amor, mas um amor assim...um amor abstrato, um amor assim, tá dando qualidades ao amor, coisas que a gente já sabe só que muitas vezes a gente não coloca em prática, mas...seria um texto mais é... sem coração, um texto mais é... mais puxado para o escrito não para o sentimento, entendeu?

- E olhando a forma dos textos, quando você bate o olho, eles são diferentes na escrita?

- São diferentes, eu não sei te dizer certinho, mas eu acho que o texto 1 seria mais um dissertativo, não sei se é isso, mas no meu ponto de vista, esse aqui seria mais uma estrofe, o 4 também... o 4 seria uma estrofe né, o 2 seria um pouquinho mais puxado para o 1 e o 3 também ele é diferente, mas eu não sei te dizer que tipo de texto seria.

**LEITOR 19**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
L.K	48	ADVOGADO	ALTO	SUPERIOR	2	4

- Bom, após a leitura dos quatro textos você pôde identificar algum tema comum entre os textos? Você já conhecia algum dos textos? De qual que você mais gostou e de qual que você menos gostou? Comenta um pouco.

- O texto 1 e o texto 2 aqui, a gente já ouviu, né, na música, um cantor que cantava, essas músicas aqui, não é?

- Você lembra da música?

- Eu lembro da música só, tem uns pedaços aqui.

- E você se lembra do cantor?

- Acho que era o... como que chama... aquele que faleceu lá...esqueci o nome dele...Renato Russo.

- E você acha que os textos estão falando sobre o quê?

- Ah! sobre o amor né!

- E o texto 1 você também conhecia só pela música do Renato Russo ou você o conhecia de outro lugar ?

- Só pela música.

- Você já conhecia o texto 3 e 4?

- Não, o texto 3 e 4 eu não conhecia.

- Você vê alguma relação deles com o texto 1 e com o texto 2?

- Só o texto 4 que fala do amor também né, mas o texto 3 não, eu não vejo muita relação.

- O que você vê no texto 3, na sua opinião?

- Uns versos só, umas rimas, assim...

- E você acha que a estrutura dele é diferentes, assim, aparentemente, ele é diferente dos outros?

- Ah sim, eu não sei te dizer, mas é diferente sim.

- E ele também fala do amor?

- Um pedaço ele fala sim, que o amor mói o céu cai a dor dói.

- Na sua opinião os quatro textos eles falam do mesmo tipo de amor ou são amores diferentes?

- Olha não dá para definir isso ai tudo, sobre tudo o que fala, se realmente fala de amor entre um homem e uma mulher ou um amor fraterno, um amor... carinho né, não sei te definir não.

- Em algum texto você encontrou mais características desse amor fraterno, carinho e em outro texto, de repente, um amor carnal, de Homem e mulher?

- Isso, você vê aqui no texto 4 é mais um texto romântico, aqui já o texto 1 e 2 já é mais fraterno, mais...como diz... como que eu posso dizer...um sentimento mais humano, mais humanidade, eu acho.

- E no texto 3, se você tivesse que definir o amor carnal, fraterno entre homem e mulher dá pra definir algum tipo de amor nesse texto 3?

- Seria mais um amor entre homem e mulher, né: “ ferida sem ferida tudo começa... a cor cora...a flor... é seria uma reflexão do amor mesmo, de homem pra mulher.

- Se você tivesse que escolher o texto de que você mais gostou e menos gostou?

- O texto que eu mais gostei realmente foi o 2 e o 4 foi o que eu menos gostei.

- E você acha que o fato de você ter conhecido a música do Renato Russo, isso ajudou você a gostar mais do texto 2 ou foi pelo conteúdo mesmo?

- Não, foi pelo conteúdo mesmo, eu acho que fala umas coisas muito bonitas né, a língua dos homens... não sei se foi criado, se foi... mas eu achei bem interessante isso daqui.

- Você vê alguma relação dele com o texto 1 e com o texto 4?

- Bom, correlação tem sim, todos falam de amor, como eu já disse no começo, entendeu, mas não da pra definir assim pra você... , eles são diferentes em termos de...

**LEITOR 20**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.P.	66	MÉDICO	ALTO	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura dos quatro textos, o que você pode identificar entre eles, há alguma relação? Já conhecia? Você pode fazer um comentário breve?

- Bem, se não me falha a memória, o texto um e a primeira carta de São Paulo aos Coríntios. Quando ele comenta que nada que você faça aqui na Terra sem amor não tem serventia, não valer nada. Você pode fazer um trabalho muito bem feito, mas se não tiver amor, não vale nada, e assim por diante, tudo. Se você fizer um amigo, mas não fizer, não existir o amor; não um amor no sentido sexual; um amor de amizade mesmo; não vai representar nada, essa amizade. E assim por diante. No emprego, e mesmo na igreja, se por aquilo que é ensinado não tiver amor, não vale nada, você não desenvolve nada. E assim por diante. O quarto texto é um poema, não recordo o autor, mas é uma poesia. Ele descreve a influência do amor em tudo. Fogo que arde; ferida que dói; contentamento descontente; a dor que desatina sem doer.

- Na sua opinião, esse tipo de amor seria o mesmo amor do texto 1? Se é possível que haja vários tipos de amor.

- Não. Esse não é o mesmo tipo. O texto 1... esse tipo de amor é um outro tipo de amor. O texto 2 é o mesmo texto 1 em outra linguagem, em uma linguagem mais moderna e o texto 3 é o texto quatro também, de uma outra forma, mais curto, mais resumido, escrito em outro estilo, em outra forma.

- E essa forma chamou a sua atenção?

- Não, eu prefiro o texto quatro. O texto 4 e o texto 1.

- Você disse que os quatro textos falam de amor, mas existe algum desses quatro que te chamou mais a atenção por identificação ou por gosto, ou por você já conhecer?

- Por já conhecer. O texto 1.

**LEITOR 21**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.A.	37	METALÚRGICO	BAIXO	MÉDIO	1	3

- Bom, após a leitura dos textos, você poderia comentar um pouco sobre eles?

- Em relação ao primeiro, que fala... tem um pedaço dos salmos né e outros que mistura muito assim as palavras do salmo num texto só. Já conhecia o texto (1) pela Bíblia, agora saber o salmo certo eu não sei falar.

- Qual a relação entre eles?

O 1 fala dos homens e dos anjos, o 2 a mesma coisa, o 3 fala do amor que também tá indicando no 1, então, tudo basicamente ta num texto só.

- E o texto 4, você já viu esse texto em algum lugar?

- Não, esse não. Só as pequenas palavras que tem nele que se identifica com o texto1, fala bastante do amor.

- Os quatro textos falam do amor da mesma forma?

- Sim, no meu entender sim.

- Por que você gostou mais do texto 1? Por já conhecê-lo ou pelo seu conteúdo?

- Pelo conteúdo, foi o que eu me identifiquei mais.

- De qual texto você menos gostou?

- Do texto 3. Tá um pouco misturado, mas acho que ele abrange todos os outros textos.

- Misturado?

- Cada palavra corresponde a uma parte de cada texto.

- Você consegue ver alguma figura?

- Não, acho que não. Bom, acho que tem também, mas não consigo decifrar.



**LEITOR 22**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.C.	29	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura você pode comentar um pouco sobre os textos, se você já os conhecia, se gostou ...

- Na verdade não conhecia nenhum dos textos. O que eu observei é que todos eles falam do amor. Todos têm um item em comum que é o amor.

- Você já tinha visto algum deles?

- Nunca vi nenhum.

- E desses textos de qual você gostou mais?

- Todos eles falam do mesmo assunto, gostei de todos.

- Eles são iguais ou diferentes? O que te chamou mais a atenção na forma, você achou alguma diferença?

- Sim, na forma o 1 é maior que os outros. As palavras são as mesmas. O 1 é um pouco maior que o texto 2, mas ambos falam do amor no contexto geral.

- Você acha que eles falam do mesmo tipo de amor?

- Acredito que sim, os quatro, todos abordam o mesmo assunto sem fugir do amor.

- E o texto 3? Você não comentou muito.

- O texto 3 eu não comentei muito por ser pequeno, então achei que não tinha muito conteúdo.

- De qual texto você mais gostou?

- O que eu mais gostei foi o texto 1 e o que eu mesmo gostei foi o texto 3.

- Você gostaria de comentar mais alguma coisa?

- Não, é só isso mesmo.

**LEITOR 23**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
N.C.	61	EMPRESÁRIO	MÉDIO	FUNDAMENTAL	1	4

- Depois que você leu os textos, você pode me falar se você já conhecia, de onde que você conhecia, se você gostou ou não?

- Eu gostei desse primeiro aqui, foi o que eu mais gostei, porque ele saiu da Bíblia, eu leio a Bíblia, então, eu lendo aqui, na hora eu vi que era da Bíblia.

- Na hora que você viu você já identificou que era da Bíblia?

- Na hora, na quarta, quinta palavra.

- E o texto 2, você conhece de algum lugar?

- Conheço, pois ele já foi tirado desse daqui. Esse daqui é o mesmo texto. Esse aqui (2) é um canto, é uma música.

- É uma música? De onde você conhece?

- Eu já ouvi essa música aqui faz tempo, inclusive acho até que o meu filho tinha um disco desse aqui. Eu não gostei do 4.

- Por que você não gostou do texto 4?

- Porque o quarto é mais amizade, é mais não sei o que... é praticamente todos iguais, só que o 4 é o mais ruim. E esse daqui (3) tem um formato que... ele tem um formato... esse daqui machuca, ele vai falando em feridas, etc e tal, olha só o formato dele ... parece um canhão pô, quer matar o cara! parece uma espada. Não é legal você ler isso daqui.

- E quando você leu esse texto 3 na hora você viu essa figura?

- Na hora.

- E você acha que eles ainda continuam falando do mesmo tipo de amor?

- O mesmo tipo de amor, é a coisa mais linda né, o amor.

- Mas o amor mata?

- Não, matar não mata, mas o amor lindo como diz aqui no primeiro texto e aqui no cântico... beleza!

- E você lembra quem que cantava esse texto 2?

- O nome do cantor eu não recordo agora, mas eu sei que eu já ouvi essa música e bastante vez.

- Mais alguma coisa para comentar?

- Não, tudo bem. Gostei do primeiro texto e do segundo, o quarto eu não gostei, esse daqui (3) não dá pra olhar na cara dele, mas é bonito.

- E apesar de você não gostar, entre o 3 e o 4 você não gostou mais do 4?

- É, o 4 que é o mais que eu não gostei muito.

- E do canhão você gostou?

- Do canhão eu gostei.

**LEITOR 24**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
O.M.	47	PINTOR	BAIXO	MÉDIO	2	0

- Após a leitura dos 4 textos você pode comentar um pouco se você já conhecia algum desses textos, se você já leu em algum lugar, do que se trata, se você gostou?

- Nunca vi nenhum dos 4 textos.

- E você gostou dos textos?

- Gostei de todos, principalmente o 2.

- Do que está falando os textos?

- Fala de amor do próximo, para não ter aquela convivência assim com brigas, com violência, por aí.

- Você nunca tinha visto em nenhum lugar esses textos?

- Em nenhum lugar

- Se você tivesse que escolher algum de que você não gostou qual seria?

- Eu gostei dos quatro, não tem como falar qual que eu não gostei, os quatro são bem escrito, são excelente, não tem como eu falar que eu não gostei.

- Os quatro textos falam de amor?

- Fala, de amor, prosperidade principalmente, união das pessoas.

- Você pode observar a primeira linha do texto 1 e do texto 2? Você acha que eles são parecidos?

- Um pouco.

- Por que você gostou mais do 2?

- Não sei. Eu me encantei com ele. Eu nunca tinha visto, nunca tinha lido nenhum deles mas eu gostei dele.

- E o texto 3? Você poderia comentar um pouco sobre ele?

- ferida sem ferida, tudo começa de novo, a cor cora a flor o ir vai; o céu cai; o amor mói; a dor dói, como que eu posso explicar isso daqui?

- É só a sua opinião.

- Certo...tipo assim...é o começo de uma nova vida, praticamente é a opinião minha.

- E o texto 4?você viu alguma coisa diferente nele?

- Fala também do amor que a gente sente um pelo outro, aqui: “não querer mais do que querer, solidário andar por entre a gente.

-Gostaria de comentar mais alguma coisa?

- Não.

**LEITOR 25**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
P.C.	20	TEC. INFORMÁTICA	MÉDIO	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura dos 4 textos...vc pôde identificar se há algum tema comum, vc já conhecia os textos, você gostou?

- Eu já havia lido esse texto 1, pelo que eu conheço é da Bíblia, não sei se tava com essas mesmas palavras, mas esse texto eu conheço da bíblia. e o texto 2 é a música do Legião Urbana e o texto 4, eu não cheguei a ler a obra mesmo, mas eu sei que ele é uma poesia que o Renato Russo usou pra formar a música usando o texto bíblico e essa poesia e o outro (o texto 3) eu não conhecia que é, assim, uma poesia de rima, assim e tal...

e...o tema que eu vejo em comum, assim, eles fala do amor, da contrariedade do amor, assim, tipo...que fala tanto da... o amor ele é uma necessidade, mas também tem consequências, tem uma responsabilidade, se você ama alguém, você se torna fraco, ao mesmo tempo que o amor é uma virtude de uma pessoa forte é uma fraqueza porque a sua felicidade depende da felicidade de outra pessoa, o seu bem estar depende do bem estar de outra pessoa, porque você ama ela e pra você estar bem, aquela pessoa tem que estar bem também.

- E você acha que os quatro textos relatam esse tipo de amor ou você pode encontrar amores diferentes, sentidos diferentes nos textos?

- Ah! Pelo que eu li, assim, se trata mais dessa responsabilidade, assim, de amar e da importância do amor na vida da pessoa, o amor dá um motivo pra vida.

- Eu estou perguntando isso porque você comentou que reconheceu o texto 1 como texto bíblico e o texto 2 como uma música do Legião Urbana e, Legião uma banda de rock e tal, bem diferente de um texto bíblico, você acha que é o mesmo tipo de amor que está sendo exposto nos textos?

- Ah! eu acredito que sim, porque você pode amar uma pessoa, pode amar a Deus, pode amar uma causa e isso é amor, então acho que o sentido do amor tem um motivo né, uma coisa que funciona a continuar vivendo e fazendo e realizando.

- E o texto 3? você não comentou muito, o que você entendeu dele?

- Ah, não entendi muito, assim, pelas palavras que ele tá falando do..., de um sentimento né, que tanto... fala ali da dor.... que o amor mói, que a dor dói, e tipo...o fato do amor da um motivo ali começa de novo, a cor cora a flor assim, eu entendi que tanto como traz uma alegria, uma motivação também traz a dor né, o fato da pessoa amar.

- E se você tivesse que escolher um texto de que você mais gostou e o que você menos gostou, quais seriam?

- O texto da música que tem tudo de um pouco, junto, misturado, tanto a questão da religião, apesar de Legião Urbana não ser uma banda religioso, pela minha interpretação, cada um tem uma percepção né, então, eu encaro também com um pouco da religião e também do amor ao próximo.

- E o que você menos gostou, qual seria?

- Esse 3 que eu achei assim, tanto a disposição dele que ficou meio estranha e aquelas rimas ali que parece um pouco meio infantil.

**LEITOR 26**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
P.G.	22	METALÚRGICO	BAIXO	MÉDIO	3	4

- Você conhece os textos? O que você entendeu?

- Do primeiro texto o que eu entendi é que ele fala de um anjo, esse menino ele é o anjo não é? O segundo fala sobre as línguas, sobre o anjo que falou no primeiro também. Nunca vi esses textos, é a primeira vez que eu to vendo.

- E o texto 4? (O leitor faz uma leitura em voz alta com certa dificuldade).

- E o texto 1? Você gostou do texto 1?

-Gostei, fala bastante do amor também.

- E pra você o que seria este amor do texto 1?

- Pra mim deve ser do anjo aqui que fala no começo.

- E o texto 3?

- Pra mim é tipo uma rima né? Fer / ida..... (não percebe a palavra ferida, lê fer e depois ida). É uma rima não é? Pra mim é uma rima isso daqui.

- E você acha que ele tá falando de amor também?

- Fala de amor também.

- Mas é um amor igual dos outros textos ou é uma amor que dói, é um amor diferente na sua opinião?

- É um amor que dói também.

- Se você tivesse que escolher o texto de que você mais gostou, qual seria?

- Eu gostei desse 3 aqui que fala mais da rima. Eu gostei dele.

- E o texto de que você menos gostou?

- Esse 4 aqui.



**LEITOR 27**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
P.L.	49	SOCIÓLOGO	MÉDIO	SUPERIOR	0	0

- Após a leitura dos textos, você identificou algum texto, você já conhecia, de que tema que trata?

- Eu identifiquei aqui a letra, a música do Renato Russo.

- Em qual texto?

- No texto 4. Na verdade eles têm uma relação né, eles tratam, assim, na minha leitura rápida, são temas existenciais, falam do amor, do sofrimento.

- Você já conhecia o texto 1 ou o texto 2?

- Não.

- Bom, continuando... você identificou alguma semelhança entre os textos?

- Bom, o texto 4, logo que eu olhei eu já identifiquei que é uma canção do Renato Russo. Os outros textos têm uma semelhança com ele, ta tratando de certa forma do mesmo tema, fa de temas da existência, para mim.

Eu falei da questão do texto 4, do texto 1 e do texto 4, eu diria que fala de um amor que não tem posse, eu diria assim, que tem até alguma coisa aqui, temas, né... assim... que tão ai no dia...quero dizer assim, que são temas contemporâneos, são temas que...é um pouco o que a sociedade, principalmente a juventude sofre hoje, as letras parece que retrata, assim, uma busca né...seria como se eu tivesse lendo... se eu conseguisse... ler isso aqui, pra mim, me leva a reflexão da questão do homem hoje né, que vive nessa sociedade, da inabilidade da incapacidade da gente de..., de recolher-se em si mesmo, a letra tem uma sensibilidade muito grande com a questão do ser, eu acho que ela toca muito em cada ser humano em cada pessoa.

- Você acha que o Renato Russo tinha essa intenção de tocar no ser humano, nas pessoas ao falar sobre esse tema do amor?

- Eu penso que tinha, à maneira dele, sim. Eu penso que sim, as letras dele, a composição das músicas dele, todas elas contestavam muito uma época, um momento que o país tava vivendo e levava sim a essa reflexão no caso aqui ele trata... a letra traz vários temas: ciência, fé, religião o próprio amor, a própria existência, a questão existencial.

- E você lembra a época que estava retratando esta música?

- Década de 80 o país tava saindo... vivendo todo um auge saindo de uma ditadura, então, tinha um anseio muito grande, uma expectativa muito grande pela democracia pela construção de um país mais justo, então as composições, as letras das músicas dessa época retratam muito esse anseio.

- E o texto 3, você não comentou muito, por algum motivo especial?

- O texto 3... Não nenhum motivo especial.

- Você acha que ele está tratando dos mesmos tópicos dos outros textos?

- Eu não consegui ver muita relação, tem uma relação, mas eu não consegui identificar.

- Você achou ele diferente dos outros textos?

- Sim, diferente.

- Em que aspecto?

- "Mói..., é, ele é o oposto em relação ao que eu disse aqui com relação ao texto 1 e 4, de certa forma, ele retrata um pouco mais a angústia.

- Você já tinha visto algum texto parecido com este?

- Não, que eu me recorde não.

- Além do conteúdo você consegue identificar alguma forma nesse texto, uma figura, algum desenho?

- Não, não entendi.

**LEITOR 28**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
R.P.	35	VIGILANTE	MÉDIO	MÉDIO	1,2,4	3

- Após a leitura dos quatro textos, o que você pôde verificar, tem algum tema comum entre os quatro, na sua opinião, o que você acha que fala cada texto?

Fala da mesma coisa? ...

- Tem algum tema comum entre eles? Falam da mesma coisa? Do que se trata? Na sua opinião? Tudo, na sua opinião, não existe certo nem errado.

- É mais ou menos parecido.

- Do que se tratam? Por exemplo, você já viu algum desses textos em algum lugar?

- Não. Nunca vi.

- Nenhum deles?

-Não.

- Dos quatro textos, de qual você mais gostou?

- O primeiro é diferente. O quarto é interessante.

- E o texto 2?

- Qual texto te chamou mais a atenção?

- O que chamou a atenção? Foi o texto 1 e 4.

- Por quê? Qual o motivo?

- O que eu posso te dizer...

- Do que se trata para você? Tocou o seu sentimento? O que o texto está falando para você? por exemplo, fala de guerra, paz, união, beijos? O que você acha?

- Fala um pouco de afeto, do amor, da inveja.

- Todos eles?

- Não, todos eles não. O texto 1

- E o texto 2? Você viu alguma relação entre um texto e o outro? Chama a atenção, alguma coisa? São parecidos? Ou tem alguma coisa que bate?

- Tem alguma coisa que bate entre o texto 1, 2 e 4. O amor está relacionado nos quatro textos.

- O que você acha do texto 1, 2 e 4? Por que você não falou do texto 3?

- Eu achei mais interessante o texto 1 e 4. Não dá para explicar o que eu li.

- Vamos dar uma paradinha para você reler, depois a gente continua...

- Voltando a gravação:

- De qual texto que você mais gostou após essa releitura?

- O texto 1, 2 e 4 que mais gostei, me identifiquei.

- Você já viu algum deles em algum lugar?

- Não, nunca tinha visto.

- E o texto 3? Por que você o excluiu?

- O texto 3 é mais simples que os outros. Os outros textos têm frases que me deixou intrigado. O 3 me levou a outra conclusão minha. Pelo que eu li, o amor verdadeiro, mesmo, só de Jesus.

- Qual é o texto relacionado com Jesus? Em nenhum lugar fala de Jesus.

- Não tem, a opinião é minha.

**LEITOR 29**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
S.A.	40	PASTOR	MÉDIO	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura dos textos você pôde observar algum tema comum, do que trata o texto, você gostou ou não?

- Bom, o texto que a gente leu, todos os quatro textos, o que eles têm em comum é sobre o amor, que fala sobre o sentimento do amor em relação à todas as outras coisas que estão ao nosso redor. O texto que eu mais me familiarizo é o texto bíblico, o texto 1, que se refere todo ele ao contexto bíblico, então, é o texto que eu mais conheço e que eu mais gostei em torno de todos eles. O amor é algo que deve ser expressado em relação a todas as áreas da vida e o que os textos nos faz compreender, é que diante das necessidades, das dificuldades ou das alegrias e dos prazeres da vida, o amor deve prevalecer acima de tudo, então, o importante na nossa vida, no nosso relacionamento, no nosso trabalho é que a gente estabeleça o amor como princípio maior em todas as nossas necessidades.

- Os textos relatam o mesmo tipo de amor ou são amores diferentes?

- Aparentemente quando você faz a primeira leitura, você analisa eles diferentes. A abordagem, o foco acaba mudando de um para outro texto. Agora, quando a gente analisa o amor, a gente acaba trazendo os outros textos pra essa mesma linguagem. Mas existe sim uma diferença de perspectiva de texto. O primeiro texto em relação aos outros tem uma diferença, mas a temática é a mesma.

- E qual seria essa diferença, você poderia comentar um pouco?

- Em relação ao primeiro texto, por causa daquilo que a gente analisou, o amor é a essência de tudo na vida. O segundo caso que fala sobre o amor é uma forma... um amor mais explosivo, um amor mais ardente, um amor mais focado numa explosão, numa necessidade,

- Este seria o texto 2?

- Sim, o texto 2, agora o texto 3, eu confesso que eu não entendi uma parte central, mas, talvez, reflita uma decepção, uma questão de dor, de sentimental, então, acho que ele tem essa visão relacionada no texto 3 quando fala de dor, de ferida de sentimentos que muitas vezes a gente sofre com o amor. No texto 4, parece ter uma mistura do texto 2 e 3 que relaciona essa coisa do amor explosivo e de um amor ferido. Então, aparentemente, o texto 4 é algo que faz uma espécie de uma mistura do texto 2 com o texto 3, foi isso que eu basicamente entendi da questão

- De que texto você menos gostou ou menos se identificou?

- O texto 3.

- Por esse motivo do conteúdo, da dor ou pela disposição dele, por ser diferente?

- Por estar...é ... não por ser diferente, mas pelo conteúdo a ser apresentado que a gente acaba se distanciando, se sentindo um pouco distante desse texto por causa dos sentimentos que ele apresenta: ferida, dor , é ... coisas que a gente não quer ter, talvez seja essa a questão que faz a gente não gostar desse texto.

- Além do conteúdo você consegue ver alguma figura no texto 3, pela disposição dele ser diferente?

- Alguma figura?

- Sim.

- Tem, o texto 3 tem as figuras como flor, cor, essas questões que acontecem no texto 3, eu acredito que todos os textos têm as figuras... talvez seria necessário entender o sentido da pergunta... seria a....

- O formato mesmo, o texto forma alguma figura, algum desenho?

- Não, não vejo não.

**LEITOR 30**

LEITOR	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
W.S.	29	PROFESSOR	MÉDIO	SUPERIOR	2	3

- Após a leitura dos quatro textos, o que você pôde identificar, há algum tema comum, você conhecia os textos, o que você pode comentar um pouco?

- Bom, em relação ao tema, eu acho que fala mais sobre o amor. Então cada um deles fala de uma forma diferente do amor. Eu conhecia quase todos menos o 3, texto 3 eu nunca tinha visto, agora o 1, o 2 e o 4 eu já conheço mais.

- Você os conhece de algum lugar específico?

- O texto 1 é bíblico, o texto 2 é uma música e o texto 4 é do Camões.

- Você sabe de quem é a música?

- Não, não me recordo.

- E o texto 3? Você acha que ele também fala do amor?

- Acredito que sim, ele fala do amor de uma forma... tipo começar de novo.

- Você acha que é possível definir os quatro textos com o mesmo tipo de amor?

- Não. Cada um retrata de uma forma diferente.

- Você pode comentar um pouco na sua opinião?

- O texto 1 retrata o amor na sua essência, sem ela a vida não tem sentido. O texto 2 retrata o amor em todos os aspectos, o que machuca, o que se entrega, o que compartilha, o que nos faz feliz... O texto 3 mostra que o amor é possível, recomeçar e tentar de novo, e o texto 4 retrata o amor e suas reações na nossa vida. Então, cada um há um tipo diferente de amor.

- De qual texto você mais gostou?

- O que eu mais gostei foi o texto 2 e o que eu menos gostei foi o texto 3.

- Por algum motivo específico?

- Não, assim..., eu me identifico mais com música, com poesia, é o que eu mais me identifico.



## **ANEXO VIII**

### **ENTREVISTAS COM AS MULHERES**

**LEITORA 1**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
A.L.S.	43	DO LAR	MÉDIO	MÉDIO	1	0

- Bom, depois da leitura dos textos, você pode comentar um pouco sobre eles?

- Pra mim, todos os textos falam de amor, porém o que eu mais identifico é o texto 1.

- E você já conhecia esses textos de algum lugar?

- Pra mim... Esse aqui (texto 2) é a música do Legião Urbana, não é? Esse texto 4 eu conheço, mas eu não sei... é uma música... Nossa! eu não lembro. é uma música sim. Mas, quem que é meu Deus! Eu tô confundindo com o Fagner, mas não é do Fagner não.

- O texto 2 você já conhecia?

- O texto 2 sim, é a música do legião urbana, eu ouvo muito.

- Você já leu todo ele, o texto 2? ou só de passar o olho você já sabia que era a música?

- Eu li, mas essa primeira parte aqui é mais fácil, tem umas partes que eu não sabia que era da música. Eu li ele inteiro, mas eu acho que ele é até aqui só.

- E o texto 1, você conhece de algum lugar?

- O duro é que eu conheço, mas de onde que eu conheço esse texto? Nossa!

- De qual texto você mais gostou?

- O que eu mais gostei foi o primeiro.

- Por algum motivo especial?

- Pra mim, ele fala do amor bom, fala do que tem de ruim, mas depois ele fala que nem tudo é ruim, é bom também. Quando você pensa que uma coisa é ruim ela já se torna boa, eu entendi assim.

- E você acha que todos os textos falam do mesmo tipo de amor?

- Eu acho que sim. Eu acho que todos os textos falam do mesmo tipo de amor.

- E o texto 3? Você não comentou muito. O que você vê nele?

- Hum!...

- É a sua opinião, não existe certo nem errado, não existe uma definição correta dos textos.

- É...

- O que você entendeu?

- Eu não entendi nada, pra mim tá tudo misturado.

- Mas você comentou que ele também fala do amor. Por quê?

- Ó: ferida sem ferida, dói mas não se machuca, é...tudo começa de novo, ferida sem ferida e tudo começa de novo , isso daí pra mim é tudo junto aqui, porque você se fere, não vê um ferimento aparente, vamos colocar assim, ai você esquece e começa tudo de novo.

- Então ele tem um sentido pra você?

- Ai! Você me pegou tão ruim hoje.

- É isso mesmo, é a sua opinião. Você comentou que não tinha entendido nada, mas você está comentando sobre ele e isso é o seu entendimento.

- Eu acho que o texto 3, vamos colocar assim, é um resumo disso aqui, não é?. Porque ali fala tudo de bom e de ruim. Aqui fala das coisa ruim, que o amor é sofrer, é benigno. A gente também acha que o amor é sofrer, mas a gente não fica sem ele. A gente pode tá sofrendo, mas tá buscando. Não é? Será que tem alguma coisa a ver?

- De qual texto você menos gostou?

- Se eu te falar que não tem um texto que eu menos gostei, porque eu achei o texto 1 completo, o texto 2 menos resumido que o 1. Eu acho que um ta completando...o 2,3, 4 se tornam o 1 pra mim.

- Alguma coisa a mais para comentar?

- O 3 eu não vou poder dar uma definição correta pra você não.

- Você achou ele diferente?

- Achei, achei ele diferente sim. Ele é diferente.

- Você consegue ver alguma figura? Além do escrito, você consegue ver algo além?

- Não, não consigo.

**LEITORA 2**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
A.P.	39	PROFESSORA	ALTO	SUPERIOR	4	3

- Bom, após a leitura dos textos, o que você pôde identificar? Há algum tema comum? Você já conhecia algum dos textos? De qual você mais gostou?

- O texto número 1 me parece a letra de uma música, o número 2 tem alguns trechos da música junto com um poema, que eu já havia conhecido, eu só não me recordo o nome. Eu gostei mais do texto número 4 porque fala mais do amor, do sentimento do amor. Eu, pelo menos, me identifiquei com esta parte: “o amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não sente”. Pra mim, o amor é bem isso, a gente sente, mas não consegue especificar em uma única palavra esse sentimento.

- E você já conhecia o texto 4 ?

- Sim, eu já conhecia de apostila de colegial.

- E você se lembra quem é o autor?

- Não, não me recordo.

- Há alguma semelhança entre o texto 2 e o texto 4 que você pôde identificar?

- Sim, tem um trequinho dele aqui na segunda estrofe: “o amor é fogo que arde sem se ver” junto com a música que seria do texto 1.

- E você se lembra quem escreveu essa música, quem é o cantor?

- Não me recordo. O cantor ele já é falecido, eu só não me recordo o nome.

- E o texto 3? Você não comentou muito sobre ele, por quê?

- Porque ele tá, assim, sem palavras dos textos em geral, que eu pude identificar, mas não forma uma idéia pra mim, não junta, tem uma sequência, tá cortada as palavras, mas, assim, não cheguei numa conclusão.

- Se você tivesse que classificar o texto de que você mais gostou e menos -  
gostou, qual seria?

- Em primeiro lugar o texto 4, em segundo lugar o texto 1, em terceiro o texto 2 e por último o texto 3.

- Você acha que o amor é tratado da mesma forma nos quatro textos?

- De certa forma sim. Eles estão praticamente falando que o amor a gente sente, não descreve, é um sentimento e não palavras, por mais que a gente tenta, a gente nunca vai ter uma palavra única para resumir, pelo menos foi isso que eu compreendi.

**LEITORA 3**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
A.L.	34	DO LAR	BAIXO	MÉDIO	1	4

- Bom, após a leitura dos textos, você poderia comentar sobre eles?

- Bom, eu achei um texto maravilhoso, bonito, eu já conhecia o primeiro texto e o texto 2, é... o 2 parece mais que é uma música né... Eu gostei porque ele fala muito de um amor que o primeiro ... é um amor quase assim... difícil de existir, né... um amor...

E o 2 fala de um amor que ele gostaria de viver.

- Ele quem?

- Ah! Eu acho que...uma...

- A pessoa que escreveu?

- É. Não só a pessoa que escreveu, ele gostaria que as pessoas sentissem vontade de viver esse amor, essa coisa de se doar um para o outro, essa coisa de convivência, ali, lado a lado.

- Você já conhecia o texto 2?

- Já conhecia o texto 2 né, e o texto 1 também, só não sei onde encontrar, mas já vi, da passagem da bíblia, sei que esse texto é da bíblia, não sei qual passagem, porque eu li, mas não guardei. Esse texto número 1 já é uma coisa mais difícil de acontecer, uma coisa mais religiosa, uma coisa de fé. O texto 1 é como se o que o homem deveria ser, né, como... desprendido de coisas materiais, um amor muito mais puro, mais dedicação, né? Totalmente diferente do 2. O 2 pra mim já é um amor mais carnal, porque já fala da inveja, coisa que já não fala muito aqui, uma coisa mais cotidiana., não existe aqui mais este amor celestial

- E o texto 4 e o 3, você tem alguma coisa para comentar?

- Ah!...Esse aqui ele já fala mais assim, ele fala de amizade, né...o mesmo texto (4), mas ele já cita a amizade coisa que o número 1 já cita uma coisa

mais celestial Pra mim o 2 já existe uma coisa mais homem e mulher ou uma coisa mais carnal, também não precisa só ser homem e mulher, mas já fala mais da carne e esse daqui já fala de lealdade, de amizade, né, do amor, que no fundo, eu acredito...é... uma luta do homem, eh... de... uma coisa de... um estado melancólico, quando a gente tá de DP...de querer...esse amor, não é de querer esse amor onipotente, esse amor cego, esse amor verdadeiro. O crescimento do homem que fala muito no 1 que fala quando ele deixou de ser menino, que é a parte mais bonita, quando ele era menino ele agia como menino depois quando ele vira um homem as atitudes dele são de homem e, aí eu acho que aí que cai no 2, aí ele vai para o número 2, nesse amor carnal, porque criança vê tudo mais, né...vamos supor...criança vê tudo mais puro. O homem perdeu a pureza, quando a gente tá mais adulto mais homem.

- E você sabe quem escreveu o texto 2, você conhece o autor?

- O Renato Russo, não é? ele fez a música mas não sei se foi ele que escreveu. Eu não sei, mas quando eu ouvi fora da bíblia foi com o Renato Russo cantando.

- E você acha que o Renato Russo ele queria demonstrar esse amor carnal?

- É, é um amor mais carnal pra mim..né.. porque..... ainda mais essa parte...é...é...estar preso por vontade, servir a quem vence o vencedor, entendeu? Uma pessoa tem a outra e agora essa coisa de servidão, de estar junto, né.

- E o texto 4 você já viu em algum lugar, você conhecia?

- Não. Assim, eu já vi mas não me lembro aonde, porque ele é o menor. Ele é o... acho que ele é o resumo do 1 e do 2, mas do lado assim... do cotidiano também.

- E o texto 3? Você não comentou muito, por quê?

- O texto 3 eu achei, assim, mais uma...acho mais frágil né... Uma coisa mais...como falar...um poeminha, uma.... como fala... é..... não é bem poema que fala...é uma... agora não vou lembrar, mas achei uma coisa mais assim...fala do amor também né... aquela coisa assim... coisa de recomeço,



né... aquela coisa assim: Ah! eu perdi mas vou reconquistar de novo, começar de novo, uma coisa assim sabe? inerente de nós seres humanos que quando a gente cai a gente sofre, a gente sara as feridas e começa de novo, uma coisa nesse sentido assim..

- De qual texto você mais gostou e o que você menos gostou?

- Eu ficaria com o número 1, porque eu sou apaixonada por essa parte que ele fala quando eu era um menino eu falava como menino, eu sentia como um menino, tudo como menino, mas agora sou homem e gosto de coisa de homem. E o que eu não escolheria... eu não escolheria o 4, porque o 3 embora eu não tenha comentado muito dele, eu achei mais assim...um resumo por frases... se a gente juntar, tem o foco desses dois textos aqui .

**LEITORA 4**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
B.O.	16	ESTUDANTE	BAIXO	MÉDIO	2	3

- Bom, após a leitura dos textos, você poderia comentar o que você entendeu, do que se tratam os textos?

- Do amor. É..., o que eu já conhecia era o texto 4, que é um poema que eu já estudei muito e só, o resto eu não conhecia.

- E você se lembra de quem é esse poema?

- Não.

- E lendo o texto 1, o texto 2, o texto 3... você consegue identificar o texto 4 com esses textos?

- Os quatro falam exatamente do amor e.... basicamente da mesma forma.

- Se você tivesse que selecionar o texto que você mais gostou e o que você menos gostou?

- O que eu mais gostei foi o texto 2 que fala um pouquinho do texto 1 e do texto 4 e o texto 3 eu não entendi.

- Mas você acha que ele também fala de amor?

- fala.

- Da mesma forma que os outros textos ou diferente?

- Não da mesma forma, mas tem um pouco de sentido com o amor.

**LEITORA 5**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
C.M.	59	ESTETICISTA	MÉDIO	FUNDAMENTAL	1	3

- Depois que você leu os textos, você pode comentar se você já conhecia algum deles?

- Sim.

- Qual texto?

- O texto 1.

- De onde que você conhece o texto?

- Da Bíblia.

- Você pode comentar um pouco sobre ele?

- Eu vejo nesse texto aqui que tudo que fala é que se a gente não tiver amor nada disso, que tá aqui no texto, valeria. E para ter esse amor o que a gente precisa? ter Jesus mais perto da gente pra gente poder passar por tudo isso daqui que tá falando e Jesus é o principal aqui nesse texto 1.

- E os outros textos você acha que está falando sobre o mesmo tema?

- Sim, pelo menos no 2 sim. Esse amor que tá falando aqui ele tem que ser recíproco.

- E o texto 4, você conhecia de algum lugar?

- Não, não lembro não.

- E você acha que ela fala do que?

- Ele também fala de amor, "Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente", então, eu vejo, assim, que todos eles aproveitaram no amor, mas eu não conheço de onde.

- E o texto 3? Você não comentou muito. Você poderia comentar algo sobre ele?

- Não, eu li, assim, mas não posso falar nada não.

- Você achou ele diferente?

- Achei ele diferente pelo jeito que ele tá escrito.

- Você pode comentar?

- Assim, é... não deu assim pra mim entender pelo jeito que ele tá colocado aqui: Fer... ai, eu pensei será que é *ferida* ou *fer-ida*. Tinha que ser ferida né, então eu fiquei meio assim, não deu pra mim entender.

- De qual texto você gostou mais?

- Eu gostei mais do primeiro porque eu gosto desse texto. Sempre nos terços a gente coloca ele .

- E de que texto você menos gostou ou menos se identificou?

- O texto que eu menos gostei seria o número 3. Se eu tivesse lido várias vezes eu podia ..., mas eu não li ele várias vezes.

- De primeiro momento este texto não te transmitiu a mesma mensagem de amor que o primeiro transmitiu?

Ah, não! Esse daqui (texto 1) a gente tá sempre passando por ele na Bíblia.

- E você vê alguma relação do texto 2 e 4 com o texto 1?

- Sim, eles são meio... um pouco idêntico.

**LEITORA 6**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
D.P.	28	COSTUREIRA	BAIXO	MÉDIO	4	3

- Após a leitura dos 4 textos o que vc acha, do que se trata, qual é a sua opinião? Se tem relação?

- Bem, os 4 textos, eu percebi que fala de amor. Eu percebi que é um texto diferente que fala, assim, as mesmas coisas: Amor, tem dor, perda, perdão... eu percebi isso.

- Desses 4 textos que fala da mesma coisa, qual chamou mais a sua atenção? De qual você mais gostou e de qual você menos gostou?

- Gostei do 4. Eu achei que ele foi mais sincero que os outros. Ele fala do amor verdadeiro. O amor verdadeiro é aquele que não vê defeito, você perdoa, eu acho que fala disso.

- E no texto 1,2 e 3, fala de amor também?

- Fala, fala. O que eu menos gostei, foi o 3. Não gostei.

- Por quê?

- Não sei, é uma coisa tão vazia. Fala de amor, mas é vazio, vazio, eu achei.

- Você viu esses textos em algum lugar?

- Já, eu acho. O 1 e o 2. O começo deles é uma música. Eu já ouvi essa música.

- Você acha que os dois são músicas?

- O começo parece, mas depois, a gente vai lendo, não é. Parece um poema, um texto.

- Você quer acrescentar mais alguma coisa?

- Não.

**LEITORA 7**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
E.G.	34	Cabeleireira	MÉDIO	MÉDIO	1	3

- Bom, após a leitura dos textos, o que você pôde verificar? Na sua opinião, não existe certo nem errado, é tudo na sua opinião.

- Sobre o conteúdo?

- Sim, sobre o conteúdo. Você acha que há alguma relação entre os quatro textos?

- O terceiro não tanto, mas O primeiro, o segundo e o quarto sim.. falam do amor, onde há sinceridade, quando o amor é fortalecido, quando o casal se renova. Com o amor a gente perdoa, com o amor a gente conquista, com o amor a gente ganha, com o amor a gente vence.

- Então você acha que esses três textos falam de amor?

- fala de amor.

- E o terceiro que você não citou?

- Eu achei ele vazio, não tem sentido pra mim. Tem sentido se fosse colocado com sequência, como não é em seqüência..... tem palavras que dizem assim: “feridas”, “flor”; palavras vazias; outras nem tão vazias, mas muitas vazias.

- E dos textos 1, 2 e 4, que estão relacionados, você gostou mais de algum?

- Do primeiro. Porque o resto... todos eles começam.... O segundo começa como se fosse uma música que a gente já conhece, mas no primeiro tem...

- Não sei, a gente já conhece? Eu não sei, qual que seria? Você conhece?

- Do titãs. Ah! Não! Não é do titãs não, eu não sei quem canta não, eu não lembro.

- Eu estou perguntando porque você observa que não tem nenhum título, em nenhum lugar está falando que é música.

- Exatamente..., mas quem conhece...

Então, esse começo: “ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse amor eu nada seria” tem uma música e na religião espírita é muito dito isso em livros, mas eu gostei do texto 1, porque? Porque que eu me identifiquei mais? Porque além de falar do amor, o quanto ele é importante, o quanto ele é fortalecido, como ele faz sofrer, como ele é benigno, mas também fala da gente quando era criança, lendo faz você lembrar a infância da gente.

- E você lembrou da sua infância?

- Lembrei. A gente volta, lendo a gente volta. Eu, pelo menos quando eu leio, tudo que eu leio a gente se põe na história a gente tenta ver a história, quando a gente lê um livro a gente imagina os personagens, a gente já imagina a cena, então aqui quando eu li: “quando eu era menino, falava como menina, sentia como menina”, e é realmente. Agora eu vejo como uma mulher, crescida, mãe, e é realmente isto o que o texto diz.

- Você lembra de ter visto esse texto em algum lugar?

- Não. O texto em si não. O começo, como eu disse, do primeiro e do segundo é o de uma música.

- E você acha que algum deles é a música?

- Não sei dizer, mas eu acho que é o segundo, eu acho que é a música inteira, eu acho, não tenho certeza.

- E o texto 4, você teria alguma coisa para comentar?

- “O amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente...”, É..., o 4, na verdade, é mais como... eu vejo assim, se fosse uma poesia de quando era adolescente que a gente escreve em diário, a gente escreve em caderno de enquete que rima, o quarto ele é um texto rimado como se fosse um conto, é assim que eu vejo ele, é tudo rimadinho, termina tudo igualzinho, é assim que eu vejo.

**LEITORA 8**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
F.V.	54	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	4	3

- Bom, após a leitura dos 4 textos o que você pode falar, o que você observou neles?

- Eu observei o seguinte que os quatro textos falam a mesma coisa, falam de amor. Então, o objetivo deles é tocar o amor e o texto que mais me identificou foi o texto 4 que é um texto poético. Eu gosto muito de poesia.

- Em nenhum lugar fala que é uma poesia, como que você sabe que é poético?

- Pelo fato de ter as palavras que rimam:, ver, doer, sente, contente querer, perder.

- Você já viu esse texto em algum lugar?

-Não, esse não.

- E os outros? Fala de amor, como você disse e, você acha que trata da mesma forma o amor?

- Não, nem sempre. Porque, por exemplo, o texto 1 ele enfoca mais ali....ele fala que o amor ele é... tem uma parte que eu gostei mais que fala assim que o amor é sofredor, é benigno, o amor não é invejoso, não trata com leviandade, não ensoberbece. Os outros textos, por exemplo, o texto2, ele já fala de outra forma do amor, falando da língua dos homens, que é bom, não querer o mal, não sente inveja. Então, cada um fala do amor, mas de uma forma diferente.

- Tem algum texto que você não se identificou?

- O texto 3.

- Por quê?

- Talvez pela forma que ele está escrito. Pela estrutura dele.... é.... eu não consegui...



- O que tem a estrutura dele?

- É uma estrutura diferente do texto 1, do 2 e do 4. Porque aqui é um texto poético, aqui você percebe que são 4 tipos de textos diferentes. Mas o 3, ele é... eu não saberia explicar o que é o texto 3..

- Você falou que os quatro textos tratam de amor e agora você falou que os quatro textos são diferentes, você poderia me explicar melhor quais são essas diferenças que você viu?

- Vamos ver...

- Por exemplo, o texto 1, você já o viu em algum lugar? Você poderia me falar de onde é este texto?

- Eu já vi, não digo o texto inteiro, mas algumas partes do texto, inclusive, eu já vi que tem na Bíblia: "Ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos", então, isso aí eu sei que tem na Bíblia, mas o texto inteiro eu não sei não, não poderia falar pra você agora no momento não.

- E o texto 2?

- O texto 2 também: ainda que falasse a língua dos homens, tem algumas partes do texto 1 no texto 2, algumas coisas, muita coisa do texto 1 no texto 2.

- E o texto 4?

- O texto 4 também fala de amor: Amor é fogo que arde sem se ver. Não tem a ver muito com os textos, com o primeiro e o segundo não.

- O texto 3 pra você foi o mais diferente?

- É o texto 3 foi diferente, tanto na estrutura dele, na forma que ele está escrito.

- E mesmo ele sendo diferente, o que te levou a pensar que ele também fala de amor?

- Ah sim, porque aqui tem uma parte que ele fala assim: "o amor mói, o céu cai, a dor e dói". Então aqui você percebe que fala do amor em relação ao céu também, então ele entra uma vez só a palavra amor aqui no texto, enquanto nos outros, o tempo todo ele fica falando de amor.

- E mesmo assim você acha que ele trata de amor?

- Eu acho, “ferida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai...  
É um texto diferente também... ele contém rimas também e em algum momento ele fala de amor, é um texto diferente esse 3.

- Alguma coisa mais para acrescentar?

- Não, acho que não

**LEITORA 9**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
F.E.	30	BIÓLOGA	ALTO	SUPERIOR	2	3

- Após a leitura dos 4 textos o que você pode verificar entre eles, há alguma relação, há algum tema central, o que você poderia comentar?

- Fala mais sobre o amor. Fala sobre os sentimentos, os 4 textos.

1,2 e 3 fala mais sobre o amor, o que o amor faz. E o texto 3 é um poema que fala sobre o amor, ferida, uns outros sentimentos.

- A relação entre eles é apenas o amor?

- Só o amor.

- Você conhece, você já viu esses textos em algum lugar? Já conhecia?

- O texto 2 é uma música e , se não me engano o 4 é da Bíblia.

- Essa música, você já ouviu, você se lembra de quem é?

- Legião Urbana.

- Você já escutou essa música?

- Já.

- E o texto 1?

- O texto 1 não.

- Você não se lembra?

- Não.

- E para você, algum deles te chama mais a atenção, você se identificou mais, você gostou mais de algum deles?

- O 2 que eu já conhecia que veio a música também na cabeça.

- E o que você não gostou?

- O 3 eu não entendi.

- Por quê?

- Porque é um poema.

- Em nenhum lugar está escrito que é um poema, não tem título. Por que você acha que é um poema?

- Porque tem as estrofes que combinam.

- E mais alguma coisa diferente que te chamou a atenção?

- O tipo foi proposital teu? ou ele é assim mesmo?

- É assim mesmo. Você pode visualizar alguma coisa?

- Uma flor. É um desenho de uma flor.

- Por isso que você acha que é um poema?

- É, isso. Porque céu rima com dói, Ferida sem feridas, o ir vai, o rir rói.. tem palavras que rimam.

- Você acha que o autor, o escritor, quem fez esse texto, colocou essa forma por algum motivo?

- Talvez para chamar a atenção mesmo. Para dar um efeito tanto visual quanto da leitura, o sentimento, alguma coisa assim.

- E você acha que esse efeito dificultou para você o entendimento? Ou não foi por causa da forma que você não gostou?

- Não, não foi a forma não. Foi mesmo que... como é poema né, só rimas, fica um pouco mais difícil, não tem frases feitas para ajudar o entendimento.

- Já que a gente tá falando em forma, e os outros, você acha que as formas são iguais do 1,2 e 4?

- Não, o texto 1 é mais um texto mesmo, como se fosse um texto de livro, o 2 é mesmo uma música, tanto é que se você vai lendo, você vai percebendo onde que acaba para começar a outra frase da música. E o 4 é um outro poema, mas um poema mais certinho, sem o formato igual o texto 3.

- E você se lembra desse poema de algum lugar?

- O 4 talvez, que eu me lembro, da Bíblia, algumas partes, principalmente né. Da Bíblia mesmo, aqui: "o amor é fogo.." o jeito mesmo de escrever. Tem essas mesmas partes no texto 1 e 2, só que com algumas diferenças. O 4, se não me engano é da Bíblia.

- Onde tem partes de qual texto?

- Aqui: "O amor é fogo que arde sem se ver", "é um não querer mais que bem querer" que em no texto 2 também e aqui no 1: "ainda que falasse a língua dos anjos" que tem no texto 2 também.

- Alguma coisa mais que você gostaria de complementar?

- Não, acho que é isso.

- Só mais uma pergunta: apesar dessa estrutura ser diferente, você acha que o amor é tratado da mesma forma, tanto no 1,2 e no 4? Que tem essa relação igual que você comentou em algumas partes?

- Isso, mas no texto 1 ele fala no fim, ele fala mais um pouco sobre ele, sobre o próprio autor: "quando eu era menino eu falava.... ", os sentimentos dele como menino...O texto 2 também é um texto em primeira pessoa, mas uma música, falando mesmo do amor em geral.

- Você sabe quem é a banda que cantava?

- Sei.

- Quem é o cantor?

- Renato Russo.

- E você acha que essa banda queria transmitir algum amor diferente? Na sua opinião, que tipo de amor ele gostaria de transmitir? Você tem alguma ideia?

- Eu acho que era o amor mesmo entre as pessoas mesmo né, não um amor específico, porque ele fala aqui: "o amor é bom, não quer o mal", "o amor é fogo que arde sem se ver", então, um amor mesmo entre irmãos, entre pai e filhos, acho que um amor em geral.

- Mesmo usando a palavra fogo que arde sem se ver, esse "fogo" não pode te trazer uma outra idéia?

- Talvez aqui só, mas depois, ele diz: é solitário andar por entre a gente é um não contentar-se de contente. Então, que você fala de amor, você precisa de amor para não ficar só, para não sentir solidão.

**LEITORA 10**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
I.B.	51	CABELEIREIRA	MÉDIO	MÉDIO	1	3

- Depois da leitura dos quatro textos, você poderia comentar se você já conhecia algum dos textos de onde você conhecia, do que está falando, se você gostou, de qual que você mais gostou e o que você menos gostou?

- Eu já conhecia mais ou menos a leitura de duas delas, que eu li na Bíblia.

- Quais seriam?

- O texto 1 e o texto 2, essas eu já conhecia da bíblia. E também o texto 1 foi lido no casamento da minha filha, quem leu foi meu filho.

- E você lembra qual é a passagem da bíblia desse texto?

Não lembro. Essa parte é ruim de saber.

- E qual seria a diferença do texto 1 e do 2? O texto 2 também seria da Bíblia ?

- Então, não tem diferença não. Aqui os dois fala a mesma coisa, fala do amor que é uma palavra universal, eu acho que aqui fala tudo né... Tudo você pode ter, mas se não tiver o amor não vai valer de nada, então é o mesmo conteúdo os dois textos.

- E o texto 4? Você vê alguma semelhança dele com o texto 2 ou com o texto 1?

- É a mesma coisa, é o amor em si. Fala em outras palavras né, seria mais aqui como se fosse uma poesia, no texto 4, mas é a mesma coisa, é o amor em si.

- O que te faz pensar que esse texto é uma poesia? Ele é diferente? O que seria

- Eu acho ele diferente, porque ele existe rimas entre palavras, acho que é isso que me faz pensar que é um tipo de uma poesia.

- E o texto 3? Você não comentou muito.

- O texto 3 é bem vago são palavras que dá uma determinação de tudo. É tudo uma afirmação, não é um texto em si, é uma afirmação, não é um texto. É ferida, é começo, é de novo, é rir, é rói, é o amor. São palavras determinantes, não é um texto em si.

- E você acha que ele fala do amor também?

- Fala do amor também.

- E se você tivesse que escolher o texto de que você mais gostou e menos gostou, quais seriam?

- Eu gostei do texto 1 e 2 porque é o mesmo conteúdo eu acho que é a mesma coisa .

- E de que texto você menos gostou?

- O texto 3 foi o que eu menos gostei.



**LEITORA 11**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.E.	63	PROFESSORA	alto	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura dos quatro textos, você pôde identificar alguma relação entre eles, do que se trata, algum tema, o que você poderia falar a respeito dos textos?

- Na verdade, os quatro textos eles falam de uma única coisa, sobre o amor. A relação mais forte que existe entre um e outro é o texto número um com o número dois que praticamente um é em prosa e outro é em versos, talvez seria isso. E o número 3 com o número 4 também seria assim em forma de poesia. Os quatro falam sobre o amor.

- Você já viu esses textos em algum lugar?

- Já conhecia porque na bíblia tem os salmos que falam sobre esses textos, do texto 1 e 2. Também tem uma outra oração que eu conheço, que fala sobre as três principais coisas, é um programa, chama programa espiritual que fala sobre a fé, esperança e amor. São as três coisas principais que devemos cultivar. Relaciona com o texto número um.

- E o texto 4?

- O texto número quatro também fala sobre amor.

- Você já viu o texto quatro em algum lugar?

- Este texto aqui, o quatro... parece que tem uma música que fala com essa letra aqui.

- Dos quatro texto, os quatro falam de amor, mas existe algum que te chamou mais a atenção?

- Desses quatro, o número 1, é o mais completo. É o que explica melhor, é o que fala mais, é o que faz mais sentido. Vê, principalmente aqui no começo: "ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tivesse amor seria como um metal que bate", mas que não significasse nada, "é como o sino

que tine”. “Quando eu era menino, eu falava como menino”, agora como eu sou adulto falo como adulto. Como querendo dizer assim, agora depois de adulto, vou esquecer tudo que fiz quando criança e começa uma nova fase, começa tudo diferente, inclusive quando ele diz aqui que: “ eu olho no espelho “né, no texto 1, em forma de enigma.

- Desses quatro textos existe algum deles que você não gostou ou que tenha chamado menos a sua atenção?

- Ah, sim, esse número 3 não me chamou a atenção mesmo. Parece que não tem nenhuma relação com nada. São palavras jogadas.

- E mesmo assim você acha que ele fala de amor também?

- Fala, fala sim.

- Ele transmitiu isso para você?

- Fala sobre o amor, fala de uma maneira, assim, meio camuflada. Fala das feridas, da flor, mas, assim, na verdade, ele ta querendo falar do amor, quando lá no fim ele fala que o amor mói, o céu cai, a dor dói. Mas tudo significando, assim, querendo falar sobre o amor, eu achei assim.

- Esse tipo de amor seria o mesmo amor para os quatro textos? O amor é um só ou seriam amores diferentes?

- Eu acho que aqui ele quis dizer isso. Um tipo de amor que... o amor verdadeiro. Não é o amor dos homens é o amor do coração.

- O texto 1?

- Sim. Mesmo esse outro aqui, esse 4 fala sobre...porque na verdade o amor você tem que observar muito bem porque o amor é um dos sentimentos que nós temos na alma. Você pode levar o amor tanto pelo lado positivo quanto para o lado negativo. Se você levar o amor pelo lado positivo, você vai conseguir muitas coisas boas, no final você vai ter um relacionamento. Se você levar o amor pelo lado bom, se você levar o amor para o lado negativo, você vai chegar a uma paixão, como eu falei que seria o amor dos homens, um amor mais vulgar, é uma paixão e a paixão leva a escravidão. A pessoa escraviza a

outra através do amor, que não é bom, é o lado negativo do amor que um dos sentimentos que a gente traz na alma quando a gente nasce.

- E você acha que algum desses textos traz o amor para esse lado negativo?

- É...se for pensar e se for analisar bastante, pode ver o número 4 e pode chegar a isso. Porque no final do número quatro, lá a gente percebe que eles dizem que nos corações humanos pode haver a amizade, que é esse relacionamento que eu falei, quando você leva o amor para lado bom. Se não, se você não fizer isso, você está levando o contrário, você está levando o amor para uma paixão, que vai levar a uma escravidão que é no número 4, no finalzinho ele comenta sobre isso, não diretamente, mas se você for analisar é isso daí.

**LEITORA 12**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.C.	35	DO LAR	MÉDIO	MÉDIO	2	3

- Bom, após a leitura dos textos você poderia me dizer, na sua opinião, não existe certo nem errado, é o que você achou, de maneira simples, dos quatro textos, do que tratam os textos?

- Eu entendi que fala sobre o amor.

- Os quatro textos?

Isso. E... tem que falar de cada um? Não né?

- Sim, pode falar do modo como você quiser.

-Bom, desse 2, eu entendi que não existe maldade, que o amor é puro, que não existe inveja, que é... puro.

- O texto 2?

- É.

- Ele foi o que mais te chamou a atenção, de qual você mais gostou?

- Do 2.

- E você já o viu em algum lugar?

- Não, só isso daqui que eu.... apesar que os dois são meio parecidos (texto 1 e 2), mas eu acho que esse daqui 1 é a música, mais ou menos a letra é parecida. Não lembro o nome do cantor: "ainda que eu falasse a língua dos homens", mas essa daqui eu acho que é a música.

- Qual texto?

- O 1.

- Então o texto 1 te lembrou uma música?

- É.

- E o texto 2 também?

- Então, do 2 eu gostei dessa parte que eu te falei que ele é puro que não tem inveja. Os quatro são bonitos, mas o que mais me chamou a atenção, o que eu mais gostei foi o texto 2. Agora esse daqui eu não entendi muito não,

-Qual?

- O 3, eu achei ele meio confuso.

- E mesmo sendo confuso, você também acha que ele fala do amor?

- Ele fala de amor também,

- Do mesmo tipo de amor? ou você só achou ele confuso?

- Eu não entendi, eu achei ele meio sem sentido.

- E o texto 4?- Ele não te trouxe nada de mensagem?

- Ah! Ele fala que é solidário....Pra mim fala do amor.

**LEITORA 13**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.I.	15	ESTUDANTE	BAIXO	MÉDIO	2	3

- Bom, após a leitura dos quatro textos, você poderia comentar um pouco quais os textos que você conhecia, se você gostou, do que se tratam e de onde que você conhecia os textos?

- Bom, o texto 1 e o texto 2 eu já li eles, talvez seja da bíblia ou de algum livro meu de poesia ou da escola, o texto 4 também, eu lembro de ter lido alguma coisa parecida em livros de poesia e o texto 3 eu nunca li.

- E esse livro de poesia seria de onde?

- Da minha escola. É antiga, poesia antiga.

- E do que se trata o tema dos textos?

A relação entre eles é mais de amor mesmo.

- E o texto 1? Você acha que está falando de algum amor específico, no texto 2 outro tipo de amor, no texto 3 outro e no 4 outro ou eles estão falando do mesmo tipo de amor?, Na sua opinião.

- O texto 1 e 2 está se referindo ao amor do autor com Deus, algo acima dele e o texto 4 acho que é do amor dele em relação a outras pessoas que vivem com ele mesmo e o 3 também do autor com outras pessoas.

- O que te faz pensar que o texto 1 e 2 é um amor relacionado com o autor e com Deus?

- Porque ele fala que ainda que ele falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos sem amor ele nada seria. Ele tá colocando mais coisas religiosas nesse poema, eu acho.

- Alguma outra parte que você acha que leva a pensar mais neste amor relacionado com Deus? Nesse amor diferente dos outros textos? Se você quiser ler alguma parte que você gostou e comentar.

- O verso que eu mais gosto é “ainda que ele falasse a língua dos homens e falasse a língua dos anjos sem amor eu nada seria”. É isso que eu mais gostei.

- E você acha que o texto 1 e 2 eles são iguais por esta frase ou pelo conteúdo? De que forma você acha que eles são parecidos?

- Mais pela frase mesmo e pelo desenvolver do poema que ele fala mais do amor mesmo, que ainda que ele falasse a língua dos homens e dos anjos, sem amor ele nada seria, ele tá colocando o amor acima de tudo.

- E no texto 4 e 3? você acha que este amor não está acima de tudo?

- Não, eu acho que ele tá mais sofrendo por amor.

- Alguma passagem você pode constatar esta questão do sofrimento?

- Ele fala que o amor é ferida que dói e não se sente.

- E no texto 3?

- O texto 3 eu achei ele meio abstrato, mas ele também fala de ferida, que o amor é ferida.

- Você acha que é um amor que dói?

- Sim.

- Qual texto que você mais gostou

- O que eu mais gostei foi o texto 2 porque ele fala desse amor do autor com Deus, só que em forma de prosa e o texto 3 foi o que eu menos gostei por ser mais abstrato e diferente os versos, a escrita dos versos, as palavras não terminam no mesmo verso.

- Então, o que te fez gostar mais do texto 2 do que do texto 1 foi a forma como ele está escrito?

- sim, é mais fácil de ler, parece que é mais curto e você consegue ler melhor.

**LEITORA 14**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
J.A.	48	professora	MÉDIO	SUPERIOR	2	3

- Bom, após a leitura dos textos, você pode comentar um pouco sobre eles? Se tem alguma relação, se você já conhecia algum deles?

- Eu já trabalhei com dois dos textos na sala de aula.

- Quais textos?

- O de Camões.

- Qual é o texto?

- O 4. E este 1 eu já trabalhei, mas eu não me lembro o nome do autor. Todos eles falam a mesma coisa, de amor, da parte mais filosófica, da parte de anjos, de fé de amor, de fidelidade, que o amor ele... ao mesmo tempo que ele é bom ele provoca dor, provoca injustiça, todos os conflitos de sentimentos, o amor é bom mas você sofre enquanto você está amando você está bem depois o amor acaba e vem a parte de sofrimento, e a fase de crescimento do ser humano, é o que aqui tenta passar para eles.

E o texto 2 e 3 é uma intertextualidade que é a música do Renato Russo, se não me engano, muito bonito. Eu já trabalhei com eles esta música, eles gostam muito, trabalhei em oitava série e colegial, muitos ainda não descobriram que se pode fazer música com texto bonito, texto poético, porque pra eles poesia não é nada, então, quando você começa a trabalhar poesia com eles, eles descobrem muita coisa.

- E o que o Renato Russo usou na música dele?

- O Renato Russo aproveita partes do texto 1, a gente vê que não é tudo, ele adaptou e ficou uma coisa muito bonit.



- E o texto 3? Você não comentou muito.

- É um jogo de palavras: ferida, começar de novo, é o cair, levantar, você aprender com o sofrimento, vamos dizer assim, você aprende, tudo é aprendizado e é...o que chama a atenção é o jogo de palavras. Eu não conhecia esse texto.

- Se você tivesse que escolher um texto que você mais gostou e um de que você menos gostou, quais seriam?

- Eu, principalmente eu acho gostoso o texto do Renato né, tem toda aquela musicalidade, é gostoso, ai você canta, ai depois você para, ai você trabalha a melodia. Agora o 3...eu já acho.. assim... como eu sou meio... conservadora, sei lá, eu gosto de poesia antiga, gosto daquela coisa mais

- Você acha que o texto 3 é uma poesia?

- É... não deixa de ser, não é?... moderna, vamos dizer assim, se você for trabalhar com um negócio desse você tem que parar e pensar, porque aqui já tá pronto, agora aqui não, tem que parar e pensar.

**LEITORA 15**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
L.M.	22	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	0	0

- Bom, após a leitura dos quatros textos, o que você pode identificar? Você conhece algum dos textos?

- Conheço o texto 4, acho que só o texto 4.

- De onde você conhece esse texto?

- Então, eu acho que eu aprendi quando eu tava na escola, mas eu não lembro o nome do autor. Acho que eu aprendi não, eu tenho certeza que eu li este texto na escola, mas eu não lembro o nome do autor.

- E do que fala esse texto?

-...

- O que você acha? É só sua opinião, não tem certo nem errado.

- Ah! Eu achei que era só para ver qual que eu conhecia e qual que eu não conhecia.

- Sim, mas pela leitura que você fez, você consegue identificar o que está falando o texto?

- Este daqui fala de amor né? Dos sentimentos, das dores. Desse que eu conheço é isso.

- E o texto 3? Você já viu esse texto em algum lugar?

- Não.

- Nem na escola?

- Não.

- E o texto 1 e o texto 2 você conhece esses textos de algum lugar?

- Eu já ouvi a primeira frase: "ainda que eu falasse a língua dos homens", mas o restante do texto não.

- E você lembra onde que você ouviu essa frase?

- Não.

- E o texto 1, você poderia ler o começo do texto 1?

- É pra ler? Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor seria como o metal que soa ou como o sino que tina.

- Você comentou que você viu o texto 2 em algum lugar. E o texto 1?

- Então, o texto 1 o começo é o mesmo né. Só que muda aqui “ainda se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos”. Essa é a diferença, mas acho que eu sempre ouvi “ainda que eu falasse a língua dos homens” e não “dos homens e dos anjos”.

- E você consegue lembrar em algum momento em que tipo de lugar você viu este texto ou ouviu?

- Não, não me lembro.

- Para você o mais comum é o texto 4?

- É.

**LEITORA 16**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
L.R.	41	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	1	2

- Bom, após a leitura dos quatro textos, você pôde identificar algum tema comum? Você já conhecia algum dos textos? Você pode comentar sobre o que trata, se você gostou mais de algum, não de outro, as comparações entre eles? Você poderia falar um pouco pra mim?

- Eu já conhecia o texto 1 porque é parte da Bíblia né, então eu me identifiquei mais com o texto 1 realmente. O texto 4 também, o tema é o amor e o texto 2 ele juntou partes do texto 1 com partes do texto 4 e deu o texto 2. O texto 3 pegou só algumas palavras que tem aqui e fez uma poesia.

- Você já conhecia esse texto 2 de algum lugar?

- O texto 2? Sim, do texto que eu acabei de ler, o texto 1.

- Somente desses textos?

- É, eu já conhecia do texto 1, esse texto 1 eu já conhecia antes, o texto 4 não. O texto 2 ele tá os dois juntos, partes do 1 e do 4. E o texto 3 é parte também deles, algumas palavras que foi tirada e deu essa poesia pequeninha aqui.

- E esse texto 3, você já tinha visto em algum lugar?

- Então, partes dessas palavras que estão aqui no texto 4: "Ferida" que tá aqui, e ai foi jogando com as palavras e deu essa poesia aqui porque tem sentido, olha só: Ferida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rio rói o amor mói.

- Qual outro texto seria poesia?

- O 4 e o 2 ficou também né, porque juntou ele assim né.

- De qual texto que você mais gostou?

- O texto 1 é o que eu mais me identifiquei, ele é poético também né, mas como ele é parte da Bíblia, sei lá.

- De qual texto você menos gostou ou se identificou?

- O texto 2 ele chegou a ficar mais confuso quase do que o 3. Não sei se era porque eu tava esperando que fosse o texto 1, ai ele tentou arrumar em cima de uma poesia, ai ele ficou mais confuso.

**LEITORA 17**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.M.	25	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	0	0

- Bom, após a leitura dos quatro textos, você pôde identificar algum tema comum? Você já conhecia algum dos textos? Você pode comentar sobre o que trata, se você gostou mais de algum, não de outro, as comparações entre eles? Você poderia falar um pouco pra mim?

- Bem, conforme eu fui lendo os textos eu pude observar o seguinte: que todos eles estão falando sobre amor. O primeiro, eu identifiquei que ele tem algumas partes assim, algumas referências bíblicas, então ele é um texto livre.

- Você já conhecia?

- Já, esse eu já conhecia. O 2 e o 4 eu comecei compará-los, então, eles têm assim o mesmo conteúdo, eles falam sobre a mesma coisa, porém o 2 ele parece que é uma música ou um poema livre né, e o 4 ele é um poema que contém regras: ele tem 4 estrofes as duas primeiras são quartetos e as duas últimas são tercetos. Agora o 3 ele também parece ser um poema, uma poesia...é... , mas de rimas mista, são colocadas em sequência igual o 4 e o 2 e todos eles relatam sobre o amor

- E você se lembra de onde você conhece esses textos?

- Olha, o 4 acho que é um poema de Camões, se eu não me engano.

- E você se lembra de tê-lo visto em algum lugar?

- Eu não lembro onde eu vi, eu sei que o que fala nele não é estranho, eu já vi.

- E o número 2? Você comentou que ele parece uma música ou um poema livre, o que te faz pensar que é uma música?

- A forma que ele foi colocado. Na verdade, eu me lembro de ter escutado alguma coisa assim, parecida, por isso que ele me lembra uma música.

- E o texto 3, você consegue ver alguma forma nele? Algo além do conteúdo você consegue ver alguma forma diferente nele?

- Ai...,eu não sei. Ele é separado por ... agora eu não vou recordar o nome, mas ... ele é separado por... as palavras não estão nem juntas elas estão todas separadas.

- Você acha que o autor escreveu desta forma por algum motivo?e Ele teve alguma intenção?

- Eu acho que sim, mas qual eu não vou saber te dizer.

- E você acha que os quatro textos falam do mesmo tipo de amor ou são amores diferentes?

- Não, eu entendi assim:o primeiro ele relata sobre um amor fraterno, fraternal. O segundo e o quarto por eles conterem assim, o mesmo conteúdo, as mesmas coisas eu acredito que seria um amor mesmo é de sentimentos assim entre seres humanos um homem e uma mulher.

Já o 3, ele relata sobre um amor perdido algo que já se foi e que ficou somente a dor a lembrança, alguma coisa assim.

**LEITORA 18**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.A.	46	AUXILIAR ADMINISTRATIVO	BAIXO	SUPERIOR	2	3

- Bom, após a leitura dos quatro textos, você pode comentar um pouco sobre eles, se você já conhecia, se gostou mais de algum?

- Eu li todos, mas o primeiro texto foi o que mais me agradou. É ... fala do amor né.... todos fala do amor e não tem sentido sem ele. Você pode ter tudo, mas nada tem sentido se não tiver o amor.Você pode ser ou ter tudo, mas sem amor tem sentido.

- E você já conhecia esses textos?

- Já , é a letra do Renato Russo

- Qual texto?

- Todos, menos o 3 . O texto 1, 2 e o 4 são. Tô enganada?

Modificaram aqui né, a colocação dos versos, tal, mas eu acredito que é a música do Renato Russo.

- E qual que você acha que é a música inteira?

- É o Texto 2 .

- E você conhecia as músicas do Renato Russo, a história dele?

- Sim, a história, algumas músicas, adoro ele.

- E o texto 1 e o 4 que você comentou que tem a ver com a música do Renato Russo, você acha que eles falam sobre o mesmo tipo de amor?

- Eu acredito que sim, pelo que eu entendi aqui sim,fala do mesmo tipo de amor, que nada vale a pena sem amor.



- E o texto 3? Você não comentou muito.

- Então, o 3 eu realmente não entendi, sabe, assim, achei umas palavras jogadas ao vento.

- Mas você acha que ele também fala de amor?

- Talvez sim, eu não entendi muito bem, mas acho que ele fala de um amor mais doloroso, mais sofrido, eu acho.

**LEITORA 19**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.A.S	39	DIARISTA	BAIXO	MÉDIO	1	3

- Depois da leitura, você poderia me falar um pouco sobre os textos?

- Esse daqui não é uma letra de música (texto 1). Esse daqui é uma letra de música (texto 4) e esse daqui também é uma letra de música (texto 4).

- De qual texto você gostou mais?

- Esse (texto 1) é mais bonito, ele fala de fé.

- Você já leu ele esse texto 1 em algum lugar?

- Não que eu me lembro.

- Você acha que há alguma relação entre eles? Eles têm alguma coisa em comum?

- Esse com esse.

- Qual?

- O 1 e o 2.

- O que eles têm em comum?

- Essa é a letra da música do Renato Russo (o texto 2) agora esse daqui não, esse aqui é um texto (texto1), não sei de onde você tirou, é um texto.

- E o texto 4?

- É a música do Renato Russo.

- E o texto 2?

- Também é uma letra de música.

- E o texto 3?

- Esse daqui eu não entendi.

- Depois de ler os textos, você acha que eles têm algum tema comum? Do que falam os textos?

- Esse daqui é amor e fé (texto 1). Esse daqui eu não entendi (3), porque.. sei lá, parece que não casa.

- Por que você não entendeu o texto 3?

- Pra mim é só palavras, não sei, é só palavras. E as letras das músicas do Renato Russo é só letras, que eu acho, pelo menos eu tenho um monte lá em casa... é só letras, é só desabafo, não tem nada assim...

- Desabafo de que? Do que ele está falando nesse desabafo?

- Pela história dele, acho que é algo que ele não realizou. Eu acho que é isso.

- E você conhece alguma coisa da história dele? O que você conhece dele para falar que ele está desabafando?

- Eu acho assim...da vida dele, muita coisa ele queria que fosse diferente, mas...não tem aquela música do João lá?

- Ah... Pode falar.

- Ele fala assim...pra mim ele queria dar jeito, mas não tem jeito, ele sozinho não ia conseguir, alguém tinha que fazer isso né. Mas falar da vida dele assim... tem um monte de coisa que eu sei, mas agora não vem na minha cabeça.

- Mas, por exemplo, nessa música, você acha que ele estava desabafando para alguém? Que ele estava falando de alguma coisa da vida dele?

- Uhm...

- Você comentou que é sobre o amor, que tipo de amor você acha que ele e tá falando, é o mesmo tipo de amor dos outros textos?

- Eu acho que é o mesmo amor sim. Não sei te explicar... um amor assim...pra mim é... um amor, assim, de uma pessoa que faltou alguma coisa lá atrás pra tá vivendo, eu acho que é isso.

- Ah! Entendi.

-Eu só estou perguntando porque você comentou sobre o texto 1, e não comentou nem do 4 e nem do 2, a questão da fé.

- Então, aqui (texto 1) você vê assim, parece mais fé de amor de pai, de Deus, pra mim acho que é isso. E aqui não (texto 2), aqui é mais amor de pessoas, amor.

- De homem e mulher?

- Não diretamente de homem e mulher, de pessoas. Na história dele eu acho que é isso que faltou pra ele.

- Por que você acha isso? Você conhece alguma coisa da vida dele? Algum fato importante?

- Ah... dele ter usado droga muito tempo, dele ter morrido por causa disso, parece... dele ter sido uma pessoa muito inteligente que ele era, pelas letras da música dele você vê que ele era muito inteligente, e acabou do jeito que acabou né, eu vejo assim, não sei...

- Você acha que ele não tinha esse amor?

- Eu acho que faltou né.

- Sei.

- Eu acho que alguma coisa ai deve ter faltado em algum tempo, sei lá. Acho que só escutando o Cd para eu começar tudo de novo. Sabe, às vezes eu fico escutando o CD e fico imaginando.

- E o texto 3? você disse que são só palavras, mas se eu te perguntasse o que ele significa para você, você conseguiria falar?

- Ferida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai e a dor dói...

- Do que você acha que está falando este texto?

- Uma ferida que dói, um começo, uma flor pra se ver de manhã... ah, eu não vou saber te dizer.

-Você achou o texto 3 muito diferente dos outros textos?

- Achei.

- O que te chamou a atenção em primeiro lugar, por ele ser diferente?

- As palavras não casa, não é? Eu acho que tem que casar em alguma coisa

- A forma dele, assim, você olhando, é diferente dos outros textos?

- Aqui é só palavras, uma colocada debaixo da outra, na é?

- E nos outros, não é assim que acontece?

- Não, tem uma palavra na sequência.

- E o texto 4, você vê alguma coisa de diferente? Dessa forma, das palavras, da disposição? Ele é igual aos outros também?

- As palavras daqui você vê aqui, não vê?

- E dos quatro textos, de qual você mais gostou e por quê?

- Do 1. Apesar das músicas ser bonitas.

- E de qual você menos gostou?

- O 3.

- Por quê?

- Eu acho que tinha que ter alguma coisa para poder ter o sentido das palavras, mas não tem sentido, é só palavras, não é?

**LEITORA 20**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.A.O	55	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	0	0

- Bom, após a leitura dos quatro textos, o que você pôde identificar? Você já conhecia algum dos textos, você pode comentar um pouco sobre o que falam os textos?

- Bom, o primeiro texto é um texto da Bíblia né? onde o apóstolo Paulo escreve aos coríntios e o texto 4 é um poema de um escritor, mas eu não lembro agora o nome dele. O texto 2 é uma música do Renato russo (Legião Urbana) e também o assunto é o mesmo assunto, fala do amor que sem amor a gente não é nada, fala que o amor é fogo que arde sem se ver. Agora, o texto 3 eu não me recordo, não lembro dele, pode até ser que eu já tenha visto, mas eu não me recordo no momento. Mas a essência dos textos é sobre amor.

- E Você acha que o amor falado no texto bíblico, no texto do Renato Russo, nesse poema que você falou, você acha que é o mesmo tipo de amor?

- É...eu não diria o mesmo tipo de amor, mas a intenção deles é a mesma porque o primeiro texto, quando Paulo, o apóstolo Paulo, escreve sobre ele, ele fala que não adianta você ter todos os dons se você não tiver o amor, porque o único dom que vai entrar com as pessoas na nação celestial é o amor, os outros todos cessarão, isso a Bíblia fala. Então, se você tiver, se você souber falar a língua dos homens, tiver todos os dons de curar, evangelizar, profetizar...se você não tiver o amor, nada disso vale.

Agora, o texto 4 que fala que o amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, fala mais de um amor carnal mesmo, homem e mulher que é aquele fogo que consome... da gente querer alguém, talvez amar além da parte física, vai muito além disso. E aqui, o texto do Renato Russo ele remete mais ao texto bíblico, eu acho. Ele também fala, ele até inicia com o texto de Paulo, se eu tivesse a língua dos homens, se eu falasse, né... e sem amor nada adiantaria. Então, o texto do Renato Russo, a música tá mais ligada ao texto bíblico. Agora, o texto 3 eu não conheço bem o texto, mas... ferida sem ferida tudo começa de novo a cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu

cai a dor dói. Eu acho que esse texto aqui também é igual ao texto 4, mais voltado para um amor carnal.

- Você poderia ler esta parte aqui do texto do Renato Russo?

- O amor é bom, não quer o mal não sente inveja ou se envaidece, o amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer, ainda se eu falasse a língua dos homens... Ele mistura né os dois textos, ele mistura uma parte do texto bíblico e uma parte do texto 4 que fala que o amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e e tal, ele mistura os textos.

- Você acha que o Renato Russo estaria misturando os dois tipos de amores?

- O que eu sei aqui é que ele tentou fazer uma comparação entre o amor de Deus e o amor carnal e fazer um texto só. Na cabeça dele eu acho que ele não faz diferença entre o amor de Deus e o amor da carne, ele acha que o amor é acima de tudo, é a minha ideia.

**LEITORA 21 M.A.S.M.**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
M.A.S.M	29	DIARISTA	BAIXO	MÉDIO	1	3

- Bom, após da leitura dos textos, o que você pôde observar? Você já conhecia algum dos textos?

- O primeiro texto eu já tinha lido que é uma passagem da Bíblia né, ele que fala sobre o amor é... o assunto desse texto é que se não tiver o amor de nada vale. O segundo é a letra de uma música, que eu me lembre, eu também gostei. Os quatro textos falam da mesma coisa que é o amor, o terceiro eu nunca ouvi e o quarto se eu não tô enganada é um poema, se eu não me engano é um poema, o 3 eu não gostei muito não, achei meio sem sentido. O que eu gostei mais é o texto 1 que é uma passagem bíblica e fala do amor, que o amor ele é incondicional, tudo sofre e supera, se a gente tiver amor tudo vale a pena.

- De onde você conhece o texto 4?

- Eu me lembro que eu já estudei, eu comecei a ler e já me veio na memória, não tenho certeza se é um poema, mas eu creio que sim, a forma dele me fez lembrar um poema.

- Em relação ao texto 2 você se lembra de quem é essa música?

- Eu acho que é Renato Russo, eu acho.

- De qual texto que você mais gostou?

- Do texto 1, eu gostei de ler por eu já conhecer e pelo conteúdo também.

- Há alguma relação entre os textos 1, 2 e 4?

- Acho que é o amor.

- E o texto 3 ? Você vê alguma figura?

- Sim, as palavras formam uma figura, agora falar qual figura é, parece uma espada. Com a espada você pode se machucar e faz uma ferida.



- O amor é tratado da mesma forma nos quatro textos?

- Pelo que eu entendi, o texto 1 fala de um tipo de amor e os textos, 2, 3 e 4 falam de outro tipo de amor, né. O texto 1, pelo que eu entendi aqui, fala de um amor que por mais que você faça tudo, que você tenha riqueza, que você tenha talentos, se você não fizer aquilo que você for fazer com amor, não adianta. Agora os outros textos, o 2, 3 e 4 fala de um amor sofrido, fala muito aqui de ferida, de dor, de um amor... como que eu posso explicar... um amor não correspondido, vamos dizer assim.

- Você acha que o amor que o Renato Russo fala na música é um amor sofrido?

- Eu acho que a música do Renato Russo possa ter alguma relação com alguma desilusão que ele teve, algum amor não correspondido, eu acho que sim.

- Há alguma semelhança entre os textos 1 e 2?

- Eu vejo que fala do amor, mas diferente, de diferente sentido. Só o começo dos textos que fala né... que tem algo em comum, mas o conteúdo deles é diferente.

**LEITORA 22**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
R.C.	28	BANCÁRIA	ALTO	SUPERIOR	1	2

- Você conhece os textos?

- Eu conheço estes três textos, 1,2 e 4. Todos eles falam de amor. O primeiro é um texto da Bíblia. É um texto que eu fiz de vídeo do meu casamento. Apesar de eu não ser casada, não ter namorado, mas é um texto está no meu casamento e eu vivo muito encima dele. É o que me faz acreditar ainda, o segundo é uma música de Renato Russo, o quarto eu vi na faculdade, na especialização, o texto 3 eu nunca tinha visto. O primeiro texto é de 1º Coríntios, capítulo 13.

- O amor é tratado da mesma forma nos textos ?

- Eu acho que o texto bíblico fala não só do amor de homem e mulher. Ele fala de um amor mais profundo, do amor como deveria ser. O texto do Renato Russo, como ele mistura o texto de Camões e da Bíblia, é um amor bonito, mas ele não é profundo.

O texto 2 é uma mistura do texto 1 e do texto 4. Então ele fala um pouquinho do amor que Deus tem pra gente e também fala do amor do homem. Por isso que eu acho que é um amor, mas não é um amor profundo, ele é um amor que se baseia no que a gente tem como um ensino, mas também ele é um amor de opostos, de contradição.

O texto 3 eu nunca tinha visto. Foi a primeira vez. Eu acho também que é um texto que fala um pouquinho de oposto ele consegue mostrar o amor de um jeito bem legal e bem mais sintético Eu gostei dele. Eu acho que é o mesmo tipo de amor de Camões que fala de amor que dói, do amor que machuca, mas que a gente não desiste e tudo começa de novo e a gente insiste na dor, mas é uma dor que a gente não deixa de querer sentir.

- De qual texto você mais gostou?

- O que eu mais gosto é o texto 1, eu gosto muito dele.

- E de qual texto você menos gostou?

- Não há um que eu tenha mais gostado. Eu gostei de todos eles. Eu acho que pelo texto 2 ser praticamente uma cópia, ele não é original. Não sendo original, então, não é que eu não tenha gostado, é o que eu achei menos criativo.

**LEITORA 23**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
R.I.	44	PROFESSORA	MÉDIO	SUPERIOR	2	3

- Bom, após a leitura dos textos, você pôde identificar algum tema comum entre eles, do que se tratam, de qual você mais gostou ou menos gostou e por quê?

- Bom, os temas todos estão correlacionados, se você ler com bastante atenção, se você olhar com bastante atenção, todos eles têm ponto onde eles te tocam, falam de amor, falam de homem, ao mesmo tempo é o anjo, ao mesmo tempo é a busca que nós temos por um sentimento, os interesses que estão em jogo também em tudo. O amor em si, ele vem permeado de várias outras ações que nos fazem repensar tudo aquilo que nós queremos. Ao mesmo tempo que você ama você pode estar junto mas você pode estar sozinho. no sozinho você também pode amar. Você pode amar como forma a amar você mesma e também o amar não só ligado a outra pessoa.

- Você já conhecia algum texto?

- Eu já conhecia o texto de Fernando Pessoa

- Qual texto?

- “Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente” Fora esse eu já conhecia também a primeira parte de dois textos tanto do 1 e do 2 “Ainda que eu falasse, e no texto 2 ele só tem uma mudança no terceiro e quarto verso, esses dois pedacinhos eu já tinha visto em outros lugares Em fotos na internet e algumas mensagens que eu recebo por e-mail

- E o texto 3?

- É um texto que não me agradou. Ele pode ter alguma poesia, ele pode ter um pouco de rima, mas aos meus olhos não foi agradável. Ele também fala de amor, mas o amor é colocado de uma forma tão discreta O texto que mais me agradou foi o texto 2

**LEITORA 24**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
R.O.	40	inspetora	BAIXO	MÉDIO	1	3

- Bom, após a leitura dos textos, o que você pôde identificar? Você já conhecia os textos? Do que se tratam, de qual você mais gostou, de qual você menos gostou e por quê?

- Então, o primeiro texto eu já conhecia porque é bastante os versículos bíblicos. Mas um cantor fez a música ...levando para um...fugindo né. Porque este texto bíblico fala muito do amor e ele dá continuidade na música também falando do amor.

- E você sabe quem é o cantor?

- Renato Russo? É isso? Então, pra mim, o que eu achei desses textos, dessas músicas, porque é uma música, embora... é uma música né, fala muito do amor, que nada substitui né, que o amor, ele remove montanhas, né.

- E você acha que esse amor ele é tratado nos quatro textos?

- Nos quatro textos, eu acho que nos quatro textos estão falando do amor, algumas situações, por exemplo, mas como causar no seu amor nos corações humanos a amizade, então o amor interfere em todos os sentidos, tanto nesses quatro textos, quanto na nossa vida. Tanto ele ajuda e é insubstituível em todos os sentidos, seja na tristeza, na alegria, na doença, então o amor engloba tudo, todas as situações, por mais que seja dolorosa.

- Em algum texto você vê o amor doloroso?

- Sim. Igual o texto 3, a gente vê alguma coisa igual fala: “ferida sem ferida tudo começa de novo...” Eu vejo o amor também nesse texto né, embora ele.... tá no texto. Igual fala no final “o amor mói, o céu cai, a dor dói”. Então, na dor, na alegria, na tristeza, o amor sempre está presente em qualquer situação.

- E você já conhecia o texto 1 e o 2, e o texto 4 e o texto 3, você já conhecia?

- Não conhecia nem o quatro, nem o três.

- E você gostou dos textos?

- Sim, é interessante. Embora eu já conhecia bem o 1 ai esse cantor fez a música, mas ele não saiu da palavra que eu vejo muito a palavra de Deus aqui no texto 2.

- E você acha que o Renato queria falar do mesmo tipo de amor bíblico?

- Eu acho que sim, ele substituiu algumas palavras, mas quase não dá para notar.

- E o texto 4 você vê alguma coisa de diferente ou alguma coisa de semelhante dele com os outros textos?

- Texto quatro. Ele é diferente. Ele é mais um poema, né. Podemos dizer assim.

- O que te faz pensar que é um poema?

- Os tópicos. Cada um tem uma..., cada capítulo..., vamos dizer assim, cada tópico dele não sai, né... ele dá uma continuidade, por isso fez eu pensar que é um poema.

- A forma dele é diferente?

- A forma dele é diferente.

- E o Texto 3? Você achou alguma coisa diferente da forma dele?

- Sim, ele é resumindo, com muitas poucas palavras né, diante dos outros três textos, mas se resume numa só palavra que é o amor.

- E o texto 1 você sabe de que parte da Bíblia ele é?

- Se eu não me engano é no *Provérbios*, não tenho a referência aqui no momento, mas *Provérbios* na Bíblia fala muito do amor.

- E se você tivesse que escolher dos quatro textos o que você mais gostou e o que você menos gostou, quais seriam?

- O texto que eu mais gostei foi o texto 1 e o que eu menos gostei foi o texto 3.

- Por algum motivo especial?

- Porque faltou né... eu acho que ele está muito assim... como que eu posso dizer...faltando né, ele poderia...embora ele está bem resumido, muito resumido, né... diante dos outros três, ele deu umas pinceladas em todos três. Mas faltou ponto, faltou continuidade, faltou vírgula, coisas que os outros textos a gente vê bem isso, pára, pra gente pensar e aqui foi muito reto, foi muito focado, né, que fala o amor mói, o céu cáí, a dor dói. Eu achei que faltou mais, mas nada fora do amor.

**LEITORA 25**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
S.F.	33	PEDAGOGA	MÉDIO	SUPERIOR	1	3

- Após a leitura dos textos, o que você pode comentar?.

- A primeira leitura que foi realizada foi quanto as estruturas do texto, né. Alguns textos tem uma apresentação diferente, como os espaços, a disposição dos versos, das palavras, até mesmo, né, no caso do texto 3.

Depois, numa leitura de conteúdo, a gente vê que é o mesmo conteúdo que trata dos quatro textos lidos né. Com essas características que se refere ao leitor, dependendo do leitor que vai fazer essa leitura, ele apresenta uma estrutura diferenciada.

- E você já conhecia algum desses textos?

- Música, poeminha e o texto bíblico.

- Você poderia me dizer quais seriam os textos?

- O texto 1 é um texto bíblico, o texto 2 é uma música, o texto 4 eu também me lembro de uma música (Renato Russo, não lembro da banda) e o texto 3 é um poeminha, eu não me lembro como se chama essa estrutura, a gente trabalha bastante com as crianças.

- Você conhece a origem dos textos?

- Texto 1 é Primeiro Coríntios, eu acho que é 12.

O tema dos textos é o amor e o texto 1 também foi lido no meu casamento, então ele tem um valor afetivo muito importante.

O texto 2 eu também conheço porque meu marido curte muito essa banda e ele ouve muito esse som. O texto 3 é mais para aspectos de ensino mesmo, que na nossa convivência é o contexto escolar.



- O amor é tratado da mesma forma?

- Eu acho que dependendo de quem está lendo pode ser amores diferentes, sim. Mas, para mim, é um amor soberano entre, por exemplo, no texto dois, entre os homens, né, então, entre pessoas, esse tipo de sentimento, até porque entre outras relações a gente não tem esse tipo de experiência né, mais entre as pessoas. O texto 1 eu acredito que seja assim, não só, como se trata de alguma coisa bíblica. Não só o amor entre as pessoas e relacionamento, mas entre um ser que é tido como o pai do amor, Deus, no caso, e as suas criaturas que somos nós. No caso, ele falando, Paulo falando, porque é Paulo que fala.

- De qual texto que você mais gostou e de qual que você menos gostou?

- O texto 1 eu gostei mais porque tem a ver com minha vivência, foi lido no final do meu casamento, então é importante pra mim. O texto 3 ele fala com poucas palavra... eu acho que para falar do amor precisa um pouco mais, e ele não fala do lado bonito, ferida, dói, mói, cai, o lado negativo do amor, eu escolheria este texto 3 como o que eu menos gostei.

**LEITORA 26**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
S.Z.	63	PROFESSORA	ALTO	SUPERIOR	1,3	0

- Após a leitura dos quatro textos, o que você pôde identificar? Você já conhecia os textos?

- Um deles me lembra uma música (o texto 2 ) não lembro agora o nome, não sei se é o Lobão.

- E qual é o texto que te lembra uma música?

- Eu acho que é o texto 2. O texto 1 eu acho que é um ensinamento de vida. Pra mim é um ensinamento de vida. Se a gente lesse, assim, profundamente e aplicasse na nossa vida do dia-a-dia e não pensar no amor entre homem e uma mulher, mas no amor incondicional. Acho que é isso o que está nos ensinando a ter um amor incondicional. É o que me fala mais de perto é o que eu me identifico mais.

- E você já viu esse texto em algum lugar?

- Ele não me é desconhecido não.

- Mas você não se lembra de onde?

- Eu não sei se é de um escritor famoso esse texto (1) ou se ele é..... porque são bem idênticos né o texto 1 e o texto 2, na verdade acho que quase a mesma coisa. Só que o texto 2, a gente pode interpretar somente como um amor entre um homem e uma mulher e o texto 1 eu acho que é mais um amor incondicional que foi o que eu falei. Ele até lembra um ensinamento talvez de religião, alguma coisa assim e é isso que me fala mais de perto.

Eu gostei também bastante do texto 3 porque eu acho que ele também não deixa de ser um ensinamento de vida.

- E você já conhecia o texto 3?

- Não, mas eu acho que uma ferida sem ferida tudo começa de novo, a ferida ela se cura e tudo começa de novo. A gente não pode pensar só no sofrimento também da vida da existência. A ferida, ela se cura, por isso que eu vi: sem ferida tudo começa de novo. A cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai e a dor dói, então eu achei muito bonito, gostei muito.

- E o texto 4?

- O texto 4 eu achei bastante interessante porque, na verdade, todos estão passando alguma coisa de importante pra gente e... eu acho que todos eles...depende de como se encara, eu acho que isso também depende da idade de quem está lendo isso, se é um adolescente vai interpretar de um jeito, se é alguém que acabou de casar e ter um bebê vai interpretar de outro...então, na minha idade eu encaro tudo como uma lição de vida porque ao longo da minha vida eu apliquei muito isso, então por isso que o texto 1 me fala bem de perto. Todos os quatro textos. Eu acho que o 3, parece que o texto 3 está fechando o ciclo do que se foi falado nos outros textos.

**LEITORA 27**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
S.A.	30	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	1,2	3

- Bom, após a leitura dos quatro textos você pode comentar um pouco sobre o tema, se você já conhecia algum dos textos, se você gostou ou não se você se identificou com algum deles e por quê?

- Eu gostei mais do texto 1 e do 2. Os quatro falam de amor, Não, os três falam de amor. (1,2,4) e esse (3) é de amor, mas não no sentido assim fácil de você ver. E, eu acho que o primeiro é mistura de religião com uns trechos importantes da Bíblia , que foi colocado aqui.

- Você já conhecia esse texto da Bíblia?

- Já conhecia esse trecho na Bíblia pela música aqui, no primeiro parágrafo. Os outros trechos, já ouvi falar, mas eu não sei exatamente onde está na Bíblia. Eu acredito que seja da Bíblia. E esse daqui (quatro)é uma poesia. Esse daqui (2) é a música do Renato Russo, só que aqui embaixo é como se fosse a continuação da música, mas não é a música, eu acredito que não seja pelo que eu conheço da música. E esse daqui (3) fala de amor também, mas de uma forma bem diferente dos outros.

- O que seria essa forma diferente?

- Eu acho que ele é mais simples e mais curto, mais simples e assim... pra quem escreveu tem uma visão diferente, se eu for ler e for interpretar o que ele escreveu aqui.

- E você acha que os quatro textos falam do mesmo tipo de amor?

- Eu acho que não.

- Comenta um pouco.

- Eu acho que o texto 4 fala do amor comum que a gente vê no dia a dia. O texto 1 acho que é um amor mais forte, profundo, no sentido assim de humano, de todos os sentimentos, negativo, positivo e esse daqui eu acho também que é mais do ser humano, mais comum, o texto 2.

- Você comentou que o texto 2 é do Renato Russo, você acha que ele escreveu com o mesmo motivo do texto 1 e do texto 4, esse amor que ele queria demonstrar?

- Eu acho que o texto 2, ele está referindo ao texto 1, claro, só que assim, numa linguagem mais comum para as pessoas ter um entendimento melhor do que ler esse daqui (1), eu acho. E esse daqui (3) eu acho que ele parece uma espada.

**LEITORA 28**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
T.P.	22	CAIXA	BAIXO	MÉDIO	1	3

- Depois que você leu os quatro textos, você já conhecia algum dos textos?

Você gostou não gostou, do que falam os textos?

- Bom, eu gostei, eu conhecia sim que é uma música do Legião Urbana né, e fala de amor, que eu entendi mesmo fala sobre o amor, fala das coisas que a gente necessita até, né, o amor, o dinheiro, ajudar as pessoas. O que eu entendi foi isso mesmo.

- Qual texto que seria a música?

- É o Texto 1. O 1 e o 2 tem alguma coisa sobre a música do Legião Urbana.

- E você conhece os textos 3 e 4?

- Não, não conheço.

- Você não se lembra de ter visto em nenhum lugar esses textos?

- Não, não me lembro de ter visto em nenhum lugar, esses dois textos.

- E você acha que eles tem alguma relação com os outros dois, com o texto 2 e com o texto 1?

- Acredito que tenha sim, alguma ligação, o 4 principalmente.

- Por que principalmente?

- Porque tem algumas palavras que lembra o texto 1 e o texto 2, pelo que eu entendi e fala sobre o amor também

- E você acha que eles falam do mesmo tipo de amor?

- Sim.

- Se você que tivesse que escolher o texto de que você mais gostou e o que você menos gostou, quais seriam?

- Eu gostei do texto 1 e eu não gostei muito do texto 3, que na verdade eu não entendi muito.

- E você acha que ele também fala de amor? Por quê?

- Fala, mas o por quê... "Ferida sem ferida tudo começa de novo ma cor cora a flor o ir vai o rir rói o amor mói o céu cai a dor dói"....Fala de uma ferida e de uma dor. Esse daí eu não sei entendi muito mesmo, não.

- E você acha que o amor fala de ferida e de dor?

- Também, todo amor tem sua dor.

- E você acha que os outros textos também estão falando do amor nesse lado da dor e ferida?

- Sim, também acho que fala, no primeiro, no segundo, no terceiro...

- Você consegue ver alguma forma diferente no texto 3?

- Não, não to vendo não. Que forma você fala?

- Ele é diferente dos outros na forma de se apresentar?

Ah sim, ele é diferente dos outros na forma de se apresentar. Ele é menor também né.

- E por ele ser menor você acha que facilitou ou dificultou o entendimento?

- Para mim dificultou, eu não entendi muito bem, mas eu não sei te explicar o porquê.

**LEITORA 29**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
T.S.	18	ESTUDANTE	MÉDIO	SUPERIOR	2	3

- Você conhece os textos?

- Eu conheço dois dos textos aqui. Esse daqui (texto 2) “ainda que eu falasse a língua dos homens”, ele faz parte de uma música do Legião Urbana que eu já ouvi e ele é um poema, de quem... ? peraí... ? só não me lembro de quem é, peraí... Bom, vamos pular esse daqui, depois eu volto que eu vou lembrar o nome. Esse daqui é um soneto, eu não sei quem é o autor, eu sei porque eu fiz um trabalho uma vez na escola e esse daqui eu fiz um trabalho de filosofia sobre ele. Eu falava das várias formas de amor, desde amor de mãe até o amor carnal, aí a gente passou por várias etapas e um dos textos que a gente trabalhou foi este daqui (texto2), foi no terceiro colegial. No primeiro colegial eu trabalhei com soneto, a professora de língua portuguesa trabalhou com a literatura, aí a gente passou por sonetos, até aquela formação eu conhecia, que é 4 e 4 , 3 e 3. Tanto um quanto o outro vai falar de amor, só que esse daqui parece ser um texto mais melancólico e esse daqui parece uma tradução do que é o amor, foi isso o que a gente trabalhou na época.

- Você conhece a música?

- Eu conheço a música, conheço de cor, eu gosto de Legião. Também fala sobre amor, ele mistura... (pausa). É o Camões... lembrei o nome do autor. Ele mistura na música, ele intercala outras frases, inclusive muito inteligente o que ele fez. Bom deixa eu ver... Agora deixa eu ler os outros dois textos (pausa na entrevista).

O terceiro texto é um poema também ou é uma poesia, eu não sei ao certo, eu sei que tem várias formas, você pode fazer ele tanto de maneira triangular, tem uns que são em ondas, circulares, eu já vi, mas eu não conheço o texto também.



- Você consegue ver alguma figura?

- Parece uma espada.

- Esta figura tem alguma relação com o conteúdo do texto?

- Tem haver com o texto porque ele fala de ferida e o símbolo do cupido é uma flecha no coração, também tem ligação, pode ser por isso. O poema também vai falar de amor, só que ele fala a respeito de ferida. É bem melancólico esse daqui também

- E o texto 1, você já viu em algum lugar?

- O texto um não. Eu conheço só a primeira frase porque eu já vi, mas o resto não.

- Você já viu essa frase? onde?

- No texto 2. Deixa eu ler o texto 1 agora.

Bom, esse texto eu não sei se tem ligação, mas uma vez eu li alguma coisa do apóstolo Paulo e tem algumas coisas aqui que fala que ele diz que o amor é sofredor é benigno, não trata com leviandade, não ... e tem uma frase dele que eu conheço de um filme também e eu já li uma carta do Apóstolo Paulo e do filme *Um amor para recordar*, também ele lê, é.... No final do filme tem um casamento e ele lê as frases do apóstolo Paulo. É isso que eu conheço desse texto aqui.

Todos eles falam de amor, na minha opinião. Dois falam do amor num sentido mais melancólico, ligados a dor, o texto 4 e o texto 3. Na minha opinião eles vão puxar o amor mais de um sentido mais, vamos dizer assim, num sentido ruim. E o texto 1 e o 2 falam do amor de um ponto de vista diferente. O texto 1 fala não só do amor carnal, mas ele vai falar do amor com relação às pessoas, à solidariedade. Ele faz uma ligação com solidariedade, porque ele cita aqui é... cadê.... eu vi uma coisa aqui.. peraí..., tem uma parte aqui que ele fala... aqui: "E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para o sustento dos pobres e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, nada disso me aproveitaria. Eu acho que aqui ele está falando de solidariedade. Eu tenho certeza agora que é a carta do apóstolo Paulo Agora eu li mais um pedaço

aqui: o amor tudo sofre, tudo crê, tudo supera, tudo suporta. Agora eu tenho certeza que eu já li. Bom, é isso.

- E você acha que Renato Russo fala do mesmo tipo de amor do Apóstolo Paulo?

- Eu acho que não. Eu acho que o amor que o apóstolo Paulo fala tem mais a ver com religião, enquanto que o de Camões não. O Camões, ele cita anjos, mas num sentido mais superficial, não do amor religioso, não nesse sentido. Aqui ele está traduzindo o que seria o amor, o amor entre duas pessoas. Eu imagino que aqui a gente pode passar desde um amor de mãe até um amor carnal, enquanto que o do apóstolo Paulo, na minha opinião, tem mais a ver com a questão da religião, questão de solidariedade, do amor de todas as formas, inclusive o religioso.

- Se você tivesse que escolher um texto de que você mais gostou e de que você menos gostou, quais seriam?

- Eu gostei mais do texto 2 e menos do texto 3.

O texto 2 porque eu já conhecia, eu acho ele bem... é... as frases elas parecem assim que elas tem uma melodia, mesmo quem não conhece a música dá impressão que ela é mais melódica. E o texto 3 pra mim não faz o mínimo sentido, eu não consegui entender qual é a mensagem do autor e o fato dele estar em forma é...dificulta o entendimento, na minha opinião, porque eu posso ler isso daqui por frases, porque o problema é que hoje as pessoas lêem errado, então se você pega esse texto aqui, dificulta ainda mais a leitura.

**LEITORA 30**

LEITORA	IDADE	PROFISSÃO	NÍVEL SOCIAL	ESCOLARIDADE	TEXTO (S) PREFERIDO	TEXTO NÃO PREFERIDO
V.B.	26	secretária	MÉDIO	MÉDIO	1	0

- Bom, depois da leitura dos textos, você pode comentar um pouco, se você já conhecia os textos, do que se trata., se você gostou, de qual que você mais gostou?

- Eu gostei do texto 1. Todos os textos estão falando de amor, né. Cada um tem uma linguagem diferente, mas tentando passar a mesma mensagem. O texto 1 eu já conhecia e já conhecia o texto 2 também.

- Você conhecia o texto 1 de onde?

- Da Bíblia.

- E você sabe de onde é?

- Não, não lembro agora, a passagem.

- E o texto 2, você conhece de onde?

- Eu não me lembro onde eu já ouvi, mas eu me lembro do texto.

- E você nota alguma semelhança do texto 2 com os outros textos?

- O texto 2 tem semelhança com o texto 4, tem um pouco do texto 1.

- E o texto 4 você já conhecia?

- Não, o texto quatro eu já tinha ouvido alguma coisa, mas não sei onde eu escutei.

- E o texto 3? Você não comentou muito.

- O texto 3 eu não conheço.

- E você gostou? Entendeu? o que você achou dele?

- Achei diferente. Não me identifiquei muito com ele, mas achei legal.

- E você acha que os quatro textos falam do mesmo tipo de amor?

- Não, acho que fala do amor mais diferente.

- Você poderia explicar melhor?

- O primeiro texto, acho que fala do amor, assim, na grandeza dele nas diversas formas de amor. Agora tem o texto 4, por exemplo, acho que fala de um amor entre homem e mulher, mais direcionado.

- E o texto 2?

- O texto 2 acho que mistura um pouco, fala um pouco do amor, no geral mesmo, o amor no total, nas mais diversas formas de amor.

- E o texto 3? O amor é da mesma forma?

- Não, eu achei ele assim, ao mesmo tempo que ele é vago, ele tenta falar um pouco de tudo, ele é mais simples, achei que é uma linguagem diferente.